



CURSO  
**TEOLÓGICO**

**Módulo III**



**ITI brasil**

[www.itibrasil.com](http://www.itibrasil.com)



# *A História de* **ISRAEL**



**ITI**brasil

[www.itibrasil.com](http://www.itibrasil.com)

### **Temática**

Capítulo I: A Origem dos Hebreus (Pg 4)

Capítulo II: O monoteísmo dos Hebreus (Pg 7)

Capítulo III: Os Hebreus na Palestina (Pg 13)

Capítulo IV: Etapas da Política dos Hebreus (Pg17)

Capítulo V: Os Templos dos Hebreus (Pg 24)

Capítulo VI: A Diáspora (Pg 26)

Capítulo VII: O Renascimento de Israel (Pg 27)

Capítulo VIII: Israel e a Escatologia Bíblica (Pg 28)

Capítulo IX: Israel X Igreja (Pg 30)

## Capítulo I

### A Origem dos Hebreus



A história dos Hebreus pode ser resumida da seguinte forma:

1. Período dos patriarcas
2. Permanência no Egito
3. Êxodo
4. Período dos Juízes
5. Período da Monarquia
6. Período do cisma em dois Estados
7. Período da dominação estrangeira

No período final da dominação estrangeira, quando os romanos dominavam a região, explodiu uma série de revoltas, entre elas a dos Macabeus. Diante da resistência os romanos expulsaram os judeus de sua terra, espalhando-os por diversas regiões. Este fato é conhecido como a diáspora (dispersão) e ocorreu no ano 70. A nação espalhou-se pelo mundo tornando a reunir-se apenas em 1948.

#### Início

O patriarca dos hebreus, Abraão, era originalmente de Ur dos Caldeus (perto da Basra, no Iraque hoje), estava morando em Harã, sul da Turquia hoje, quando Deus o chamou. Quando ele tinha 75 anos Deus falou com ele: *"Saia do seu país, deixe a sua parentela e a casa de seu pai, para uma terra que eu te mostrarei. Farei de ti uma grande nação, e te abençoarei e te engrandecerei o nome, e tu serás uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra". Gn 12:1-3.*

Abrão, sua esposa estéril Sarai e seu sobrinho Ló, saíram de Harã para Canaã, onde Deus disse a ele: *"Levanta agora os teus olhos e olha desde o lugar onde estas, para o norte, para o sul, para o oriente e para o ocidente. Toda esta terra que vês, hei de dar a ti, e a tua descendência para sempre. Farei a tua descendência como o pó da terra, de modo que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada. Levanta-se, percorre a terra, no seu comprimento e na sua largura, pois eu a darei a ti" Gn 13:14-17.*

Depois de dez anos de espera pelo filho da promessa em Canaã, Abrão e Sarai se tornaram impacientes. Sarai ofereceu sua serva Hagar para Abrão e eles tiveram um filho chamado Ismael. Porém, esse não era o filho que Deus havia prometido. Finalmente, quatorze anos depois (24 anos depois que eles chegaram em Canaã), Deus falou com Abrão sobre Sua promessa.

Foi então quando Deus mudou o nome de Abrão para Abraão (pai duma multidão), e o de Sarai para Sara (princesa) que Deus começou a cumprir Sua promessa. Em Gênesis 17:7-8 Deus diz: *"Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, como aliança perpétua, para ser o teu Deus, e a tua descendência depois de ti. Darei a ti e a tua descendência depois de ti a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em perpétua possessão; e serei o seu Deus."* Esse texto confirma que a aliança de Deus seria perpétua e incondicional, não seria temporária. Nessa época Abrão tinha 99 anos e Sara tinha 90 anos e continuava estéril.

Após a chegada de Abraão à terra de Canaã (mais recentemente conhecida como Palestina, para os judeus Terra de Israel, e onde hoje se localizam o Estado de Israel e a Jordânia), lavé estabeleceu com ele uma aliança: *"À tua posteridade darei esta terra, do rio do Egito até o grande rio, o rio Eufrates"* Gn 15:18. E acrescentou: *"Eu multiplicarei grandemente a tua descendência, de tal modo que não se poderá contá-la"* Gn 16:10. Como sinal dessa aliança lhe ordenou: *"Que todos os vossos machos sejam circuncidados"* Gn 17:10. Abraão, seu filho Isaque e seu neto Jacó constituem a linha patriarcal de referência do povo judeu, fiel à aliança divina. Jacó recebeu do Senhor um novo nome, Israel, e de seus 12 filhos originaram-se as 12 tribos do povo judeu, os descendentes de Israel, ou, como se chamavam, os "filhos de Israel".

### **Da promessa até a morte de Cristo**

2126 a.C. - Deus chama Abrão para a terra de Canaã. Gn 12.1-3.

1913 a.C. - Deus estabelece uma aliança incondicional com Abraão e revela-lhe os limites da terra prometida a ele e aos seus descendentes para sempre. Gn 15.

1800 a.C. - Deus confirma a aliança abraâmica com Isaque. Gn 26.1-5.

1760 a.C. - Deus confirma a aliança com Jacó. Gn 28.13-15.

### **Egito**

1728 a.C. - José é vendido como escravo no Egito. Gn 37.36.

1706 a.C. - Jacó (agora Israel, Gn 32.28) e seus filhos mudam-se para o Egito. Gn 46.1-26.

No Egito os hebreus por 430 anos.

1446 a.C. - O êxodo do Egito. Êx 14.

1406 a.C. - Início da conquista israelita de Canaã.

1375 a.C. - Começa o período dos juízes.

1050-930 a.C. - O reino unido (Saul, Davi e Salomão).

Em 1000 a.C., Davi conquista Jerusalém e a torna a capital de Israel.

930-732 a.C. - O reino dividido (Norte = Israel; Sul = Judá). Jerusalém é a capital de Judá.

722 a.C. - A Assíria conquista o Reino do Norte (Israel).

605-586 a.C. - A Babilônia conquista o Reino do Sul (Judá) e destrói o Templo de Salomão.

Nota: Início do cativeiro babilônico.

**Do retorno até Herodes, o grande**

539 a.C. - Queda da Babilônia diante da Média-Pérsia. Dn 5.

538 a.C. - Ciro, o rei persa, permite o retorno dos judeus à sua terra. Esdras 1.

537 a.C. - Judeus retornam a Jerusalém sob Zorobabel.

**Maquete do segundo templo**

516 a.C. - A reconstrução do Segundo Templo é concluída.

458 a.C. - Nova leva de judeus retorna a Israel sob Esdras.

445 a.C. - Artaxerxes I envia Neemias a Jerusalém para reconstruir os muros Ne 2.

430 a.C. - Malaquias, a última voz profética; depois dele, 400 anos de "silêncio".

333 a.C. - Alexandre, o Grande, conquista a Pérsia, iniciando o período helenístico (grego).

323 a.C. - Morre Alexandre, o Grande. Seu reino é dividido entre seus quatro generais  
(Ptolomeu, Seleuco, Cassandro e Lisímaco).

167 a.C. - Antíoco IV (Epifânio) profana o Templo.

165 a.C. - Judas Macabeu lidera a revolta contra Antíoco, purifica o Templo e restabelece a  
independência sob a dinastia hasmoneana.

63 a.C. - O general romano Pompeu entra em Jerusalém, pondo fim à independência judaica;  
Júlio César é assassinado.

37 a.C. - Os romanos apontam Herodes, o Grande, como "rei dos judeus" e outorgam-lhe  
autoridade sobre a Judéia, Samaria e Galiléia.

**De Herodes até a morte de Cristo**

20 a.C. - Herodes inicia a reconstrução do Templo.

6-5 a.C. - Jesus nasce em Belém.

4 a.C. - Morre Herodes; César Augusto divide o território: Arquelau recebe a Judéia, Herodes  
Antipas, a Galiléia e Filipe, a Ituréia e Traconites (Nordeste da Galiléia – Lc 3.1).

26-36 d.C. - Pôncio Pilatos governa a Judéia.

30 d.C. - Jesus, o Messias, é crucificado, ressuscita dentre os mortos e ascende ao céu. Começa  
a era da Igreja no Dia de Pentecostes (Shavuot).

Portanto, Deus chamou Israel para ser seu povo escolhido. Ele os desviou da adoração de ídolos e lhes mostrou a verdade. Os israelitas experimentaram muitos altos e baixos como povo. Foram forçados à escravidão no Egito, mas Deus os resgatou. Foi uma nação bem sucedida sob o comando do Rei Davi, mas quando os reis subsequentes desobedeceram as leis de Deus, toda a nação foi punida. O povo de Israel foi conquistado por muitos grupos de pessoas, incluindo assírios, babilônios, persas e romanos. Entretanto, mesmo quando Deus permitiu que Israel fosse conquistado por essas outras nações, nunca os esqueceu e foi sempre misericordioso para com eles.

## Capítulo II

### O Monoteísmo dos Hebreus

Essa palavra vem do grego *mónos*, «único», e *theós*, «Deus». Portanto, ela indica aquele ensino de que só existe um Deus. Isso pode ser contrastado com o henoteísmo, que admite uma pluralidade de deuses, embora afirme ter relações somente com um deles, que merece a nossa adoração e obediência.

Não há nenhuma dúvida de que Gênesis apresenta uma concepção monoteísta de Deus. A Bíblia ensina que o monoteísmo (*crença na existência de um único Deus*) foi à concepção mais remota de Deus. O primeiro versículo do livro de Gênesis é monoteísta: “No princípio criou Deus os céus e a terra”. Gn 1.1. Todos os patriarcas, Abraão, Isaque e Jacó, apresentaram uma fé monoteísta. Gn 12-50. Isto revela um Deus que criou o mundo e que, portanto, é diferente do mundo. Esses são os conceitos essenciais do teísmo ou monoteísmo.

Igualmente, bem antes de Moisés, José acreditou declaradamente em um monoteísmo moral. Sua recusa em cometer adultério é justificada pelo seu conhecimento de que seria um pecado contra Deus. Enquanto estava resistindo à tentação da esposa de Potifar, ele declarou: “Como, pois, posso cometer este tão grande mal, e pecar contra Deus?”. Gn 39.9.

Jó, outro livro bíblico contextualizado em um período remoto da antiguidade, revela claramente uma visão monoteísta de Deus. Existem grandes evidências de que o livro de Jó desenvolveu-se em tempos patriarcais pré-mosaicos. O livro vislumbra um Deus todo-poderoso (Jó 5.17; 6.14; 8.3), um Deus pessoal (Jó 1.7-8) que criou o mundo (Jó 38.4) e é soberano sobre sua criação. Jó 42.1-2.

Encontramos na epístola de Paulo aos Romanos, no seu primeiro capítulo, a afirmação de que o monoteísmo precedeu o animismo (*ideia de que todas as coisas no universo são investidas de uma força de vida, alma ou mente. Um animismo filosófico, por exemplo, considera que uma pedra ou uma árvore não é meramente um aglomerado de átomos e moléculas, mas, pelo contrário, possui um a “conscientização” das forças ou dos outros corpos que estão ao redor*) e o politeísmo (*crença na existência de vários deuses*). O texto declara: “Porquanto o que de Deus se pode conhecer, neles se manifesta, porque Deus lhes manifestou. Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder, como a sua divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem inescusáveis; porquanto tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém”. Rm 1.19-25.

## Monoteísmo teórico e politeísmo prático

“Assim temiam ao SENHOR, mas também serviam a seus deuses, segundo o costume das nações dentre as quais tinham sido transportados”. II Rs 17.33.

Portanto, monoteísmo é a crença em um único Deus, o que o difere do paganismo e de religiões como o hinduísmo que, oficialmente, acredita na existência de vários deuses. No mundo existem apenas três grandes religiões reconhecidamente monoteístas, isto é, que crêem em um único Deus: judaísmo, cristianismo e islamismo. Embora apresentando características distintas, as teologias dessas religiões não admitem a existência de outra ou de outras divindades.

Todavia, este monoteísmo se deteriora muitas vezes em um politeísmo disfarçado, que não fica longe do paganismo evidente. Algumas vertentes dessas religiões mantêm certo monoteísmo em seu credo, mas sua prática está repleta de envolvimento com outros deuses.

Esse fenômeno só não ocorre dentro do judaísmo e do protestantismo, que se mantêm estritamente monoteístas, tanto em sua teologia quanto em sua prática devocional. As demais religiões, mesmo as que se intitulam monoteístas, apresentam, oficialmente ou não, formas de cultos a outros tipos de divindade. Mesmo alguns segmentos do cristianismo ou de outras religiões que se intitulam cristãs são, na prática, politeístas.

O que é um deus?

O Novo Dicionário Aurélio define o conceito de Deus/deus da seguinte forma, pontos 2 e 3: “Ser infinito, perfeito, criador do Universo. Nas religiões politeístas, divindade superior aos homens, é à qual se atribui influência especial, benéfica ou maléfica, nos destinos do Universo”.

Ao menos em teoria, é possível que as religiões envolvam todos estes conceitos, ou mais, porém, a revelação bíblica só admite o primeiro. O cristianismo autêntico é mais do que doutrina verdadeira (ortodoxia), é a prática do culto verdadeiro (ortopraxia). É um grande engano supor que a simples adesão intelectual a um credo torna o homem aceitável a Deus, enquanto na prática ele continua invocando, adorando ou se envolvendo espiritualmente com falsos deuses. O rótulo de “cristão” utilizado por diversos grupos, como espíritas, racionalistas, etc., é insuficiente para que os homens tenham um relacionamento verdadeiro com Deus, uma vez que as pessoas observam práticas pagãs e idólatras.

O Senhor ordenou: “Não terás outros deuses diante de mim”. Êx 20.3. O exclusivismo da Divindade não vai apenas até a formulação de um credo, mas está no âmago do verdadeiro relacionamento entre Deus e o homem. Se o primeiro mandamento não for respeitado na prática, o homem não obterá uma verdadeira relação com o Deus vivo, independente de quantos conceitos corretos possa apresentar na teoria.

## Mediador e mediadores

“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem”

I Tm 2.5.

O problema das religiões que adotam o monoteísmo na teoria e praticam um tipo de politeísmo está na adoção dos mediadores. Enquanto a Bíblia definitivamente coloca Jesus como o único mediador entre Deus e os homens, pelo fato de Ele ser o único ser em todo o Universo que assumiu as duas naturezas, os referidos grupos reconhecem outros mediadores que acabam assumindo o papel de “deuses”. Enquanto o livre acesso a Deus é garantido nas Escrituras (Ef 2.18; 3.12), esses grupos “se utilizam” de outros seres para conseguir este acesso.

Jacques Doyon, grande teólogo católico, por exemplo, assim se expressa sobre este assunto: “Os anjos, os santos e a Virgem exercem também certa influência sobre a nossa salvação, mais ou menos larga, segundo sua importância, embora sua mediação não possa ser colocada em pé de igualdade com Cristo...” Consequentemente, ao rejeitar a exclusividade da mediação de Cristo a pessoa nega também a exclusividade de sua Divindade.

Semelhante erro ocorre no espiritismo kardecista. Mesmo admitindo a existência de um único Deus, as orações sofrem mediação dos “espíritos” e, assim, no lugar de um relacionamento com Deus, o relacionamento passa a ser com estes seres, enganosamente classificados como “espíritos de luz”. “Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, fá-lo recorrendo a intermediários, a intercessores, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus”.

## Catolicismo romano

Vejamos o discurso dos padres do baixo clero, durante a Idade Média: “Guardai-vos meus filhos, da cólera dos santos! São todos eles bondosos e cheios de amor. Mas ai dos que não os cultuam devidamente! Recebem como castigo horríveis doenças que lhe cobrem o corpo de chagas. São Sebastião, por exemplo, foi o criador da peste. Seus devotos escapam desse terrível mal [...] Aliás, é bom não esquecer de rezar para os demais santos encarregados de conter a peste: São Roque, São Gil, São Cristóvão, São Valentino e São Adrião. Não convém recorrer unicamente a São Sebastião. Os outros podem se sentir ofendidos”.

O romanismo é a expressão mais evidente de como uma religião pode ser monoteísta em seus fundamentos e politeísta em suas práticas. Principalmente porque leva o título de “cristianismo”. Contudo, um pouco de bom senso é suficiente para perceber a distância existente entre o cristianismo neotestamentário e o cristianismo romano. Esta distorção geralmente é maquiada com inúmeras sutilezas teológicas, com argumentos sofismáticos e emocionalismo. Mesmo assim é difícil não reconhecer a semelhança existente entre o paganismo comum e o catolicismo popular.

“Em Roma, a corporação [profissionais de um mesmo ramo reunidos em uma organização] era, sobretudo, um colégio religioso. Tinha seu deus particular, seu culto, suas festas [...] Embora as corporações medievais não fossem idênticas às romanas teriam mantido o caráter forte de uma autoridade moral. Frequentemente tinham como sede uma paróquia ou capela particular, e cultuavam a um santo que era o patrono da corporação”.

Os deuses pagãos romanos foram simplesmente substituídos pelos santos. As deusas, igualmente, foram trocadas pelas “nossas senhoras”. Assim como cada deus tinha uma função particular (deus do fogo, da caça, do mar, etc.), os santos também são funcionais (um protege os motoristas, outro protege das doenças, outro das dívidas, etc.). Assim como os deuses eram locais, ou seja, pertenciam a determinada cidade e a protegiam, assim também os santos são “padroeiros” de algumas cidades que, muitas vezes, levam seus nomes.

Isso sem falar no sincretismo extremo encontrado não só no Brasil como também em muitas partes do mundo, onde os cultos locais absorveram o catolicismo e continuaram a ser praticados com uma roupagem cristã. Um exemplo claro e peculiar do Brasil foi a identificação dos orixás dos cultos afros com os “santos, santas e nossas senhoras” do catolicismo português.

### **Kardecismo**

O conceito de Deus, utilizado por Alan Kardec, foi extraído diretamente do pensamento judaico-cristão. Mesmo que o kardecismo não aceite definitivamente a natureza Trina de Deus, nos demais aspectos é muito fácil perceber que quando se refere a Deus está-se referindo ao Deus cristão. “Entretanto, desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus”. Sendo assim, podemos considerar o espiritismo kardecista uma religião monoteísta. Aliás, esse segmento espírita pode, mais do que qualquer outro, ser chamado de espiritismo cristão (embora, na prática, isto seja um contra-senso), visto o uso deliberado que Kardec faz dos evangelhos.

Este conceito monoteísta, todavia, não impede o relacionamento espiritual com outros seres, por meio da oração e dos diálogos. Na prática, o contato, a manifestação e a “bênção” dos espíritos são o centro do kardecismo, e não Deus ou Jesus Cristo. Absolutamente!

“As preces feitas a Deus escutam-nas os espíritos incumbidos da execução de suas vontades; as que se dirigem aos bons espíritos são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, fá-lo recorrendo a intermediários, a intercessores, porquanto nada sucede sem a vontade de Deus [...] É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida [...]”.<sup>6</sup>

Como no catolicismo, o kardecismo substitui os santos pelos espíritos e passa a se relacionar espiritualmente com eles. A citação que Kardec faz do segundo mandamento deixa margem para uma adoração secundária ao lado do que ele chama de “culto soberano a Deus”.

Veja sua declaração: “Não fareis imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima no céu, nem embaixo na terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não os adorareis e não lhes prestareis culto soberano”.

Com este argumento, abre-se espaço para um culto “relativo” aos espíritos, muito semelhante ao que existe no catolicismo, separando latría, dulia e hiperdulia, como se a mera alteração dos termos pudesse anular os efeitos da idolatria sobre a humanidade.

### **Islamismo popular**

O primeiro artigo de fé dos muçulmanos é uma declaração explícita de seu monoteísmo: “Só há um Deus, Alá, e Maomé é o seu profeta”. Esta profissão de fé foi sempre o âmagô da mensagem islâmica. Devido a isto, seria difícil imaginar que a fé muçulmana pudesse, de alguma forma, tornar-se politeísta em suas práticas.

Convém lembrar, porém, que a maior parte das “conversões” dos povos ao islamismo se deu sob a ponta de uma espada. Logo, não é de admirar que os neófitos, com o passar do tempo, buscassem fazer algum tipo de sincretismo entre a crença monoteísta muçulmana e suas crenças politeístas culturais, tal qual aconteceu com alguns povos da Europa Medieval ou com os escravos africanos trazidos ao Brasil.

Basta a um povo encontrar e fundir pontos semelhantes entre sua cultura e uma religião imposta para que o sincretismo seja realizado. Este fato não é, de forma alguma, ignorado pelos muçulmanos. Fazlur Rahman, historiador muçulmano, assim se refere às práticas politeístas dentro do islamismo: “A crença generalizada neste tipo de bênção levou à veneração e adoração dos túmulos dos santos (islâmicos) e de outras relíquias. Ainda se realizam anualmente peregrinações ao túmulo desses santos”.

A verdade é que o sufismo, um movimento místico dentro do islamismo tradicional, sempre exerceu grande influência nas camadas populares. E o sufismo realizou, muitas vezes, um sincretismo entre o islamismo e as religiões tribais, como admite o próprio Fazlur: “...O sufismo envolvia uma desconcertante tendência de compromisso com crenças e práticas populares das massas semiconvertidas e mesmo nominalmente convertidas. Dentro dessa amplitude que desde o princípio foi latente no sufismo, permitiu uma heterogênea mistura de atitudes religiosas herdadas do passado dos novos convertidos, que vai desde o animismo africano até o panteísmo indiano”.

J. Dudley Woodberry, professor associado de estudos islâmicos na Escola de Missões Mundiais do Seminário Teológico Fuller, fez uma excelente pesquisa na qual distinguiu, dentro do islamismo, duas correntes: o islamismo formal, ideal, ou ortodoxo, que classificou de “alto”, e o islamismo popular, que classificou de baixo. Mesmo sentindo certo peso por relacionar-se com seres os quais chamam de tonongues, os muçulmanos das filipinas, por exemplo, geralmente pedem para que esses tonogues sirvam de intermediários. E justificam: “Deus criou os tonongues e lhes deu poder”.

O islamismo popular, embora rejeite o politeísmo na teoria, na prática, porém, foi absorvido pelo islamismo oficial em um esquema semelhante ao catolicismo que, apesar de dizer que condena a idolatria, faz vistas grossas para ela ou, de forma velada, estimula a fé popular nos santos e nas “nossas senhoras”. “A interação entre o islamismo ideal e o popular tem tido lugar desde o surgimento do islamismo. A nova fé foi, ao mesmo tempo, combatida e colorida pelo animismo existente na Arábia. Pedras, fetiches, árvores sagradas foram rejeitados como objetos dotados de poder; e, no entanto, os muçulmanos sempre trataram a Pedra Negra [aliás, objeto de culto das tribos árabes primitivas desde a Era pré-islâmica] e a água Zam Zam, existentes no santuário de Meca, como fontes de poder e de bênção”.

Para termos uma idéia de até que ponto vai esse sincretismo, e quão presente está no islamismo, basta frisar que na África Ocidental as pessoas rezam aos ancestrais, a fim de adquirir poder. Conforme vão-se “islamizando”, mais e mais vão rezando a Deus, por meio dos ancestrais.

Sendo assim, essa imagem de um monoteísmo sólido, vendida ao mundo pelo islamismo, não corresponde inteiramente aos fatos. Os líderes islâmicos estão plenamente cômicos de um culto paralelo aos santos, aos ancestrais, aos objetos e até mesmo ao próprio Maomé.

Resumindo...

Estes poucos pontos, aqui expostos, são suficientes para mostrar que a insistência do protestantismo, ou melhor, da fé evangélica, no padrão sola scriptura (somente a Escritura), nunca será demasiada. O menosprezo dos conceitos teológicos da Bíblia como afirmações absolutas das verdades divinas facilmente leva a uma frouxidão doutrinária que com certeza resulta em práticas espirituais duvidosas.

“Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” Dt 6.4.

Esta verdade, tão vital para a humanidade, ainda que aceita por muitos, tem sido ardilosamente distorcida, maquiada e anulada pelas primitivas práticas pagãs. Sob a roupagem monoteísta e até mesmo cristã se escondem práticas politeístas e idólatras que precisam ser desmascaradas e confrontadas com o verdadeiro culto a Deus.

*Só a Deus devemos tributar glória e louvor para todo o sempre!*

## Capítulo III

### Os Hebreus na Palestina

Instalação na Palestina - A chegada dos hebreus em Canaã aconteceu cerca de 1230 aC. Este povo levou mais ou menos dois séculos conquistando e organizando-se neste território. Este período, que finaliza com a unção de Saul como rei por volta de 1030 aC, também é conhecido como Época ou período dos juízes.

#### A quem pertence a região palestina?

Hoje essa tem sido a questão que não quer se calar; teria Israel direito à Terra da Palestina? Não seria Israel um invasor? Os palestinos não são historicamente anteriores à chegada dos Hebreus?

#### Localização geográfica da palestina

Palestina é a região que compreende a área geográfica situada entre o mar Mediterrâneo, a oeste, o deserto da Arábia, a leste, o rio Litani, ao norte, e o deserto de Neguev, ao sul. Dentro desses limites pouco precisos, inclui parte dos atuais estados de Israel, Jordânia e Egito. O pequeno território, com uma superfície aproximada de vinte mil quilômetros quadrados, constitui um corredor natural entre Ásia e África, muito disputado em todas as épocas, mais por sua posição estratégica que por suas escassas riquezas naturais. (Barsa)

#### Quem foram os primeiros habitantes da palestina?

O Dicionário Bíblico de J. Davis descreve a etimologia da Palestina assim: “Os aborígenes da Palestina eram indivíduos de uma raça robusta e de elevada estatura, de que faziam parte os enaquins – Js. 11:21-22; os refains – Gn. 14:5; os horreus, os emins, e os zanzumins – Dt. 2:10-23. Traços das primitivas raças continuaram a existir ainda quando Abraão ali chegou, todo o País era ocupado, principalmente, pelos amorreus e por outras tribos menores de Canaã; mas os filisteus e os fenícios ocupavam as costas do Mediterrâneo, e os heteus habitavam a fronteira norte e em Hebrom... a História primitiva da Palestina, antes da chegada de Abraão, é muito obscura...” (Dicionário Bíblico, J. Davis; página 441, Ed. Juerp).

O que podemos notar na etimologia da Palestina é que ela era habitada por etnias diversas e descentralizadas, não podemos dizer que havia nessa região uma civilização estabelecida. Historicamente falando, os Egípcios foram à civilização mais bem elaborada do mundo antigo; o povo Hebreu quando chegou a região da Palestina tinham um modelo vivo de civilização, além de uma Lei muito bem estabelecida pelo seu líder Moises, que era instruído em toda a ciência do Egito. At. 7:22. A conquista da Região fazia parte da lógica histórica; pois um povo mais evoluído e estruturado, só poderia dominar e implantar suas Leis e seu sistema.

Foi isso que fez o povo de Israel, usando sua experiência empírica/divina, o apanhado tecnológico dos Egípcios, a sabedoria do seu “monarca” Moisés – a retórica histórica só poderia se confirmar, os estado de Israel seria estabelecido. Toda história da Palestina foi desenrolada através do povo Hebreu, seria ilógico alguém querer arvorar que a Terra da Palestina não pertence aos Judeus. Além de Biblicamente, pois a Bíblia é clara sobre de quem é a terra (Gn. 12), a história não deixa dúvida, Israel tem direitos sobre aquela região.

Dominou-a, dentro de uma ótica histórica aceita em âmbito geral, usando sua avançada ideologia de conduta moral, social e ética (digo isso, pois há vários países que foram instituídos da mesma maneira e ninguém duvida dos direitos dessas nações). Poderíamos dizer que Israel foi a primeira nação a elaborar um código de ética tão complexo e perfeito que sua ideologia passou por séculos e séculos e influência até hoje a nossa sociedade.

### **Os Muçulmanos têm o Direito de Exigir de Israel a Devolução da Terra aos Palestinos?**

Os islâmicos gostam de acusar a nação de Israel de extermínio e destruição das terras de seus irmãos palestinos – seria isso verdade? É obvio que os Palestinos estão maximizando muitos dos fatos; prova disso foi o caso do ataque judeu sobre Jenin (Incidente ocorrido no primeiro semestre do ano de 2002). Alardearam que “um massacre” havia sido cometido contra civis palestinos, morrendo mais de 500 pessoas. Entretanto, a verdade constatada mostrou que só 50 palestinos bem armados é que haviam sido mortos, mas Israel ficou com a fama de sanguinário. Acredito que se não fosse o fator – “islamismo”, palestinos e judeus estariam vivendo em paz, mas a fé em uma teologia antijudeu nunca deixará a paz brotar!

Os muçulmanos conquistaram a Palestina em 636, depois da batalha de Yarmuk, que pôs em fuga os exércitos bizantinos. Dois anos depois, o califa Omar entrou em Jerusalém e, de uma maneira “retalhadora”, permitiu a construção de uma mesquita no local onde existia o antigo Templo Judaico. Apesar dos islâmicos argumentarem que respeitavam os cristãos e judeus, os fatos mostram sua audácia desrespeitosa para com os que pensavam diferente. O escritor Albert Hourani corrobora com o que estamos dizendo, vejamos: “Nos longos séculos de domínio muçulmano houve alguns períodos de perseguição constante deliberada aos não muçulmanos por governantes muçulmanos...” (*Uma História dos Povos Árabes; Página 132; Cia das Letras*). Essa realidade de perseguições e ditaduras implantadas pelo Islã expulsou definitivamente os Judeus da Palestina, com raras exceções de poucos que conseguiram resistir e permanecer. Ser Judeu ou Cristão em meios muçulmanos não era fácil: tinham que usar roupas que os diferenciavam dos muçulmanos; pagavam uma taxa extra por não serem islâmicos; sofriam sanções sociais imposta pelos monarcas; não podiam exercer cargo no governo; sinagogas e igrejas não podiam ser construídas, reformadas sem autorização do estado (*também as sinagogas e igrejas não podiam ser mais suntuosas que as mesquitas e nem usarem as cores do Islã*).

Devemos notar também o interesse militar que aquela faixa de terra despertava por ser geograficamente estratégica, ligando África/Ásia/Europa. Eliminar todos aqueles que pensavam diferente sempre fez parte das políticas ditatórias da história e não foi diferente nos governos islâmicos. Dentro deste contexto, podemos admitir que o Islã não têm o direito de negar a Israel o seu estado. É obvio que a recíproca é verdadeira.

## O ÊXODO DE ISRAEL DO EGITO E A ENTRADA EM CANAÃ



1. **Ramessés** Israel foi tirada do Egito. Êx. 12; Nm. 33:5.
2. **Sucote** Depois que os hebreus deixaram esse primeiro acampamento, o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem, e de noite numa coluna de fogo. Êx. 13:20–22.
3. **Pi-Hairote** Israel atravessou o Mar Vermelho. Êx. 14; Nm 33:8.
4. **Mara** O Senhor fez com que as águas de Mara se tornassem doces. Êx. 15:23–26.
5. **Elim** Israel acampou ao lado de 12 fontes de água. Êx. 15:27.
6. **Deserto de Sim** O Senhor enviou maná e codornizes para alimentar Israel. Êx. 16.

7. **Refidim** Israel pelejou contra Amaleque. Êx. 17:8–16.
8. **Monte Sinai** O Senhor revelou os Dez Mandamentos. Êx. 19–20.
9. **Deserto do Sinai** Israel construiu o tabernáculo. Êx. 25–30.
10. **Acampamentos no Deserto** Setenta anciãos foram chamados para ajudar Moisés a governar o povo. Nm. 11:16–17.
11. **Eziom-Geber** Israel atravessou as terras de Esaú e de Amom em paz. Dt. 2.
12. **Cades-Barnéia** Moisés envia espiões para a terra prometida; Israel rebelou-se e foi impedido de entrar na terra; Cades serviu como o acampamento principal de Israel durante muitos anos. Nm. 13:1–3, 17–33; 14; 32:8; Dt. 2:14.
13. **Deserto Oriental** Israel evitou o conflito com Edom e Moabe. Nm. 20:14–21; 22–24.
14. **Ribeiro de Arnom** Israel destruiu os amorreus que lutaram contra eles. Dt. 2:24–37.
15. **Monte Nebo** Moisés viu a terra prometida. Dt. 34:1–4. Moisés fez seus três últimos sermões. Dt. 1–32.
16. **Campinas de Moabe** O Senhor disse a Israel que fizesse a divisão da terra e que expulsasse os habitantes. Nm. 33:50–56.
17. **Rio Jordão** Israel atravessou o Rio Jordão a seco. Próximo a Gilgal, pedras tiradas do fundo do Rio Jordão foram reunidas em um memorial da divisão das águas do Jordão. Js. 3–5:1.
18. **Jerico** Os filhos de Israel capturaram e destruíram a cidade. Js. 6.

Portanto, queremos reafirmar: está escrito na Bíblia, em Gênesis 12:6-7, 15:13-21, 17:1-8, 17:19, 26:1-5, 28:10-14 e 35:9-12, que Deus deu aos israelitas toda a Terra de Canaã, que posteriormente passou a ser chamada Terra de Israel, e atualmente muitos chamam indevidamente de “Palestina”.

## Capítulo IV

### Etapas da Política dos Hebreus

- ⇒ Período dos Patriarcas
- ⇒ Governo dos Juízes
- ⇒ Instituição da Monarquia

#### I. Período dos Patriarcas

Os primeiros acontecimentos Históricos narrados na Bíblia, ou seja, possíveis de serem datados, remontam à Abraão, por volta de 1850 aC. Com ele se inicia o período conhecido como Época dos Patriarcas. Este período, que finaliza por volta de 1778 a 1610 aC., compreende, desde a instalação dos Patriarcas em Canaã até o seu deslocamento para o Egito.

Quem eram os Patriarcas?

Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, patriarca é: “Chefe de família, entre os povos antigos, principalmente os do Antigo Testamento. Venerando cercado de família numerosa. Chefe de família exemplar”.

No Dicionário Bíblico Universal, publicado pela Editora Vida, diz-nos que: “Patriarcas são Príncipes, chefes de família ou de tribos. O termo foi aplicado com um sentido especial no Novo Testamento a Abraão, Isaque, Jacó, aos filhos de Jacó e a Davi. No Antigo Testamento a expressão equivalente é em geral “príncipe da tribo”. Mas o título é, ordinariamente, dado àqueles que viveram antes do tempo de Moisés. Sob o regime patriarcal o pai de família, ou chefe de tribo, tinha autoridade suprema sobre seus filhos e servos. Ele não tinha que dar contas dos seus atos a qualquer superior terrestre, e por isso podia recompensar ou castigar, segundo a sua maneira de ver. Encontra-se isto inteiramente exemplificado nas vidas de Abraão, Isaque e Jacó. Cada um exercia a sua autoridade com poder absoluto, e, como nos casos de Israel, Esaú, Jacó, Simeão e Levi, procediam os patriarcas mais segundo os seus sentimentos pessoais do que em virtude de qualquer estabelecido código de leis. É claro que na proporção em que os patriarcas possuíam o temor de Deus, o seu governo havia de exercer-se com justiça e bondade, mas onde faltava esse sentimento religioso, haveria opressão, violência e injustiça”.

Ao recorrermos a leitura do Novo Testamento constatamos a veracidade das informações, a partir do livro de Atos quando a denominação é atribuída a Davi pelo apóstolo Pedro em seu discurso: “Irmãos, seja-me permitido dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi, que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura. At 2:29.

Mais adiante, Lucas relata que o apóstolo Pedro pregando no templo menciona Abraão, Isaque e Jacó como nossos pais: “O Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Servo Jesus, a quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes, quando este havia resolvido soltá-lo”. At 3:13.

Em Atos 5:30, o apóstolo Pedro e os demais apóstolos se referem implicitamente a Abraão, Isaque e a Jacó, ao se defenderem de seus acusadores, dizendo: "O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro".

Em Atos 7:11, o apóstolo Paulo, explicando o evangelho, se detém em contar acerca da grande fome que fez com que Jacó enviasse seus filhos ao Egito para comprar alimentos. Dentre estes filhos de Jacó estavam ausentes José porque já estava no Egito. (Gênesis 1:5) onde foi nomeado Governador pelo Faraó e que foi o instrumento de Deus para matar a fome de seus irmãos e cumprirem-se as promessas feitas a seu pai (Jacó), seu avô (Isaque) e a seu bisavô (Abraão); e Benjamim, que era o irmão mais novo e havia ficado com seu pai (Jacó). Gn 42:4. Na segunda viagem Benjamim foi também ao Egito para cumprir-se uma ordem de José: "Tomaram, pois, os homens aquele presente, e dinheiro em dobro nas mãos, e a Benjamim; e, levantando-se desceram ao Egito e apresentaram-se diante de José". Gn 43:15.

Segundo a narrativa de Lucas, no sermão de Estevão, este mencionou os irmãos de José como pais ou patriarcas: "E deu-lhe o pacto da circuncisão; assim então gerou Abraão a Isaque, e o circuncidou ao oitavo dia; e Isaque gerou a Jacó, e Jacó aos doze patriarcas". At 7:8. "Sobreveio então uma fome a todo o Egito e Canaã, e grande tribulação; e nossos pais não achavam alimentos". At 7:11. E ainda, em Atos 7:12 os pais são enviados ao Egito em busca de alimentos.

Deste modo os doze filhos de Jacó fazem parte no rol dos patriarcas e ao examinarmos o Antigo Testamento constatamos que foram estes patriarcas que deram nomes as Tribos de Israel que tomaram posse cada um de sua parte na divisão das terras de Canaã após a conquista por Josué, e são eles: Rubem, Simeão, Issacar, Dã, Gade, Aser, Judá, Benjamim, Nebulom, Naftali, José e Levi. Gn 49:1-28.

Jacó e seus filhos morreram no Egito: Jacó, pois, desceu ao Egito, onde morreu, ele e nossos pais. At 7:15; Gn 49:33; Êx 1:6.

O Novo Testamento não destaca outros patriarcas posteriores a descendência de Jacó (Israel), que assim possa ser cognominado. Estevão, denomina os homens que conquistaram a terra de Canaã como pais de seu povo: "...o qual nossos pais, tendo-o por sua vez recebido, o levaram sob a direção de Josué, quando entraram na posse da terra das nações que Deus expulsou da presença dos nossos pais, até os dias de Davi". At 7:45. Esta conotação não é mais a mesma atribuída aos patriarcas mencionados anteriormente. "Estes pais são bem diferentes, senão vejamos os textos a seguir: Homens de dura cerviz, e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; como o fizeram os vossos pais, assim também vós." At 7:51. "A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que dantes anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e homicidas". At 7:52. O apóstolo Paulo escrevendo aos Coríntios refere-se ao povo hebreu no deserto como nossos pais: "Pois não quero, irmãos, que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar". I Co 10:1. Deus também tratou o seu povo como pais do povo. "... onde vossos pais me tentaram, pondo-me à prova, e viram por quarenta anos as minhas obras". Hb 3:9.

A única semelhança que estes pais guardam com os patriarcas se limitaram ao benefício das bênçãos prometidas aos autênticos patriarcas: Abraão, Isaque, Jacó e seus doze filhos que ficaram sepultados no Egito, com exceção dos restos mortais de José que foram levados para Canaã por ocasião do êxodo conforme seu pedido. Gn 50:24-26; Êx 13:19; Hb 11:22. Assim todos os pais e todo o povo escolhido tinham herança ao beneficiarem-se das bênçãos prometidas aos patriarcas, mas já não tinham mais este título nobre.

A última menção aos patriarcas no Novo Testamento foi feita pelo autor do livro aos Hebreus destacando o nome de Abraão quando de seu encontro com o Sacerdote Melquisedeque a quem deu o dízimo dentre os melhores despojos. “Considerai, pois, quão grande era este, a quem até o patriarca Abraão deu o dízimo dentre os melhores despojos. Hb 7:4”.

Quando Deus chamou Abraão do meio do seu povo para possuir uma terra, dizendo que faria dele uma grande nação e que ele seria uma bênção para todas as famílias da terra, estava sendo chamado o primeiro patriarca. Gn 12:1-3. Quando o filho de Abraão e Sara nascer se tornará o segundo patriarca na hierarquia da aliança feita com Abraão. Gn 17:21.

Jacó testificando da aliança que Deus fez com seus pais, invoca a Deus e menciona os nomes de seu avô e de seu pai, os patriarcas Abraão e Isaque. Gn 32:9.

Em Gênesis 35:12, Deus confirma a aliança feita com os pais prometendo a Jacó e a sua descendência a terra que havia dado a Abraão e a Isaque. Jacó torna-se então o terceiro patriarca nomeado por Deus por meio das promessas a seus pais e estende o título a seus filhos que se tornam os demais patriarcas.

Em Gênesis 48:15 Jacó abençoa a José mencionando os nomes de Isaque e de Abraão com os quais Deus tinha feito a aliança.

Em Gênesis 50:24 José fala com seus irmãos acerca das promessas a Abraão, Isaque e Jacó.

Estes dois últimos textos de Gênesis deixam claro que os filhos de Jacó por hereditariedade herdaram também o título de patriarcas. Inúmeros outros textos no Antigo Testamento testificam das promessas aos pais, principalmente quando Deus se apresentava a Moisés, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Deus na verdade estava dizendo: Eu sou o Deus que fez aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó. Êx 2:24; 3:6; 4:5; 6:3; 6:8; 33:1; Lv 26:42; I Crô 29:18. Em todo o Antigo Testamento encontramos textos que retratam o relacionamento entre Deus e os patriarcas (pais) e a sua descendência (até os filhos de Jacó) conforme o texto de Lucas em Atos (Deut 1:8). E por consequência a todo o povo de Israel.

O único patriarca mencionado no Novo Testamento que é bem posterior aos filhos de Jacó é o Rei Davi. At 2:29. E um dos patriarcas não mencionado explicitamente no Novo Testamento, mas que a tradição cristã tem por hábito mencioná-lo fazendo justiça é Noé. Um grande chefe de família que gozava de íntima comunhão com Deus. Foi um profeta e construtor de uma grande arca que abrigou os animais e a sua família por ocasião do dilúvio preservando a espécie humana e atendendo à vontade de Deus. Gn 7:1.

## II. Governo dos Juízes

Após a morte de Josué e dos anciãos, veio uma situação anárquica, em que não havia obediência aos mandamentos divinos. Jz 2.12-15. E em consequência disso certas pessoas foram escolhidas por intervenção divina, para governarem a nação como juízes ou libertadores. Não tinham poder de fazer novas leis, mas somente o de julgarem em conformidade com a lei de Moisés. Havia neles, também o poder executivo, embora a sua jurisdição se estendesse somente algumas vezes a certa parte do país. Não tinha estipêndio estabelecido, mas o povo estava acostumado a levar-lhes presentes, ou oferendas. *Esta forma de governo durou desde a morte de Josué até à escolha de Saul para ser rei, compreendendo um espaço de 460 anos.*

Samuel foi o mais notável dos juízes, parecendo que na última parte de sua vida ele se limitava a exercer principalmente a missão de profeta. Sendo Saul rei, finalizou a forma teocrática de governo. I Sm 8.7. A pessoa do juiz era considerada santa e sagrada, de modo que consultá-lo era o mesmo que “consultar a Deus”. Ex 18.15. Era ele divinamente dirigido, não temendo então a face de ninguém.

Além dos juízes supremos, havia anciãos da cidade, que constituíam um tribunal de justiça, com o poder de resolver pequenas causas da localidade. Dt 16.18.

### Os principais juízes foram quinze:

1. Otniel (Jz 3.9) – De Judá, livrou a Israel do rei da mesopotâmia;
2. Eúde (Jz 3.15) – Expulsou os amonitas e os moabitas;
3. Sangar (Jz 3.31) – Matou 600 filisteus e salvou a Israel;
4. Débora (Jz 4.5) – Associada a Baraque, guiando a Naftali e Zebulom à vitória contra os cananeus;
5. Gideão (Jz 6.36) – Expulsou os midianitas do território de Israel;
6. Abimeleque (Jz 9.1) – Pseudo libertador sem autoridade divina;
7. Tola (Jz 10.1) – Subjugou os amonitas;
8. Jair (Jz 10.3) – Subjugou os amonitas;
9. Jefté (Jz 11.11) – Subjugou os amonitas;
10. Ibsã (Jz 12.8) – Perseguiu os filisteus;
11. Elom (Jz 12.11) – Perseguiu os filisteus;
12. Abdom (Jz 12.13) – Perseguiu os filisteus;
13. Sansão (Jz 16.30) – Perseguiu os filisteus;
14. Eli (I Sm 4.18) – Julgou a Israel como sumo sacerdote;
15. Samuel (I Sm 7.15) – Agiu principalmente como profeta.

### III. Instituição da Monarquia

#### 1. Monarquia Hebraica

Por volta de 1010 a.C. os hebreus unificaram suas tribos e formaram o reino de Israel, do qual o 1º rei foi Saul. Coube a seu sucessor, Davi (1006-966 a.C.), a tarefa de expulsar da Palestina um dos povos rivais: os Filisteus. Após escolher Jerusalém – cidade que já existia – para capital do reino, Davi dividiu Israel em doze (12) províncias (ou tribos).

Com Salomão (966-926 a.C.), filho de Davi, o reino de Israel conheceu sua fase de esplendor e de centralização religiosa. É dessa época a construção do templo de Jerusalém. *Época de grande estabilidade e riqueza, quando é criada uma corte em Jerusalém.*

#### 2. Reino Dividido: Judá e Israel

Após a morte de Salomão, as tribos do norte se separaram, criando o reino de Israel ou do Norte. Este reino possuía uma área geográfica maior e era mais rico que o reino do Sul ou de Judá. Porém, politicamente era instável, ao contrário do de Judá, que continuou governado pela dinastia de Davi. O Reino de Israel iniciou-se com o reinado de Jeroboão I, após a morte de Salomão, em 931 a.C, e se prolongou até 722 a.C, quando este reino foi conquistado pelos Assírios. Já o reino de Judá, também inaugurado após a morte de Salomão, teve como primeiro rei Roboão, seu filho, e prolongou-se até a conquista pelos babilônicos em 597 a.C.

Em 539 a.C. Ciro I, o grande, rei da Pérsia, conquistou a Mesopotâmia e permitiu que os hebreus retornassem à Palestina, onde viveriam em liberdade desde que lhe pagassem tributos. A região da Palestina foi dominada pelos gregos e depois pelos romanos. Em 70 d.C. Tito, general romano, destruiu Jerusalém e os hebreus abandonaram a Palestina. Em razão da violência imposta por estes últimos, os hebreus dispersaram-se por vários lugares do mundo na chamada Diáspora. Essa dispersão durante cerca de 2 mil anos.

Mesmo vivendo separados uns dos outros, sem governo e sem território próprios até 1948, quando a ONU criou o Estado de Israel, os judeus mantiveram vivo o sentimento de identidade nacional e religiosa. Esse sentimento de pertencer a uma única nação só foi possível em razão de sua forte crença religiosa e do fato de acreditarem que a Palestina estava destinada a eles por vontade divina.

Segundo a tradição, o Muro das Lamentações, em Jerusalém, é a única parte que restou do Templo de Salomão, destruído por tropas do rei babilônico Nabucodonosor em 587 a.C. A cidade de Jerusalém é considerada sagrada por três grandes religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo, Islamismo.

### III. Os reis antes da divisão:

1. Saul (I Sm 10.1)
2. Davi (II Sm 2.1)
3. Salomão (I Rs 1.39)

#### IV. Reino Dividido (933-587 AC)

O Reino de Israel, no tempo do rei Roboão, se divide, formando dois reinos: Israel, ao Norte, tendo como cidade principal Samaria, formado por 10 das 12 tribos; e forma-se ao sul o reino de Judá, tendo Jerusalém como centro político e religioso, formado pelas tribos de Judá e Simeão. Após essa divisão ocorrem diversas investidas na região por parte do Egito, Assíria e Babilônia, que ao dominarem as regiões, tributavam-nas. As 10 tribos do Norte são tomadas pelos Assírios no séc. VIII a.C. e o reino do sul sofre com os egípcios tributando-os e no séc. VII e no séc. VI a.C. com os babilônios.

##### 1. Dois Reinos: Norte e Sul (933-721 a.C)

###### Reis de Israel (Reino do Norte)

- |                                      |                                    |
|--------------------------------------|------------------------------------|
| 1. Jeroboão I (937 aC) 1Rs 11.28     | 11. Joacaz (814 aC) 2Rs 10.35      |
| 2. Nadabe (915 aC) 1Rs 14.20         | 12. Joás (797 aC) 2Rs 13.10        |
| 3. Baasa (914 aC) 1Rs 15.16          | 13. Jeroboão II (781 aC) 2Rs 14.23 |
| 4. Elá (891 aC) 1Rs 16.8             | 14. Zacarias (741 aC) 2Rs 14.29    |
| 5. Zinri (890 aC) 1Rs 16.15          | 15. Salum (741 aC) 2Rs 15.10       |
| 6. Onri (890 aC) 1Rs 16.16           | 16. Manaém (740 aC) 2Rs 15.14      |
| 7. Acabe (876 aC) 1Rs 16.29          | 17. Pecalias (737 aC) 2Rs 15.23    |
| 8. Acazias (856 aC) 1Rs 22.40        | 18. Peca (736 aC) 2Rs 15.25        |
| 9. Jeorão ou Jorão (854 aC) 2Rs 1.17 | 19. Oséias (730 aC) 2Rs 15.30      |
| 10. Jeú (842 aC) 1Rs 19.16           |                                    |

###### Reis de Judá (Reino do Sul)

- |                                         |                                               |
|-----------------------------------------|-----------------------------------------------|
| 1. Reoboão (937 aC) 1Rs 11.43           | 12. Acaz (734 aC) 2Rs 15.38                   |
| 2. Abias (920 aC) 1Rs 14.31             | 13. Ezequias (727 aC) 2Rs 16.20               |
| 3. Asa (917 aC) 1Rs 15.8                | 14. Manasses (697 aC) 2Rs 21.1                |
| 4. Josafá (878 aC) 1Rs 15.24            | 15. Amon (642 aC) 2Rs 21.19                   |
| 5. Jeorão (851 aC) 2Cr 21.1             | 16. Josias (640 aC) 1Rs 13.2                  |
| 6. Acazias (843 aC) 2Rs 8.25            | 17. Joacaz ou Salum (608 aC) 2Rs 23.30        |
| 7. Atalias (rainha) (842 aC) 2Rs 8.26   | 18. Joaquim (608 aC) 2Rs 23.34                |
| 8. Joás (836 aC) 2Rs 11.2               | 19. Jeoaquim ou Jeconias (598 aC) 2Rs 24.6    |
| 9. Amazias (796 aC) 2Rs 14.1            | 20. Zedequias ou Matanias (598 aC) 2 Rs 24.17 |
| 10. Uzias ou Azarias (777 aC) 2Rs 14.21 |                                               |
| 11. Jotão (750 aC) 2Rs 15.5             |                                               |

###### Nota

- Livros sobre o período: I e II Reis, II Crônicas
- Profetas do Reino do Norte: Elias, Eliseu, Jonas, Amós, Oséias
- Profetas do Reino do Sul: Micaías, Joel, Isaías, Miquéias, Jeremias, Habacuque

## **Declínio e queda do reinado**

### **1. Queda do Reino do Norte e cativo israelita sob os assírios (722/721 a.C) - ISRAEL**

- a. Profeta do período: Oséias
- b. Livro sobre o período: II Reis
- c. Cativos não mais voltam à sua terra.

Nota: Em 722 a.C. O Reino do Norte é levado cativo pelos Assírios

### **2. Reino do Sul sozinho (721-587 a.AC) - JUDÁ**

- a. Profetas do período: Isaías, Miquéias, Jeremias, Sofonias, Habacuque
- b. Livros sobre o período: II Reis, II Crônicas

Nota: Queda e Cativo do Reino do Sul (606 a.C em diante)

- a. Profetas do período da Queda e Cativo: Jeremias, Habacuque, Daniel, Ezequiel, Obadias
- b. Profetas em Babilônia, no cativo: Daniel, Ezequiel
- c. Livros sobre o período: II Reis, II Crônicas, Daniel, Ezequiel
- d. Reino do Sul (Judá) vencido pela Babilônia: início do cativo de Judá (606 a.C).

É nesse período que Nabucodonosor rei da Babilônia, por motivo de uma rebelião por parte dos judeus contra seu domínio tributário, em 605 a. C., leva cativo o rei de Judá e parte do povo da terra. Em uma segunda rebelião, Jerusalém é cercada por dois anos e num segundo cativo são levados mais de 10000 habitantes. Uma terceira rebelião faz com que Jerusalém seja totalmente destruída, os muros são derrubados, o Templo destruído e seus tesouros roubados (que segundo relatos bíblicos eram muitos). Jovens, donzelas, velhos, crianças são mortos pela fome dos cercos e tomadas da cidade. A tomada e a destruição de Jerusalém são detalhadamente contadas no final do segundo Livro dos Reis.

Por que o exílio?

- a. Cativo do Norte – Desobediência e idolatria. II Re 17.6-20
- c. Cativo do Sul – Desobediência e idolatria. Jr 25.7
- d. Pelo não cumprimento da lei do sábado (Ano do Jubileu – Lv 25.2-7) Esta causa é narrada pelo cronista. II Cr 36.21.

## Capítulo V

### Os Templos dos Hebreus

Tanto por sua origem como pelo uso comum a palavra templo, quando usada literalmente, tem um significado restrito e específico. A idéia de templo é essencialmente a de um lugar destinado especificamente às cerimônias consideradas sagradas, seja o seu caráter sagrado real ou suposto; num sentido mais restrito, os templos são prédios construídos para a realização de cerimônias sagradas e são utilizados exclusivamente para esse fim.

Em muitas épocas diversas, tanto os adoradores de ídolos como os seguidores do Deus verdadeiro e vivo construíram prédios considerados inteiramente como santuários ou que continham certas áreas consideradas santuários. Os templos pagãos da antigüidade recebiam o nome de deuses e deusas mitológicos e eram considerados como sendo a morada do deus cujo nome levavam. Os pátios externos desses templos eram utilizados para assembléias gerais e cerimônias públicas, mas sempre havia recintos interiores em que somente os sacerdotes consagrados podiam entrar e onde, dizia-se, a divindade manifestava sua presença. Uma prova da exclusividade dos templos antigos, até dos pagãos, é que vemos que o altar pagão não ficava dentro do templo em si; ficava de frente para a entrada principal. Os templos nunca foram vistos como locais de assembléias para o público em geral, mas como recintos sagrados, consagrados às cerimônias mais solenes de um sistema de adoração específico (seja idólatra ou divino) e eram um símbolo visível e uma imagem tangível desse sistema.

Na antigüidade, o povo de Israel destacou-se entre as nações pela construção de santuários dedicados ao nome do Deus vivo. Esse serviço lhe era exigido especificamente por Jeová, a quem o povo professava servir. A história de Israel como nação data do êxodo. Durante os quatro séculos de escravidão no Egito, os filhos de Jacó transformaram-se em um povo numeroso e forte; contudo, estavam no cativeiro. No momento certo, porém, suas aflições e súplicas chegaram ao Senhor, que os conduziu com o braço de Seu poder. Assim que escaparam do ambiente idólatra do Egito, foi-lhes exigido que preparassem um santuário em que Jeová manifestaria Sua presença e comunicaria Sua vontade no papel de Rei e Senhor a quem eles aceitaram.

#### I. O Tabernáculo (no deserto)

O Tabernáculo foi uma estrutura física construída pelo povo de Israel, sob a supervisão de Moises, cerca 1450 a.C. O “lay-out” do Tabernáculo e os materiais de sua construção foram especificados em grande detalhe à Moisés por Deus no Monte Sinai, e isto a algumas semanas depois do povo de Israel ter saído do Egito (o Êxodo). O Tabernáculo foi uma construção portátil, feita por mãos hábeis e transportado por uma tribo (os Levitas) através dos 40 anos de peregrinação no deserto.

No reinado de Davi e no de Salomão, até à construção do templo, o tabernáculo estava num alto que havia em Gabaom, I Cr 16.39; 21.29. Depois que Salomão edificou o templo, segundo o modelo do tabernáculo, porém em mais largas proporções, tudo que havia no tabernáculo foi transferido pra ele. I Rs 8.4; II Cr 5.5.

## II. O Templo de Salomão

O Templo de Salomão (no hebraico **המקדש בית**, Beit HaMiqdash), foi o primeiro Templo em Jerusalém, construído no século XI a.C., e funcionou como um local de culto religioso judaico central para a adoração a Javé, Deus de Israel, e onde se ofereciam os sacrifícios conhecidos como korbanot.

O Rei Davi, da tribo de Judá, desejava construir uma casa para Javé (YHWH), onde a Arca da Aliança ficasse definitivamente guardada, ao invés de permanecer na tenda provisória ou tabernáculo, existente desde os dias de Moisés. Segundo a Bíblia, este desejo foi-lhe negado por Deus em virtude de ter derramado muito sangue em guerras. No entanto, isso seria permitido ao seu filho Salomão, cujo nome significa "paz". Isto enfatizava a vontade divina de que a Casa de Deus fosse edificada em paz, por um homem pacífico. II Samuel 7:1-16; I Reis 5:3-5; 8:17; I Crônicas 17:1-14; 22:6-10.

## III. O segundo Templo (Zorobabel/Herodes)

O Segundo Templo foi o templo que o povo judeu construiu após o regresso a Jerusalém, (depois do cativeiro babilônico), no mesmo local onde o Templo de Salomão existira antes de ser destruído. Segundo o relato bíblico, a reconstrução do templo foi designada pelo imperador persa Ciro II. No ano 539 a.C., Ciro apodera-se da Babilônia e ordena o repatriamento dos judeus mantidos em cativeiro e a reconstrução do seu templo, que, segundo a descrição presente no livro de Esdras (capítulo 1, versículos 1 a 4), terá tido lugar sob Zorobabel, sendo apoiada pelo funcionário Esdras e pelos profetas Zacarias e Ageu.

**Remodelação por Herodes:** No século I a.C., Herodes o Grande ordena uma remodelação ao templo, considerada por muitos judeus como uma profanação, com o propósito de agradar a César, tendo mandar construir num dos vértices da muralha a Torre Antônia, uma guarnição romana que dava acesso direto ao interior do pátio do templo. Certos autores designam o templo após esta intervenção por "Terceiro Templo". Não se podia mudar a arquitetura do templo, Deus havia dado o modelo a Davi, e ordenou que se seguisse o modelo pré-determinado por Ele. A mudança que Herodes fez simbolizava uma profanação para os judeus. Foi destruído no ano 70 pelos romanos.

Qual é a importância do templo da Tribulação?

O templo da Tribulação é importante porque é o templo que muitos judeus em Israel estão tentando reconstruir no presente. Saber o que a Bíblia ensina sobre os templos do passado, presente e futuro dá aos crentes a base necessária para ver o terceiro templo do ponto de vista de Deus. Apesar de que a esperança judaica para o próximo templo é que ele seja o templo messiânico, a Bíblia deixa claro que ele será, na verdade, o templo transitório do Anticristo. O fato de Israel ter sido restabelecido como nação em 1948, de Jerusalém ter sido reconquistada em 1967 e dos judeus estarem fazendo esforços cada vez mais significativos para a construção do terceiro templo, demonstra que estamos chegando perto do fim da atual era da Igreja e do início da Tribulação. O cenário divino para o fim dos tempos está tomando forma e o centro das atenções é a reconstrução do templo em Jerusalém. A mão de Deus está agindo.

## Capítulo VI

### A Diáspora

A palavra diáspora (do grego antigo διασπορά, "dispersão") define o deslocamento, normalmente forçado ou incentivado, de grandes massas populacionais originárias de uma zona determinada para várias áreas de acolhimento distintas. O termo "diáspora" é usado com muita frequência para fazer referência à dispersão do povo judeu no mundo antigo, a partir do exílio na Babilônia no século VI a.C. e, especialmente depois da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

#### Primeira diáspora (Galut Bavel)

De acordo com a Bíblia, a Diáspora é fruto da idolatria e rebeldia do povo de Israel e Judá para com Deus, o que fez com que este os tirasse da terra que lhes prometera e os dispersasse pelo mundo até que o povo de Israel retornasse para a obediência a Deus, onde seriam restaurados como uma nação soberana e senhora do mundo. Geralmente se atribui o início da primeira diáspora judaica ao ano de 586 a.C., quando Nabucodonosor II — imperador babilônico — invadiu o Reino de Judá, destruindo a Jerusalém, e o Templo; e deportando os judeus para a Babilônia. Mas esta dispersão se inicia antes, em 722 a.C., quando o reino de Israel ao norte é destruído pelos assírios e as dez tribos de Israel são dispersas pelo mundo.

#### Diáspora na Babilônia

Com a conquista de Judá cerca de quarenta mil judeus foram deportados para a Babilônia, onde floresceram como comunidade e mantiveram suas práticas e costumes religiosos, associados à outros costumes herdados dos babilônios. A assimilação fez com que o hebraico perdesse sua importância em função do aramaico que tornou-se a língua comum. Com a queda do poder babilônico e a ascensão do imperador persa Ciro I, este permitiu que algumas comunidades judaicas retornassem para a Judéia, mas a grande maioria da população judaica preferiria permanecer em Babilônia onde tinham uma sociedade constituída do que retornar às vicissitudes da reconstrução de um país. Com o domínio romano sobre a Judéia, a maior parte dos judeus que viviam na Judéia emigrou para Babilônia, que se tornou o maior centro comunitário judaico no mundo até o século XI. Ao vencerem os partas em 226, os persas novamente conquistam a Babilônia, mas os judeus permanecem com uma relativa autonomia sob a liderança do exilarca ou Resh Galuta (Príncipe do Exílio), descendente de Davi. No século IV é compilado o Talmud Babilônico, e tem início a crise caraíta. A comunidade judaica na Babilônia perdurou solidamente através da história, influenciando o judaísmo mundial também na segunda diáspora e só deixará de existir com a emigração dos judeus do Iraque no século XX.

#### Segunda Diáspora

A Segunda Diáspora aconteceu muitos anos depois, no ano 70 d.C. Os romanos destruíram Jerusalém, e isso acarretou uma nova diáspora, fazendo os judeus irem para outros países da Ásia Menor ou sul da Europa. As comunidades judaicas estabelecidas nos países do Leste Europeu ficam conhecidas como Asquenazi (netos de Noé). Perseguidos pelo islamismo, os judeus do norte da África (sefardins) migram para a península Ibérica. Expulsos de lá pelo crescente cristianismo do século XV, migram para os Países Baixos, Bálcãs, Turquia, Palestina e, estimulados pela colonização europeia, chegam ao continente americano.

## Capítulo VII

### O Renascimento de Israel



Durante a Segunda Guerra Mundial, foram mortos seis milhões de judeus; milhões foram roubados; sua cultura e sua sociedade foram mutiladas. Este holocausto quase inacreditável reforçou a ideia do movimento sionista, que pregava a criação de um Estado nacional para os judeus. Daí chegou-se à fundação do Estado de Israel, em 1948.

Quando o Estado de Israel foi criado, a Palestina era governada pela Inglaterra desde 1916. Poucas horas antes de se esgotar o mandato inglês sobre a Palestina, **no dia 14 de maio de 1948, foi criado o Estado de Israel.**

Desde o século treze, até 1916, o império turco-otomano controlava todo o Oriente Médio. Com sua derrota na Primeira Guerra Mundial, a Grã-Bretanha e a França assumem o controle sobre o Oriente Médio, que é dividido em vários Estados separados: Iraque, Síria, Jordânia, Líbano e Palestina. Um ano mais tarde, pela Declaração de Balfour, os ingleses prometiam aos judeus um lar na Palestina. Era a concretização de um sonho que Theodore Herzl acalentava: que os judeus tivessem uma terra onde pudessem se sentir livres.

Em 1922, a Liga das Nações havia aprovado a ideia da criação de um Estado judeu na Palestina, embora não se cogitasse ainda a de um Estado independente e soberano. Esta ideia só surgiu mais tarde. A imigração de judeus se intensifica. Só que, até aquele momento, a população nativa - os árabes - não havia sido consultada.

A Alemanha de Hitler declarou que era chegada a hora da "solução final", que significava a total aniquilação dos judeus. Com isso, aumentou o número de judeus que fugiam para Israel. E com o fim da Segunda Guerra Mundial, a ONU propõe a divisão da Palestina em dois Estados: um Estado árabe e um Estado judeu. A União Soviética e os países árabes rejeitam a proposta. Para os judeus, que haviam escapado ao holocausto, Israel é, afinal, o paraíso que tanto esperaram. Para os palestinos, é uma grande injustiça permitir-se que sua terra seja ocupada por gente recém-chegada.

**A estrada longa e deserta:** Dizer apenas que os judeus "sonhavam" com seu retorno não reflete nem de longe a intensidade desse anseio. Há milênios, os filhos e filhas de Abraão têm sido um povo marcado para o extermínio. Eles sofreram nas mãos dos cruzados, inquisidores, perseguidores e defensores das expulsões dos países em que viviam. Eles foram forçados a usar símbolos degradantes que os identificavam como judeus, e passaram pela aflição de serem metidos em guetos abarrotados, onde até mesmo os direitos mais simples lhes eram negados. Às 4,30 horas da tarde de 14 de maio de 1948, David Ben-Gurion – que viria a ser o primeiro premiê de Israel – levantou-se no saguão do Museu de Tel-Aviv e declarou: "O Estado de Israel acaba de nascer". *O tão sonhado milagre tornou-se uma realidade nacional.*

## Capítulo VIII

### Israel e a Escatologia Bíblica



Israel é verdadeiramente o relógio histórico e profético. O programa profético universal de Deus, seja para Israel, seja para a Igreja, seja para as nações gentias, se desenvolve direta ou indiretamente por meio do povo judeu. Muito frequentemente, os crentes tentam ver onde se acham no programa profético com base em como eventos mundiais afetam o país

em que vivem. No entanto, a verdadeira determinação de nossa posição na história se baseia em como os eventos mundiais afetam a história judaica e o povo judeu. Assim, quando ocorrem eventos de repercussão mundial, os critérios para relacioná-los à profecia bíblica não são a maneira pela qual afetam a Igreja, nem o modo pelo qual afetam qualquer nação gentílica, não importa quão grande e poderosa, mas o modo pelo qual afetam a história judaica e o povo de Israel.

Israel é chamado "O relógio de Deus", pois é como uma vitrine apocalíptica sendo revelada a cada dia. Veja a construção deste enorme muro ao redor de Jerusalém, por exemplo; não seria a preparação para a volta de Jerusalém como capital de Israel? Temos inúmeros sinais que estão se cumprindo, Jesus está às portas!

#### 1. O renascimento de Israel como nação soberana

Em 14 de maio de 1948, quando os ingleses deixaram a região, os Judeus, apoiados pelos Estados Unidos, proclamaram oficialmente o novo Estado de Israel, em cumprimento à profecia bíblica de Isaías, que diz: "Poder-se-ia fazer nascer uma terra NUM SÓ DIA? Nasceria uma nação de uma só vez? Mas Sião esteve de parto e já deu à luz seus filhos." Isaías 66.8

#### 2. O deserto floresce

Subjugada durante séculos por povos estranhos, a Terra Santa se foi tornando, pouco a pouco, um enorme deserto. Era o cumprimento da Palavra de Deus em Levítico 26.33: "... E a vossa terra será assolada, e as vossas cidades serão desertas".

Foi exatamente nestas condições que os primeiros Judeus encontraram a palestina. Todavia, trabalhando diuturnamente nas condições mais desfavoráveis possíveis, os novos colonizadores plantaram milhões de mudas de árvores e drenaram extensos pântanos, através de um arrojado programa de recuperação do solo, em que parte das águas do rio Jordão foram desviadas, até que o deserto começou a florescer. Is 27.6; Ez 36.33-35. Hoje, as flores estão realmente crescendo no Neguev, as cidades antigas foram reconstruídas e habitadas, e a triste paisagem desértica foi substituída pelo verde alegre da natureza.

### 3. O sinal da figueira brotando

“Olhai para a figueira e para todas as árvores, quando já tem rebentado, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está o verão.” Lucas 21.29,30.

A figueira, que é Israel, está agora mesmo brotando em cumprimento à Palavra de Deus. Esta nação milenar é como o relógio de Deus a revelar “o horário” em que nos encontramos dentro da presente dispensação da graça. Ef 3.2. Particularmente o retorno dos Judeus à sua pátria, depois de quase vinte séculos, constitui um extraordinário sinal de que estamos vivendo no “tempo do fim”, nos dias que antecedem a volta em glória do Senhor Jesus Cristo, a Cabeça da Igreja e o Messias de Israel. “Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima”. Lc 21.28.

### 4. A reconstrução do templo

Atualmente, desde que Israel reconquistou a parte oriental de Jerusalém na guerra dos seis dias (1967), o maior sonho do povo judeu é a reconstrução do templo. Há informações de que Israel há muito já dispõe de todo o material necessário, e que a obra será conduzida rapidamente, quando chegar a hora. O templo só não foi ainda reedificado porque na área do antigo templo está edificada a Mesquita do Domo da Rocha, dos muçulmanos! Falar em derrubar esta mesquita hoje em dia, seria o mesmo que declarar guerra aos árabes (muçulmanos)! Nos anos de 1999 e 2000, neste local, já se ouvia diretamente de guias turísticos que, em razão de escavações que estão sendo feitas por baixo da área da esplanada do templo, os judeus já começam a acreditar que a área exata do antigo templo seria um grande pátio situado ao lado da Mesquita! Em se confirmando, o templo seria reerguido ao lado da Mesquita! Interessante é que esta área fica exatamente em frente ao Portão Dourado de Jerusalém, porta pela qual Jesus entrou sendo aclamado como Rei, no Domingo de Ramos. Os judeus lacram este portão por entenderem que, quando o Messias vier, Ele entrará por esta porta... A reconstrução do templo neste local (ao lado da Mesquita) além de não provocar maiores atritos, se mostraria justificável perante o mundo, pois, se os muçulmanos têm a sua Mesquita, é justo que os judeus também tenham o seu Templo.

É inconcebível, sobretudo para o povo judeu, Jerusalém sem o Templo! Choca muito também ao povo cristão ver um templo pagão (Mesquita) em lugar do Templo do Senhor! Enquanto os muçulmanos têm uma linda e suntuosa Mesquita, os judeus ortodoxos têm apenas o “Muro das Lamentações”! Certamente que isto não durará muito tempo. Sendo Jerusalém a cidade do Grande Rei (Mt 5:35), e estando esta cidade sob o domínio do povo judeu, certamente que eles reedificarão o Templo para adoração a Jeová!

A leitura de Daniel 8:13, 11:31, 12:11 deixa claro tratar-se do templo, fisicamente. Também o texto de II Ts 2:4 quando diz: “... o qual se opõe e se levanta contra tudo que se chama Deus, ou objeto de culto, a ponto de assentar-se no santuário de Deus, ostentando-se como se fosse o próprio Deus.” O texto de Mt 24:15 combinado com estes outros textos aqui citados, nos conduz ao entendimento de que o “lugar santo” referido em Mt 24:15 é o altar do templo (o qual terá que ser reedificado!).

*Nota: Muitas outras profecias relacionadas com Israel, nos chama a atenção para o início do fim!*

## Capítulo IX

### Israel X Igreja

Qualquer pessoa que estuda a Bíblia com interesse genuíno, logo perceberá que grande parte do seu conteúdo é aplicada a uma só nação – Israel. Somente a história dos judeus é apresentada no Velho Testamento, quer em narrativa, quer em profecia. As demais nações são mencionadas apenas no que se refere a suas relações com os israelitas. Parece também que todas as comunicações de Deus com Israel, como nação, têm conexão ou relação com a terra. Sendo fiel e obediente, a nação israelita receberá como prêmio grandezas, riquezas e poder terrestre. Sendo porém infiel e desobediente, a nação será espalhada “entre todos os povos”. Dt 28:64.

Continuando as pesquisas bíblicas, o estudante descobrirá muitas menções da existência de um outro corpo distinto – a Igreja. Este corpo também mantém uma relação peculiar com Deus e, juntamente com Israel, têm recebido de Deus promessas especiais. Mas a semelhança termina aí, iniciando-se um contraste dos mais dignos de nota. Em vez de ser constituída tão somente pelos descendentes de Abraão, a Igreja é um corpo no qual desaparece a distinção entre judeus e gentios. Em lugar de um mero conceito, a Igreja é constituída de um nascimento.

As Escrituras revelam que, tanto Israel como a Igreja nem sempre existiu. Cada qual teve um princípio – Israel com a chamada de Abraão (Gênesis 12:1-2); a Igreja no Pentecostes. At 2:37-41. Há os que ensinam que Adão e os patriarcas pertencem à Igreja, mas ela não existia antes, nem durante a vida terrena de Jesus Cristo, que se referindo a sua Igreja, fê-lo como tendo de ser estabelecida no futuro. Mt 16:18. Notemos que Cristo não disse “tenho edificado” nem “estou edificando”, mas “edificarei”.

### Contrastes entre Israel e Igreja

#### 1. Escolha de Deus

1.1. Deus escolheu Israel para a sua glória na terra. Gn. 15:7 – Js 11:23 – Êx 32:13

1.2. Deus escolheu a igreja para a sua glória no Céu. Ef 2:4 a 7

Nota: As promessas a Israel diferem das promessas para a Igreja

Israel recebeu a terra. Gn 12.1; 13.15; 15.18-21; 17.7-8; 26.3-4; 28.13-14; Lv 20.24; 25.23, etc., à qual seu destino está ligado e jamais deixará de existir. Jr 31.35-40. Numerosas profecias prometem a Israel a restauração na sua terra, com o Messias reinando no trono de Davi por ocasião de Sua volta. II Sm 7.10-16; I Rs 9.5; Is 9.6-7; Ez 34.23-24; 37.24-25; Lc 1.31-33, etc. É clara a promessa de que Deus derramará do Seu Espírito sobre o Seu povo escolhido que, depois disso, jamais manchará novamente o Seu Santo Nome, e Ele não mais esconderá de Israel o Seu rosto. Ez 39.7; 22, 27-29; Zc 8.13-14.

Israel deve permanecer para sempre (Jr 31.35-38), caso contrário as profecias bíblicas e as promessas de Cristo não se cumpririam. Cristo faz menção da existência das cidades de Israel ainda por ocasião de Sua Segunda Vinda (Mt 10.23), o que prova que a Igreja não substituiu Israel. Além dessas provas, uma outra (ainda que desnecessária), é que Cristo prometeu aos Seus discípulos que eles reinariam com Ele sobre Israel no Seu Reino Milenar. Mt 19.28; Lc 23.30. A Igreja não pode cumprir as profecias que foram feitas a Israel; ela nunca pertenceu a uma terra específica de onde tenha sido deportada ou para a qual tenha retornado. Ao contrário, a Igreja é formada "de toda tribo, língua, povo e nação". Apoc 5.9. A sua esperança é ser arrebatada ao céu (Jo 14.3; I Ts 4.16-17; etc.), onde estaremos diante do "Tribunal de Cristo" (Rm 14.10; II Co 5.10) e então, desposados com o nosso Senhor (Apoc 19.7-9), estaremos eternamente com Ele. Jo 14.3; I Ts 4.17.

## **2. Tempo da escolha**

2.1. Israel foi escolhido através do chamado de Abraão. Gênesis 12:1-3

2.2. A igreja foi escolhida antes da fundação do mundo. Efésios 1: 4

## **3. O propósito de Deus**

3.1. Fazer de Israel uma nação diferente de todas. Gen. 12:2 – 46:3

3.2. Fazer da igreja um corpo diferente de todos. Ef 1:15-23; II Co 11:2, Ct 4:1

## **4. O Chamado**

4.1. Deus chamou uma pessoa para dela formar uma nação. Isaías 51:2

4.2. A igreja chamada entre muitos para se tornar um só corpo. Efésios 2:11-16

## **5. O encontro com Cristo**

5.1. Os Judeus serão chamados de volta a sua pátria. Jr 33:7-9

5.2. A igreja será chamada aos céus. I Ts. 4:13-15

## **6. A relação com Cristo**

6.1. Cristo será o rei de Israel. Zc. 14:17

6.2. Cristo é a cabeça do corpo, e noivo da igreja. Ef 1:22 – 4:15

## **7. A herança**

7.1. A herança de Israel é a terra. Gn 12:7

7.2 A herança da igreja é o céu. Ef 1:3

Como citado acima ha uma grande diferença entre Israel e igreja, o objetivo de Deus com Israel e um e com a igreja e outro totalmente diferente. Comparando o que diz as Escrituras sobre Israel e a Igreja, o estudante notará contrastes na vocação, na promessa, no culto, na conduta e no futuro de ambos. Portanto, não se pode imaginar Deus desprezou o Seu povo Israel. Jamais o Senhor colocou a Igreja em lugar de Israel. Essa heresia (da substituição) provém do catolicismo romano, e muitos reformadores foram incapazes de se libertar dela, apesar de compreenderem claramente a Salvação pela graça através da fé. A crença de que a Igreja substitui Israel continua ainda hoje entre os católicos romanos, mas também entre muitos evangélicos.

A verdade incontestável é: A Igreja não substitui Israel.

# ANOTAÇÕES

A blank sheet of lined paper with a decorative header. The header is a gray banner at the top with the word "ANOTAÇÕES" in large, bold, white, 3D-style capital letters. Below the banner is a white, wavy-edged area. The rest of the page is filled with horizontal black lines for writing.

**Avaliação: A História de Israel**

1. Como nasceu a nação de Israel?

---

---

---

2. Qual a importância do monoteísmo para os Hebreus?

---

---

---

3. Como e porque os Hebreus se estabeleceram na Palestina?

---

---

---

4. Quais as principais etapas da Política dos Hebreus?

---

---

---

5. Qual a importância dos Templos para os Hebreus?

---

---

---

6. Porque aconteceu a Diáspora?

---

---

---

7. Como ocorreu o Renascimento de Israel?

---

---

---

8. Qual a importância de Israel na Escatologia Bíblica?

---

---

---

9. Qual a diferença entre Israel e a Igreja?

---

---

---

## Bibliografia

Pr José Polini

Pr. José

*Cristologia para o nosso tempo.* P. Jacques Doyon. Edições Paulinas, 1970, p. 364.

*O evangelho segundo o espiritismo.* Allan Kardec. Instituto de difusão espírita, 1978, p. 306.

*Grandes personagens da história universal.* Victor Civita. Abril Cultural, 1972, p. 525.

*Introdução à sociologia.* Guilherme Galliano. Editora Harba, 1981, p. 129.

*O evangelho segundo o espiritismo.* Allan Kardec. Instituto de difusão espírita, 1978, p. 71.

Mais detalhes, conferir revista *Defesa da Fé*, nº 61, na matéria intitulada "Idolatria disfarçada", de autoria de Paulo Cristiano da Silva. Centro Apologético Cristão de Pesquisas.

*O islamismo.* Fazlur Rahman. Editora Arcádia, 1975, p. 211. *Ibid.*, p. 213.

*A relevância dos ministérios de poder para o islamismo popular.* J. Dudley Woodberry. Citado no livro *A luta contra os anjos do mau*, compilado por Peter Wagner e Douglas Pennoyer. Editora Unilit, p. 340.

*Ibid.*, p. 341. OLIN9 jos Por Eguinaldo Hélio de Souzae@polini.org

Prof. João Flávio Martínez

Augusto Bello de Souza Filho

Pr Elias R. de Oliveira

Bibiografia:

Dic. Bíblico Universal

Bíblia Vida Nova

---

## *A História da Igreja*

---



# A HISTÓRIA DA IGREJA



**ITI**brasil

[www.itibrasil.com](http://www.itibrasil.com)

### **Temática**

Capítulo I: A Pré-Existência da Igreja. (Pg 40)

Capítulo II: A Igreja Apostólica. (da ascensão de Cristo até o final do Século I [100 AD]. Pg 41)

Capítulo III: A Igreja Pós-Apostólica. (do ano 100 AD até o Edito de Constantino, ano 313 AD. Pg 50)

Capítulo IV: A Igreja Reformada. (Este período vai do século XV até os dias Atuais. Pg 73)

Capítulo V: O Período dos Grandes Avivamentos. (Pg 85)

Capítulo VI: Os Grandes Perigos que Ameaçam a Igreja Contemporânea. (Pg 87)

Capítulo VII: Conhecendo a Verdadeira Igreja de Jesus Cristo. (Pg 103)

## Introdução

### O Começo da Igreja em Atos 2

Se quiséssemos fazer uma lista dos dez maiores dias na História da humanidade, certamente o Pentecostes o primeiro Pentecostes após a ressurreição de Jesus teria de estar na lista. O Pentecostes foi o começo. Atos 11.15. Foi o início daquilo que estava proposto, não na mente do homem, mas na mente de Deus; não como um pensamento que ocorreu depois, mas desde a eternidade.

Em todas as épocas, Deus havia visualizado um corpo de pessoas que se assemelhariam à imagem de seu Filho; as quais chamaria, justificaria e glorificaria (Romanos 8.29-30); as quais seriam compradas pelo sangue de seu Filho (Atos 20.28); seriam santificadas e purificadas, libertas da mancha, da ruga e do defeito, sendo a noiva de seu Filho (Efésios 5.25-27); as quais seriam "raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus" (I Pedro 2.9); as quais seriam uma demonstração de sua multiforme sabedoria, não só para os homens, mas para os principados e as potestades nas regiões celestes. Efésios 3.10-11. Essas pessoas seriam a sua igreja. Obs.: A palavra Igreja vem do original Ekklesia (Chamados para fora [do sistema]).

Por volta de nove meses antes de morrer, Jesus disse: "Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela". Mateus 16.18. Pedro havia acabado de confessar: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo". Sobre esse fundamento de verdade a igreja de Cristo seria edificada. Sobre esse fundamento seriam colocadas pedras vivas (I Pedro 2.5), pedras que juntas formariam o templo de Deus. Mas o trabalho de edificação ainda não havia começado. O valor da compra ainda não tinha sido pago. O agente santificador e purificador ainda não estava à disposição. O processo de edificação tinha de aguardar sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão ao céu, onde, como Sumo Sacerdote, ele ofereceria o seu próprio sangue como expiação do pecado.

Para entendermos corretamente o que é a igreja do Senhor obviamente precisamos pensar em termos celestiais e não terrenos. Alguém está muito errado quando pensa na igreja de Cristo como um mero aglomerado de todas as "boas" igrejas. A visão dessa pessoa é muito limitada se ela pensar na igreja de Cristo como o povo fiel de Deus entre esta nossa geração. A igreja de Cristo é um corpo celeste constituído de seguidores fiéis de todas as épocas, alguns ainda na terra, outros já no paraíso, mais todos juntos compreendendo a sua igreja. É um corpo de pessoas que inclui Paulo, Pedro, Barnabé, Maria, Priscila, Áquila, os vitoriosos que conhecemos em nossos dias e que já passaram, bem como os fiéis desta terra, os quais ainda lutam, esforçam-se e vencem em Cristo.

Que comunidades têm na igreja de Cristo!

E tudo começou no primeiro Pentecostes após a ressurreição de Cristo.

## Capítulo I

### A Pré-Existência da Igreja

A igreja de Cristo sempre existiu na mente e coração do Pai, desde antes da fundação do universo. Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor. Ef 1.4. O qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo, mas manifestado nestes últimos tempos por amor de vós. I Pe 1.20.

O plano de Salvação estava traçado por Deus desde o eterno passado. O sacrifício fora feito antes da fundação do universo, isto é, antes mesmo de ser efetuado no calvário, o cordeiro já era conhecido pelo Pai. Em uma ordem lógica, podemos admitir que: Deus fundou a Igreja, Jesus Cristo formou a Igreja e o Espírito Santo confirmou a Igreja. Assim, o projeto no coração de Deus, a formação pelo ministério de Cristo e a confirmação, no dia de Pentecostes, pelo poderoso derramamento do Espírito Santo.

#### Deus progredindo com seu Plano

##### I. A Pedra (como Casa de Deus) Gn 28.17-19

1. Esta é a Casa de Deus,
2. Esta casa estava ao ar livre,
3. Jacó chamou a pedra de Casa de Deus (Betel).

##### II. O Tabernáculo (como Casa de Deus) Êx 25.8-9

1. Povo tinha sido tirado do Egito...
2. Deus diz para Moisés fazer o tabernáculo.
3. Santuário - "Eu habitarei no meio deles"
4. Deus habitando com o povo.

##### III. O Templo (como Casa de Deus) II Sm 7.5;11-16

1. Quem é você para fazer casa para mim
2. O Senhor te fará casa
3. O teu descendente - Edificará casa ao meu nome (Jesus)
4. Porém o templo era incapaz de conter a glória de Deus. I Rs 8.27.

##### IV. Um edifício de Pedras Vivas (Habitação de Deus)

1. A Igreja é Pedra Viva edificada como Casa Espiritual. I Pe 2.5
2. Deus não habita em templos (feitos por mãos humanas) At 17.24
3. Habita convosco e está em vós. Jo 14.16-20;23.

No estudo dos 20 Séculos em que a igreja de Cristo tem estado em atividade, veremos os grandes acontecimentos, os quais servem como divisória, e cada um deles assinala o término e início de uma época, ou seja, indicam os grandes períodos da História da Igreja.

## Capítulo II

### A Igreja Apostólica

#### Desde a Ascensão de Cristo até o final do Século I [100 AD]

A Igreja que antes era um mistério "oculta em Deus" fora revelada em Cristo, tornando-se o "segredo de Deus" conhecido aos homens. A expressão "oculta em Deus" indica que a igreja esteve sempre na mente de Deus, e vindo a ser conhecida pelo ministério terreno de Jesus Cristo e o Espírito Santo.

#### I. O Nascimento da Igreja

A Igreja de Cristo iniciou sua história com um movimento de âmbito mundial, no dia de Pentecostes, cinquenta dias após a ressurreição, e dez dias depois da ascensão do Senhor Jesus Cristo. Atos 1.1-11.

Na manhã do dia de Pentecostes, 120 seguidores de Jesus oravam reunidos. Os judeus, homens religiosos, tinham se reunido em Jerusalém vindos das mais diversas nações ao redor do mundo. O Espírito Santo desceu sobre os apóstolos. Eles falaram em línguas. Multidões afluíram para aquele local. Ficaram estupefatos e se prepararam para escutar a explicação do fenômeno que estavam presenciando e escutar a mensagem que se seguiria.

Pedro, com os outros apóstolos, falou a respeito de Jesus, provando que aquele a quem o povo tinha crucificado era Senhor e Cristo. As multidões se convenceram, sendo profundamente tocadas. "Que faremos, irmãos", perguntavam todos. O apóstolo Pedro respondeu: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo". At 2.38. Perto de 3.000 pessoas alegremente aceitaram a palavra e foram batizadas. At 2.41. Cristo tinha começado agora o processo de edificar a igreja. Mas o que havia começado no Pentecostes se mostraria um processo contínuo: Acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos. At 2.47.

Assim surgiu a igreja e o cristianismo firmou-se como uma religião de origem divina. Seu fundador era o próprio filho de Deus. Rapidamente, a doutrina cristã se espalhou pela região do Mediterrâneo e chegou ao coração do império romano.

Ao longo dos tempos, muitos tentaram descaracterizar a veracidade e a historicidade de Jesus, mas tudo em vão. Os fatos falam mais altos que as palavras, mesmo as escritas. Muito se tem escrito sobre a pessoa de Jesus, o Filho de Deus, portanto, as linhas abaixo servem apenas de esboço aos já conhecidos. Os fatos sobre Jesus podem ser encontrados nas páginas do Novo Testamento e mesmo nos registros históricos:

Tácito (60-120 d.C.) - historiador romano, fez uma ligação entre os cristãos e o Christus que no governo de Tibério (14 a.C.-37 d.C.), "...sofreu a morte por sentença do procurador Pôncio Pilatos...".

Plínio (62-113 d.C.) - protetor da Bitínia e Ponto, escreveu ao imperador Trajano (53-117 d.C.) a respeito da integridade moral e fidelidade dos cristãos.

Luciano (125-90 d.C.) - crítico, satirizou os discípulos de Jesus como aqueles que seguiam um homem que foi crucificado na Palestina.

Flávio Josefo (37-100 d.C.) judeu, escreveu uma vasta obra sobre a história dos judeus: "Nesse mesmo tempo apareceu Jesus, que era um homem sábio, se todavia devemos considerá-lo simplesmente como um homem, tanto suas obras eram admiráveis. Ele ensinava os que tinham prazer em ser instruídos na verdade e foi seguido não somente por muitos judeus, mas mesmo por muitos gentios. Era o Cristo. Os mais ilustres da nossa nação acusaram-no perante Pilatos e ele fê-lo crucificar." (*Josefo, História dos Hebreus, pg. 275*).

## II. As primeiras conversões ao Cristianismo no Pentecostes

Na primeira pregação após o derramamento do Espírito cerca de três mil pessoas aceitaram a Cristo como seu Salvador naquele dia. At 2.41. Posteriormente mais cinco mil pessoas aceitaram a Cristo (At 4.4) e a igreja caía na graça do povo e crescia. At 2.47.

## III. O Crescimento e a Expansão da Igreja Primitiva

1. Crescimento numérico, Atos 5.14; 6.7.

2. Crescimento espiritual, Atos 2.41-47.

O crescimento dos cristãos foi espantoso. O núcleo formado por Cristo em Jerusalém se espalhou para a Judéia, Galiléia e Samaria. Não tardou muito e o evangelho atravessou as fronteiras da Palestina atingindo a Síria, Chipre e toda a Ásia Menor. Mais algum tempo e toda a costa norte e sul do mediterrâneo possuía grandes centros de cristãos. Nos lugares mais longínquos não seria tão difícil encontrar um cristão professando a fé bíblica.

O crescimento inicial foi consequência do espírito missionário que havia no coração dos apóstolos. Esse espírito foi transmitido à primeira geração de convertidos, os quais, até o segundo século, conseguiram espalhar o evangelho em quase todo o mundo conhecido. O fator de não ter um local específico para a reunião de cultos (ainda que havia um lugar especial onde eles se reuniam aos domingos, e a julgar pelo que diz Paulo era sempre no mesmo local - I Co 11,18 e 20), facilitava a propagação do evangelho.

#### IV. Atividades Missionárias

Cristo havia estabelecido sua igreja na encruzilhada do mundo antigo. As rotas comerciais traziam mercadores e embaixadores através da Palestina, onde eles entravam em contato com o evangelho. Dessa maneira, no livro de Atos vemos a conversão de oficiais de Roma (At 10.1-48), da Etiópia (At 8.26-40), e de outras terras.

Portanto, logo depois da morte de Estêvão, a igreja deu início a uma atividade sistemática para levar o evangelho a outras nações. Pedro visitou as principais cidades da Palestina, pregando tanto a judeus como aos gentios.

Outros foram para a Fenícia, Chipre e Antioquia da Síria. Ouvindo que o evangelho era bem recebido nessas regiões, a igreja de Jerusalém enviou a Barnabé para incentivar os novos cristãos em Antioquia. At 11.22-23. Barnabé, a seguir, foi para Tarso em busca do jovem convertido Saulo (Paulo) e o levou para a Antioquia, onde ensinaram na igreja durante um ano. At 11.26.

Um profeta por nome Ágabo predisse que o Império Romano sofreria uma grande fome sob o governo do Imperador Cláudio. Herodes Agripa estava perseguindo a igreja em Jerusalém; Ele já havia executado a Tiago, irmão de João, e tinha lançado Pedro na prisão. At 12.1-4. Assim os cristãos de Antioquia coletaram dinheiro para enviar a seus amigos em Jerusalém, e despacharam Barnabé e Paulo com o socorro. Os dois voltaram de Jerusalém levando um jovem chamado João Marcos. At 12.25.

Por esta ocasião, diversos evangelistas haviam surgido no seio da igreja de Antioquia, de modo que a congregação enviou Barnabé e Paulo numa viagem missionária à Ásia Menor. At 13-14. Esta foi a primeira de três grandes viagens missionárias que Paulo fez para levar o evangelho aos recantos longínquos do Império Romano. Foi necessário o surgimento de severa perseguição, para que se decidisse a ir a outras regiões.

#### V. As perseguições

Certo dia um grupo de judeus apoderou-se de Estêvão e, acusando-o de blasfêmia, e condenado o levaram para fora da cidade e o apedrejaram. At 7.58-60. Esse fato deu início a uma onda de perseguição que levou muitos cristãos a abandonarem Jerusalém. Atos 8.1.

#### O incêndio de Roma

O grande incêndio de Roma teve início na noite de 18 de Julho, no ano 64 d.C., no núcleo comercial da antiga cidade de Roma, em volta do Circo Máximo. O fogo alastrou-se rapidamente pelas áreas mais densamente povoadas da cidade, com as suas ruelas sinuosas. O fato de a maioria dos romanos viverem em *Insulae*, edifícios altamente inflamáveis devido à sua estrutura de madeira, de três, quatro ou cinco andares, ajudou à propagação do incêndio.

Nestas condições, o incêndio prolongou-se por seis dias seguidos, até que pudesse ser controlado. Mas por pouco tempo, já que houve focos de reacendimento, que fizeram o incêndio durar por mais três dias. O antigo Templo de Júpiter Stator e o Lar das Virgens Vestais foram destruídos, bem como dois terços da antiga cidade. Enquanto Roma era destruída pelas chamas, o imperador romano Nero "dedilhava" um instrumento musical. Acusado pelo povo de ser o seu autor, lançou a culpa sobre os Cristãos. Louco e alucinado, mandou que os cristãos, desarmados e indefesos apenas confiantes na sua fé, fossem lançados às feras no Coliseu servindo de espetáculo aos Romanos e outras mortes com um requinte de crueldade bem peculiar de alguém que mandou matar sua própria mãe para ver aonde ele foi gerado.

O historiador romano Cornélio Tácito relatou no seu livro "Os Anais de Roma Imperial" (publicado apenas uma geração depois do incêndio): "Nero culpou e infligiu as torturas mais intensas em uma classe odiada por suas abominações, chamada o povo Cristão. Christus, de onde o nome se originou, sofreu grande penalidade durante o reino de Tibério nas mãos de um dos seus procuradores, Pôncio Pilatos, e uma superstição maligna, assim marcada durante aquele momento, novamente explodiu não só em Judéia, a primeira fonte do mal, mas até em Roma, onde todas as coisas abomináveis e vergonhosas de todas as partes do mundo acham seu destino e se tornam popular.

Assim sendo, aprisionamento foi feito de todos que reconheceram-se culpados; então, depois da confirmação, uma imensa multidão foi condenada, não tanto pelo crime de ter queimado a cidade, mas por ódio contra a humanidade. Humilhação de todo tipo foi adicionada às suas mortes. Cobertos com pele de animais, eles foram dilacerados por cachorros e morreram, ou eram pregados à cruz, ou eram condenados às chamas e queimados, para servirem como iluminação noturna, quando a luz do dia tinha acabado." (Anais, XV, 44).

Nero iluminou suas festas no jardim com Cristãos que eram queimados vivos. Com certeza alguém teria confessado a verdade estando sob a ameaça de tão grande dor. No entanto, o fato é que não temos nenhum registro de Cristãos primitivos renunciando sua fé para dar um fim ao seu sofrimento. Pelo contrário, temos vários registros do aparecimento de centenas de testemunhas após a ressurreição dispostas a sofrer e morrer por tal causa.

A primeira geração de Cristãos foi absolutamente brutalizada, principalmente depois do grande incêndio em Roma em 64 D.C. De acordo com a tradição, tanto Pedro quanto Paulo foram martirizados na perseguição de Nero: Paulo foi decapitado, e Pedro foi crucificado de cabeça para baixo. Entretanto, a perseguição ocorria de maneira esporádica e localizada. Um imperador podia intensificar a perseguição por dez anos ou mais; mas um período de paz sempre se seguia, o qual era interrompido abruptamente quando um governador local resolvia castigar novamente os cristãos de sua área, sempre com o aval de Roma. Esse padrão se prolongou por 250 anos.

Tertuliano, escritor cristão do século II, disse: "O sangue dos mártires é a semente da igreja". Para surpresa geral, sempre que surgia perseguição, o número de cristãos a ser perseguido aumentava. Em sua primeira carta, Pedro encorajou os cristãos a suportar o sofrimento, confiantes na vitória derradeira e no governo divino que seria estabelecido em Cristo. I Pe 5.8-11. O crescimento da igreja sob esse tipo de pressão provou, em parte, a veracidade dessas palavras.

Evidentemente o crescimento veio acompanhado dos ciúmes do judaísmo e das religiões pagãs, sendo as últimas protegidas pelo império. De princípio o judaísmo perseguiu e fez vítimas como Estevão e o apóstolo Tiago. Décadas depois o paganismo entrou em ação, e com o apoio dos imperadores, suas vítimas chegaram aos milhões. Trajano, imperador entre 98 a 117, decretou um ofício em que o cristianismo em si já constituía um crime, e todos que nele fossem encontrados deveriam ser julgados e punidos com a morte.

Ofícios como estes voltaram a ser decretados por outros imperadores, e bem como este davam força às religiões pagãs para tentarem destruir a igreja de Cristo. Entretanto as igrejas permaneciam de pé e aumentando cada vez mais.

### **Razões da Perseguição aos Cristãos**

1. Política - O judaísmo era uma religião lícita pela autoridade romana - religião permitida o cristianismo era considerada uma religião ilícita pela autoridade romana - religião proibida A lealdade ao império confundia-se ao patriotismo e as tradições religiosas romanas, no cristianismo pregava-se o respeito ao Estado sem adoração aos deuses, o cristianismo era visto com desconfiança pelas autoridades - uma ameaça política. Não participavam da vida pública e nem serviam o exército até ao ano de 313.

2. Religiosa - A base religiosa romana era politeísta e cristã monoteísta sem qualquer imagem. Dentre as acusações as mais comuns prevaleciam o ateísmo, outras: Canibalismo, imoralidade. Devido aos encontros secretos aumentava as especulações dos inimigos do evangelho. Os ritos pagãos começaram a ser abandonados e os templos a esvaziarem-se.

3. Social - O evangelho (boas novas) promete libertação dos sofrimentos, igualdade atraía multidão dos desfavorecidos e marginalizados do sistema aristocrata - pregava-se a simplicidade e a fraternidade dos povos. Constituía uma ameaça ao sistema escravocrata.

4. Econômica - O desapego aos bens terreno - o declínio do comércio religioso pagão era também a causa da perseguição. At 19.27 - imagem de Diana; At 19.19 - livros de magia. Plínio escrevendo ao imperador Trajano no segundo século relata: " ... os templos pagãos estavam praticamente abandonados e que não se encontram compradores para a carne sacrificada aos ídolos... " (Gonzales, p. 62).

### **Os Perseguidores Romanos**

**Imperador Cláudio (41-54)** - Todos os judeus foram expulso de Roma. Suetônio, historiador romano relata que os judeus foram expulsos devido a conflitos por causa de Cristo. Os historiadores sustentam que o termo Cristo refere-se a Cristo. Houve um erro de grafia. No princípio do século o cristianismo era considerado uma facção do judaísmo.

Vítimas da perseguição: Áquila e Priscila, At 18.2.

**Imperador Nero (54-68)** - Fez com que o senado o consagrasse deus. Seu sonho: "construir um novo palácio de ouro, que se tomaria seu próprio tempo". Montanelli, op. cit., p. 276. Todos os que se opunham à sua vontade, ou morriam ou recebiam ordens de se suicidar.

**Imperador Vespasiano (69-79)** - Perseguiu aos remanescentes da casa de Davi. Temia-se novo levante. Devido ao cerco e destruição de Jerusalém muitos judeus da linhagem de Davi foram perseguidos e a igreja de Jerusalém mudou-se para além do Jordão. A tradição da igreja de Jerusalém nomeava a liderança da linhagem de Davi. Desta forma os líderes da igreja também foram perseguidos.

**Imperador Domiciano (81-96)** - Sucedeu ao imperador Tito que invadira destruíra Jerusalém no ano 70. Com a destruição de Jerusalém Domiciano ordenou que todos os judeus deviam enviar à Roma as ofertas anuais, que eram enviadas a Jerusalém, estes, por sua vez não obedeceram, o que desencadeou a segunda perseguição, não somente aos judeus mas também aos cristãos.

Durante esses dias milhares de cristão foram mortos, especialmente em Roma e em toda a Itália. Nesta época o apóstolo João, que vivia em Éfeso, foi preso e exilado na ilha de Patmos, foi quando recebeu a revelação do Apocalipse.

### **Tito destrói Jerusalém**

Géssio Floro amava o dinheiro e odiava os judeus. Como procurador romano, governava a Judéia e pouco se importava com as sensibilidades religiosas. Quando a entrada de impostos era baixa, ele se apoderava da prata do Templo. Em 66, quando a oposição cresceu, ele enviou tropas a Jerusalém para crucificar e massacrar alguns judeus. A ação de Floro foi o estopim para uma revolta que já estava em ebulição havia algum tempo.

No século anterior, Roma não tinha tratado os judeus de maneira adequada. Primeiramente, Roma havia fortalecido o odiado usurpador Herodes, o Grande. Apesar de todos os belos edifícios que construía, Herodes não conseguiu lugar no coração das pessoas.

Arquelau, filho de Herodes e seu sucessor-, era tão cruel que o povo pediu a Roma que lhe desse um alívio. Roma atendeu a esse pedido enviando diversos governadores: Pôncio Pilatos, Félix, Festo e Floro. Eles, assim como outros, tinham a tarefa, nada invejável, de manter a paz em uma terra bastante instável.

O espírito independente dos judeus nunca morreu. Eles olhavam com orgulho para os dias dos macabeus, quando se livraram do jugo de seus senhores sírios. Agora, suas desavenças mesquinhas e o fabuloso crescimento de Roma os colocavam novamente sob o comando de mãos estrangeiras.

O clima de revolução continuou durante o governo de Herodes. Os zelotes e os fariseus, cada um à sua maneira, queriam que as mudanças acontecessem. O fervor messiânico estava em alta. Jesus não estava brincando quando disse que as pessoas fariam: "'Vejam, aqui está o Cristo!' ou 'Ali está ele!'". Esse era o espírito da época.

Foi em Massada (formação rochosa praticamente inexpugnável, que se eleva próximo ao mar Morto, onde Herodes construiu um palácio e os romanos ergueram uma fortaleza) que a revolta judaica teve seu início e um fim trágico.

Inspirados pelas atrocidades de Floro, alguns zelotes ensandecidos decidiram atacar a fortaleza. Para surpresa de todos, eles a conquistaram, massacrando o exército romano que estava acampado ali.

Em Jerusalém, o capitão do Templo, quando interrompeu os sacrifícios diários a favor de César, declarou abertamente uma rebelião contra Roma. Não demorou muito para que toda a Jerusalém ficasse alvoroçada, e as tropas romanas fossem expulsas ou mortas. A Judéia se revoltou, e a seguir a Galiléia. Por um breve período de tempo, parecia que os judeus estavam virando o jogo.

Céstio Galo, o governador romano da região, saiu da Síria com 20 mil soldados. Cercou Jerusalém por seis meses, mas fracassou, deixando para trás seis mil soldados romanos mortos e grande quantidade de armamentos que os defensores judeus recolheram e usaram.

O imperador Nero enviou Vespasiano, general condecorado, para sufocar a rebelião. Vespasiano foi minando a força dos rebeldes, eliminando a oposição na Galiléia, depois na Transjordânia e por fim na Idu-méia. A seguir, cercou Jerusalém.

Contudo, antes do golpe de misericórdia, Vespasiano foi chamado a Roma, pois Nero morreria. O pedido dos exércitos orientais para que Vespasiano fosse o imperador marcou o fim de uma luta pelo poder. Em um de seus primeiros atos imperiais, Vespasiano nomeou seu filho, Tito, para conduzir a guerra contra os judeus.

A situação se voltou contra Jerusalém, agora cercada e isolada do restante do país. Facções internas da cidade se desentendiam com relação às estratégias de defesa. Conforme o cerco se prolongava, as pessoas morriam de fome e de doenças. A esposa do sumo sacerdote, outrora cercada de luxo, revirava as lixeiras da cidade em busca de alimento.

Enquanto isso, os romanos empregavam novas máquinas de guerra para arremessar pedras contra os muros da cidade. Aríetes forçavam as muralhas das fortificações. Os defensores judeus lutavam durante todo o dia e tentavam reconstruir as muralhas durante a noite. Por fim, os romanos irromperam pelo muro exterior, depois pelo segundo muro, chegando finalmente ao terceiro muro. Os judeus, no entanto, continuaram lutando, pois correram para o Templo — sua última linha de defesa.

Esse foi o fim para os bravos guerreiros judeus — e também para o Templo. Josejo, historiador judeu, disse que Tito queria preservar o Templo, mas os soldados estavam tão irados com a resistência dos oponentes que terminaram por queimá-lo.

A queda de Jerusalém, essencialmente, pôs fim à revolta. Os judeus foram dizimados ou capturados e vendidos como escravos. O grupo dos zelotes que havia tomado Massada permaneceu na fortaleza por três anos. Quando os romanos finalmente construíram a rampa para cercar e invadir o local, encontraram todos os rebeldes mortos. Eles cometeram suicídio para que não fossem capturados pelos invasores. A revolta dos judeus marcou o fim do Estado judeu, pelo menos até os tempos modernos.

A destruição do Templo de Herodes significou mudança no culto judaico. Quando os babilônios destruíram o Templo de Salomão, em 586 a.C., os judeus estabeleceram as sinagogas, onde podiam estudar a Lei de Deus. A destruição do Templo de Herodes pôs fim ao sistema 'sacrificai judeu' e os forçou a contar apenas com as sinagogas, que cresceram muito em importância. Onde estavam os cristãos durante a revolta judia? Ao lembrar das advertências de Cristo (Lc 21.20-24), fugiram de Jerusalém assim que viram os exércitos romanos cercar a cidade. Eles se recusaram a pegar em armas contra os romanos e retiraram-se para Pela, na Transjordânia. Uma vez que a nação judaica e seu Templo tinham sido destruídos, os cristãos não podiam mais confiar na proteção que o império dava ao judaísmo. Não havia mais onde se esconder da perseguição romana.

## VI. Heresias na Igreja Neotestamentária

Ao lado das perseguições externas, o Cristianismo enfrentou um inimigo muito mais terrível, posto que interno, através de heresias, algumas delas propostas por líderes da própria igreja. As multidões que se convertiam ao Cristianismo não aderiam à fé cristã livres da bagagem cultural. Pelo contrário, cada qual trazia para dentro da Igreja suas próprias experiências e seus próprios conhecimentos. Esta variedade cultural num certo sentido foi de grande valor para a Igreja e, em todos os casos era sinal da universalidade do Evangelho. Mas, por outro lado, esta situação sugeria a liberdade para que alguns comessem a oferecer suas próprias interpretações da fé cristã, e, à medida que isto acontecia, algumas dessas interpretações divergiam radicalmente da fé cristã. Este perigo era ainda maior diante do fato de que o mundo da época era acentuadamente sincretista, isto é: havia uma grande mistura de cultos oferecidos a uma mesma divindade.

A medida que o tempo passava, foi possível verificar que muitas pessoas buscavam não uma doutrina única, mas um sistema que de algum modo combinasse todas as doutrinas, tomando um pouco de cada uma. Dessa miscelânea surgiu aquilo que hoje é a monolítica Igreja Católica Romana, com suas cerimônias, ora a identifica-las com o Cristianismo, ora com o paganismo. O que estava em jogo, portanto, não era simplesmente tal ou qual elemento do Cristianismo, mas sim, a questão fundamental: tinha ou não a nova fé uma mensagem única, e em que sentido era única essa mensagem. Desse conflito de interesses surgiram heresias as mais absurdas e algumas outras que tiveram início nesse período e que deram muito trabalho para os Pais da Igreja combater.

Portanto, várias foram às heresias que ameaçavam a sã doutrina da igreja (heresia significa doutrina contrária à verdade bíblica). As cartas apócrifas que circulavam na época também contribuíram a confusão doutrinária e à perversão da sã doutrina. Dentre as muitas que existiram ao longo da história da igreja destacam-se: *Doutrina dos judaizantes* - era defendida por judeus praticantes do judaísmo que haviam se convertido ao cristianismo. No entanto, eles não abandonaram as Leis Mosaicas; pregavam que a salvação dependia da guarda das leis - era Influência direta do judaísmo - a circuncisão e a força da lei mosaica e a *Doutrina dos Nicolaitas* - fundador - Nicolau - helenista; defendia a prática da licenciosidade, promiscuidade sincretismo religioso - cristianismo/paganismo - ligação com a doutrina de Balaão. Apoc 2.14-15; Nm 22.

## VII. A morte dos Apóstolos da Igreja Primitiva

Todos os apóstolos que andavam com Jesus morreram como mártires, com exceção de dois: Judas Iscariotes, que traiu Jesus e acabou se enforcando, e João, que após ser exilado na ilha de Patmos, obteve a liberdade e morreu de morte natural.

- ⇒ Matias (que ficou no lugar de Judas Iscariotes, foi martirizado na Etiópia).
- ⇒ Simão (o zelote, foi crucificado).
- ⇒ Judas Tadeu (morreu como mártir pregando o evangelho na Síria e na Pérsia).
- ⇒ Tiago (o mais jovem - pregou na Palestina e no Egito, sendo ali crucificado).
- ⇒ Mateus (morreu como mártir na Etiópia).
- ⇒ Tomé (pregou na Pérsia e na Índia, sendo martirizado perto de Madras).
- ⇒ Bartolomeu (serviu como missionário na Armênia, sendo golpeado até a morte).
- ⇒ Filipe (pregou na Frígia e morreu como mártir em Hierápolis).
- ⇒ André (pregou na Grécia e Ásia Menor. Foi crucificado).
- ⇒ Tiago (o mais velho - pregou em Jerusalém e na Judéia. Foi decapitado por Herodes).
- ⇒ Pedro (pregou entre os judeus e morreu crucificado com a cabeça para baixo).
- ⇒ Paulo (que não era apóstolo oficialmente, foi considerado apóstolo dos gentios por causa da sua grande obra missionária nos países gentílicos. Foi decapitado em Roma por ordem de Nero).

Nestes quase dois mil anos da história da igreja, houve um consenso de que o ofício apostólico deixou de existir, tendo cessado com a morte daqueles verdadeiros apóstolos comissionados diretamente pelo Senhor Jesus.

No Novo Testamento há dois sentidos básicos para a palavra apóstolo. Um mais amplo e outro mais restrito. No sentido amplo apóstolo significa enviado. Neste sentido qualquer pessoa enviada através da igreja para uma tarefa missionária poderia ser chamada de apóstolo. Isto se deve ao fato de que a palavra grega “apóstolos” significa: “enviado”, “mensageiro”, “delegado”. O substantivo apóstolo e o verbo grego enviar são correlatos. Assim sendo, neste sentido mais amplo, não teria problemas em se aceitar que qualquer cristão possa vir a ser um apóstolo (enviado). Contudo, no Novo Testamento, o sentido mais comum é o restrito, referindo-se ao grupo seleto dos apóstolos do Senhor Jesus. A palavra grega da qual traduzimos apóstolo aparece 80 vezes no Novo Testamento grego. Destas 80 ocorrências, 73 vezes ela tem o sentido restrito e o sentido mais amplo (enviado) ocorre somente cinco vezes. João 13.16; II Coríntios 8.23; Filipenses 2.25; Atos 14.4 e 14. Aparece também três vezes onde pode haver alguma dificuldade exegética podendo ter um ou outro sentido. Atos 14.4,14; Romanos 16.7.

## Capítulo III

### A Igreja Pós-Apostólica

(Este período vai da morte de João, ano 100 AD até o Edito de Constantino, ano 313 AD)

#### I. O Crescimento e a expansão da Igreja

O crescimento e a expansão da Igreja foram à causa da organização e da disciplina. A perseguição aproximou as Igrejas e exerceu influência para que elas se unissem e se organizassem. O aparecimento das heresias impôs, também, a necessidade de se estabelecerem alguns artigos de fé, e, com eles, algumas autoridades para executá-las.

Outra característica que distingue esse período é sem dúvida, o desenvolvimento da doutrina. Na era apostólica a fé era do coração, uma entrega pessoal à vontade de Cristo. Entretanto no período que agora focalizamos, a fé gradativamente passara a ser mental, era uma fé do intelecto, fé que acreditava em um sistema rigoroso e inflexível de doutrinas. O credo Apostólico, a mais antiga e mais simples declaração da crença cristã, foi escrito durante esse período. Nesta época surgiram três escolas teológicas (uma em Alexandria, outra na Ásia Menor e outra na África). Os maiores vultos da história do Cristianismo passaram por essas escolas: Orígenes, Tertuliano e Cipriano.

#### II. Seitas E Heresias

Juntamente com o desenvolvimento da doutrina teológica, desenvolviam-se também as seitas, ou como lhes chamavam, as heresias na igreja cristã. Os cristãos não só lutam contra as perseguições, mas contra as heresias e doutrinas corrompidas.

**Os Gnósticos:** Do grego "Gnósis = Sabedoria, Conhecimento" Acreditavam que Deus Supremo é espírito absoluto e causa de todo bem, enquanto a matéria é completamente má criada por um ser inferior que é Jeová. O propósito é então escapar deste corpo que aprisiona o espírito. A fim de chegar à libertação, é necessário que venha um mensageiro do reino espiritual. Cristo. Ele, portanto não era matéria, possuía somente a natureza divina.

**Os Ebionitas:** Do hebraico que significa "Pobre" eram judeu-cristãos que insistiam na observância da lei e dos costumes judaicos. Rejeitavam as cartas escritas por Paulo. Era considerado como apostatas pelos Judeus não convertidos.

**Os Maniqueus:** De origem persa, foram chamados por esse nome, em razão de seu fundador Ter o nome de Mani. Acreditavam que o universo compõe-se do reino das trevas e da luz e ambos lutam pelo domínio do homem. Rejeitavam a Jesus, porém criam em um "Cristo celestial".

### III. A perseguição implacável dos Imperadores Romanos

No início do segundo século, os cristãos já estavam radicados em todas as nações e em quase todas as nações, e alguns crêem que se estendia até a Espanha e Inglaterra. O número de membros da comunidade cristã subia a muitos milhões.

A famosa carta de Plínio (Governador da Bitínia - hoje Turquia) ao Imperador Trajano, declara que os templos dos deuses estavam quase abandonados, enquanto os cristãos em toda parte formavam uma multidão, e pertenciam a todas as classes, desde a dos nobres, a até a dos escravos. O crescimento vertiginoso do cristianismo agregado o ciúme dos imperadores (que se consideravam divindades) desencadeou uma perseguição descomunal com a única finalidade de exterminar definitivamente com os cristãos.

**Neste período os principais imperadores que perseguiram a igreja foram:**

**Trajano (98/117 AD)** Mandou crucificar e lançar muitos cristãos às feras.

**Adriano (117/138 AD)** Morreu gritando: Quão desgraçado é procurar a morte e não achá-la

**Marco Aurélio (161/180 AD)** Milhares foram decapitados e devorados pelas feras na arena.

**Severo (193/211 AD)** - Mandava decapitar e lançar às feras. Iniciou uma terrível perseguição que durou até à sua morte em 211 AD. Possuía uma natureza mórbida e melancólica; era muito rigoroso na execução da disciplina. Tão cruel fora o espírito do imperador, que foi considerado por muitos como o anticristo.

**Décio (249/251 AD)** - Décio observava com inveja o poder crescente dos cristãos, e determinou reprimi-lo. Via as igrejas cheias enquanto os templos pagãos desertos. Por consequência, mandou que os cristãos tinham que se apresentar ao Imperador para comunicar e religião. Quem renunciava recebia um certificado, quem não renunciava era considerado criminoso e conduzido às prisões e sujeitos às mais horrorosas torturas.

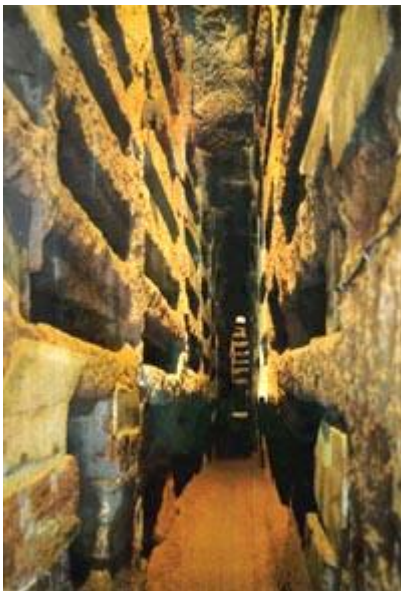
**Diocleciano (305 a 310 d.C.)** - Sob esse governo aconteceu a última perseguição imperial e a mais severa de todas. Estendeu-se por todo o Império. Foi um esforço diabólico determinado a abolir o Cristianismo. Em uma série de editos determinou-se que:

1. Todos os exemplares da Bíblia fossem queimados.
2. Todos os templos construídos em todo o império, fossem destruídos.
3. Todos os pertencentes às ordens clericais fossem presos.
4. Ninguém seria solto sem negar o Cristianismo.
5. Pena de morte para quem não adorasse aos deuses.
6. Prendiam os cristãos dentro dos templos e depois ateava fogo.
7. sacrificar aos deuses pagãos sob a pena de morte caso recusassem.

Durante os dez anos os cristãos foram caçados como feras pelas cavernas e florestas; queimados, lançados às feras, mortos pelos métodos mais cruéis. Consta que o imperador Diocleciano erigiu um monumento com esta inscrição: "Em honra ao extermínio da superstição cristã". Diocleciano reabilitou as velhas tradições, incentivando o culto dos deuses antigos.

A perseguição movida por Diocleciano provocou o segundo problema, que foi o do Cânon do Novo Testamento. Se o possuir epistola podia levá-los a morte, os cristãos precisavam estar seguros de que os livros pelos quais poderiam padecer a morte eram realmente livros canônicos. Esta preocupação ajudou nas decisões finais acerca de qual literatura era sagrada. Foi assim que se resolveu aceitar os atuais 27 livros do Novo Testamento.

#### IV. As Catacumbas de Roma



Vastas galerias subterrâneas, comumente de 2,60 m a 3,30 m de largura, 1,30 m a 2,00 m de altura, estendendo-se por centenas de quilômetros no subsolo da cidade. Foram usadas pelos cristãos como lugares de refúgio, culto e sepultamento durante as perseguições imperiais.

Após uma visita virtual ou real às Catacumbas cristãs de Roma, perguntar-se: qual é a importância das Catacumbas cristãs de Roma sob o aspecto histórico e arqueológico, e qual a sua importância religiosa e espiritual?

A primeira e mais imediata impressão é que as Catacumbas são a prova histórica de que a Igreja das origens foi uma Igreja de mártires. Estes foram muitíssimos, e as Catacumbas conservaram o seu testemunho. Propomos aprofundar, neste "caminho", a questão do número dos mártires romanos, do significado do martírio, das causas das perseguições e do seu desenvolvimento. Outro aspecto importante das Catacumbas é o testemunho que dá sobre a vida da Igreja primitiva, a continuidade da nossa fé em relação a dos primeiros séculos, a sua espiritualidade, e a atração que exerceram sobre os cristãos no decorrer dos séculos.

Quantos foram os mártires? Não conhecemos o seu número exato. Os historiadores pensam que foram, aproximadamente, alguns milhares; as Atas dos Mártires, que são os protocolos judiciais dos processos aos cristãos, conservaram-nos a lembrança de muitos mártires, mas não podemos tirar delas a sua lista completa. Segundo Tácito, na grande perseguição desencadeada por Nero, eles foram uma «ingens multitudo». Clemente de Roma fala de «uma grande multidão de eleitos». O martirologio de Jerônimo enumera bem 979. Cipriano, em seguida, escreverá que «o povo dos mártires foi incalculável» (*martyrum innumerabilis populus*). Das sepulturas de cristãos variam os cálculos, indo de 2 milhões a 7 milhões. Mais de 4.000 epitáfios têm sido descobertos, pertencentes ao período de Tibério (14-37 d.C.) a Constantino (306-37 d.C.).

Os mártires pertencem a toda categoria de idade, sexo, proveniência social, profissão e cultura. Eles são modelos para os cristãos de qualquer lugar e de qualquer época. São as testemunhas de uma fé invencível, de uma fidelidade total a Cristo confirmada com a oferta da própria vida. Portanto, Roma guarda em suas catacumbas um testemunho vivo marcante. Era onde se refugiavam os cristãos que conseguiam escapar da morte. Nas pedras encontram-se gravados nomes, datas de nascimento e morte, de casamento, marcando tempos de escuridão e de sobrevivência da Igreja.

Nota: As fontes que possuímos a respeito das perseguições, além das Escrituras, são conhecidas como "atas dos mártires", que consistem em descrições mais ou menos detalhadas das condições sob as quais se produziram os martírios, as prisões, encarceramento e julgamento do mártir ou mártires em questão, e por fim sua morte. Outras notícias chegam através de outros documentos escritos por cristãos que de algum modo se relacionam com o martírio e a perseguição. O exemplo mais valioso desta classe de documentos é a coleção de sete cartas escritas por Inácio de Antioquia a caminho do martírio. Também existem algumas correspondências onde se apresenta algumas atitudes dos pagãos diante dos cristãos, especialmente a atitude de governantes.

## V. O Coliseu Romano



e para morte dos cristãos.

O Coliseu é o maior anfiteatro romano. Iniciado em 70 d.C., durante o governo do imperador Vespasiano, foi inaugurado dez anos depois pelo imperador Tito no ano de 80 d.C., na região central de Roma (este anfiteatro tem a forma de uma enorme elipse e impressiona pelo tamanho e complexidade de sua estrutura). Ampliado por Domiciano alguns anos depois, este local era utilizado como palco de exibição de sangrentos combates entre gladiadores e animais ferozes

Era capaz de receber até 100 mil espectadores, que ávidos por combates violentos compareciam aos milhares. As lutas eram patrocinadas pelos governantes, que desejavam aumentar sua popularidade e seu prestígio.

No início da Era Cristã [1º século], a Igreja nascente foi grandemente perseguida, conforme documentos e livros que narram acontecimentos dessa época. Mortes no Coliseu Romano, cristãos que não negavam a fé eram jogados publicamente aos leões, na arena, ou queimados em praças ou jardins públicos para 'iluminar a noite' para delírio de uma platéia insana.

## VI. Principais Mártires

Durantes este período, milhares de autênticos cristãos foram torturados, decapitados, entregue as feras em espetáculos públicos, mas, não negaram o seu Senhor e entre estes mártires, podemos destacar:

**Inácio (67-110 d.C.)** discípulo de João e bispo de Antioquia. O imperador Trajano, visitando essa cidade, mandou prendê-lo; ele mesmo presidiu ao julgamento e sentenciou que Inácio fosse lançado às feras em Roma.

De viagem para esta cidade, escreveu uma carta aos cristãos romanos, pedindo-lhes que não tentassem conseguir o seu perdão; ansiava ter a honra de morrer pelo seu Senhor, dizendo: "As feras atirem-se com avidez sobre mim. Se elas não se dispuserem a isto, eu as provocarei. Venham, multidões de feras; vinde, lacerai-me, estraçalhai-me, quebrai-me os ossos. Triturai-me os membros; venham, cruéis torturas do demônio; deixai-me apenas que eu me una a Cristo." Regozijou-se no martírio. (Inácio de Antioquia, morto pelos leões por se negar a adorar os deuses e muitos outros).

**Policarpo (69-156 d.C.)** discípulo do Apóstolo João e bispo de Esmirna. Na perseguição ordenada pelo imperador, foi preso e levado à presença do governador. Ofereceram-lhe a liberdade, se amaldiçoasse a Cristo, mas ele respondeu: "Oitenta e seis anos faz que sirvo a Cristo e Ele só me tem feito bem; como podia eu, agora, amaldiçoá-Lo, sendo Ele atem Senhor e Salvador?" Foi queimado vivo.

**Papias (70-155 d.C.)** outro discípulo do Apóstolo João e bispo de Hierápolis, uns 160 km a leste de Éfeso. Pode ter conhecido Filipe, que, segundo uma tradição, morreu em Hierápolis. Escreveu um livro: "Interpretações dos discursos do Senhor", onde diz que se empenho» em inquirir dos presbíteros as palavras exatas de Jesus. Sofreu martírio em Pérgamo mais ou menos ao tempo de Policarpo. Este, Inácio e Papias formam o elo entre a era apostólica e a posterior.

**Justino, o Mártir (100-167 d.C.)** nasceu em Neápolis, antiga Siquém, mais ou menos quando João morreu. Estudou filosofia. Quando moço, assistiu a muita perseguição movida aos cristãos. Converteu-se. Viajou vestido num manto de filósofo, procurando ganhar pessoas para Cristo. Escreveu uma defesa do cristianismo, que endereçou ao imperador.

Eis aqui como Justino, o Mártir, descreveu o culto primitivo dos cristãos: No domingo há uma reunião de todos que moram nas cidades e vilas, lê-se um trecho das memórias dos Apóstolos e dos escritos dos profetas, tanto quanto o tempo permita. Terminada a leitura, o presidente, num discurso, admoesta e exorta à obediência dessas nobres palavras. Depois disso, todos nos levantamos e fazemos uma oração comum. Finda a oração, como descrevemos antes, pão e vinho e ação de graças por eles de acordo com a sua capacidade, e a congregação responde, 'Amém.'

Depois os elementos consagrados são distribuídos a cada um e todos participam deles, e são levados pelos diáconos às casas dos ausentes. Os ricos e os de boa vontade contribuem conforme seu livre arbítrio; esta coleta é entregue ao presidente que, com ela, atende a órfãos, viúvas, prisioneiros, estrangeiros e todos quantos estão em necessidade.

Justino um dos homens mais competentes do seu tempo. Seus livros, que ainda existem, oferecem valiosas informações acerca da vida da igreja nos meados do segundo século. Seu martírio deu-se em Roma, no ano 166.

Evidentemente o paganismo em suas práticas aceitava as novas formas e objetos de adoração que iam surgindo, enquanto o Cristianismo rejeitava qualquer forma ou objeto de adoração. A adoração aos ídolos estava entrelaçada com todos os aspectos da vida.

As imagens eram encontradas em todos os lares, e até em cerimônias cívicas, para serem adoradas. Os cristãos, é claro, não participavam dessas formas de adoração. Por essa razão o povo considera os cristãos como "Anti-sociais e ateus que não tinham deuses". A adoração ao Imperador era considerada como prova de lealdade. Havia estátuas dos imperadores reinantes nos lugares mais visíveis para o povo adorar. Os cristãos recusavam-se a prestar tal adoração. As reuniões secretas dos cristãos despertaram suspeitas. De praticarem atos imorais e criminosos, durante a celebração da Santa Ceia, era vetada a entrada dos estranhos.

Reafirmamos que as perseguições produziram uma igreja pura, pois conservava afastados todos aqueles que não eram sinceros em sua confissão de fé. Ninguém se unia à igreja para obter lucros ou popularidade. Somente aqueles que estavam dispostos a ser fiéis até a morte, se tornavam publicamente seguidores de Cristo. A Igreja multiplicava-se. Apesar das perseguições ou talvez por causa delas, a igreja crescia com rapidez assombrosa. Ao findar-se o período de perseguição, a igreja era suficientemente numerosa para constituir a instituição mais poderosa do império. Estas perseguições duraram até o ano 313 AD, quando Constantino, o primeiro Imperador Romano, "cristão", fez cessar todos os propósitos de destruir a Igreja.

## Capítulo IV

### A Igreja Imperial e Apóstata

#### Desde o Edito de Constantino, 313 d.C até a Reforma em 1530 d.C

O adversário de Deus passa a usar uma nova tática: corromper a igreja através da união do paganismo com o cristianismo. No início do século IV, pararam as perseguições e Constantino decretou o cristianismo como religião oficial do Império Romano. Muitos, para agradar ao imperador, adotaram a nova religião. Regimentos inteiros de soldados eram batizados sem terem se arrependido e sem terem crido em Jesus, ou seja, não eram nascidos de novo. A mistura de pagãos com cristãos foi obscurecendo a consciência da igreja verdadeira. A corrupção instalou-se cada vez mais na igreja, tentando combinar o cristianismo com a filosofia pagã.

#### I. Cristianização do Império Romano

No ano 363 AD todos os governadores professaram o Cristianismo e antes de findar o quarto século o Cristianismo, foi virtualmente estabelecido como religião do Império. O cristianismo, perseguido sob Diocleciano (284-305), elevado à igualdade aos cultos pagãos no reino de Constantino (306-337) e proclamado religião oficial com Teodósio (394-395), dominaria em quase todas as suas realizações. Tertuliano (160-220 d.C) escreveu: "Nós somos de ontem e, todavia, enchemos o vosso império, vossas cidades, vilas, ilhas, tribos, campos, castelos, palácios, assembléias e o senado."

##### 1. Conversão de Constantino

Era o mês de outubro do ano 312. Um jovem general, a quem todas as tropas romanas da Bretanha e da Gália eram fiéis, marchava em direção a Roma para desafiar Maxêncio, outro postulante ao trono imperial. Segundo o relato da história, o general Constantino olhou para o céu e viu um sinal, uma cruz brilhante, na qual podia ler: "Com isto vencerás". O supersticioso soldado já estava começando a rejeitar as divindades romanas a favor de um único Deus. Seu pai adorava o supremo deus Sol. Seria um bom presságio daquele Deus na véspera da batalha?

Mais tarde, Cristo teria aparecido a Constantino em um sonho, segurando o mesmo sinal (uma cruz inclinada), lembrando as letras gregas chi (?) e rho (?), as duas primeiras letras da palavra Christos. O general foi instruído a colocar esse sinal nos escudos de seus soldados, o que fez prontamente, da forma exata como fora ordenado. Conforme prometido, Constantino venceu a batalha.

Esse foi um dos diversos momentos marcantes do século IV, um período de violentas mudanças. Se você tivesse saído de Roma no ano 305 d.C. para viver anos no deserto, quando voltasse certamente esperaria encontrar o cristianismo morto ou enfrentando as últimas ondas de perseguição. Em vez disso, o cristianismo se tornou a religião patrocinada pelo império. Depois de ter tomado o poder em 284, Diocleciano, um dos mais brilhantes imperadores romanos, começou uma enorme reorganização que afetaria as áreas militar, econômica e civil. Durante certo período de tempo, ele deixou o cristianismo em paz.

Uma das grandes idéias de Diocleciano foi a reestruturação do poder imperial. Dividiu o império em Oriente e Ocidente, e cada lado teria um imperador e um vice-imperador (ou César). Cada imperador serviria por vinte anos e, a seguir, os Césares assumiriam também por vinte anos e assim por diante. No ano 286, Diocleciano indicou Maximiano imperador do Ocidente, enquanto ele mesmo continuava a governar o Oriente. Os Césares eram Constancio Cloro (pai de Constantino) no Ocidente e Galério no Oriente.

Galério era radicalmente anticristão (há informações que ele atribuiu a perda de uma batalha a um soldado cristão que fez o sinal da cruz). É bem provável que o imperador do Oriente tenha assumido posições anticristãs por instigação de Galério. Tudo isso era parte da reorganização do império, de modo que a lógica era a seguinte: Roma tinha uma moeda única, um sistema político único e, portanto, deveria ter uma única religião; os cristãos, porém, estavam em seu caminho.

A partir do ano 298, os cristãos foram retirados do exército e do serviço civil. Em 303, a grande perseguição teve início. As autoridades planejaram impor severas sanções sobre os cristãos, que começariam a ser implantadas na Festa da Termidália, em 23 de fevereiro. As igrejas foram arrasadas, as Escrituras confiscadas, e as reuniões proibidas. No início, não houve derramamento de sangue, mas Galério logo se encarregou de mudar essa situação. Quando Diocleciano e Maximiano deixaram seus postos (de acordo com o planejado), em 305, Galério desencadeou uma perseguição ainda mais brutal. De modo geral, Constantino, que governava o Ocidente, era mais indulgente. Porém, as histórias de horror do Oriente eram abundantes. Até o ano 310, a perseguição tirou a vida de milhares cristãos.

Contudo, Galério foi incapaz de esmagar a igreja. Estranhamente, em seu leito de morte, ele mudou de idéia. Em outro grande momento, no dia 30 de abril de 311, o feroz imperador desistiu de lutar contra o cristianismo e promulgou o Édito de Tolerância. Sempre político, insistiu em que fizera tudo para o bem do império, mas que "grande número" de cristãos "persiste em sua determinação". Desse modo, agora era melhor permitir que eles se encontrassem livremente, contanto que não atentassem contra a ordem pública. Além disso, declarou: "Será tarefa deles orar ao seu Deus em benefício de nosso Estado". Roma precisava de toda a ajuda que pudesse obter. Galério morreu seis dias depois.

O grande plano de Diocleciano, no entanto, começava a ruir. Quando Constancio morreu, no ano 306, seu filho Constantino foi proclamado governador por seus soldados leais. Maximiano, porém, tentou sair do exílio e governar o Ocidente outra vez com o filho, Maxêncio (que terminou tirando o próprio pai do poder). Enquanto isso, Galério indicava um general de sua confiança, Licínio, para governar o Ocidente.

Cada um desses futuros imperadores reivindicava um pedaço do território ocidental. Eles teriam de lutar por ele. Constantino, de maneira astuta, forjou uma aliança com Licínio e lutou contra Maxêncio. Na batalha da Ponte Mílvia, Constantino saiu vitorioso.

Naquele momento, Constantino e Licínio montaram um delicado equilíbrio de poder. Constantino estava ansioso para agradecer a Cristo por sua vitória e, desse modo, optou por dar liberdade e status à igreja. No ano 313, ele e Licínio emitiram oficialmente o Edito de Milão, garantindo a liberdade religiosa dentro do império. "Nosso propósito", dizia o édito, "é garantir tanto aos cristãos quanto a todos os outros a plena autoridade de seguir qualquer culto que o homem desejar".

Constantino, imediatamente, assumiu o interesse imperial pela igreja: restaurou suas propriedades, deu-lhe dinheiro, interveio na controvérsia donatista e convocou os concílios eclesiásticos de Arles e de Nicéia. Ele também fazia manobras para obter poder sobre Licínio, a quem finalmente depôs, em 324.

Assim, a igreja passou de perseguida a privilegiada. Em um período de tempo surpreendentemente curto, suas perspectivas mudaram por completo. Depois de séculos como movimento contracultural, a igreja precisava aprender a lidar com o poder. Ela não fez todas as coisas de maneira correta. A própria presença dinâmica de Constantino modelou a igreja do século IV, modelo que ela adotou daí em diante. Ele era um mestre do poder e da política, e a igreja aprendeu a usar essas ferramentas.

A visão de Constantino foi autêntica ou ele foi apenas um oportunista, que usou o cristianismo para benefício próprio? Somente Deus conhece a alma. Embora tenha falhado na demonstração de sua fé em várias ocasiões, o imperador certamente assumiu um interesse ativo no cristianismo que professava, chegou até mesmo a correr risco pessoal em certos momentos. E certo que Deus usou Constantino para fazer com que as coisas acontecessem para a igreja. O imperador afirmou e assegurou a tolerância oficial à fé.

## **2. O edito de tolerância, 313**

Por este edito, Constantino concedeu "aos cristãos e a todos os outros plena liberdade de seguir a religião que a cada um aprofundasse", o primeiro deste gênero na História. E foi adiante: favoreceu de todos os modos os cristãos; deu-lhes os principais cargos; isentou ministros cristãos de impostos e do serviço militar; incentivou e ajudou a construção de igrejas; fez do cristianismo a religião de sua corte; expediu uma exortação geral, 325, a todos os súditos para que abraçassem o cristianismo; e porque a aristocracia romana persistisse em seguir suas religiões pagãs, mudou a capital para Bizâncio e denominou-a Constantinopla, "Nova Roma", capital do novo império cristão.

### 3. Os benefícios da cristianização do Império Romano

- a. As perseguições acabaram.
- b. Em muitos lugares os templos pagãos foram dedicados ao culto cristão.
- c. Constantino estabeleceu o Domingo como dia de descanso e adoração.
- d. Foi abolida a crucifixão como gênero de pena capital.
- e. O infanticídio foi reprimido.
- f. As lutas de gladiadores foram proibidas.
- g. Foi abolida a escravidão.
- h. Foi abolida os combates de gladiadores.
- i. O primeiro templo cristão foi construído em (222-35).
- j. Depois do edito de Constantino, muitos templos foram construídos.

### 4. A Fundação de Constantinopla

O Imperador Constantino compreendeu que a cidade de Roma estava intimamente ligada à adoração pagã, cheia de templos e estátuas pagãs. Ele desejava uma capital sob os auspícios da nova religião. Na nova capital, a igreja era honrada e considerada, não havia templos pagãos.

## II. A paganização da Igreja

Apesar de os triunfos do Cristianismo haverem proporcionado boas coisas ao povo, contudo a sua aliança com o Estado, inevitavelmente devia trazer, como de fato trouxe, maus resultados para a igreja.

Com a conversão do imperador Constantino em 312, a situação da igreja mudou drasticamente. Os cristãos saíram da posição de perseguidos e tornaram-se membros de uma religião respeitável que desfrutava apoio oficial. Contudo, à medida que grandes multidões começaram a entrar na igreja, ficou mais difícil distinguir entre os que tinham compromisso verdadeiro com Cristo e os que queriam apenas tomar parte da religião popular. A fé se transformou em uma coisa fácil e a sinceridade foi prejudicada.

### 1. Os prejuízos da cristianização do Império Romano

- a. As Igrejas eram mantidas e controladas pelo Estado.
- b. Os ministros eram privilegiados, mas eram controlados pelo Estado.
- c. Iniciaram-se as perseguições aos pagãos (não cristãos).

- d. Falsas conversões (muitos se convertiam para fugir da perseguição).
- e. Não havia nenhum critério (exigência) para se tornar cristão.
- f. Aceitavam o cristianismo para assim obterem influência social e política.
- g. Os cultos aumentaram em esplendor, porém eram menos espirituais.
- h. As festas pagãs tiveram seus lugares na Igreja, mas, com outros nomes.
- i. A adoração a Vênus/Diana foi substituída pela adoração a virgem Maria.
- j. Imagens dos mártires nos templos, como objeto de reverência e culto.

Evidentemente esta união foi à pior calamidade que já sobreveio à mesma Igreja. O desígnio de Cristo era vencer por meios puramente espirituais e morais. Até ao tempo de Constantino as conversões eram voluntárias, por uma genuína mudança do coração e da vida. Agora, porém, as conversões forçadas enchiam as igrejas de gente não regenerada. Entrou na Igreja o espírito militar da Roma Imperial, mudando-lhe a natureza e tornando-a uma organização política e fazendo-a precipitarem-se no milênio das abominações papais.

Como resultado deste promíscuo casamento da igreja com o estado, cristãos zelosos dessa época, com frequência, optavam por lutar contra o comprometimento de sua fé afastando-se do mundo. Antão (um eremita - um dos principais fundadores das comunidades monásticas) buscou fazer isso e foi viver em uma caverna. De acordo com Atanásio, seu biógrafo, durante doze anos Antão foi cercado por demônios que assumiam formas de vários animais estranhos e que, em alguns momentos, o atacavam, e, em determinada ocasião, quase o mataram. Eles estavam tentando trazer Antão de volta ao mundo dos prazeres sensuais, mas Antão sempre se levantava de maneira triunfante.

Para se afastar ainda mais do mundo, Antão se mudou para um forte abandonado, onde viveu vinte anos sem ver rosto humano. Sua comida lhe era jogada por cima do muro. As pessoas ouviam sobre sua impressionante autonegação e suas batalhas com os demônios. Alguns admiradores ergueram casas rudes próximas ao forte, e, de modo relutante, ele se tornou conselheiro espiritual delas, dando-lhes orientação sobre jejum, oração e obras de caridade. Antão certamente se tornou um modelo de autonegação.

### **III. Origem do Catolicismo Romano**

**A igreja católica, que conhecemos hoje, é o resultado de alterações feitas a partir da igreja primitiva.**

No ano 311, Constantino ascendeu ao posto de Imperador. Este apoiou o cristianismo e o transformou em religião oficial do Império Romano. Então a Igreja de Roma iniciou a sua longa história de sincretismo religioso com as doutrinas e práticas pagãs da religiosidade romana, bem como a sua aliança com o Estado romano. Constantino convocou em 325 d.C. o Concílio de Nicéia onde surgiu o catolicismo romano influenciado por doutrinas pagãs.

Foi exatamente a partir daí que teve início a Igreja Católica Apostólica Romana, a antiga igreja de Roma, agora "sob nova direção". Durante o período em que o catolicismo foi absorvido pelo império romano os assuntos religiosos sofreram ingerências dos imperadores romanos, tanto nas questões administrativas quanto teológicas.

### **O desenvolvimento do Poder da Igreja Romana**

Roma reclamava para si autoridade apostólica. A Igreja de Roma era a única que declara poder mencionar o nome de dois apóstolos como fundadores, isto é, Pedro e Paulo. A organização da Igreja de Roma e bem assim seus dirigentes defendiam fortemente estas afirmações. Além disso, Roma apresentava um Cristianismo prático. Nenhuma outra igreja a sobrepujava no cuidado para com os pobres, não somente com os seus membros, mas também entre os pagãos. Foi assim que em todo o ocidente o bispo de Roma, começou a ser considerado como autoridade principal de toda a igreja. Foi dessa forma que o Concílio Calcedônia, na Ásia Menor, no ano 451 d.C, Roma ocupou o primeiro lugar e Constantinopla o segundo lugar.

Para que entendamos melhor a origem da Igreja Católica Romana, convém fazermos algumas observações bastante úteis e esclarecedoras acerca da igreja.

Do ano 33 ao ano 54 da era cristã, os seguidores de Jesus eram chamados de "os seguidores do caminho". At 11.26.

Do ano 54 ao ano 170 da era cristã, os seguidores de Jesus passaram a ser chamados de "Cristãos". É a época em que a igreja não tinha divisão e possuía somente uma doutrina, a dos Apóstolos.

Do ano 170 ao ano 313 da era cristã, a Igreja não se envolvia com nenhum dos problemas comportamentais da sociedade da época caracterizados pela corrupção em todas as suas áreas, principalmente a política.

Do ano 313 em diante, podemos dizer que marca o início do Catolicismo Romano, pois o cristianismo passa a ser a religião oficial do Império, trazendo como consequência desastrosa, a entrada no seio da Igreja de muitas pessoas não convertidas e pagãs. Ao longo de sua história muitas doutrinas estranhas continuaram a penetrar no catolicismo romano. Fazendo que cada vez mais ela se distanciasse de sua origem.

| <b>Doutrina Católica</b>                                 | <b>Ano</b> |
|----------------------------------------------------------|------------|
| ⇒ Culto aos santos                                       | 370 d.C.   |
| ⇒ Oração pelos mortos e o sinal da cruz                  | 400 d.C.   |
| ⇒ Exaltação a Maria e a condição de "mãe de Deus"        | 431 d.C.   |
| ⇒ Começo do papado                                       | 500 d.C.   |
| ⇒ A doutrina do purgatório                               | 593 d.C.   |
| ⇒ Doutrina do purgatório                                 | 600 d.C.   |
| ⇒ A adoração da cruz, imagens e relíquias                | 786 d.C.   |
| ⇒ A canonização dos santos mortos                        | 995 d.C.   |
| ⇒ Veneração das relíquias                                | 1000 d.C.  |
| ⇒ Canonização dos santos                                 | 1000 d.C.  |
| ⇒ O celibato do sacerdócio                               | 1079 d.C.  |
| ⇒ Missa paga                                             | 1100 d.C.  |
| ⇒ Culto aos anjos                                        | 1100 d.C.  |
| ⇒ Santa Inquisição                                       | 1186 d.C.  |
| ⇒ Os sete sacramentos                                    | 1215 d.C.  |
| ⇒ A transubstanciação                                    | 1215 d.C.  |
| ⇒ A confissão auricular                                  | 1216 d.C.  |
| ⇒ Venda de indulgências                                  | 1515 d.C.  |
| ⇒ Adoração à hóstia                                      | 1220 d.C.  |
| ⇒ Proibição da leitura da Bíblia                         | 1229 d.C.  |
| ⇒ A Igreja Católica declara que somente nela há salvação | 1303 d.C.  |
| ⇒ Oração da Ave Maria                                    | 1317 d.C.  |
| ⇒ Inserção oficial dos livros apócrifos na Bíblia        | 1546/7d.C. |
| ⇒ Imaculada concepção de Maria                           | 1845 d.C.  |
| ⇒ Infallibilidade papal                                  | 1870 d.C.  |
| ⇒ Assunção de Maria                                      | 1950 d.C.  |

Portanto, a união entre a Igreja e o Estado e o cristianismo sendo a religião oficial do império fizeram com que as formas litúrgicas fossem substituídas por cultos mais elaborados cheio de pompa. Das pequenas e salas das casas dos irmãos onde se celebravam os estudos bíblicos e o culto ao Senhor, deram lugar aos grandes e ricamente ornamentados templos. Esses eram, geralmente, construídos nos suposto lugares de residência do mártir ou santo. Deu-se início a paganização da igreja e começou a ser introduzido muitas heresias e a doutrina apostólica sofreu profunda e radical mudança.

#### IV. A Origem do Papado

Nas reuniões da igreja do I ao V século os bispos eram iguais entre si isto é, todos tinham o mesmo peso na hora da votação nos concílios. No entanto, por volta do ano 440, Leão I, bispo da cidade de Roma, começou a reivindicar sua superioridade sobre os demais bispos da igreja. A justificativa repousa no texto de Mt 16.16-18. Alegava-se que o apóstolo Pedro foi bispo em Roma e recebeu a primogenitura eclesiástica de Cristo. Desta forma, seus sucessores do episcopado romano deveriam exercer o mesmo ministério da administração da igreja cristã. Depois da queda do império ocidental e o enfraquecimento de outras cidades aumentaram o poder dos bispos romanos.

O papado é outra instituição católica que se assenta sobre dois grandes equívocos: o primeiro é que o apóstolo Pedro nunca esteve em Roma, nunca foi papa, e se o foi, era um papa que não se conformava com o catolicismo, pois era casado (Marcos 1.30,31); era financeiramente pobre (Atos 3.6); foi um homem humilde (Atos 10.25,26) e foi um homem repreensível. Gálatas 2.1 1,14.

o segundo equívoco é que até o ano de 451 (até Leão I) não havia um bispo romano chefe do catolicismo. Podia ser até que eles fossem chefes das igrejas locais, o que em si seria um erro; porém, só 300 anos mais tarde é que ficaram conhecidos como chefes católicos no sentido em que os conhecemos hoje em dia e mais é admirável que Pedro, sendo o "Príncipe dos Apóstolos", conforme o catolicismo romano afirma, quem era o pastor da comunidade cristã em Jerusalém era Tiago. At 15. Sendo assim, é lançada por terra a pretensão do catolicismo romano de Ter o apóstolo Pedro como seu primeiro Bispo.

Infelizmente a história do papado está cheia de mortes, envenenamentos, parricídios, adultérios, incestos. Você realmente conhece a história dos Pontífices de Roma? Há séculos, o orgulho e a ambição guiavam os que se intitulavam "representantes de Deus na Terra", trazendo fome, desgraças, massacres e submetendo os seguidores de Cristo, o povo, às mais execráveis vontades de verdadeiros tiranos escondidos sob suas vestes eclesiásticas.

Naquela época, a ignorância e o fanatismo religioso obscureciam a sabedoria das nações, incapazes de julgar Política e Igreja, que impeliam às mais terríveis guerras em nome de Deus, mas cujo fim único era a sustentação de suas ambições e poder. Os Crimes dos Papas vem revelar ao público como os pactos sacrílegos entre os papas e os reis estão intimamente ligados às mais terríveis desgraças da Europa, durante os séculos dominados pela tirania e pelo fanatismo.

#### V. A Igreja Católica e seu passado comprometedor

Todas as nações orgulham-se de seus heróis e festejam seus benfeitores, mas o Estado do Vaticano evita mencionar seu passado ou reproduzir a biografia de muitos de seus papas, cujas vidas não harmonizaram com o que diziam representar. Pressionam para que esqueçamos o passado da Igreja e de muitos papas, mas com seus métodos, ações e intolerância revelam que "Roma será sempre a mesma".

Em 1215 o Papa Inocêncio III proclamou-se "Vigário de Cristo no Céu e no Inferno"; a seguir, proibiu a leitura da Bíblia, instituiu a Inquisição e mandou massacrar milhares de Cartaros (albigenses) Cristãos.

O Papa Nicolau V, ano 1447, autorizou o Rei de Portugal, guerrear povos africanos, tomar-lhes as propriedades e fazer escravos. Esse papa dizia: "Eu sou tudo em todos, minha vontade prevalecerá, Cristo mandou Pedro embainhar a espada, mas eu mando desembainhar".

1. Segunda Guerra Mundial é do conhecimento de todos que durante a guerra o Clero abençoava publicamente as tropas de Mussolini que partiam para massacrar a Abissínia na esperança de implantar naquele país a "Santa Madre Igreja católica" caso a Itália triunfasse. Após a Guerra encontramos o Estado do Vaticano fornecendo passaportes falsos, facilitando a fuga de criminosos de guerra como o caso do carrasco nazista Eichmann.



### **Campos de Concentração**

**Está escrito em "O Holocausto do Vaticano":**

"Os representantes da única Igreja verdadeira não apenas conheciam tais horrores, como alguns deles eram autoridades nesses mesmos campos e até haviam sido condecorados por Ante Pavelic. Como exemplo, temos o Pe. Zvonko Brekalo, do campo de concentração

de Jasenovac, que foi condecorado pelo próprio líder com a "Ordem do Rei Zvonimir". O Pe. Grge Blazeitch, assistente do comandante do campo de Bozanski-Novji; o irmão Tugomire Soldo, organizador do massacre dos Sérvios, em 1941. E outros mais". Nesse tempo, estava no comando da Igreja Católica o papa Pio XII (1876-1958), pontífice de 1939 a 1958.

Tais campos de concentração estavam sob a supervisão direta de Pavelic. Aos ustashis cumpria enviar para os campos as pessoas não confiáveis, que eram sumariamente liquidadas. Vejamos apenas uma pequena descrição dos horrores:

"Em março de 1943 os internos do campo de Djakovo foram propositadamente infectados com tifo, causando a morte de 567 pessoas; em 15.09.41, a mesma coisa aconteceu no campo de Jasenovac, chegando a 600/700 o número de mortos; no campo de Stara Gradiska, 1.000 mulheres foram mortas; dos 5.000 Sérvios Ortodoxos levados para o campo de Jasenovac, no final de agosto de 1942, 2.000 foram mortos a caminho, os restantes transferidos para Gradina, onde, em 28.08.41, foram mortos a marteladas; no campo de Krapje, em outubro de 1941, 4.000 pessoas foram assassinadas, enquanto no campo de Brodice, em novembro de 1941, 8.000 tiveram o mesmo destino; de dezembro de 1941 a fevereiro de 1942, em Velika Kosutanica e Jasenovac, mais de 40.000 Sérvios Ortodoxos trazidos dos vilarejos das fronteiras da Bósnia, foram exterminados, inclusive 2.000 crianças; em 1942, havia cerca de 24.000 crianças, somente no campo de Jasenovac, das quais 12.000 foram assassinadas a sangue frio.

Uma grande parte das restantes, tendo sido mais tarde liberada diante da pressão da Cruz Vermelha Internacional, pereceu aos montes, de intensa debilidade física. “Em destas crianças, acima de 12 meses, morreram após saírem do campo por causa de soda cáustica adicionada à alimentação; o Dr. Katicic, Presidente da Cruz Vermelha, por haver denunciado ao mundo o extermínio em massa das crianças, foi internado no campo de concentração de Stara Gradiska, por ordem de Pavelic; na primavera de 1942, no desejo de imitar os campos nazistas da Alemanha e da Polônia, pessoas foram cremadas ainda vivas, simplesmente empurrando-as para dentro dos fornos previamente aquecidos”.

## 2. Beatificação

Em 1998 o papa João Paulo II beatificou o Arcebispo de Zagreb, Cardeal Alojzije Stepinac, defensor da "limpeza étnica" implementada pelos católicos croatas nos anos 40, e prepara-se para fazer o mesmo em relação a Pio XII, o papa que pecou por omissão. Com a palavra Settimia Spizzichino, a única judia romana que sobreviveu a Auschwitz, depois de ser cobaia de Joseph Mengele:

"Voltei sozinha de Auschwitz [Cidade da Polônia, na província de Bielsko-Biala. Famosa por abrigar o maior campo de concentração nazista durante a segunda guerra mundial]. Perdi minha mãe, duas irmãs, uma sobrinha e um irmão. Pio XII poderia ter nos alertado para o que ia acontecer, poderíamos fugir de Roma e nos juntar aos guerrilheiros. Ele nos jogou nas mãos dos alemães. Tudo aconteceu debaixo de seu nariz. Quando dizem que o papa é como Jesus Cristo, sei que não é verdade. Ele não salvou uma única criança. Não fez absolutamente nada." (*O Estado de S. Paulo*, 26.03.2000).

“Decerto que o Papa pode beatificar e canonizar quem quiser, mas a beatificação de alguém com um passado no mínimo nebuloso como o Cardeal Stepinac [elevado a cardeal em 1953] é um insulto à memória de todos os que foram assassinados pela Ustasha e pelo nazismo”.

Com a derrocada de Hitler, caiu por terra o sonhado Estado Católico da Croácia. Em 11 de outubro de 1946, a Suprema Corte em Zagreb condenou o Arcebispo Stepinac a 16 anos prisão em trabalhos forçados. As principais acusações, conforme consta do processo, foram:

- (1) colaboração política com o inimigo e seus agentes;
- (2) convocação dos sacerdotes católicos para colaborar com os traidores, conforme circular distribuída em 28.04.1941;
- (3) como presidente da Ação Católica e do congresso dos bispos influenciou a imprensa católica, que fez propaganda do fascismo, elogiou Hitler e Pavelic, e deu cobertura a todo o processo. Stepinac saiu da prisão antes do tempo previsto.

Não iremos descer aos detalhes das conversões forçadas de ortodoxos, que, diante do poder da espada, temendo por sua vida e de seus familiares, submetiam-se aos humilhantes ritos de iniciação ao catolicismo; também não faremos referência às crianças órfãs, aos milhares, que foram expatriadas, raptadas e levadas para outros países; colocadas em orfanatos dirigidos por padres e freiras, rebatizadas com nomes católicos, crescendo sem o contato com seu grupo étnico e religioso original; não falaremos do modo sanguinário, feroz e cruel como muitos Sérvios foram torturados e mortos, enterrados vivos, sangrados, mutilados; das dezenas de templos ortodoxos que foram destruídos ou transformados em salas destinadas às atividades ligadas ao catolicismo. Avro Manhattan, em seu minucioso trabalho em *The Vatican's Holocaust*, registra à guisa de conclusão:

“Os massacres da Ustashi, todas as atrocidades cometidas por oficiais católicos, padres ou monges, faziam parte de um esquema friamente calculado para a total eliminação das massas ortodoxas, ativa e passivamente resistindo à sua absorção pela Igreja Católica no sentido de se tornarem ovelhas do seu rebanho. De fato, esta foi a política premeditada pela hierarquia católica, agindo em favor do seu verdadeiro e único inspirador – o Vaticano”.

### 3. A igreja no período medieval

(da queda de Roma em 476 AD até a queda de Constantinopla, 1453 d.C)

Encontramos a Igreja Católica, no ápice da idade média (séculos 13 a 15), com a maioria das práticas litúrgicas, incorporadas do paganismo, já institucionalizadas dentro da estrutura eclesiástica. O cenário está sendo preparado pelo Senhor da História para a Reforma do Século XVI. A religião foi transformada de uma devoção consciente a Deus, baseada no que conhecemos de Deus pelas Escrituras e exercitada pelas diretrizes da sua Palavra; no misticismo subjetivo, baseado em tradições humanas, exercitado em práticas obscuras.

A Igreja, que deveria aproximar as pessoas cada vez mais de Deus e de sua Palavra, na prática afasta os fiéis da religião verdadeira. Os rituais e a liturgia são realizados em uma língua desconhecida (Latim). Os seguidores são sujeitos a uma hierarquia estranha à Bíblia, na qual os administradores maiores se preocupavam mais com o jogo político do que com a situação espiritual dos fiéis. Aqueles que se dedicavam mais ao estudo da palavra, em vez de estarem próximos dos fiéis, conscientes de suas lutas, necessidades e pecados, isolam-se em mosteiros. Novas estruturas monásticas são formadas e multiplicam sua influência. Os poucos escritos refletem um misticismo que enaltece a trindade, mas, ao mesmo tempo, apresentam uma ênfase mística que os distanciam da realidade.

Outras cabeças pensantes da Igreja, em vez de procurar um retorno à teologia das Escrituras, embarcam num intelectualismo que pretende explicar de forma palatável à razão humana os mistérios de Deus – esses também distanciam a Igreja e sua hierarquia de sua missão e daqueles que a seguem em busca espiritual sincera ou por conveniência. Certamente, fica cada vez mais evidente que o caminho da reforma está sendo preparado por Deus. A Igreja está deteriorada em seu íntimo – os problemas aparecem. Porém o remanescente fiel ficará mais evidente e desabrochará no tempo apontado por Deus.

#### 4. A Santa Inquisição

No século XIII foi estabelecido o mais terrível de todos os estratagemas do papado - a inquisição. O príncipe das trevas trabalhava com os dirigentes da hierarquia papal. Em seus concílios secretos, Satanás e seus anjos dirigiam a mente de homens maus enquanto, invisível entre eles, estava um anjo de Deus, fazendo o tremendo relatório de seus iníquos decretos e escrevendo a história de ações por demais horrorosas para serem desvendadas ao olhar humano. Os corpos mutilados de milhões de mártires pediam vingança a Deus contra o poder apóstata.

##### Inquisição: Significado e Objetivo

Também chamada de Santo Ofício, INQUISIÇÃO era a designação dada a um tribunal eclesiástico, vigente na Idade Média e começos dos tempos modernos. Esse Tribunal, instituído pela Igreja Católica Romana, tinha por meta prioritária julgar e condenar os hereges.

A palavra "herege" significa aquele que escolhe, que professa doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja como sendo matéria de fé. Então, todos os que se rebelava contra a autoridade papal ou faziam qualquer espécie de crítica à Igreja de Roma eram considerados hereges. INQUISIÇÃO é o ato de INQUIRIR: indagar, investigar, pesquisar, perguntar, interrogar judicialmente. Os hereges seriam os "irmãos separados", os "crentes" "protestantes", os "evangélicos" de hoje. Em suma, a INQUISIÇÃO foi um tribunal eclesiástico criado com a finalidade de investigar e punir os crimes contra a fé católica. *Da Enciclopédia BARSÁ, vol 7, pags. 286-287 extraímos o seguinte:*

"Heresia, no sentido geral é uma atitude, crença ou doutrina, nascida de uma escolha pessoal, em oposição a um sistema comumente aceito e acatado. É uma opinião firmemente defendida contra uma doutrina estabelecida. A Igreja Católica, no seu Direito Canônico, estabelece uma distinção entre heresia, apostasia e cisma. Assim diz este documento: Depois de recebido o batismo, se alguém, conservando o nome de cristão, nega algumas das verdades que se devem crer com fé divina e católica ou dela duvida, é HEREGE. Se afasta totalmente da fé cristã, é APÓSTATA. Se recusa submeter-se ao Sumo Pontífice (o Papa) ou tratar com os membros da Igreja aos quais está sujeito, é CISMÁTICO" (Direito Canônico 1.325, parág. 2). Então, por esse raciocínio e decreto de Roma, os milhões de crentes no mundo são hereges e cismáticos porque negam muitas das "verdades" da fé católica, não se submetem ao Sumo Pontífice, e só reconhecem Jesus Cristo como autoridade máxima da Igreja.

#### 5. O Início das Perseguições

Embora a Inquisição tenha alcançado seu apogeu no século XIII, suas origens remontam ao século IV: o herege espanhol Prisciliano foi condenado à morte pelos bispos espanhóis no ano de 1385; no século X muitos casos de execuções de hereges, na fogueira ou por estrangulamento; em 1198 o Papa Inocêncio III liderou uma cruzada contra os "ALBIGENSES"

(hereges do sul da França), com execuções em massa; em 1229, no Concílio de Tolouse, foi oficialmente criada a Inquisição ou Tribunal do Santo Ofício, sob a liderança do Papa Gregório IX; em 1252, o Papa Inocêncio IV publicou o documento intitulado "AD EXSTIRPANDA", em que vociferou: "os hereges devem ser esmagados como serpentes venenosas". Este documento foi fundamental na execução do diabólico plano de exterminar os hereges. As autoridades civis, sob a ameaça de excomunhão no caso de recusa, eram ordenadas a queimar os hereges. O "AD EXSTIRPANDA" foi renovado ou reforçado por vários papas, nos anos seguintes: Alexandre IV (1254-1261); Clemente IV (1265-1268), Nicolau IV (1288-1292); Bonifácio VIII (1294-1303) e outros. Inocêncio IV autorizou o uso da tortura.

### Os Métodos de Tortura

No seu "Livro das Sentenças da Inquisição" (Liber Sententiarum Inquisitionis) o padre dominicano Bernardo Guy (Bernardus Guidonis, 1261-1331), "um dos mais completos teóricos da Inquisição", descreveu vários métodos para obter confissões dos acusados, inclusive o enfraquecimento das forças físicas do prisioneiro".

Usava-se, dentre outros, os seguintes processos de tortura: a manjedoura, para deslocar as juntas do corpo; arrancar unhas; ferro em brasa sob várias partes do corpo; rolar o corpo sobre lâminas afiadas; uso das "Botas Espanholas" para esmagar as pernas e os pés; a Virgem de Ferro: um pequeno compartimento em forma humana, aparelhado com facas, que, ao ser fechado, dilacerava o corpo da vítima; suspensão violenta do corpo, amarrado pelos pés, provocando deslocamento das juntas; chumbo derretido no ouvido e na boca; arrancar os olhos; açoites com crueldade; forçar os hereges a pular de abismos, para cima de paus pontiagudos; engolir pedaços do próprio corpo, excrementos e urina; a "roda do despedaçamento funcionou na Inglaterra, Holanda e Alemanha, e destinava-se a triturar os corpos dos hereges; o "balcão de estiramento" era usado para desmembrar o corpo das vítimas; o "esmaga cabeça" era a máquina usada para esmagar lentamente a cabeça do condenado, e outras formas de tortura.

Com a promessa de irem diretamente para o Céu, sem passagem pelo purgatório, muitos homens eram exortados pelos inquisidores para guerrearem contra os hereges. No ano de 1209, em Beziers (França), 60 mil foram martirizados; dois anos depois, em Lauvau (França), o governador foi enforcado, sua mulher apedrejada e 400 pessoas queimadas vivas. A carnificina se espalhou por outras cidades e milhares foram mortos. Conta-se que num só dia 100.000 hereges foram vitimados.

Depois de acusados, os hereges tinham pouca chance de sobrevivência. Geralmente as vítimas não conheciam seus acusadores, que podiam ser homens, mulheres e até crianças. O processo era sumário. Ou seja: rápido, sem formalidades, sem direito de defesa. Ao réu a única alternativa era confessar e retratar-se, renunciar sua fé e aceitar o domínio e a autoridade da Igreja Católica Romana. Os direitos de liberdade e de livre escolha não eram respeitados. A Igreja de Roma, sob o pretexto de que detinha as chaves dos céus e do inferno e poderes para livrar as almas do purgatório e perdoar pecados, pretendia ser UNIVERSAL, dominar as nações mediante pressão sob seus governantes e estabelecer seus domínios por todo o Planeta.

## Crueldade e Matança

A seguir, um relato sucinto do extermínio de hereges.

(a) A matança dos valdenses. Um dos primeiros grupos organizados a serem atormentados foram os valdenses. Valdenses eram chamados "os membros da seita, também chamada Pobres de Lião, fundada pelo mercador Pedro Valdo por volta de 1170, na França. Inspirada na pobreza evangélica, repudiava a riqueza da Igreja Católica".

O grupo organizado por Pedro Valdo, um rico comerciante, cria que todos os homens tinham o direito de possuir a Bíblia traduzida na sua própria língua. Acreditavam, também, que a Bíblia era a autoridade final para a fé e para a vida. Os valdenses se vestiam com simplicidade - contrapondo-se à luxúria dos sacerdotes católicos, ministravam a Ceia do Senhor e o Batismo, e ordenavam leigos para a pregação e ministração dos sacramentos. "O grupo tinha seu próprio clero, com bispos, sacerdotes e diáconos". Tal liberdade não era admitida pela Igreja Católica porque não havia submissão ao Papa e aos seus ensinamentos. Os valdenses possuíam a Bíblia traduzida na sua língua materna, o que facilitou a pregação da Palavra.

Outros grupos sucumbiram diante das ameaças e castigos impostos pelos romanistas. Os valdenses, todavia, resistiram. Na escuridão das cavernas, cada versículo era copiado, lido e ensinado. Na Bíblia encontraram a Luz - uma luz forte que inunda corpo, alma e espírito... Uma luz chamada Jesus. Os valdenses foram, certamente, os primeiros a se organizarem como igreja, formar seu próprio clero e enviar missionários para outras regiões na França e Itália. Tudo com muito sacrifício e sob implacável perseguição.

Essa liberdade de ação motivou os líderes romanos a adotarem medidas duras contra a "seita". Uma bula papal classificou os valdenses como hereges e, como tal, condenados à morte. A única acusação contra eles era a de que "tinham uma aparência de piedade e santidade que seduzia as ovelhas do verdadeiro aprisco".

Uma cruzada foi organizada contra esse povo santo. Como incentivo, a Igreja prometia perdão de todos os pecados aos que matassem um herege, "anulava todos os contratos feitos em favor deles (dos valdenses), proibia a toda a pessoa dar-lhe qualquer auxílio, e era permitido se apossar de suas propriedades por meio de violência". Não se sabe quantos valdenses morreram nas Cruzadas. Sabemos, portanto, que esses obstinados cristãos fincaram os alicerces da Reforma que viria séculos depois.

(b) O massacre de São Bartolomeu. Os católicos franceses apelidavam de "huguenotes" os protestantes. Uma designação depreciativa. Já fomos tratados de huguenotes, hereges, heréticos, protestantes, cristãos novos, irmãos separados, crentes, evangélicos, etc. Mas o Pai nos chama de filhos. O massacre de São Bartolomeu ou a Noite de São Bartolomeu ficou conhecido como "a mais horrível entre as ações diabólicas de todos os séculos".

Com a concordância do Papa Gregório XIII, o rei da França, Carlos IX, eliminou em poucos dias milhares de huguenotes. A matança iniciou-se na noite de 24.08.1572, em Paris, e se estendeu a todas as cidades onde se encontravam protestantes.

No Livro "O GRANDE CONFLITO", consta que foram martirizados cerca de setenta mil nesse massacre. "Quando a notícia do massacre chegou a Roma, a alegria do clero não teve limites". O cardeal de Lorena recompensou o mensageiro com mil coroas; o canhão de Santo Ângelo reboou em alegre salva; os sinos dobraram em todos os campanários; e o Papa Gregório XIII, acompanhado dos cardeais e outros dignitários eclesiásticos, foram, em longa procissão, à igreja de S.Luís, onde o cardeal de Lorena cantou o Te Deum. Um sacerdote falou "daquele dia tão cheio de felicidade e regozijo, em que o santíssimo padre recebeu a notícia e foi em aparato solene dar graças a Deus e a S.Luís".

Para comemorar e perpetuar na memória dos povos esse horrendo massacre, por ordem do Papa Gregório XIII foi cunhada uma moeda, onde se via a figura de um anjo com a espada numa mão e, na outra, uma cruz, diante de um grupo de horrorizados huguenotes. Nessa moeda comemorativa lia-se a seguinte inscrição: "UGONOTTORUM STANGES, 1572" ("*A MATANÇA DOS HUGUENOTES, 1572*").

Em seu livro "OS PIORES ASSASSINOS E HEREGES DA HISTÓRIA", o historiador e pesquisador cearense Jeovah Mendes, à pág. 238, assim registra a fatídica Noite de S.Bartolomeu: "Papa Gregório XIII (Ugo Buoncompagni) (1502-1585) - Em irreprimível ritmo acelerado recrudesceu o ódio contra os protestantes em rumo de um trágico desfecho".

O cardeal de Lorena, com a aprovação e bênção pontifícia de Gregório XIII, engendrou o mais horrível banho de sangue por motivos religiosos em toda a História da França ou de qualquer nação do mundo. Consumou-se o projeto assassino aos 24 de agosto de 1572, a inqualificável NOITE DE S.BARTOLOMEU, sendo nesse macabro festival de sangue, morto o impetérrio Coligny, mártir do Evangelho e honra de sua Pátria. Como troféu da bárbara carnificina, a cabeça de Coligny fora remetida ao "sumo pontífice" Gregório XIII (*Maurício Lachatre, História dos Papas, vol. IV, pg. 68*).

(c) O Massacre dos Albigenses. Albigenses eram os nascidos na cidade de Albi, sul da França. Em 1198, por iniciativa do Papa Inocêncio III, foram instituídos "Os Inquisidores da Fé contra os Albigenses". Esses franceses foram considerados "hereges" porque seus ensinamentos doutrinários não se alinhavam com os da Igreja de Roma. O extermínio começou no ano de 1209 e se estendeu por 20 anos, quando milhares de albigenses pereceram. Fala-se em mais de 20.000 mortos, entre homens, mulheres e crianças.

(d) O Massacre da Espanha. Tomás de Torquemada (1420-1498), espanhol, padre dominicano, nomeado para cargo de grande-inquisidor pelo Papa Sisto IV, dirigiu as operações do Tribunal do Santo Ofício durante 14 anos.

"Celebrizou-se por seu fanatismo religioso e crueldade". De mãos dadas com os reis católicos, promoveu a expulsão dos judeus da Espanha por édito real de 31.03.1492, tendo estes o prazo reduzido de quatro meses para se retirarem do país sem levar dinheiro, ouro ou prata. É acusado de haver condenado à fogueira 10.220 pessoas, e cerca de 100.000 foram encarceradas, banidas ou perderam haveres e fazendas. Tudo em nome da fé católica e da honra de Jesus Cristo.

(e) O Massacre dos Anabatistas. Grupo religioso iniciado na Inglaterra no século XVI, que defendia o batismo somente de pessoa adulta. Por autorização do Papa Pio V (1566-1572), cem mil foram exterminados.

(f) O Massacre em Portugal. Diante dos insistentes pedidos de D. João III, o Papa Paulo III introduziu, por bula de 1536, o Tribunal do Santo Ofício em Portugal. As perseguições foram de tal ordem que o comércio e a indústria na Espanha e em Portugal ficaram praticamente paralisados. "As execuções públicas eram conhecidas como autos-de-fé. No começo, funcionaram tribunais da Inquisição nas diversas dioceses de Portugal, mas no século XVI ficaram apenas os de Lisboa, Coimbra e Évora".

Depois, somente o da capital do reino, presidido pelo inquisidor-geral. Até 1732, em Portugal, o número de sentenciados atingiu 23.068, dos quais 1.554 condenados à morte. Na torre do Tombo, em Lisboa, estão registrados mais de 36.000 processos". Daí porque os 4.500 processos constantes dos arquivos de terror do Vaticano - Os Arquivos do Santo Ofício - recentemente liberados aos pesquisadores, não contam toda a história da desumana Inquisição.

(g) A Inquisição no Brasil. O padre Antônio Vieira (1608-1697), pregador missionário e diplomata, defensor dos indígenas, considerado a maior figura intelectual luso-brasileira do séc. 17 foi condenado por heresia pelo Santo Ofício, e mantido em prisão por cerca de dois anos. O brasileiro Antônio José da Silva, poeta e comediólogo, foi um dos supliciados em autos-de-fé.

A Inquisição se instalou no Brasil em três ocasiões: Em 09.06.1591, na Bahia, por três anos; em Pernambuco, de 1593 a 1595; e novamente na Bahia, em 1618. Há notícia de que no século XVIII Inquisição atuou no Brasil. Segundo o jornal "Mensagem da Paz", número 1334, de maio/1998, "cento e trinta e nove pessoas foram queimadas vivas, no Brasil, entre os anos de 1721 e 1777".

Todos os que confessavam não crer nos dogmas católicos eram sentenciados. De acordo com os dados históricos, quase todos os cristãos-novos presos no Brasil pela Inquisição, durante o século 18, eram brasileiros natos e pertenciam a todas as camadas sociais.

Praticamente a metade dos prisioneiros brasileiros cristãos-novos no século 18 era mulheres. Na Paraíba, Guiomar Nunes foi condenada à morte na fogueira em um processo julgado em Lisboa.

A Inquisição interferiu profundamente na vida colonial brasileira durante mais de dois séculos. Um dos exemplos dessa interferência era a perseguição aos descendentes de judeus. Os que estavam nessa condição podiam ser punidos com a morte, confisco dos bens e na melhor das hipóteses ficavam impedidos de assumir cargos públicos.

É impossível descrever tudo o que ocorreu durante este período patrocinado pela igreja católica. A Santa Inquisição, na sua longa e tenebrosa jornada, levou aos mais horroresos suplícios, inclusive às fogueiras, algumas centenas de milhares de pobres desgraçados; a Igreja Católica Romana, pelos seus papas, bispos e padres, é a responsável pelo sacrifício de cerca de 10 milhões de vidas.

A história dos massacres e perseguições perde-se no tempo. Quase impossível para os historiadores é levantar o número exato ou aproximado de vítimas da Inquisição. Que mais é preciso dizer?

## **6. O Renascimento (Renascença)**

O Renascimento (ou Renascença) foi um movimento que constituiu a transição do mundo medieval para o mundo moderno. Começou no século XIV na Itália como resultado de um interesse renovado na cultura clássica ou humanística da Grécia e Roma. Estudiosos do Renascimento estudaram antigos manuscritos recuperados de um mundo que era decididamente mais secular e individualístico do que religioso e unido. Os artistas do período enfatizaram a beleza da natureza e do homem. A religião no Renascimento tornou-se menos importante conforme os homens voltaram sua atenção ao prazer do aqui e agora. O Renascimento afetou os papas do período. Muitos dos “Papas do Renascimento”, como Júlio II (1441-1513), eram humanistas mais interessados na cultura clássica e arte do que em assuntos espirituais. Alguns, como Alexandre VI (1431-1503), viveram vidas notoriamente malvadas e escandalosas. Leão X (1475-1521), o filho de Lorenzo de’Medici e papa quando Martinho Lutero afixou as 95 Teses, uma vez disse que Deus lhe deu o papado, então ele ia “aproveitar”.

O Renascimento contribuiu para a Reforma de outras maneiras mais positivas. A invenção da prensa de impressão móvel por Johann Gutenberg, em aproximadamente 1456, forneceu um meio para a divulgação de idéias. Estudiosos do Renascimento ao norte dos Alpes dividiram muitos dos mesmos interesses – uma paixão pelas fontes antigas, uma ênfase no ser humano como indivíduo e uma fé nas capacidades racionais da mente humana. No entanto, esses “cristãos humanistas do norte” estavam menos interessados no passado clássico do que no passado cristão. Eles aplicaram as técnicas e os métodos do humanismo do Renascimento no estudo das Escrituras nas suas línguas originais, assim como o estudo dos “pais da igreja” como Augustinho. Sua preocupação principal com os seres humanos era pelas suas almas. Sua ênfase era étnica e religiosa em vez de estética e secular.

O resultado desta ênfase era um interesse num retorno às Escrituras e a restauração do cristianismo primitivo. Os humanistas bíblicos apontaram os maus na igreja da sua época e pediram uma reforma interna. O Caminho para uma profunda reforma estava sendo desenhado.

## Capítulo V

### A Igreja Reformada

#### Este período vai do século XV até os dias Atuais

Antes da Reforma Protestante, havia poucos exemplares da Bíblia, e isso também foi um entrave a que os cristãos pudessem ter pleno conhecimento dos ensinamentos do Novo Testamento. A maioria dos fiéis sobreviveu, pode-se dizer, conforme a Palavra do Senhor, guiados pelo Espírito Santo, de tal forma que Jesus nunca ficou sem testemunhas.

#### I. Precusores da Reforma

Logo no início do século XII, surgiram vários movimentos de oposição contra a atitude e o estado da igreja, por parte de homens que conheciam o grande mal nela existente, e que abandonara o seu culto e a comunhão. Não deve ser esquecido que geralmente as conversões eram em massas o que produzia um cristianismo nominal. Assim que sempre houve dentro da Igreja pessoas que desejavam purificar esta de qualquer anormalidade ou caminhos que fugiam do padrão cristão, mesmo que alguns movimentos beiravam ou eram heresias.

Havia um descontentamento geral com a corrupção da Igreja e do clero. O povo inquietava-se com as crueldades da Inquisição. As autoridades civis ficaram cansadas com a ingerência do papa nos negócios do governo. A Europa Ocidental irritava-se com o sistema eclesiástico que mantinha escravizada; "ao soar da trombeta de Lutero, a Alemanha, a Inglaterra, a Escócia e outros países ergueram-se de súbito, como gigantes que despertassem do sono." Conheça os principais precusores da reforma":

João Wicliffe, o primeiro precursor da Reforma, era professor de Oxford. Conhecendo a Palavra de Deus e desejando salvar o seu país da tirania papal, ele escreveu tratados em defesa da verdadeira fé e também traduziu quase toda a Bíblia para a língua inglesa, tendo por base a Vulgata. Para essa gigantesca obra, ele reuniu as palavras-chave dos duzentos dialetos falados em sua pátria, tornando-se, dessa forma, um dos formadores da língua inglesa. Ao morrer, em 1384, sua grande obra foi continuada por João Purvey e concluída em 1388. As cópias dessa Bíblia foram objeto de grandes queimas públicas nos anos de 1410 e 1413, mas pelo menos 170 delas ainda existem até hoje.

Jerônimo de Praga, nobre piedoso, ao visitar a Inglaterra e conhecer a verdade mediante os luminosos e instrutivos escritos de Wicliffe, levou alguns para a Bavária. A fim de extirpar o mal pela raiz daquilo que chamavam de heresia, os líderes religiosos reuniram-se em magna assembléia em Praga, a 16 de julho de 1410, e promoveram enorme fogueira em que foram queimadas mais de duzentas preciosas obras de Wicliffe. Enquanto esses insubstituíveis tesouros eram consumidos pelas chamas, os sinos da Sé tocavam e o povo cantava um "Te Deus laudamos" (Ó Deus, te louvamos!).

Embora muitos não percebessem, o que acontecia em Praga era o prelúdio de uma grande perseguição contra os verdadeiros cristãos daqueles dias, perseguição que levaria ao martírio um dos maiores heróis da fé do passado.

João Huss (1369-1415), o segundo dos precursores da Reforma, parece ter tido um verdadeiro arrependimento em sua juventude. Mais tarde, ao ler os escritos de Wicliffe, percebeu melhor as riquezas da vida espiritual e tornou-se pregador muito popular. Multidões se reuniam para ouvir dos lábios dele o evangelho pregado na língua materna. Dirigia-se ao povo como um pai aos seus filhos, e com muito carinho e bondade assistia aos aflitos e necessitados.

Huss tornou-se professor catedrático da Universidade de Praga e Capelão da Corte, e tinha entre seus ouvintes a bondosa rainha Sofia, que muitas vezes ia à igreja a fim de ouvir o famoso pregador, o “professor João”, de Husinecz. Apesar de ser grande a sua influência, tanto em virtude de suas poderosas mensagens bíblicas quanto pela sua maneira piedosa de viver, o anátema do papa e do bispo caiu sobre Huss, de sorte que em Praga ninguém podia ser por ele batizado, casado ou sepultado dentro da religião católica.

Em 1414 teve início em Constança um concílio geral a que compareceram os mais altos dignitários eclesiásticos da Europa. A conselho do imperador Segismundo, e munido de um salvo-conduto por este assinado, Huss dirigiu-se ao concílio. A sua intenção era avistar-se com o papa e expor perante ele o seu caso, mostrando que nem ele nem a sua pátria eram hereges. A sua prontidão em apresentar-se perante tão magna assembléia era prova da sua sinceridade. Ele achava que os fatos que desejava apresentar, por serem tão puros, mostrariam a todos que tudo o que havia falado e escrito era para a salvação dos pecadores.

Mas Huss se enganara. Ao chegar a Constança em novembro de 1414, prometeram-lhe uma audiência com o papa, mas em vez de cumprirem a palavra, o encerraram numa cela escura e malcheirosa de um mosteiro dominicano. Mais tarde foi transferido para uma das torres do palácio do arcebispo de Gottleben, onde muitas vezes foi algemado de pés e mãos. A comida era miserável, o que mais fazia piorar a saúde. Os seus inimigos tudo faziam para o atormentar, mas “o menor padre de Cristo”, como ele chamava a si mesmo, suportou tudo pacientemente, orando pelos que o maltratavam.

Dois dias depois do último interrogatório, Huss escreveu o seu testamento espiritual aos crentes da Bavária, um precioso texto que revela como esse precioso homem teve forças para cuidar dos crentes da sua pátria. No final da carta ele pede: “Orai a Deus pela sua graça, pelo rei da Bavária, por vossa Senhora, a rainha, a fim de que o bondoso Deus na sua misericórdia habite convosco tanto agora como no gozo eterno.”

Na reunião de 6 de julho de 1415, o concílio condenou Huss à morte por crime de heresia e de muitas outras coisas. Despiram-lhe as vestes sacerdotais, que lhe haviam vestido para a ocasião. Deram-lhe também um cálice, o que logo lhe foi tirado com a expressão: “Maldito Judas que abandonaste o caminho da paz. Tiramos-te agora o cálice da redenção.” A horrível cena terminou com todos os presentes exclamando em coro: “Agora entregamos tua alma ao diabo!”, ao que Huss respondeu: “Porém eu a encomendo nas tuas mãos, Jesus Cristo, porque a remiste.” Em seguida colocaram-lhe sobre a cabeça uma mitra alta, de papel, com três terríveis desenhos de demônios, e com a inscrição “Heresiarca”. Assim vestido, o mártir da Bavária, há até bem pouco tempo Tchecoslováquia, foi conduzido, sob forte escolta, ao lugar do martírio.

Ao aproximar-se da fogueira viu uma mulher apanhando alguns pequenos ramos secos e juntando-os à lenha, e exclamou: “Santa simplicidade”. Ligado com uma cadeia de ferro enferrujado ao pescoço, deram-lhe a última oportunidade de salvar a vida mediante a negação de tudo o que havia ensinado e escrito, mas ele, olhando para o céu, respondeu: “Deus é minha testemunha de que nunca tenho ensinado ou pregado o que falsamente me tem sido atribuído por falsas testemunhas. Com a minha pregação, meu ensino e meus escritos, tenho desejado apenas uma coisa – a conversão dos homens. Nesta verdade do evangelho, que tenho ensinado e pregado, quero alegremente morrer.”

Assim vencidos pela inabalável firmeza de Huss, seus algozes atearam fogo à lenha. Enquanto as chamas cresciam, Huss cantava em voz alta: “Cristo, Filho do Deus vivo, tem misericórdia de nós”. Depois, não podendo mais cantar por causa do furor das labaredas, passou a orar até render o espírito. Os inimigos da verdade queimaram na mesma fogueira as roupas de Huss, e lançaram no rio as suas cinzas. Mas o clarão daquela fogueira jamais se apagou!

Jerônimo de Praga continuou a gloriosa obra de Huss e também pereceu na fogueira, na mesma cidade de Constança, no ano de 1416. Cumpriu corajosamente sua missão. Antes de expirar, assim se expressou em relação aos seus carrascos: “Senhor, Pai Todo-poderoso, tem piedade de mim e perdoa meus pecados; pois sabes que sempre amei tua verdade”. Sua voz cessou, mas os lábios continuaram a mover-se em oração. Tendo o fogo efetuado a sua obra, as cinzas do mártir, como a erra sobre a qual repousavam, foram reunidas, como as de Huss, e lançadas no Reno. Assim pereceram os fiéis servos de Deus. Mas a luz das verdades que haviam proclamado, a um tão elevado preço, jamais haveria de se extinguir.

Digna de citação aqui é a sociedade na Holanda, em 1340, com o nome de Irmãos de Vida Comum. Do seio dessa sociedade saiu, por volta do ano de 1470, a famosa obra Imitação de Cristo, que alcançou oitenta edições antes da Reforma. Os Irmãos de Vida Comum possuíam, no Norte da Alemanha e na Holanda, seminários freqüentados por 1.200 estudantes. Esses destemidos irmãos, através de uma obra maravilhosa, educaram e prepararam os povos do Norte da Europa para que mais tarde recebessem com alegria os pregadores e os princípios da Reforma, o que de fato aconteceu.

Savonarola. 1452-1498. Em Florença, Itália. Pregava, como um dos profetas hebreus, a vastas multidões que enchiam sua catedral, contra a sensualidade e o pecado da cidade, e contra os vícios do papa- A cidade penitenciou-se e se reformou. Mas o Papa Alexandre VI procurou de todos os modos, silenciar o virtuoso pregador; tentou até suborná-lo com o chapéu cardinalício; mas em vão. Foi enforcado e queimado na grande praça de Florença, 19 anos antes das 95 Teses de Lutero.

Queremos fazer uma citação honrosa aos Albigenses, ou Cátaros. No Sul da França, Norte da Espanha e da Itália. Pregavam contra as imoralidades do clero, contra as peregrinações, o culto dos santos e imagens; rejeitavam, completamente, o clero e suas pretensões; criticavam as condições da Igreja; opunham-se às pretensões da Igreja de Roma; faziam largo uso das Escrituras; viviam abnegadamente e eram muito zelosos da pureza moral. Em 1208, o Papa Inocêncio III ordenou uma cruzada; seguiu-se uma guerra sangrenta; dificilmente, houve outra igual na História; cidade após cidade foi passada ao fio da espada; massacraram o povo, sem poupar idade nem sexo; em 1229, foi estabelecida a Inquisição e dentro de cem anos os albigenses foram, completamente, desarraigados.

## II. A Reforma Protestante

“A distância entre a realidade da Igreja e os princípios bíblicos que descobrira revoltava Lutero a tal ponto que resolvera protestar publicamente contra os rumos que Roma vinha imprimindo à fé cristã”. Em 31 de outubro de 1517, a Igreja do Castelo amanheceu com as 95 teses pregadas à sua porta. Era costume, na época, afixar opiniões para debate em locais públicos para que os interessados tomassem conhecimento do assunto. Certamente, nada do que já fora publicado poderia causar maior polêmica que os escritos de Lutero. Suas teses foram rapidamente divulgadas por toda a Alemanha e caíram como uma bomba em Roma. Nelas, Lutero afirmava a nulidade das indulgências para perdoar pecados e livrar almas da condenação, contestava o poder da Igreja como mediadora entre os fiéis e Deus e assegurava que todo fiel arrependido era remido de seus pecados através da fé em Cristo. Era o início da reforma protestante, o movimento que iria causar a maior cisão da história do cristianismo.

Movido pelo amor e pelo empenho em prol do esclarecimento da verdade, discutir-se-á em Wittemberg, sob a presidência do Rev. Padre Martinho Lutero o que se segue. Aqueles que não puderem estar presentes para tratarem o assunto verbalmente conosco, poderão fazê-lo por escrito. Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

1ª TESE: Dizendo nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo: Arrependei-vos, certamente quer que toda a vida dos seus crentes na terra seja contínuo e ininterrupto arrependimento.

2ª TESE: E esta expressão não pode e não deve ser interpretada como referindo-se ao sacramento de penitência, isto é, à confissão e satisfação, a cargo dos sacerdotes.

3ª TESE: Todavia, não quer que apenas se entenda o arrependimento interno; o arrependimento interno nem mesmo é arrependimento quando não produz toda sorte de mortificação da carne.

4ª TESE: Assim sendo, o arrependimento e o pesar, isto é, a verdadeira penitência, perdura enquanto o homem se desagradar de si mesmo, a saber, até à entrada para a vida eterna.

5ª TESE: O papa não quer e não pode dispensar de outras penas além das que impôs ao seu alvitre ou em acordo com os cânones, que são estatutos papais.

6ª TESE: O papa não pode perdoar dívida se não declarar e confirmar aquilo que já foi perdoado por Deus, ou então o faz nos casos que lhe foram reservados. Nestes casos, se desprezados, a dívida em absoluto deixaria de ser anulada ou perdoada.

7ª TESE: Deus a ninguém perdoa a dívida sem que ao mesmo tempo o subordine, em sincera humildade, ao ministro seu substituto.

8ª TESE: Cânones Poenitenciales, que são as ordenanças de prescrição de maneira em que se deve confessar e expiar, são impostos aos vivos e, de acordo com as mesmas ordenanças, não dizem respeito aos moribundos.

9ª TESE: Eis por que o Espírito Santo nos faz bem mediante o papa, excluindo este de todos os seus decretos ou direitos o artigo da morte e da necessidade suprema.

10ª TESE: Procedem desajuizadamente e mal os sacerdotes que reservam e impõem aos moribundos, penitências canônicas ou para o purgatório afim de ali serem cumpridas.

11ª TESE: Este joio, de que é o transformar a penitência e satisfação, previstas pelos cânones ou estatutos, em penitência ou apenas do purgatório, foi semeado enquanto os bispos dormiam.

12ª TESE: Outrora canônica poenae, ou seja, penitência e satisfação por pecados cometidos, eram impostos, não depois, mas antes da absolvição, com a finalidade de provar a sinceridade do arrependimento e do pesar.

13ª TESE: Os moribundos, tudo satisfazem com a sua morte e estão mortos para o direito canônico, sendo portanto, dispensados com justiça de sua imposição.

14ª TESE: Piedade ou amor imperfeitos da parte daquele que se acha às portas da morte, necessariamente resultam em grande temor: logo, quanto menos o amor, tanto maior o temor.

15ª TESE: Este temor e espanto em si tão só, sem nos referimos a outras coisas, basta para causar o tormento.

16ª TESE: Céu, purgatório e inferno diferem entre si, ao que parece, como o desespero, ou quase desespero e a segurança completa.

17ª TESE: É necessário que se aumente o amor e se diminua o horror para as almas do purgatório.

18ª TESE: Nem a razão, nem as escrituras asseguram que elas estão fora do alcance do amor.

19ª TESE: Nem está provado, tão pouco, que elas tenham certeza da salvação, embora nós outros saibamos disso.

20ª TESE: Portanto, quando o papa se refere à “completa remissão das penas”, não se refere a “todas”, mas apenas às por ele impostas.

21ª TESE: Enganam-se, portanto, os pregadores de indulgências quando afirmam que por meio das indulgências alguém pode ficar livre de todas as penas e salvo.

22ª TESE: De fato, o papa não dispensa as almas do purgatório de nenhuma das penas que deviam ter expiado e pago ainda na presente vida, segundo os cânones da Igreja.

23ª TESE: Verdade é que, se houver qualquer perdão plenário das penas, este apenas será dado aos mais perfeitos, que são bem poucos.

24ª TESE: Logo, a maioria do povo é enganada por esta indiscriminada e altissonante promessa de liberação de penas.

25ª TESE: O poder que o papa tem sobre o purgatório, em geral, é igual ao que qualquer bispo ou cura possui em sua diocese ou paróquia.

26ª TESE: O papa faz muito bem em não conceder o perdão às almas em virtude do poder das chaves (coisa que não possui), mas pela ajuda ou em forma de intercessão.

27ª TESE: Eles pregam que no momento exato em que a moeda soa caindo no fundo do cofre, a alma se vai do purgatório.

28ª TESE: O que sucede quando a moeda soa no fundo do cofre é que aumentam a ganância e a avareza, mas o resultado da intercessão da Igreja acha-se inteiramente no poder de Deus.

29ª TESE: Quem sabe todas as almas do purgatório querem sair dali, como nas lendas de São Severino e São Pascoal?

30ª TESE: Ninguém está certo de que sua própria contrição seja sincera; nem de que tenha obtido plena remissão de seus pecados.

31ª TESE: Tão raro como o homem que é verdadeiramente penitente é aquele que compra indulgências.

32ª TESE: Estarão eternamente condenados juntamente com seus mestres, aqueles que se crêem salvos mediante breves de indulgências.

33ª TESE: Os homens devem guardar-se daqueles que dizem que o perdão do papa é um dom inapreciável de Deus.

34ª TESE: Porque essas indulgências só se relacionam com as penas sacramentais impostas pelos homens.

35ª TESE: Não pregam doutrina cristã esses que ensinam que não é necessário a arrependimento quando se compra a saída de almas do purgatório ou se adquire confessionalia (direito de eleger seu próprio confessor.)

36ª TESE: Todo o cristão verdadeiramente arrependido tem direito à plena remissão da pena e da culpa, mesmo sem breves de indulgência.

37ª TESE: Todo o cristão verdadeiro, vivo ou morto, é participante de todos os bens de Cristo e da Igreja, que lhe são concedidos por Deus, mesmo sem breves de indulgência.

38ª TESE: Entretanto, não se deve desprezar o perdão e a distribuição deste pelo Papa. Pois, conforme declarei, o seu perdão consiste numa declaração do perdão divino.

39ª TESE: É difícilimo, mesmo para os mais doutos teólogos, recomendar ao povo ao mesmo tempo a abundância de indulgência e a necessidade de uma verdadeira contrição e arrependimento.

40ª TESE: O verdadeiro arrependimento e pesar buscam e amam o castigo; mas a profusão da indulgência livra das penas e faz com que se as aborreça.

41ª TESE: Os perdões papais devem ser pregados cautelosamente para que o homem simples não venha a julgar erradamente ser preferível a indulgência às obras de amor e caridade.

42ª TESE: Deve-se ensinar ao povo que o papa não deseja que se estabeleça grau de igualdade entre as indulgências e as obras de caridade.

43ª TESE: Deve-se ensinar aos cristãos que quem dá aos pobres ou ajuda aos necessitados produz obra melhor que comprando indulgências.

44ª TESE: É que as obras de caridade aumentam o amor do próximo. O que não sucede com as indulgências, que apenas livram da penalidade.

45ª TESE: Deve-se ensinar aos cristãos que aquele que, em vez de ajudar os necessitados, compra indulgências, não está adquirindo indulgência do papa e sim, a indulgência de Deus.

46ª TESE: Deve-se ensinar aos cristãos que, a não ser que tenham demais para o necessário a si e aos seus, não devem esbanjar dinheiro com indulgências.

47ª TESE: Deve-se ensinar aos cristãos que a compra de indulgências é questão de livre arbítrio e não uma operação obrigatória.

48ª TESE: Deve-se ensinar aos cristãos que o papa, ao conceder indulgência, necessita e deseja mais as nossas orações que o dinheiro que elas lhe produzem.

49ª TESE: Deve-se ensinar aos cristãos que as indulgências do papa são muito boas enquanto não se confiar nelas; mas, muito prejudiciais quando, em consequência delas, se perde o temor de Deus.

50ª TESE: Deve-se ensinar aos cristãos que, se o papa tivesse conhecimento da traficância dos apregoadores de indulgências, preferiria ver a Basílica de São Pedro reduzida a cinzas do que edificada com a pele, a carne e os ossos de suas ovelhas.

51ª TESE: Deve-se ensinar aos cristãos que o papa, por um dever, preferiria distribuir o seu dinheiro aos que são despojados pelos apregoadores de indulgências, vendendo, se necessário, a própria Basílica de São Pedro.

52ª TESE: Esperar ser salvo mediante breves de indulgências é vaidade e mentira, coisa que nem o comissário de indulgências, nem o papa poderiam assegurar, nem dando as próprias vidas como garantia.

53ª TESE: São inimigos de Cristo e do Papa quantos proíbem a Palavra de Deus nas Igrejas por causa da predica das indulgências.

54ª TESE: Comete-se a injustiça à Palavra de Deus quando, no mesmo sermão se consagra tanto ou mais tempo à indulgência do que à pregação da Palavra de Deus.

55ª TESE: A intenção do papa não pode ser outra do que celebrar a indulgência, que é a coisa menor, com um toque de sino, uma pompa, na cerimônia, enquanto o Evangelho, que é o essencial, importa ser anunciado mediante cem toques de sino, centenas de pompas e solenidades.

56ª TESE: Os tesouros da Igreja, dos quais o papa tira e distribui as indulgências, não são bastante mencionados e nem suficientemente conhecidos à Igreja de Cristo.

57ª TESE: É evidente que são bens temporais, porquanto muitos pregadores não os distribuem com facilidade, antes os ajuntam.

58ª TESE: Tampouco são os méritos de Cristo e dos Santos, porque estes atuam sem necessidade do papa.

59ª TESE: São Lourenço disse que os tesouros da Igreja eram os pobres da Igreja, mas falava com palavras de sua época.

60ª TESE: Com boa razão afirmamos que esses tesouros são as chaves da Igreja, que lhe foram dadas pelo merecimento de Cristo.

61ª TESE: É evidente que, para o perdão das penas e a absolvição em determinados casos, o poder do papa por si só basta.

62ª TESE: E o verdadeiro tesouro da Igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da Graça de Deus.

63ª TESE: Este tesouro, porém, é muito desprezado e odiado, porque faz que os primeiros sejam os últimos.

64ª TESE: Enquanto isso o tesouro das indulgências é notoriamente o mais apreciado, porque faz que os últimos sejam os primeiros.

65ª TESE: Por essa razão os tesouros evangélicos foram outrora as redes com que se apanhavam os ricos e abastados.

66ª TESE: O tesouro das indulgências, porém, são as redes com que hoje se apanham as riquezas dos homens.

67ª TESE: As indulgências, apregoadas pelos seus vendedores como a mais sublime graça, decerto assim são consideradas porque lhe fazem grandes proventos.

68ª TESE: Nem por isso semelhante indulgência é a mais ínfima graça, comparada com a graça de Deus e a piedade da cruz.

69ª TESE: Os bispos e os sacerdotes são obrigados a receber os comissários das indulgências apostólicas com toda reverência.

70ª TESE: Entretanto tem muito maior dever de conservar abertos os olhos e ouvidos, para que estes comissários em vez de cumprirem as ordens recebidas do papa, não lhes apregoem seus próprios sonhos.

71ª TESE: Quem levanta a sua voz contra a verdade das indulgências papais é excomungado e maldito.

72ª TESE: Aquele, porém, que se insurgir contra as palavras insolentes e arrogantes dos apregoadores de indulgências, seja abençoado.

73ª TESE: Da mesma maneira em que o papa usa de justiça ao fulminar com a excomunhão aos que em prejuízo de comércio de indulgências procedem astuciosamente.

74ª TESE: Muito mais desejará atingir com o desfavor e a excomunhão àquele que, sob pretexto de indulgências, prejudicam a santa caridade e a verdade, pela sua maneira de agir.

75ª TESE: Pensar que os perdões papais são tão grandes que podem absolver a um homem que haja cometido um pecado impossível e violado a mãe de Deus, é uma loucura.

76ª TESE: Bem ao contrário, afirmamos que a indulgência do papa nem mesmo pode anular o menos pecado venial no que diz respeito à culpa que representa.

77ª TESE: Afirmar que nem mesmo São Pedro, se no momento fosse papa, poderia dispensar maior indulgência, constitui insulto contra São Pedro e o papa.

78ª TESE: Disséssemos, ao contrário, que o atual papa e todos os que o sucederem, é detentor de muito maior indulgência, isto é, do Evangelho, dom de curar, etc., de acordo com o que diz I Co. 12:6-9.

79ª TESE: Alegar ter a cruz de indulgências, erguida e adornada com as armas do papa, tanto valor como a própria cruz de Cristo, é blasfêmia.

80ª TESE: Os bispos, padres e teólogos que consentem em semelhante linguagem diante do povo, terão de prestar contas desta atitude.

81ª TESE: Semelhante pregação, a enaltecer atrevida e insolentemente a indulgência, torna difícil até homens doutos defenderem a honra e dignidade do papa contra a calúnia e as perguntas mordazes e astutas dos leigos.

82ª TESE: Haja visto exemplo como este: Porque o papa não livra duma só vez todas as almas do purgatório, movido pela santíssima caridade e considerando a mais premente necessidade das mesmas, havendo santa razão para tanto, quando, em troca de vil dinheiro para a construção da basílica de São Pedro, livra inúmeras delas, logo por motivo bastante infundado?

83ª TESE: Outrossim: Porque continuam as exéquias e missas de ano em sufrágio das almas dos defuntos e não se devolve o dinheiro recebido para esse fim ou não se permite que os doadores busquem de novo os benefícios ou prendas oferecidas em favor dos mortos, quando já não é justo continuar a rezar pelos que se acham remidos?

84ª TESE: E: Que nova santidade de Deus e do papa é esta a consentir a um ímpio e inimigo resgate uma alma piedosa e agradável a Deus do seu tormento por amor espontâneo e sem paga?

85ª TESE: E: Porque os cânones de penitência, isto é, os preceitos de penitência, que faz muitos caducarem e morrerem de fato, pelo desuso, tornam a remir, mediante dinheiro, pela concessão de indulgência, como se continuasse em vigor e bem vivos?

86ª TESE: E: Porque o papa, cuja fortuna é maior do que a de qualquer Credo, não prefere construir a Basílica de São Pedro de seu próprio bolso, em vez de o fazer como dinheiro de cristãos pobres?

87ª TESE: Que perdoa ou concede o papa pela sua indulgência àqueles que pelo seu arrependimento completo tem direito ao perdão ou indulgência plenária?

88ª TESE: Afinal: Que benefício maior poderia receber a Igreja se o papa, que atualmente o faz uma vez ao dia, cem vezes ao dia concedesse aos fiéis este perdão a título gratuito?

89ª TESE: Visto o papa visar mais a salvação das almas mediante a indulgência do que o dinheiro, por que razão revoga os breves de indulgência outrora por ele concedidos, quando tem eles sempre as mesmas virtudes?

90ª TESE: Desfazer estes argumentos muitos sutis dos leigos; recorrendo apenas à força e não por razões sólidas apresentadas, significa expor a Igreja e o papa ao escárnio dos inimigos e desgraçar os cristãos.

91ª TESE: Se, portanto, a indulgência fosse apregoada no espírito do papa, estas objeções poderiam ser facilmente respondidas e nem mesmo teriam surgido.

92ª TESE: Fora, pois, com todos estes pregadores que dizem à Igreja de Cristo: Paz! Paz! Sem que haja Paz!

93ª TESE: Abençoados, porém, sejam os pregadores que dizem à Igreja de Cristo: Cruz! Cruz! Cruz! Cruz! Sem que haja cruz!

94ª TESE: Admoestem-se os cristãos que se empenhem em seguir seu Cabeça, Cristo, através da cruz, da morte e do inferno.

95ª TESE: E desta maneira mais esperam entrar no Reino dos Céus por muitas aflições do que confiando em promessas de paz infundadas.

O motivo da luta religiosa que culminou na cisão da igreja foi a construção da Basílica de São Pedro, em Roma. Leão X, que sucedeu ao papa Júlio II em 1513, lançou-se a esse empreendimento, iniciado na época da viagem de Lutero a Roma. O novo pontífice, muito amigo das artes, não teve escrúpulo em valer-se de um tráfico vergonhoso para angariar o dinheiro necessário à construção e enriquecimento do edifício que, segundo a tradição, guardava os ossos dos santos apóstolos Pedro e Paulo.

Desde o século VI, as punições eclesiásticas eram resgatadas por meio de esmolas e legados cedidos por motivos pios. Na época das Cruzadas, a indulgência plenária era concedida a todos que tomassem a cruz e partissem para a Terra Santa. Mas foram os papas da época de Lutero, Júlio II e Leão X, que com mais afinco recorreram às indulgências a fim de obter dinheiro e por esse expediente recolheram na Alemanha somas fabulosas.

Este era o princípio sobre o qual se assentavam as indulgências: a igreja alegava possuir um tesouro de méritos proveniente das boas obras de Cristo e dos santos, e o papa, como chefe da igreja e representante de Cristo, podia dispor dessas riquezas. A responsabilidade era confiada ao vendedor de indulgências, e este sem dúvida exigia do penitente o arrependimento e a mortificação interior. O dinheiro, a princípio, apenas livrava o penitente dos castigos infligidos pelo confessor. Pouco a pouco, no entanto, o arrependimento foi esquecido. O vendedor de indulgências, nos seus reclames e pregações, passou a insistir cada vez mais na necessidade da contribuição com dinheiro.

O perdão absoluto dos pecados era concedido aos que traziam as ofertas, com a condição de se haverem confessado e experimentado contrição. Quanto às almas do purgatório, não se exigia tanto: "No momento em que o dinheiro entra na caixa, a alma sai do purgatório", garantiam os pregadores. Havia taxa estabelecida para cada crime: seis ducados por adultério, oito por assassinato, cinco por perjúrio. Qualquer que se opusesse à venda de indulgências era ameaçado de excomunhão.

Já em 1516, Lutero protestara do púlpito contra as cartas de indulgência, insistindo na necessidade de arrependimento. No ano seguinte, atacou as indulgências concedidas aos possuidores de relíquias, sem medo de desgostar Frederico, o Sábio, que possuía um grande número delas. Então, na noite de 31 de outubro de 1517, Lutero afixou à porta da igreja do castelo 95 teses contra as indulgências. Não atacava a igreja nem o papa. Ao contrário, imaginava defender o papa contra os vendedores de indulgências. Insistia no arrependimento e na contrição, que deviam produzir a vida pura e o horror ao pecado.

O efeito foi imenso. As almas que suspiravam por livrar-se da igreja aplaudiam com entusiasmo: "Eis o tempo de as trevas serem expelidas e de nos tornarem a dar a pura doutrina da igreja", escreveu um monge. Outro escreveu, dirigindo-se a Lutero: "Chegou aquele que esperávamos. Prossegui corajosamente. Deus é convosco e todos os que gemem no cativeiro da Babilônia vos acompanham com as suas orações".

A venda das indulgências não foi a causa, mas a primeira ocasião para a Reforma. De modo algum Lutero pensava em reformar a igreja. Nesse ponto, a Reforma mostrou muito bem o que era: obra de Deus. Chegara o momento da libertação da igreja. Deus havia escolhido um homem e, sem que este suspeitasse, o prepara e armara para a luta. Todos os germes da Reforma achavam-se encerrados nas teses de Lutero. Pela primeira vez, a doutrina evangélica da remissão gratuita dos pecados foi proclamada publicamente. O erro estava fadado a desaparecer diante de tão poderosa verdade.

Martinho Lutero, 1483-1546, depois de Jesus e Paulo, o maior homem de todos os tempos. Levou o mundo a romper com a instituição mais despótica da História, em busca da liberdade. "Fundador da civilização protestante." Nasceu de pais pobres em Eisleben, 1483. Entrou na Universidade de Erfurt, 1501, para estudar Direito. "Ótimo estudante, muito desembaraçado na conversação e em debates, muito sociável e amante da música", colou grau dentro de tempo excepcionalmente curto. Em 1505, resolveu de repente entrar para o convento. Monge exemplar e muito religioso, submeteu-se a todas as formas de jejuns e disciplinas, e inventou outras.

**A Contra-Reforma:** Logo após haver-se iniciado o movimento da Reforma, um poderoso esforço foi também iniciado pela igreja católica romana no sentido de recuperar o terreno perdido, para destruir a fé protestante e para enviar missões a países estrangeiros. Esse movimento foi chamado Contra-Reforma. Tentou-se fazer a reforma dentro da própria igreja por via do Concílio de Trento, convocado no ano de 1545 pelo papa Paulo III, principalmente com o objetivo de investigar os motivos e pôr fim aos abusos que deram causa à Reforma. O Concílio era composto de todos os bispos e abades da igreja, e durou quase vinte anos, durante os governos de quatro papas, de 1545 a 1563.

Todos esperavam que a separação entre católicos e protestantes tivesse fim, e que a igreja ficaria outra vez unida. Contudo, tal coisa não sucedeu. Fizeram-se, porém, muitas reformas na igreja católica e as doutrinas foram definitivamente estabelecidas. Os próprios protestantes admitem que depois do Concílio de Trento os papas se conduziram com mais acerto do que os que governaram antes do Concílio. O resultado dessa reunião pode ser considerado como uma reforma conservadora dentro da igreja católica romana.

De ainda maior influência na Contra-Reforma foi a Ordem dos Jesuítas, fundada em 1534 pelo espanhol Inácio de Loyola. Era uma ordem monástica caracterizada pela combinação da mais severa disciplina, intensa lealdade à igreja e à Ordem, profunda devoção religiosa, e um marcado esforço para arrebanhar prosélitos. Seu principal objetivo era combater o movimento protestante, tanto com métodos conhecidos como com formas secretas. Tornou-se tão poderosa a Ordem dos Jesuítas, que teve contra ela a oposição mais severa, até mesmo nos países católicos; foi suprimida em quase todos os países da Europa, e por decreto do papa Clemente XIV, no ano de 1773, a Ordem dos Jesuítas foi proibida de funcionar dentro da igreja. Apesar desse fato, ela continuou a funcionar, secretamente durante algum tempo, mais tarde abertamente, e foi reconhecida pelo papa em 1814. Hoje é uma das forças mais ativas para divulgar e fortalecer a igreja católica romana em todo o mundo.

A perseguição ativa foi outra arma poderosa usada para impedir o crescente espírito da Reforma. O número de mártires das perseguições dos papas excedeu de muito os primitivos mártires cristãos sob a Roma pagã: centenas de milhares entre albigenses, valdenses, protestantes da Alemanha, Países Baixos, Boêmia e outros países. Com efeito, "a grande meretriz embriagou-se com o sangue dos santos." É comum ouvir desculpar os papas a este respeito, dizendo que foi "o espírito da época", e que os "protestantes também perseguiram."

Quanto ao "espírito da época", que época foi essa? E quem a fez assim? Os papas. Aquele era o mundo deles. Durante mais de 1000 anos, exercitaram o mundo na sujeição a eles. Se os papas não houvessem arrebatado a Bíblia ao povo, este teria melhores esclarecimentos e aquela época já NÃO teria tal "espírito". Aquilo NÃO era o espírito de Jesus, e os "vigários de Cristo" deviam sabê-lo muito bem. A perseguição é espírito do DIABO, ainda quando efetuada em nome de Cristo.

Embora os reformadores, uma ou outra vez, mostrassem algum indício da intolerância de Roma, ensinavam que o cristianismo mesmo devia ser propagado, pura e exclusivamente, por meios intelectuais, morais e espirituais. A idéia de Roma era: Conversão pela FORÇA, pelo braço secular, pela GUERRA. Nos países protestantes, as perseguições cessaram por volta de 1700.

## Capítulo VI

### O Período dos Grandes Avivamentos

Movimento de tradição cristã do século XVIII a segunda metade do XIX que considerava as manifestações espirituais que refletiam nas emoções humanas como fator natural dentro cristianismo. No entanto; não se desprezava a natureza intelectual e racional do homem. As raízes modernas desse movimento podem ser traçadas das reações do puritanismo e pietismo que resistiram à indiferença dos pregadores totalmente racionais.

Os sinais de um novo derramar do Espírito Santo de Deus sobre os homens brotaram quase simultaneamente tanto na Europa quanto no Novo Mundo. O efeito logo se fazia sentir: Vidas transformadas; igrejas lotadas; sociedade restaurada. O profeta Joel 2.23, fala em chuva temporã e em chuva serôdia. A temporã foi a que caiu no Pentecostes, trazendo batismo com o Espírito, línguas estranhas, sinais, prodígios e a pregação do dia do Senhor, Atos 2.16-21. Em nossos dias, Deus está derramando a chuva serôdia, Tg 5:7, a última chuva do Espírito Santo sobre a vida da igreja para que haja colheita abundante. O Senhor espera frutos. Veja o que Deus tem feito nos últimos séculos, reavivando sua Igreja.

Avivamento nos Estados Unidos. Começou em 1734. Havia uma consciência da necessidade de alcançar os não-crentes e fortalecer os já convertidos. Jonathan Edwards (1703-1758), com sua simplicidade de vida e muita oração, exerceu grande impacto sobre as pessoas. George Whitefield (1714-1770) foi outro grande avivalista desse período. O resultado do trabalho desses homens foi milhares de conversões e o nascimento de muitas igrejas. Na Nova Inglaterra (EUA), numa população de 300 mil pessoas, houve entre 30 e 40 mil conversões. Houve fortalecimento moral nos lares, fundação de cursos teológicos e de obras sociais.

#### **Avivamento na Europa. Iniciou-se após a metade do século XVII.**

Em 1670, na Alemanha, o pastor Philip Spener organizou reuniões para estudo bíblico e oração nas casas. Surgiram obras sociais e um novo vigor espiritual veio sobre a igreja luterana. Fundaram-se campos missionários. O avivamento dos Morávios iniciou-se em 1727. Começaram a buscar ao Senhor em oração e, de repente, houve um derramar do Espírito sobre a igreja. Havia choro, quebrantamento e manifestações até entre crianças. Os morávios iniciaram um ministério de oração contínua que durou mais de 100 anos.

#### **Grandes homens foram instrumentos de Deus para liderar grandes avivamentos:**

Jonathan Edwards (1703-1758) É considerado o teólogo do reavivamento. Pastor congregacional, estudou em Yale, presidiu o College of New Jersey - que mais tarde tornou-se a Universidade de Princeton. Foi um ardoroso defensor do avivamento e das emoções dentro da vida cristã. No entanto, ensinava que se deve separar a verdadeira experiência cristã da falsa. No seu trabalho "Tratado Concernente aos Afetos Religiosos" nesse Jonathan aborda a questão de maneira coerente, recomendando para que não se extinguisse o Espírito nem caíssem no engano da carne e desejos de Satanás. Ele cria nos fenômenos advindos dos avivamentos. Contra a frieza e falta de emoção nas pregações.

George Whifield (1714-1770) Foi o evangelista mais conhecido do século XVIII. Estudou na famosa Oxford onde em 1720 é co-fundador com os Wesley do "Clube Santo". Sendo ordenado ministro anglicano, pregou tanto na Inglaterra, País de Gales quanto na América, Nas campanhas evangelísticas atraíam mais de 8 mil pessoas e suas pregações comoviam até Jonathan. Foram trinta e três anos de ministério, vindo a falecer em curso de uma série de pregações.

João Wesley (1703-1791) O século XVIII produziu muitos reavivalistas, mas João Wesley foi à figura principal dentre seus contemporâneos. Pois reunia a habilidade da pregação com a da organização. Sua experiência religiosa veio em 1738 em uma reunião moraviana em Londres: "senti meu coração aquecido de modo estranho". A partir desse momento, tomou-se um incansável e ardoroso pregador. Ele caminhou mais de 400 mil km e pregou 40 mil sermões. Defendia uma segunda benção aos cristãos maduros.

Charles G. Finney (1792-1875) Sistematizou a doutrina do avivamento. Teve uma conversão tardia, em 1821, que o tornou avivado até o último dia da sua vida. Presidiu a faculdade de Oberlin, em Ohio. Ensinava da necessidade da busca do reavivamento como 2ª etapa da vida cristã; a exemplo de João Wesley, dando o nome de "inteira santificação", perfeição cristã, batismo do Espírito Santo, etc. Ele tinha esperança que o reavivamento varresse os Estados Unidos da América, trazendo progresso e reformas sociais: DEMOCRACIA, ABOLIÇÃO DOS ESCRAVOS. VIDA SIMPLES SEM LUXO.

Charles H. Spurgeon (1834-1892) foi professor de crianças na EBD e viu muitos pais se converterem com o testemunho dos filhos. Spurgeon foi poderoso na pregação. Sinais e prodígios eram comuns em suas reuniões. Esse avivamento iniciou-se na Inglaterra e alcançou outros países.

Dwight L. Moody (1837-1899) viveu nos Estados Unidos da América. Calcula-se que cerca de 500 mil pessoas entregaram-se a Cristo por seu intermédio. Dedicou-se à EBD. Começou com 12 crianças e, em poucos anos, esse número chegou a 12 mil.

### **O Avivamento em nosso Século**

Nos Estados Unidos. As primeiras manifestações pentecostais no período moderno deram-se em 1900, nos Estados Unidos. A Rua Azuza, 312, em Los Angeles, E.U.A., era um dos mais famosos endereços da história pentecostal moderna. Ali houve grande despertamento espiritual. Surgiram alguns missionários impelidos pelo despertamento espiritual do começo do século. Entre eles estavam: Daniel Berg e Gunnar Vingren, fundadores da obra pentecostal no Brasil em 1910, que deu origem à Assembléia de Deus.

Avivamento espiritual no Brasil. Durante a década de 60, várias igrejas batistas, congregacionais, metodistas e presbiterianas experimentaram um reavivamento espiritual. Como consequência desse movimento surgiu novas denominações sob a bandeira da renovação espiritual. O Brasil vem sendo apontado por inúmeros líderes conceituados em todo o mundo, como um país onde Deus tem promovido um grande "avivamento espiritual". No entanto, olhando esse "avivamento" mais de perto, precisamos levantar alguns questionamentos: O que significa ser evangélico para essas pessoas? Por que cresce o número de evangélicos "não praticantes"? Por que o número de desviado está aumentando assustadoramente? Por que suas práticas têm sido tão rejeitadas pelos cristãos históricos?

## Capítulo VII

### Os Grandes Perigos que Ameaçam a Igreja Contemporânea

O Pastor Ricardo G. Rodrigues nos faz “refletir” no seu depoimento: Na Inglaterra, entrei em um salão de snooker sentindo náuseas. A vertigem que invadiu meu corpo foi diferente de tudo que já sentira antes. As mesas verdes espalhadas pelo largo espaço lembravam-me um necrotério. Eu explico o porquê. Aquele salão havia sido a nave de uma igreja, que definhou através dos anos, até ser vendido. O pastor que me levou nessa insólita visita relatou que na Inglaterra há um grande número de igrejas que morreram lentamente. Devido aos altos custos de manutenção, só restava ao remanescente negociá-las. Os maiores compradores, segundo ele, são os muçulmanos, donos de lojas de antiguidades e, infelizmente, de bares e boates. Vendo o púlpito talhado em pedra com inscrições de textos bíblicos — “Pregamos a Cristo crucificado”; “O sangue Cristo nos purifica de todo pecado” —, voltei no tempo e lembrei-me de que aquela igreja, fundada durante o avivamento wesleyano, já fora um espaço de muita vitalidade espiritual. As placas de granito e mármore, ainda fixadas nas paredes, mostravam que naquele altar — então balcão do bar — pregaram pastores e missionários ilustres. Imaginei aquele grande espaço, hoje cheio de homens vazios, lotado de pessoas ansiosas por participarem do mover de Deus que varria toda a Inglaterra. Perguntei a mim mesmo: “o que levou essa congregação a morrer de forma tão patética?”.

O apóstolo Paulo depois de tratar da apostasia final e do aparecimento do homem da iniquidade, retratando com cores vivas a perseguição brutal que assolará a igreja no tempo do fim, ainda precisa alertar a igreja sobre o fato de que ela está sob ataque externo (II Tm 3.2,3) e interno. II Tm 3.6,11. Quais os perigos que ameaçam a igreja contemporânea? Alguns já se mostram de forma exuberante:

#### I. Religião Show

Quando Charles Spurgeon nos advertiu a respeito daqueles que “gostaria de unir igreja e palco, baralho e oração, danças e ordenanças”, foi menosprezado como um alarmista. Mas a profecia de Spurgeon se cumpriu diante de nossos olhos. Algumas igrejas modernas são construídas assemelhando-se a teatros (“casas de divertimento”, Spurgeon as chamou). Em lugar do púlpito, o enfoque está no palco. As igrejas estão contratando, em regime de tempo integral, especialistas em mídia, consultores de programação, diretores de cena, professores de teatro, peritos em efeitos especiais e coreógrafos. Tudo isso não passa da extensão natural de uma filosofia norteadas por marketing seguida pelas igrejas.

No final do século XIX... A “Era da Exposição” começou a passar, e os primeiros sinais de sua substituição começaram a ser percebidos. Em seu lugar surgiu a “Era do Show Business”. Enquanto Charles Spurgeon batalhava na Controvérsia do Declínio, uma tendência mundial começava a emergir, a qual estabeleceria o curso dos afazeres humanos em todo o século XX. Era o surgimento do entretenimento como o centro da vida familiar e cultural.

Essa mesma tendência viu o declínio do que Neil Postman chamou de “A Era da Exposição”, cuja característica era uma ponderada troca de ideias, de forma escrita e verbal (pregação, debates, preleções). Isso contribuiu para o surgimento da 'Era do Show Business' – na qual a diversão e o entretenimento se tornaram os aspectos mais importantes e que mais consumiriam o tempo de conversa das pessoas. Dramatização, filmes e, finalmente, a televisão colocou o “Show Business” no centro de muitas vidas – em última análise, bem no centro da sala de estar.

No “Show Business”, a verdade é irrelevante; o que realmente importa é se estamos sendo ou não entretidos. Atribui-se pouco valor ao conteúdo; o estilo é tudo. Infelizmente, hoje essa forma de pensar norteia tanto a igreja quanto o mundo.

Em 1955, A. W. Tozer escreveu as seguintes palavras: Durante séculos a igreja manteve-se firme contra toda forma de entretenimento mundano, reconhecendo-o como um dispositivo para se perder tempo, um refúgio contra a perturbadora voz da consciência, um plano para se desviar a atenção de contas quanto à moral. Por manter sua posição, ela sofreu abusos por parte dos filhos deste mundo. Ultimamente, entretanto, ela se cansou de ser abusada e simplesmente desistiu da luta. Parece ter firmado a posição de que, se não pode vencer o deus do entretenimento, o melhor que pode fazer é unir suas forças às dele e aproveitar o máximo de seus poderes. Por isso, contemplamos hoje o assombroso espetáculo de milhões de dólares sendo vertidos no negócio nada santo de prover entretenimento mundano aos chamados filhos dos céus. O entretenimento religioso está, em muitos lugares, rapidamente desalojando as sérias coisas de Deus.

Muitas igrejas, em nossos dias, se tornaram nada mais que pobres teatros onde “produtores” de quinta categoria mascateiam suas mercadorias de baixo valor com plena aprovação dos seus líderes evangélicos, que chegam a citar textos bíblicos para justificar tal delinquência. E é difícil acharmos alguém que ouse levantar a sua voz contra isso.

De acordo com os padrões da atualidade, as questões que tanto inflamaram as paixões de Tozer parecem insignificantes. Por exemplo, igrejas estavam atraindo pessoas para seus cultos de Domingo à noite através da apresentação de filmes cristãos. Encontros de jovens eram realizados tendo como atração a música contemporânea e palestrantes cuja especialidade era o humor. Jogos e atividades onde se gasta muita energia passaram a desempenhar um papel chave no trabalho com os jovens das igrejas. Olhando para trás, parece difícil entendermos a angústia de Tozer. Raramente alguém hoje fica chocado ou preocupado com quaisquer métodos que pareciam radicalmente inovadores nos anos cinquenta. A maioria deles é hoje vista com naturalidade.

Entretanto, Tozer não estava condenando jogos, estilos musicais ou filmes em si mesmos. Ele estava perplexo a respeito da filosofia que estava por trás do que vinha acontecendo à igreja. Ele soou o alarme contra a mortal mudança de enfoque. Contemplou os evangélicos fazendo uso do entretenimento como uma ferramenta para o crescimento da igreja, acreditava que isso equivalia à subversão das prioridades da igreja. Temia que os desvios frívolos e as diversões carnavais da igreja, em última análise, destruiriam o apetite das pessoas pela verdadeira adoração e pela pregação da Palavra de Deus.

Tozer estava certo quanto a isso. Aliás, a sua repreensão revela-se a cada dia mais apropriada. Ele e Spurgeon, que o precedeu, estavam identificando uma tendência que desabrochou por completo em nossa geração. Aquilo com que a igreja flertava à época de Spurgeon tornou-se fascinação na época de Tozer. Atualmente, tornou-se uma obsessão. E o que é mais prejudicial ainda é que as formas de entretenimento encontradas hoje na igreja são, com frequência, completamente seculares, destituídas de qualquer aspecto cristão.

Um artigo escrito no *The Wall Street Journal* descreveu a proposta de uma conhecida igreja no sentido de “reanimar a assistência aos cultos dominicais noturnos”. A igreja “exibiu uma luta livre entre seus empregados. Tendo em vista a preparação para o evento, dez funcionários foram instruídos por Tugboat Taylor, um ex-lutador profissional, em puxar os cabelos, chutar os queixos dos outros e arremessar seus corpos ao chão sem lhes causar qualquer dano”. Isto não trouxe dano físico algum aos funcionários da igreja, mas qual o efeito de tal exibição sobre a mensagem anunciada por aquela igreja? O evangelho não se torna deturpado e pessimamente caricaturado por esse tipo de palhaçada? Você poderia imaginar o que Spurgeon ou Tozer teriam pensado a respeito disso? (...) O episódio aconteceu em um culto de Domingo à noite em uma das cinco maiores igrejas evangélicas dos Estados Unidos.

Outros exemplos poderiam ser citados de várias das mais destacadas igrejas, supostamente pertencentes aos principais grupos da ortodoxia evangélica. Alguns afirmarão que, se os princípios bíblicos forem apresentados, o instrumento para fazê-lo não é importante. Isso é bobagem. Se o entretenimento é a chave para conquistar pessoas, por que não sairmos completamente do prumo? Por que não termos um verdadeiro carnaval? Poderíamos contar com um acrobata tatuado, andando sobre um fio bem alto, fazendo malabarismos com as mãos e recitando versículos, enquanto um cão treinado se equilibraria na sua cabeça. Isso certamente atrairia uma multidão. E o conteúdo da mensagem ainda seria bíblico. É um cenário bizarro, mas ilustra bem como o veículo pode baratear e corromper a mensagem.

Infelizmente, isso não é tão diferente do que está, de fato, sendo realizado em algumas igrejas. Parece não haver limites com relação ao que alguns líderes na igreja moderna farão, a fim de atrair pessoas que não se interessam por adoração e pregação. Muitos já se renderam à idéia de que a igreja precisa conquistar os homens através do oferecer-lhes uma forma alternativa de entretenimento.

Até que ponto a igreja irá em sua competição com Hollywood? Uma grande igreja do sudoeste dos Estados Unidos acaba de instalar um sistema de efeitos especiais, que custou meio milhão de dólares, capaz de produzir fumaça, fogo, faíscas e luzes de lazer no auditório. A igreja enviou alguns de seus membros para estudar, ao vivo, os efeitos especiais de Bally's Casino, em Las Vegas. O pastor terminou um dos cultos sendo elevado ao “céu” por meio de fios invisíveis que o tiraram da vista do auditório, enquanto o coral e a orquestra adicionavam um toque musical à fumaça, ao fogo e ao jogo de luzes. Para aquele pastor, tudo não passou de um típico Show dominical: “Ele lota a sua igreja através desses artifícios especiais, tais como derrubar uma árvore com uma serra para ilustrar um ponto de sua mensagem... realizar o maior espetáculo de fogos do 4 de julho da cidade e um culto de Natal com um elefante, um canguru e uma zebra alugados. O Show de Natal apresenta 100 palhaços com presentes para as crianças da igreja”. Bobagens desse gênero teria sido o conteúdo dos piores pesadelos de Spurgeon. Até mesmo Tozer não poderia ter previsto o extremo ao qual os evangélicos chegariam em render homenagens ao grande deus entretenimento.

Não há como negar que essas excentricidades "funcionam", isto é, atraem a multidão. Muitas igrejas que experimentaram tais métodos relatam desfrutar um crescimento numérico na assistência a seus cultos. E uma porção de megaigrejas – aquelas que podem pagar por produções, efeitos e instalações de primeira classe – têm se mostrado capazes de estimular um grande crescimento numérico. Algumas delas enchem auditórios enormes, com milhares de pessoas, várias vezes por semana.

Algumas dessas megaigrejas lembram elegantes clubes de campo ou estâncias de férias. Possuem instalações que impressionam, incluindo boliche, cinema, spas, restaurantes, quadras para jogos, riques de patinação e ginásios poliesportivos de última geração. A recreação e o entretenimento são, inevitavelmente, os aspectos mais visíveis destes empreendimentos. Tais igrejas tornaram-se as Mecas dos estudantes de crescimento de igreja.

No momento, muitos evangélicos em toda parte estão procurando freneticamente novas técnicas e formas de entretenimento para atrair o povo. Seja o método bíblico ou não, hoje isso não parece ter importância para muitos líderes de igrejas. Produz resultados? Esse é o novo parâmetro para a legitimidade em nossos dias. Dessa forma, o pragmatismo tem se tornado a força impulsionadora de muitas das igrejas professas de nossos dias. É Hora do Espetáculo!

Se a igreja funciona apenas com o objetivo de promover um produto, é bom mesmo que seus líderes prestem atenção aos métodos da Avenida Madison. Afinal, a maior competição para a igreja é um mundo repleto de diversões seculares e uma gama de bens e serviços mundanos. Portanto, dizem os especialistas de marketing, jamais conquistaremos as pessoas até que desenvolvamos formas alternativas de entretenimento a fim de ganhar-lhes a atenção e a lealdade, desviando-as das ofertas do mundo. Desta forma, esse alvo estipula a natureza da campanha de marketing.

E o que há de errado nisso? Por um lado, a igreja não deveria mercadejar seu ministério, como sendo uma alternativa aos divertimentos seculares. I Ts 3.2-6. Isto acaba corrompendo e barateando a verdadeira missão da igreja. Não somos apresentadores de carnaval, ou vendedores de carros usados, ou camelôs. Somos embaixadores de Cristo. II Co 5.20. Conhecendo o temor do Senhor (v.11), motivados pelo amor a Cristo (v. 14), tendo sido completamente transformados por Ele (v. 17), imploramos aos pecadores que se reconciliem com Deus (v. 20).

Também, em lugar de confrontar o mundo com a verdade de Cristo, algumas megaigrejas norteadas por marketing estão promovendo com entusiasmo as piores técnicas da cultura secular. Alimentar o apetite das pessoas por entretenimento apenas agrava o problema das emoções insensatas, da apatia e do materialismo. Com toda franqueza, é difícil conceber uma filosofia de ministério mais contrária ao padrão que o Senhor nos confiou.

Proclamar e expor a Palavra, visando o amadurecimento e a santidade dos crentes deveria ser âmagô do ministério de toda igreja. Se o mundo olha para a igreja e vê ali um centro de entretenimento, estamos transmitindo a mensagem errada. Se os cristãos enxergam a igreja como um salão de diversões, a igreja morrerá. Uma senhora, inconformada com sua igreja, que tinha abraçado todas essas excentricidades modernas, queixou-se recentemente: Quando é que a igreja vai parar de tentar entreter os bodes e voltar a alimentar as ovelhas?

Nas Escrituras, nada indica que a igreja deveria atrair as pessoas a virem a Cristo através do apresentar o Cristianismo como uma opção atrativa. Quanto ao evangelho, nada é opcional: “E não há salvação em nenhum outro; porque debaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”. At 4.12. Tampouco o evangelho tem o objetivo de ser atraente, no sentido do marketing moderno. Conforme já salientamos, frequentemente a mensagem do evangelho é uma “pedra de tropeço e rocha de escândalo”. Rm 9.33; I Pe 2.8.

O evangelho é perturbador, chocante, transtornador, confrontador, produz convicção de pecado e é ofensivo ao orgulho humano. Não há como “fazer marketing” do evangelho bíblico. Aqueles que procuram remover a ofensa, ao torná-lo entretenedor, inevitavelmente corrompem e obscurecem os pontos cruciais da mensagem. A igreja precisa reconhecer que sua missão nunca foi a de relações públicas ou de vendas; fomos chamados a um viver santo, a declarar a inadulterada verdade de Deus – de forma amorosa, mas sem comprometer-la – a um mundo que não crê.

## II. Crescimento sem qualidade

O Crescimento Numérico é Um Alvo Digno? Convém dizer que não me oponho a igrejas grandes ou ao crescimento da igreja. Oponho-me ao pragmatismo tão freqüentemente defendido por especialistas em crescimentos de igreja, que colocam o crescimento numérico acima do crescimento espiritual, crendo que podem induzir esse crescimento numérico por seguirem quaisquer técnicas que parecem produzir resultados naquele momento.

O modismo provocado por essa filosofia está se tornando mais e mais indisciplinado. Está afastando as pessoas das igrejas bíblicas e desviando as igrejas das prioridades bíblicas, enquanto faz surgir um punhado de megaigrejas cujo crescimento depende da capacidade de se antecipar e responder adequadamente à próxima tendência cultural que aparecerá.

A igreja foi atraída para longe do verdadeiro avivamento e seduzida por aqueles que advogam a popularização do cristianismo. E, infelizmente, a maioria dos cristãos parece desatenta ao problema, satisfeita com um cristianismo que está na moda e que é altamente vistoso. É o crescimento numérico um alvo digno no ministério da igreja? É lógico que nenhum bom líder da igreja argumentaria seriamente contra o crescimento numérico, considerando-o inerentemente indesejável. E ninguém crê que a estagnação ou o declínio numérico devem ser buscados. Mas, o crescimento numérico é sempre o melhor indicador da saúde da igreja?

Concordo com George Peters, que escreveu: O crescimento quantitativo... Pode ser enganador. Pode não ser mais do que a proliferação de um movimento social ou psicológico mecanicamente induzido, uma contagem numérica, uma aglomeração de indivíduos ou grupos, um crescimento de um corpo sem o desenvolvimento dos músculos e dos órgãos vitais. Talvez se trate de uma forma de cristandade, mas não da emergência do verdadeiro cristianismo.

Muitos movimentos que alcançaram os povos no passado, tais como movimentos comunitários e tribais, foram assim. Um exemplo disso encontra-se nas adesões em massa na Europa, em especial na França e Rússia, quando muitos foram levados ao batismo e trazido para dentro da igreja, resultando em um grande número de pessoas que professavam a cristandade, mas não resultando em uma dinâmica, vibrante, crescente e responsável igreja de Jesus Cristo... Precisamos admitir... que, em grande parte, essa expansão da forma, da profissão e do nome da cristandade manifesta pouca semelhança ao cristianismo definido no Novo Testamento e à igreja retratada no livro de Atos.

De muitas formas, a expansão da cristandade veio em detrimento da pureza do evangelho e da verdadeira ordem e vida cristã. A igreja tornou-se infestada de práticas e crenças pagãs e sincretista em sua teologia... Grandes segmentos tornaram-se cristo-pagãos. Nenhum texto das Escrituras indica que os líderes eclesiásticos deveriam estipular alvos para o seu crescimento numérico da igreja, o apóstolo Paulo descreveu o processo de crescimento da igreja: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento”. I Co 3.6,7.

Se nos preocuparmos com a profundidade de nosso ministério, Deus cuidará de sua largura. Se ministrarmos tendo em vista o crescimento espiritual, o crescimento numérico será aquilo que Deus tenciona que seja. Afinal de contas, qual o benefício de um crescimento numérico que não está arraigado em um compromisso com o Senhorio de Cristo? Se as pessoas vêm à igreja primariamente por considerarem isso divertido, em breve hão de abandoná-la, tão logo acabe o entretenimento ou tão logo encontrem algo mais interessante. Desta forma, a igreja é forçada a participar de um ciclo vicioso, onde precisa constantemente sobrepujar cada espetáculo com algo maior e melhor.

O pragmatismo como filosofia de ministério ganhou ímpeto a partir do movimento de crescimento de igreja que floresceu nos últimos cinquenta anos. O que teria acontecido se os profetas do Antigo Testamento tivessem endossado essa filosofia? Jeremias, por exemplo, pregou durante quarenta anos sem ver qualquer resultado significativo. Pelo contrário, seus conterrâneos ameaçaram matá-lo, se não parasse de profetizar (Jr 11.19-23); sua própria família e amigos conspiraram contra ele (12.6); por não ser permitido casar-se, teve de sofrer uma solidão agonizante (16.2); houve conspirações secretas para matá-lo (18.20-23); foi ferido e colocado no tronco (20.1,2); foi espionado por amigos que buscavam vingança (v. 10); foi consumido por desgosto e vergonha, chegando a amaldiçoar o dia em que nasceu (v. 14-18); e por fim foi injuriado e considerado um traidor de sua própria nação (37.13,14). Ele foi açoitado e atirado em um calabouço, passando ali muitos dias sem comer (v. 15-21).

Se um etíope não tivesse intercedido em seu favor, Jeremias teria morrido ali. Por fim, a tradição ensina que ele foi exilado para o Egito, onde foi apedrejado e morto por seu próprio povo. Jeremias não teve convertidos a apresentar como fruto de uma vida toda de ministério. Suponhamos que Jeremias tivesse assistido um seminário sobre o crescimento de igreja e aprendido uma filosofia pragmática de ministério. Você acha que isso teria mudado seu estilo de ministério confrontador? Podem imaginá-lo apresentando um Show de variedades ou utilizando o humor para tentar conseguir o afeto das pessoas? Ele poderia Ter aprendido como reunir uma multidão apreciável, mas certamente não teria realizado o ministério para o qual Deus o chamara.

O apóstolo Paulo também não usou um método baseado em técnicas de marketing, embora alguns autodenominados experts tenham procurado mostrá-lo como modelo para o neopragmatismo. Um dos que advogam as técnicas de marketing afirma: “Paulo foi o maior de todos os peritos em táticas. Constantemente ele estudava as estratégias e táticas para identificar as que lhe permitiriam atrair o maior número de ‘candidatos’ e conseguir o maior número possível de conversões”. É claro que a Bíblia nada diz em respaldo a essa afirmação. Pelo contrário, o apóstolo Paulo evitou métodos engenhosos e artifícios que o conduzissem as pessoas a falsas conversões, através da persuasão carnal.

Ele mesmo escreveu: Eu, irmão, quando fui Ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não o fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado. E foi com fraqueza, temor e grande tremor que eu estivesse entre vós. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e, sim, no poder de Deus. I Co 2.1-5.

À igreja em Tessalônica ele lembrou: Pois a nossa exortação não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo; pelo contrário, visto que fomos aprovados por Deus, a ponto de nos confiar ele o evangelho, assim falamos, não para que agrademos a homens, e, sim, a Deus, que prova o nosso coração. A verdade é que nunca usamos de bajulação, como sabeis, nem de intuitos gananciosos. Deus disto é testemunha. Também jamais andamos buscando glória de homens, nem de vós, nem de outros. I Ts 2.3-6.

A exatidão bíblica é o único critério pelo qual devemos avaliar nossos métodos de ministério. Qualquer filosofia de ministério do tipo “fins-que-justificam-os-meios” inevitavelmente comprometerá a doutrina, a despeito de qualquer proposição em contrário. Se a eficácia se tornar o indicador do que é certo ou errado, sem a menor dúvida nossa doutrina será diluída. Em última análise, o conceito de verdade para um pragmatista é moldado pelo que parece ser eficaz e não pela revelação objetiva das Escrituras.

Uma consideração da metodologia do movimento de crescimento de igrejas revela como isso acontece. O movimento estuda todas as igrejas que estão crescendo, até mesmo aquelas que possuem doutrinas falsas no âmago de seu ensino. Igrejas denominacionais liberais, seitas carismáticas extremadas e ditaduras de hiperfundamentalismo militante são observadas para o escrutínio dos especialistas. O especialista em crescimento de igreja procura características comuns a todas as igrejas que estão crescendo e advoga quaisquer métodos que pareçam estar produzindo resultados. E a questão principal é sempre o crescimento numérico.

Será que devemos crer que o crescimento em uma igreja não-cristã comprova que Deus está ali operando? Deveríamos utilizar a metodologia de grupos religiosos que corrompem o evangelho? Não é justo questionarmos se qualquer crescimento resultante de tais métodos é ilegítimo, sendo engendrado por meios carniais? Afinal, se um método demonstra ser bem-sucedido tanto para uma determinada seita quanto para o povo de Deus, não existe razão para supormos que os resultados positivos são sinônimos da bênção de Deus.

Algo que está completamente ausente da maior parte da literatura sobre crescimento de igreja é uma análise crítica da eficiente plataforma doutrinária sobre a qual muito do crescimento da igreja contemporânea é construído. O fato de uma igreja estar crescendo é freqüentemente confundido com a aprovação divina. Afinal, as pessoas raciocinam, por que ser crítico sobre qualquer ensinamento que Deus está abençoando com crescimento numérico? Não é melhor tolerar as imperfeições doutrinárias e os lapsos de ortodoxia, por amor ao crescimento e à unidade? Desta forma, o pragmatismo amolda e dá forma à perspectiva doutrinária das pessoas. É tolice pensar que alguém pode ser bíblico e pragamático, ao mesmo tempo. O pragmatista deseja saber o que produz resultados. O pensador bíblico se importa tão-somente com o que a Bíblia ordena. As duas filosofias se opõem mutuamente no nível mais básico.

Não obstante, o pragmatismo filosófico nunca tem estado mais popular nas igrejas evangélicas. O movimento de crescimento de igrejas, que por muitos anos foi um importante fator na atividade missionária mundial, está agora exercendo tremenda influência no evangelicalismo ocidental.

O pragmatismo na igreja reflete bem o espírito de nossa época. Livros com títulos tais como: Marketing seu Próprio Ministério, Marketing a Igreja, e O Desenvolvimento do Marketing Eficaz e das Estratégias de Comunicação para Igrejas são a última moda. A indústria publicadora cristã vem produzindo, para líderes de igrejas, conselhos e mais conselhos tirados de campos seculares de estudo – psicologia, marketing, administração, política, entretenimento e negócios – enquanto os comentários, livros de auxílio para estudo bíblico e livros acerca de questões bíblicas estão em declínio.

O modelo para o pastor contemporâneo não é mais o profeta nem o pastor, é o executivo de corporação, o político ou, pior ainda, o apresentador de programas de “bate-papo” na televisão. Algumas das igrejas contemporâneas estão preocupadas com índices de audiência, pesquisas de popularidade, imagem corporativa, estatísticas de crescimento, lucro financeiro, pesquisas de opinião pública, gráficos populacionais, dados de recenseamento, tendências da moda, status das celebridades, a lista dos dez mais e outras questões pragmáticas. O que está desaparecendo é a paixão da igreja pela pureza e pela verdade. Ninguém parece se importar, desde que a reação das pessoas seja entusiástica.

Você percebe como esta nova filosofia necessariamente corrompe a sã doutrina? Descarta o próprio método de Jesus – pregar e ensinar – como instrumentos primordiais do ministério, substituindo-os por metodologias completamente vazias de conteúdo. Ela existe independentemente de qualquer credo ou canon. Aliás, evita dogmas ou convicções fortes, considerando-os como divisivos, indecorosos ou impróprios. Rejeita a doutrina como algo acadêmico, abstrato, estéril, ameaçador ou simplesmente não-prático. Em vez de ensinar o erro ou negar a verdade, ela faz algo bem mais sutil e igualmente eficaz do ponto de vista do inimigo.

Não se preocupa com o conteúdo. Não ataca a ortodoxia frontalmente, mas presta culto à verdade apenas da boca para fora, enquanto mina, em silêncio, os alicerces da doutrina. Em vez de exaltar a Deus, esta filosofia deprecia as coisas que são preciosas para Ele. Nesse sentido, o pragmatismo se apresenta como um perigo mais sutil do que o liberalismo que ameaçou a igreja na primeira metade do século XX, atacando a pregação bíblica.

### III. A trivialização do sagrado

A cultura evangélica nacional está fomentando uma atitude muito displicente quanto ao sagrado. O deus que está a serviço de seu povo para lhes cumprir todos os desejos certamente não é o Deus da exortação de Hebreus 12.28-29: "Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; porque o nosso Deus é fogo consumidor". O tom de voz exigente e determinante como se fala com Deus hoje deixa a dúvida quanto a quem é o senhor de quem. As experiências que só geram arrepios pelo corpo são relatadas como se Deus fosse apenas um estimulante químico.

Certos pastores dizem falar e ouvir a voz de Deus — para serem contraditos pelas suas próprias falsas profecias — sem levar em conta que "Deus não terá por inocente aquele que tomar o seu nome em vão". Os milagres, aumentados pela manipulação, revelam uma falta de temor. O descaso com o sagrado é uma faca de dois gumes. Se, por um lado, demonstra grande familiaridade, por outro, gera complacência. Complacência e enfado são sinônimos entre si. Se nos acostarmos com o mistério de Deus e trivializarmos sua presença, acabaremos colocando-o na mesma categoria de nossos encontros mais corriqueiros, daqueles que podem ser adiados ou não, dependendo de nossas conveniências.

### IV. O esvaziamento dos conteúdos

Uma das marcas mais patéticas do tempo em que vivemos é a repetição maçante de jargões nos púlpitos evangélicos. Frases de efeito são copiadas e multiplicadas nos sermões. Algumas, vazias de conteúdo, criam êxtases sem nenhum desdobramento. Servem para esconder o despreparo teológico e a falta de esmero ministerial. Manipulam-se os auditórios, eleva-se a temperatura emotiva dos cultos, mas não se cria um enraizamento de princípios. Gera-se um falso júbilo, mas não se fornecem ferramentas para criar convicções espirituais.

Hannah Arendet, filósofa do século XX, ao comentar sobre o fato de que Eichmann, nazista, braço direito de Hitler, respondeu com evasivas às interrogações do tribunal de guerra que o julgava sobre seus crimes, afirmou: "Clichês, frases feitas, adesões a condutas e códigos de expressão convencionais e padronizados têm a função socialmente reconhecida de nos proteger da realidade, ou seja, da exigência de atenção do pensamento feita por todos os fatos e acontecimentos". Qual será o futuro dessa geração que se contenta com um papagaio contínuo de frases ocas que só prometem prosperidade, vitória sobre demônios e triunfo na vida?

### V. A mistura de meios e fins

Por anos, combateu-se a ideia de que os fins justificavam os meios, porque essa premissa justificava comportamentos aéticos. Hoje, o problema aprofundou-se. Não se sabe mais o que é meio e o que é fim. Não se sabe mais se a igreja existe para levantar dinheiro ou se o dinheiro existe para dar continuidade à igreja. Canta-se para louvar a Deus ou para entretenimento do povo? Publicam-se livros como negócio ou para divulgar uma ideia? Os programas de televisão visam popularizar determinado ministério ou a proclamação da mensagem? As respostas a essas perguntas não são facilmente encontradas.

Cristo não virou as mesas dos cambistas no templo simplesmente porque eles pretendiam prestar um serviço aos peregrinos que vinham adorar no templo. Ele detectou que os meios e os fins estavam confusos e que já não se discernia com clareza se o templo existia para mercadejar ou se mercadejava para ajudar no culto. A obsessão por dinheiro, a corrida desenfreada por fama e prestígio, a paixão por títulos, revelam que muitas igrejas já não sabem se existem para faturar. Muitos líderes já não gastam suas energias buscando um auditório que os ouça, mas procuram uma mensagem que segure o seu auditório. A confusão de meios e fins mata igrejas por asfixia.

## VI. Pragmatismo na Pregação

Acontece, porém, que em nossos dias (em muitos púlpitos) a pregação do Evangelho se apresenta tímida, quase pedindo licença para dizer, quase pedindo desculpas, com medo de ofender as estruturas do poder expressas nas mais variadas formas de organizações sociais. Muitas pregações estão se tornando, à semelhança da psicoterapia tradicional, um produto de consumo da classe média. Nela não há quase nada de proclamação inquietante da Palavra de Deus e seu elemento de confrontação do homem e das iniquidades das estruturas sociais. Ela é mais um elemento de preservação de um "status quo" do que propriamente uma força transformadora de revitalização da condição humana. Ela não incomoda a ninguém.

Um evangelho agradável, divertido, culturalmente relevante ou contextualizado a moda do dia. Procura seduzir o ouvinte, mostrando as vantagens materiais, as soluções a curto prazo dos problemas imediatos, e principalmente, que o cristianismo pode ser conciliado a vida que ele tinha antes de decidir ser "evangélico", o tipo de pregação moderna é: HUMANISTA, LIBERAL, PRAGMÁTICA E HEDONISTA.

Humanista - Começa a partir dos interesses e necessidades visíveis do homem; Liberal -Segue o movimento teológico que rejeitou a Bíblia como suficiente e relevante para o homem moderno; Pragmática - Onde "os fins justificam os meios" - O critério são resultados visíveis. Hedonista - Porque visa dar ao ouvinte aquilo que lhe agrada e dar prazer.

Kierkegaard (1813-1855) conta uma parábola que pode servir como ilustração para o que queremos dizer. Ele conta que um circo se instalou próximo de uma cidadezinha dinamarquesa. Este circo pegou fogo. O proprietário do circo vendo o perigo do fogo se alastrar e atingir a cidade, mandou o palhaço, que já estava vestido a caráter, pedir ajuda naquela cidade a fim de apagar o fogo, falando do perigo iminente. Inútil foi todo o esforço do palhaço para convencer os seus ouvintes. Os aldeões riam e aplaudiam o palhaço entendendo ser esta uma brilhante estratégia para fazê-los participar do espetáculo... Quanto mais o palhaço falava, gritava e chorava, insistindo em seu apelo, mais o povo ria e aplaudia... O fogo se propagou pelo campo seco, atingiu a cidade e esta foi destruída.

De forma semelhante, muitos estão apresentado uma mensagem incompreensível. As pessoas se acostumaram a ouvir (o pregador?) brincar tanto com as coisas sagradas, que não conseguem descobrir o sagrado em nossas brincadeiras. Sobem no púlpito e pensam que estão no picadeiro.

Por outro lado, os ouvintes, por não perceberem a diferença entre o palhaço e profeta, reforçam este comportamento mutante através de um aplauso até mesmo literal. E quando, em cima disso, rockeiros punk, palhaços, atiradores de facas, lutadores profissionais, levantadores de peso, comediantes, dançarinos, malabaristas de circo, artistas de rap, atores e celebridades do “Show Business” assumem o lugar do verdadeiro pregador, a mensagem do evangelho recebe um golpe catastrófico: “E como ouvirão, se não há quem pregue?” Rm 10.14. Creio que podemos ser criativos e inovadores quanto à forma de apresentarmos o evangelho, mas precisamos Ter o cuidado de harmonizar nossos métodos com as profundas verdades espirituais que estamos procurando transmitir. É muito fácil trivializarmos a mensagem sagrada. Precisamos fazer com que a mensagem, e não o veículo em si, seja o cerne daquilo que desejamos comunicar ao auditório.

Que a pregação trate de assuntos contemporâneos e relevantes; Que não lhes impões restrições a vida que tinham antes; Que possam conciliar sua vida no clube social com sua vida na igreja querem ter uma consciência tranqüila para satisfazer seus "clientes" infelizmente algumas igrejas se voltaram para métodos mundanos, e para técnicas e estratégias:

De "Comercialização" (Marketing - Tudo para agradar ao cliente);

De "Entretenimento" - (Em vez do culto tradicional, um grande show);

De "Misticismo" - (Técnicas psicológicas e "espirituais" de conduzir ao êxtase).

De "Liberalismo Ético" - (Flexibilização e relativismo, nada de radicalismo, nada de exigências que exijam renúncia ou arrependimento sério).

### **Como deve ser a Pregação:**

1. Bíblica (sua fonte primária e imprescindível)
2. Cristocêntrica (a natureza nos forma, a ciência nos informa, mas, Cristo nos transforma)
3. Dependente do Espírito (tanto no preparo como na apresentação)
4. Isenta do Eu (a habilidade impressiona, mas, não transforma)
5. Clara e Precisa (alguns sermões poderiam ser intitulados: “um dia compreenderás”)
6. Que revele o Amor de Deus. (o sermão não deve ser apresentado sem ter esta ênfase)
7. Fervorosa e Entusiasta (o entusiasmo faz a mentira parecer verdade e a falta dele faz a verdade parecer mentira).

## **VII. Teologia confusa**

Há um notório, assustador e célere desvio teológico e doutrinário nos últimos tempos. No século XIX o liberalismo teológico varreu as igrejas na Europa e na América do Norte. Muitos seminários de referência, que formaram pastores, missionários e teólogos de grande envergadura foram tomados de assalto pelos liberais. O liberalismo teológico, que nega a inerrância e suficiência das Escrituras entrou nas cátedras, subiu aos púlpitos e dispersou as ovelhas. Vemos hoje templos se transformando em museus e o velho mundo tornando-se um continente pós-cristão.

Confusão teológica não é prerrogativa do século XXI. Por ser um tratado sobre Deus e na tentativa de ser uma resposta da palavra de Deus para a sua época, a teologia sempre enfrentou as crises e transformações do momento que se dispôs a interpretar. O grande problema que confunde a teologia é que, muitas vezes, ao invés de interpretar o contexto segundo a palavra, ela inverte a ordem, tentando interpretar a palavra segundo o contexto. A mudança desse fundamento gera confusão.

Num contexto de falta de paradigmas, numa sociedade confusa e completa ausência de absolutos, a teologia fica também num terreno escorregadio. A pós-modernidade, já instalada ou se instalando na filosofia de vida das pessoas, subtrai delas o referencial por causa do pluralismo e da tolerância. A isso, Juntam-se os problemas sociais decorrentes da urbanização: pobreza, violência, indiferença e esfacelamento da família. Os problemas são os de sempre, apenas foram agravados; a questão está na resposta oferecida pelos que tem a responsabilidade de interpretar o seu tempo segundo a palavra de Deus.

A igreja tem um papel determinante. Ela também está confusa, primeiro porque não está livre da influência direta da sociedade, ela influencia e é influenciada. Nessa troca ela oferece e recebe informações e comportamentos que nada dão da ética cristã. Não há um filtro seguro que selecione o que ela deva absorver sem prejuízo da sua mensagem. Depois, em decorrência disso, a igreja atua sob demanda, o que compromete a sua mensagem. Para chegar ao "ciente", que não pode mais ser chamado de "pecador", utiliza-se das leis do mercado. A pregação fiel das Escrituras está ausente em muitos púlpitos. As doutrinas da graça foram trocadas por outro evangelho. O lucro é o vetor que governa muitas igrejas. Nesses redutos o evangelho está sendo transformado num produto, o "púlpito" num balcão, o "templo" numa praça de negócios e os "crentes" em consumidores. A necessidade da igreja é o que faz e refaz a teologia.

Parte da culpa dessa despersonalização é da educação teológica, que está no centro da confusão. Com o status de ciência, preenchendo a cadeira vaga da universidade, a teologia, que sempre trabalhou com o transcendente e sempre foi senhora de seu destino, agora precisa dialogar com as demais ciências. É a multidisciplinaridade. Além do que, o campo da teologia abriu-se enormemente para a reflexão e publicação de novos conceitos. Infelizmente mais publicação do que reflexão. Com abordagens muito próximas das demais ciências, a teologia procura o seu espaço e oferece as suas respostas. Com a delimitação da pesquisa científica em geral, as especialidades se multiplicam e a teologia segue o fluxo. Nesse sentido, a confusão é saudável, porque é a procura de um caminho e de um espaço, no qual a teologia oferece respostas e faz novas perguntas a si mesma. Entretanto, os círculos hermenêuticos podem segmentar, mas não devem fragmentar o saber teológico.

## **VIII. Os Bastidores das Igrejas Modernas**

### **Igrejas Cheias de Pessoas Vazias**

Embora muitas igrejas estejam cheias, inúmeras pessoas ali parecem continuar vazias de sentido de viver. O pastor Carlos Alberto Bezerra, disse em certa ocasião "Existem muitas igrejas cheias de pessoas vazias". Uma frase de forte impacto e com muita razão.

Ele falava de igrejas que não vivem o sadio Evangelho. Tenho observado que há mesmo muitas igrejas cheias – considerando aqui igreja como o espaço nobre da vivência do sagrado. É claro que Jesus não morreu pelo espaço e pelos objetos que estão nesse espaço. Mas tenho também observado que, embora muitas igrejas estejam cheias, inúmeras pessoas ali parecem continuar vazias de sentido no viver. Em vez de entregarem não só a alma para Jesus, ainda não lhe entregaram tudo o que têm (negando-se a si mesmas, conforme Lc 9.23). Antes, estão buscando um Deus de avental, pronto a servi-las com todas as benesses celestiais e principalmente materiais.

São pessoas que não estão dispostas a buscar o arrependimento, o perdão, o abandono de uma vida egoísta e consumista dos bens e riquezas, que foram mal nos negócios, no emprego, que não souberam planejar sua vida e recursos e agora estão na pior (são chamados popularmente de “ratos de igrejas”). Então, buscam o Deus-panacéia, o Deus-resolve-tudo, tipo um consertador, uma espécie de “clínico geral”.

Muitos líderes e igrejas são oportunistas, pois o mundo, estando cheio de pessoas com esse perfil, fornece os clientes potenciais para recheiar o caixa da igreja e seus bolsos. Por meio da pregação de um evangelho antropocêntrico, despido da verdade bíblica, transformam Deus em mercadoria de bom preço. Estão dispostos a pôr o Senhor para trabalhar para você a um custo inicialmente baixo, mas, se feito um balanço, o custo será alto, não apenas financeiro, mas também quanto ao que de mais importante existe na vida – a perda de seu significado.

A realidade é que as pessoas estão vazias não porque estejam desempregadas, com saldo devedor, com enfermidades, com a perda de um ente querido. Estão vazias porque o buraco dentro de suas vidas é do tamanho exato de Deus, o vazio é a perda de sentido na vida, de objetivo em viver. Não é porque você entregou a vida a Jesus, que adquiriu a imunidade a vírus, bactérias, morte, perda de emprego, etc. O pastor e pesquisador Paulo Romeiro, identifica um novo tipo de crente – o decepcionado com a igreja. É aquele indivíduo levado a procurar no Evangelho a solução imediata de todos os seus problemas. Como nem sempre isso acontece, começa a vagar de igreja em igreja, até que, desiludido com a fé que lhe enfiaram goela abaixo, abandona Cristo.

### **Crentes sem Identidade**

Há uma igreja em trânsito hoje, os pesquisadores e sociólogos chamam isso de “trânsito religioso”. São milhares e milhares de crentes, talvez milhões, que não conseguem mais parar em igreja nenhuma. Eles transitam. Qual a igreja que oferece a melhor proposta ou o melhor entretenimento? Qual a igreja que vai oferecer o melhor show daquele fim de semana?

### **Os novos peregrinos da Fé**

O “nômade da fé” busca respostas imediatas aos problemas, “uma vez que vivemos na era da velocidade. Se as respostas não chegam rápido, o sujeito procura uma nova igreja” (crente-canguru que pula de igreja em outra). E o que essas pessoas que são atraídas às igrejas neopentecostais buscam? Que fiquem ricas, sejam curadas de todo tipo de doença e que todos os seus problemas sejam resolvidos, desde a falta de dinheiro até a falta de emprego. Essas são promessas da teologia da prosperidade, que propõe banir a pobreza, a doença.

Evidentemente o problema não está na prosperidade, mas na teologia. Para a teologia da prosperidade, o crente "deve morar em mansão, ter carrões, muito dinheiro e nunca ficar doente. Quando isso não acontece, é porque ele está sem fé, em pecado ou debaixo do poder de Satanás". Ora, se formos avaliar a vida espiritual de uma pessoa pela casa onde mora ou pelo saldo bancário, temos que concluir que muitos jogadores de futebol e artistas têm uma comunhão com Deus fora do comum. E isso não é verdade.

Hoje em dia, as pessoas na igreja funcionam na base da emoção, e não pela reflexão. A teologia da prosperidade e todo esse clima de emoção têm forte apoio na mídia, um instrumento que as igrejas neopentecostais sabem trabalhar muito bem. "Creio que o fator principal que garante a sobrevivência do movimento neopentecostal é o seu investimento pesado na mídia e o seu sucesso em colocar a igreja no mercado e as políticas do mercado na igreja", avaliou Paulo Romeiro.

É possível que, "na medida em que os adeptos vão se decepcionando com a mensagem e a falta de ética de alguns segmentos neopentecostais, haverá uma volta à Bíblia por parte de muitos. Por isso, as igrejas cristãs devem estar preparadas para receber e ajudar tais pessoas".

### **O Caminho da Renúncia**

O apóstolo Paulo ganhou muitas almas, mas foi preso, espancado, perseguido e precisava trabalhar para se manter. Seu ministério, hoje em dia, seria considerado próspero?

De uns tempos para cá, a vocação pastoral tem se transformado em mais uma opção profissional. Foi-se o tempo em que às escolas teológicas atraíam gente disposta a abraçar um ministério que significava desprendimento, sacrifício e, não raro, a renúncia a uma série de outras oportunidades. Hoje, boa parte dos calouros dos seminários está mais interessada em tornar-se uma espécie de empresário do sagrado.

A cada dia, a visão marqueteira e a busca do lucro já estão influenciando até mesmo no chamado pastoral. A preocupação com a manutenção da "igreja-empresa" tem sido levada em conta até na escolha dos novos candidatos ao ministério. Qualidades como carisma pessoal, dinamismo, capacidade gerencial, eloquência verbal e iniciativa estão sendo mais valorizados na escolha da mão-de-obra pastoral do que humildade, espiritualidade e temor a Deus.

Tal motivação já atingiu até mesmo líderes e pastores que estão na caminhada do Evangelho há muitos e muitos anos. O que deveria ser examinado é o exemplo de vida, o testemunho e a unção, mas o que estamos presenciando é a elevação de homens ao púlpito pelas suas habilidades que trarão lucro aos caixas sagrados. A adesão missionária ao serviço do Senhor tem sido substituída por outro tipo de acordo – um pacto de conveniências, uma espécie de contrato de trabalho que pode durar a vida inteira ou alguns poucos meses. O sujeito permanece ali enquanto conseguir manter sua cota de arrecadação.

Se o planejamento econômico não for cumprido, nada feito. Dentro desta visão, o futuro pastor precisa se preocupar em render mais no material do que no espiritual. O candidato ao cargo de ministro da Palavra é privado de pensar, questionar ou dar opiniões, já que o líder supremo da instituição é considerado perfeito, à semelhança do mito da infalibilidade papal. Este modo de agir está sendo adotado em diversos círculos evangélicos e se estende a todos que estiverem sob sua influência.

Se o membro um dia quiser chegar a pastor, bispo, apóstolo, arcanjo, serafim ou semideus, só tem um caminho: obedecer sem questionar. O direito de opinar ou pensar está fora da revelação divina recebida pelo dono da igreja. Ao membro, só resta à aceitação. Nada de explicações sobre os métodos empregados ou sobre o que se fala do púlpito. Muito menos transparência financeira e administrativa.

Já imaginou se o apóstolo Pedro, caso vivesse hoje, fosse candidato ao ministério? Provavelmente, teria sido imediatamente excluído por ter traído o seu pastor, sem direito a defesa ou a uma segunda chance. E jamais ouviria de seu líder: "Tu me amas? Então, apascenta as minhas ovelhas".

E Paulo? Será que seu ministério, hoje, seria considerado próspero? Ele ganhou muitas almas, mas não levou vida confortável. Foi preso, espancado, perseguido. E ainda por cima tinha de trabalhar para se manter, pois não queria ser um peso para os irmãos. Quantos evangelistas do nosso tempo têm tal desprendimento?

### **A Igreja ao gosto do Freguês**

O movimento chamado "igreja ao gosto do freguês" está invadindo muitas denominações evangélicas, propondo evangelizar através da aplicação das últimas técnicas de marketing. Tipicamente, ele começa pesquisando os não-crentes (que um dos seus líderes chama de "desigrejados" ou "João e Maria desigrejados"). A pesquisa questiona os que não frequentam quaisquer igrejas sobre o tipo de atração que os motivaria a assistir às reuniões. Os resultados do questionário mostram as mudanças que poderiam ser feitas nos cultos e em outros programas para atrair os "desigrejados", mantê-los na igreja e ganhá-los para Cristo.

Em relação ao Brasil o cenário na sua essência possui semelhanças. O fato é que os aproximadamente 30 milhões de evangélicos brasileiros têm à disposição um variadíssimo cardápio de opções para filiação religiosa. Esqueça que o único tipo de igreja que realmente interessa é o que Jesus chama de Sua. Esqueça o que a Bíblia diz, ou pelo menos não a leve tão a sério. Esqueça que você é e compõe, junto com outros salvos em Jesus, a igreja Dele. Esqueça. Ande pelas ruas. Leia as placas. Ligue a sua televisão e viaje pelos canais. Basta procurar que você acha a igreja que melhor se encaixa nas suas expectativas. Basta pesquisar que você por certo acha uma igreja que fala a sua língua, aquela que fala aquilo que você quer ouvir.

## Desmontando Cenários

O espetáculo evangélico sofisticou-se de tal maneira que passou a ofuscar ou mesmo escamotear a mensagem da cruz. No jargão da dramaturgia, há uma expressão utilizada para identificar certos momentos de uma peça teatral, um filme ou um programa de televisão nos quais os atores deliberadamente mostram ao público o que os holofotes e as câmeras normalmente não revelam: a fruta de cera sobre a mesa da cozinha do personagem, os segredos do tiro de festim, as armações de madeira do lado de trás das fachadas etc. Chama-se a isto “desmontar cenário”.

Apesar de originário do teatro, este recurso foi usado inúmeras vezes pelo cinema e pela televisão. Desmontar cenário representa, ao mesmo tempo, um desafio e um perigo à arte. No primeiro caso, porque joga sobre o ator ou diretor a responsabilidade de ensinar as mágicas sem tirar delas o encanto – pelo contrário, aumentando ainda mais o fascínio do truque e reforçando-o na mente do público. Porém, há também o perigo de destruir os laços de cumplicidade que se estabelecem entre as partes, uma espécie de acordo tácita no qual a platéia se dispõe a desconsiderar seu conhecimento prévio de que tudo é fake, desde que os artistas cumpram a contento sua tarefa de “fingir completamente” e convencer a audiência de que tudo ali é um apêndice da realidade.

Quando se considera os movimentos mais recentes da cultura evangélica, este conflito parece se repetir. Os artifícios cenográficos proliferaram, e o espetáculo sofisticou-se de tal maneira que passou a ofuscar, embotar ou mesmo escamotear a mensagem da cruz. Em algumas igrejas, “espaços” ou equivalentes, a liturgia foi substituída por um roteiro complexo, eventualmente até com participação de contra-regra e técnico de efeitos especiais.

É claro que os recursos técnicos de hoje podem ser bons e úteis, e não há razão para se defender um anacronismo conservador sem sentido. Porém, é preciso um cuidado especial com uma das principais marcas das manifestações culturais (e expressão de fé também é manifestação cultural) dos primeiros crentes: a espontaneidade. Em contraste com o espetáculo que forneciam os representantes da religião, com caras, bocas, figurino e script de aparência de humildade, o então novo grupo chamado “cristão” vivia da autenticidade de uma crença simples, manifestada de uma forma igualmente simples – e nem por isso menos relevante. Foi assim que, de um caldo cultural histórico, formaram o seu, próprio e autêntico.

E isto porque Jesus desmontou cenários. Ele precisava mostrar a superficialidade de uma fé cenográfica, feita para entreter uma platéia que estava mais interessada em uma religião de fundos falsos do que numa relação real com Deus. A espontaneidade da expressão de fé estava de volta em Cristo. Porém, perdeu-se novamente na liturgia calculista da instituição e seus bispos, cardeais e afins. A cultura cristã passou a ser determinada pela suntuosidade dos templos e a riqueza das vestes sacerdotais.

Por conta disso, o senso crítico de I Tessalonicenses 5.21 foi simplesmente ignorado, e o mesmo risco se corre agora, em tempos de raio laser e videowalls. A pirotecnia, a princípio usada legitimamente como forma de tornar a transmissão do Evangelho mais contemporânea, está produzindo o efeito contrário, e disfarça, com luzes estroboscópicas e fumaça, a teologia rasa de uma cultura evangélica cada vez mais pasteurizada e refém de modismos ou de tentativas de legitimação de vaidades pessoais, convenientemente chamadas “revelação” ou “mover”. *Ainda dá tempo de desmontar o cenário.*

## Capítulo VIII

### Conhecendo a Verdadeira Igreja de Jesus Cristo

Igreja não é templo, não é sinagoga, não é mesquita. Não é o santuário onde os fiéis se reúnem para cultuar a Deus. Igreja é gente, e não lugar. É a assembleia de pecadores perdoados; de incrédulos que se tornam crentes; de pessoas espiritualmente mortas que são espiritualmente ressuscitadas; de apáticos que passam a ter sede do Deus vivo; de soberbos que se fazem humildes; de desgarrados que voltam ao aprisco.

Igreja é mistura de raças diferentes, distâncias diferentes, línguas diferentes, cores diferentes, nacionalidades diferentes, culturas diferentes, níveis diferentes, Temperamentos diferentes. A única coisa não diferente na Igreja é a fé em Jesus Cristo. A Igreja não é igreja ocidental nem igreja oriental. Não é Igreja Católica Romana nem igreja protestante. Não é igreja tradicional nem igreja pentecostal. Não é igreja liberal nem igreja conservadora. Não é igreja fundamentalista nem igreja evangelical.

A Igreja é católica (universal), mas não é romana. É de Jesus Cristo, mas não dos Santos dos Últimos Dias. Porque é universal, não é igreja armênia, igreja búlgara, igreja copta, igreja etíope, igreja grega, igreja russa nem igreja sérvia ou brasileira. Porque é de Jesus Cristo, não é de Simão Pedro, não é de Martinho Lutero, não é de Sun Myung Moon, não é de Bento XVI.

Em todo o mundo e em toda a história, a única pessoa que pode chamar de minha a Igreja é o Senhor Jesus Cristo. Ele declarou a Cefas: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja". Mt 16.18. Não há nada mais inescrutável e fantástico do que a Igreja de Jesus Cristo. Ela é o mais antigo, o mais universal, o mais antidiscriminatório e o mais misterioso de todos os agrupamentos. Dela fazem parte os que ainda vivem (igreja militante) e os que já se foram (igreja triunfante). Seus membros estão entrelaçados, mesmo que, por enquanto, não se conheçam plenamente. Todos igualmente são "concidadãos dos santos" (Ef 2.19), "co-herdeiros com Cristo" (Ef 3.6; Rm 8.17) e "co-participantes das promessas". Ef 3.6. Eles são nada menos e nada mais do que a Família de Deus. Ef 2.19; 3.15. Ali, ninguém é corpo estranho, ninguém é estrangeiro, ninguém é de fora. É por isso que, na consumação do século, "eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles". Apoc 21.3.

A Igreja de Jesus, também chamada Igreja de Deus (I Co 1.2; 10.22; 11.22; 15.9; I Tm 3.5 e 15), Rebanho de Deus (I Pe 5.2), Corpo de Cristo (I Co 12.27) e Noiva de Cristo (Apoc 21.2), tem como Esposo (Apoc 21.9), Cabeça (Cl 1.18) e Pastor (Hb 13.20) o próprio Jesus.

A tradicional diferença entre igreja visível e igreja invisível não significa a existência de duas igrejas. A Igreja é uma só. Ef 4.4. A igreja invisível é aquela que reúne o número total de redimidos, incluindo os mortos, os vivos e os que ainda hão de nascer e se converter. Eventualmente pode incluir pecadores arrependidos que nunca frequentaram um templo cristão nem foram batizados. Somente Deus sabe quantos e quais são: "O Senhor conhece os que lhe pertencem". II Tm 2.19. A igreja visível é aquela que reúne não só os redimidos, mas também os não redimidos, muito embora passem pelo batismo cristão, se declarem cristãos e possam galgar posições de liderança. É a igreja composta de trigo e joio, de verdadeiros crentes e de pseudocrentes. Dentro da igreja visível está a igreja invisível, mas dentro da igreja invisível nunca está toda a igreja visível. A Igreja de Jesus é uma só, porém é conhecida imperfeitamente na terra e perfeitamente no céu.

# ANOTAÇÕES

A blank sheet of lined paper with a wavy top edge. The paper is white with horizontal black lines. The top of the page has a grey header area containing the word 'ANOTAÇÕES' in a large, bold, stylized font. Below the header, the page is filled with horizontal lines for writing.

**Avaliação: A História da Igreja**

1. Quando, Como e Porque a igreja nasceu?

---

---

---

---

2. Que tipos de perseguição a igreja enfrentou?

---

---

---

---

---

3. Em que período a igreja se paganizou?

---

---

---

---

---

4. Como e porque aconteceu a reforma?

---

---

---

---

5. Descreva o estado espiritual da igreja contemporânea?

---

---

---

---

---

---

---

### *Bibliografia*

*IBLM – Instituto Bíblico Luz as Nações*

*Ultimato.com.br*

*Prof. João Flavio Martinez*

*A.A. Autores Anônimos*

*Abraão de Almeida*

*Pr. Ricardo Goldin*

*José Ferraz*

*Wikipedia*

*Orlando S. Boyer*

*Pr. Silas António do Couto*

---

# *Hamartiologia*

*Um Tratado sobre o Pecado*

---

# HAMARTIOLOGIA

UM TRATADO SOBRE O PECADO



**ITI**brasil

[www.itibrasil.com](http://www.itibrasil.com)

**Temática**

Capítulo I: Teorias Errôneas Quanto a Natureza do Pecado. (Pg 113)

Capítulo II: O Estado Original do Homem. (Pg 114)

Capítulo III: A Queda do Homem. (Pg 115)

Capítulo IV: A Origem Histórica do Pecado. (Pg 116)

Capítulo V: Pecado Herdado e Imputado. (Pg 119)

Capítulo VI: A Natureza do Pecado. (Pg 120)

Capítulo VII: Tipos de Pecado e Consequências. (Pg 122)

Capítulo VIII: Pecados de Estimação. (Pg 142)

Capítulo IX: O Pecado de Omissão. (Pg 145)

Capítulo X: O Antídoto contra o Pecado. (Pg 145)

Capítulo XI: 100 Razões para Não Pecar. (Pg 154)

## Introdução

Desde Adão e Eva, o pecado tem corrompido o mundo e manchado a vida do homem. PECADO que no vocábulo grego (Hamartia) ou hebraico (Hatta'th) significa qualquer pensamento, obra, omissão, desejo, ou palavra contra as Sagradas Escrituras. Tg 4.17; Sl 51.4. Em sua primeira epístola, João distingue entre o pecado mortal, ou congênito, o qual todos os homens herdaram de Adão e já nascem com ele, do pecado venial, ou ativo, o qual é praticado diariamente pelo homem. Pecado é toda iniquidade, desobediência. I Jo 3.4.

A Bíblia nos diz que Deus abomina todo o pecado, mas em especial o de idolatria, rebelião e feitiçaria, pois estes negam a existência, o domínio e o poder do Senhor. I Jo 3.4; I Sm 15.23. Aqueles que desobedecem e transgridem a Palavra de Deus serão punidos. Hb 2.2. Toda a humanidade herdou o pecado do primeiro homem (Rm 3.23; 5.1) com a exceção de Jesus, o qual veio para dar liberdade a todos aqueles que ficaram encerrados debaixo do pecado. Rm 11.32; Gl 3.22. *São inúmeras as consequências do pecado, mas podemos destacar as três mais importantes:*

- a) Morte física;
- b) Perca da imagem divina;
- c) Morte eterna ou separação de Deus. Rm 5.12; Ez 18.4; Tg 3.9.

Por causa do pecado, Deus julgou a Serpente (Gn 3.14); a mulher (Gn 3.16); o homem (Gn 3.17); e a terra. Gn 3.18. Todo sofrimento, dor, catástrofes, enfermidades, depravações, discenções são resultados do pecado na vida do homem. Desde o Eden, esse mal tem dominado, escravizado, controlado e afligido a humanidade. O pecado é comparado a uma enfermidade incurável e contagiosa, a qual o único antídoto para combate-la é o sangue de Cristo.

Segundo as Escrituras, essa doença nasceu no coração do Querubim Ungido, pela multidão de todos os seus negócios. Is 14.13-15; Ez 28.15. Sendo expulso dos céus, ele planejou vingar-se de Deus e usa a Eva como seu instrumento contra a veracidade e a integridade divina. Querer ser Deus ou igual a Deus, é um sentimento que está enraizado no coração de todo o homem.

O caráter do pecado esta exatamente na contradição, em todos os aspectos da perfeição de Deus. Ao transgredir a lei que lhe foi dada, Eva repudiou a autoridade divina, duvidou da sua bondade, disputou acerca da sabedoria divina e desprezou sua graça. Desde o Calvário, Deus na pessoa de Jesus Cristo tem dado a cada ser humano a oportunidade de ser resgatado dessa condenação pronunciada no Eden. Gênesis 2.17.

George Barna, escritor americano, comentando o esfriamento espiritual ocorrido na Inglaterra (país de origem cristã, que hoje conta com apenas 2% de cristãos comprometidos), analisa o problema com a ilustração da “Rã na Chaleira”. Segundo os especialistas em culinária, é inútil tentar colocar uma rã na água fervendo, pois ela rapidamente pulará. Assim, o ideal é colocá-la numa chaleira com água fria e aumentar o fogo vagarosamente. A rã irá adaptando-se ao aquecimento gradativo, permanecendo na água até morrer cozida e estará pronta para ser saboreada.

Há uma desmotivação quase que generalizada na vida dos cristãos para a santificação. Isso é um sinal claro de que alguns sendo “cozidos em fogo brando” por Satanás, achando que “tudo está normal, pois hoje em dia o mundo é assim mesmo...”. O pecado tem algo a ver com isso?

### **Definição de Pecado no Antigo e Novo Testamento**

I. O Antigo Testamento descreve o pecado nas seguintes esferas:

#### **1. Na Esfera Moral**

- a) errar o alvo: Dá idéia de, como um arqueiro que atira, mas erra.
- b) tortuosidade ou perversidade: como um viajante que sai do caminho certo.
- c) falta: ser achado em falta ao ser pesado na balança de Deus.
- d) mal: violência ou infração.

**2. Na Esfera da Conduta Fraternal:** A palavra usada para determinar o pecado nesta esfera significa, violência ou conduta injuriosa (Gn 6.11; Ez 7.23; Pv 16.29) ao excluir a restrição da lei, o homem maltrata e oprime seus semelhantes.

**3. Na Esfera da Santidade:** As palavras empregadas eram: profano, imundo, contaminado e transgressor. Estes termos empregados nesta esfera implicam que o ofensor já usufruiu a relação com Deus. Entendemos que os Israelitas como povo escolhido, deveriam ser santos, pois pelas leis, em toda as atividades e esferas de suas vidas, estavam reguladas pela Lei da Santidade. E que fosse contrário a isso se tornava imundo. Lv 11.24,27,31,33,39.

**4. Na Esfera da Verdade:** “Engano”, “Mentira”. As palavras que descrevem o pecado nesta esfera dão ênfase ao inútil e fraudulento elemento do pecado. Os pecadores falam e tratam falsamente, Sl 58.3; Is 28.15; Ex 20.16. O primeiro pecado começou com uma mentira (Gn 3.4); e todo o pecado contém o elemento do engano. Hb 3.13.

**5. Na Esfera da Sabedoria:** Os homens se portam impiamente porque não pensam ou não querem pensar corretamente; não dirigem suas vidas de acordo com a vontade de Deus, seja por descuido ou por deliberada ignorância. O homem precisa crescer na sabedoria para firmeza e fundamento moral, o que de palavras de sabedoria, ensino, exortação, fora escrito para ele não esquecer; para não ser facilmente conduzido ao pecado. Mt 7.26; Pv 7.7; 9.4.

**II. No Novo Testamento:** O pecado tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento é considerado uma “brecha” ou “rompimento” de relações entre o pecador e o Deus pessoal. É o desvio do pecado da vontade de Jeová, ou seja, a quebra da lei, sendo que Jeová é a própria lei.

## Capítulo I

### Teorias Errôneas Quanto a Natureza do Pecado

Qual a origem do pecado? Esta indagação quer a encaremos no contexto da Igreja ou da Teologia, amplia-se numa indagação sobre a origem do mal em todo o mundo. As perturbações da vida e a consciência de algo anormal atuando decisivamente no mundo, conduzem o homem pensante a essa questão; e inúmeras são as respostas formuladas através da história; nem sempre harmônicas entre si.

**1. Conceitos Históricos e Teorias sobre a Origem do Pecado:** São os mais diversos os conceitos que ao longo da história surgiram acerca do pecado. Irineu, bispo de Lyon, na Ásia Menor (130-208 d.C.), foi, talvez, o primeiro dos Pais da Igreja Antiga, a assegurar que o pecado no mundo se originou na transgressão voluntária do homem no Éden. O conceito de Irineu logo tomou conta do pensamento e da teologia da Igreja, especialmente como arma no combate ao gnosticismo, pois este ensinava que o mal é inerente à matéria.

**2. Do Gnosticismo a Orígenes:** O gnosticismo ensinava que o contato da alma humana com a matéria era que a tornava imediatamente pecadora. Esta teoria naturalmente despojou o pecado do seu caráter voluntário como é apresentado na Bíblia. Orígenes (185-254 d.C.) sustentou este mesmo ponto de vista por meio de sua teoria chamada “preexistencismo”. Segundo ele, as almas dos homens pecaram voluntariamente em existência prévia, e, portanto, todas entraram no mundo numa condição pecaminosa. Este conceito de Orígenes sofreu forte oposição mesmo nos seus dias.

**3. Os Pais da Igreja Grega:** Em geral os Pais da Igreja grega dos séculos III e IV se mostraram inclinados a negar a relação direta entre o pecado de Adão e seus descendentes. Em contraposição, os Pais da Igreja latina ensinaram com bastante clareza que a presente condição pecaminosa do homem encontra sua explicação na primeira transgressão de Adão no Éden.

**4. De Agostinho à Reforma:** O ensino da Igreja do Ocidente quanto à origem do pecado teve seu ponto mais elevado na pessoa de Agostinho. Ele insistiu no ensino de que em Adão toda a humanidade se acha culpada e maculada. Já os teólogos semipelagianos admitiam que a mancha do pecado, e não o pecado mesmo, é que era causada pelo relacionamento humanidade – Adão. Durante a Idade Média, o que se cria a respeito do assunto era uma mistura de agostinismo e pelagianismo. Os Reformadores, particularmente, comungaram do ensino de Agostinho.

**5. Do Racionalismo a Karl Barth:** Sob a influência do racionalismo e da teoria evolucionista, a doutrina da queda do homem e de seus efeitos fatais sobre a raça humana, foi descartando-se gradualmente. Começou a se difundir a idéia de que, se realmente houve o que a Bíblia chama “queda” do homem, essa queda foi para o alto. A idéia do pecado odioso aos olhos santos de Deus foi substituída pelo mal, e este mal se aplicou de diferentes maneiras. Por exemplo, Emanuel Kant o considerou como parte inseparável do que há de mais profundo no ser humano, e que não se pode explicar. O evolucionismo chama esse “mal” de oposição das baixas inclinações ao desenvolvimento gradual da consciência moral. Karl Barth, teólogo suíço (1886-1968), fala da origem do pecado como um mistério da predestinação.

## Capítulo II

### O Estado Original do Homem

No último dia da criação, disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”. Gn 1.26. Então, Ele terminou Seu trabalho com um “toque pessoal”. Deus formou o homem do pó e deu a ele vida, compartilhando de Seu próprio fôlego. Gn 2.7. Desta forma, o homem é único dentre toda a criação de Deus, tendo tanto uma parte material (corpo) como uma imaterial (alma/espírito).

Em termos bem simples, ter a “imagem” e “semelhança” de Deus significa que fomos feitos para nos parecermos com Deus. Adão não se pareceu com Deus no sentido de que Deus tivesse carne e sangue. As Escrituras dizem que “Deus é espírito” (Jo 4.24) e, portanto existe sem um corpo. Entretanto, o corpo de Adão espelhou a vida de Deus, ao ponto de ter sido criado em perfeita saúde e não ser sujeito à morte.

A imagem de Deus se refere à parte imaterial do homem. Ela separa o homem do mundo animal, e o encaixa na “dominação” que Deus pretendeu (Gn 1.28), e o capacita a ter comunhão com seu Criador. É uma semelhança mental, moral e social.

**Mentalmente**, o homem foi criado como um agente racional e com poder de escolha: em outras palavras, o homem pode raciocinar e fazer escolhas. Isto é um reflexo do intelecto e liberdade de Deus. Todas as vezes que alguém inventa uma máquina, escreve um livro, pinta uma paisagem, se delicia com uma sinfonia, faz uma conta ou dá nome a um bichinho de estimação, esta pessoa está proclamando o fato de que somos feitos à imagem de Deus.

**Moralmente**, o homem foi criado em justiça e perfeita inocência, um reflexo da santidade de Deus. Deus viu tudo que tinha feito (incluindo a humanidade), e disse que tudo era “muito bom”. Gn 1.31. Nossa consciência, ou “bússola moral” é um vestígio daquele estado original. Todas as vezes que alguém escreve uma lei, volta atrás em relação ao mal, louva o bom comportamento ou se sente culpado, esse alguém está confirmando o fato de que somos feitos à própria imagem de Deus.

**Socialmente**, o homem foi criado para a comunhão. Isto reflete a natureza tri una de Deus e Seu amor. No Éden, o primeiro relacionamento do homem foi com Deus (Gênesis 3.8 indica comunhão com Deus), e Deus fez a primeira mulher porque “não é bom que o homem esteja só”. Gn 2.8.

Portanto o homem no seu estado original em nada se assemelha ao homem depois da queda. Fazendo o que fez, Adão manchou a imagem de Deus dentro de si, e passou adiante esta semelhança danificada a todos os seus filhos, incluindo a nós Rm 5.12. Hoje, ainda trazemos conosco a imagem de Deus (Tg 3.9), mas também trazemos as cicatrizes do pecado. Mentalmente, moralmente, socialmente e fisicamente, mostramos os efeitos. As boas novas são que, quando Deus redime uma pessoa, Ele começa a restaurar a imagem original de Deus, criando “o novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade”. Ef 4.24; Cl 3.10.

## Capítulo III

### A Queda do Homem

No Jardim do Éden tudo era tão belo e perfeito que Adão e Eva tinham tudo para viverem felizes, eternamente. Havendo Deus colocado Adão e Eva no jardim onde estava a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal dizem a ambos que de toda a árvore do jardim comeriam livremente (Gn 2.16 “Ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente”), porém estabelece critérios para que ambos permaneçam com vida, ou seja, ambos não poderiam comer da árvore do conhecimento do bem e do mal deixando claro alguns fatores como:

1. **Livre Arbitrio:** Deus dá a liberdade a ambos de escolherem em obedecê-lo ou não.
2. **Limitação Humana:** Deus estabelece um limite para o desenvolvimento humano.
3. **Conhecimento Limitado:** Deus estabelece um limite para o conhecimento humano.
4. **Recompensa Humana:** Deus estabelece uma recompensa ao homem.
5. **Morte Espiritual:** Deus condiciona o homem a uma situação mediante a escolha feita, seja ela de obediência ou desobediência.

Tendo Deus colocado Adão e Eva num estado de felicidade e prometido a eles assim como a sua posteridade confirmá-los nesse estado permanente se, nesse estado, Adão mostrasse fidelidade, obedecendo o mandamento de Deus, não comendo da árvore descrita como a “árvore do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2.17 “mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás, pois no dia em que dela comeres, certamente morrerás”). Aparentemente, a questão era se Adão e Eva aceitaria Deus determinar o que era bom e mal ou se procurariam decidir isso por si mesmos, independentemente do que Deus lhes havia dito.

Entretanto, a serpente, possuída por Satanás, vai ao encontro de Eva e, questiona-a quanto a veracidade das palavras divinas despertando a cobiça nela para ser igual a Deus, injetando nela o mesmo veneno que em si existia. Um veneno de grandiosidade, soberania, progressão a qualquer preço (Is 14.14 “Subirei acima das mais altas nuvens; serei semelhante ao altíssimo”) (Gn 03.04 “Então a serpente disse a mulher: Certamente não morrerás. Porque Deus sabe que no dia em que comeres desse fruto, os vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal”).

Ouvindo Eva as palavras de Satanás, desejou comer do fruto proibido pois o aspecto aparente da árvore havia mudado, tornando a árvore aparentemente boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, então comeu (Gn 3.6 “Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto e comeu...” ) e, havendo Eva comido do fruto proibido deu também a seu marido Adão proliferando a maldade, que começou com a serpente, e agora já havia infectado todos os que ali estavam, todos os que eram dotados de entendimento, não ficando um sequer. Agora, Adão, levado por Eva – que por sua vez foi levado pela serpente – afrontou a Deus comendo do fruto proibido. Quebraram não apenas seu relacionamento com Deus, mas também o relacionamento entre si e com todas as gerações futuras, além da natureza da qual deveriam dominar.

## Capítulo IV

### A Origem Histórica do Pecado

Na Escritura, o mal moral existente no mundo transparece claramente como pecado, isto é, como transgressão da lei de Deus. Nela o homem sempre aparece como transgressor por natureza, e surge naturalmente a questão: Como adquiriu ele natureza? Que revela a Bíblia sobre esse ponto?

#### I. O pecado originou-se no mundo angélico

A Bíblia nos ensina que, na tentativa de investigar a origem do pecado, devemos retomar à queda do homem, na descrição de Gênesis 3 e fixar a atenção em algo que sucedeu no mundo angélico, sua origem, rebelião e a queda na qual legiões de anjos se apartaram de Deus.

A origem dos anjos: Os anjos são seres celestiais que foram criados do nada pelo poder de Deus. Eles foram criados perfeitos para habitarem eternamente nos céus. Deus, o criador universal, mediante a sua palavra foram feitos os céus e todo seu exercito (Sl 33.6), as coisas invisíveis que estão nos céus, as visíveis que estão na terra, tudo foi criado pelo senhor. Cl 1.16.

Não sabemos com exatidão a época em que os anjos foram criados, porém, temos conhecimento de que eles existem há muito tempo. Analisando cuidadosamente os fatos, podemos dizer: que eles existem antes da rebelião de Lúcifer. Apoc 12.7-9.

Quando ocorreu a rebelião sob o impulso de Satanás ficou registradas duas classes de anjos, “os bons e os maus”. Os anjos bons ou eleitos são aqueles que permaneceram fiéis a Deus durante a rebelião. I Tm 5.21. Os anjos maus, são os decaídos que pecaram e desobedeceram ao Criador foram infiéis de maneira que aderiram ao representante da maldade, Lúcifer, os quais foram expulsos para serem condenados no dia do Juízo. II Pe 2.4.

#### II. A Organização Angelical

1. Querubins - Guarda do Trono (tronos): Gn 3.24; II Rs 19.15; Is 37.16.
2. Serafins - Guarda da Adoração (domínios): Is 6.2,3.
3. Arcanjos - Chefe dos Anjos (principados): Dn 10.13; 12.1 Apoc 12.7.
4. Anjos - Mensageiros (potestades): Gn 16.7; Lc 1.19,26; At 10.3.

#### III. A Natureza Angelical

1. São seres espirituais criados: Hb 1.4; Sl 148.2,5; Cl 1.16.
2. São seres pessoais e imortais: I Pe 1.12; Lc 20.36; Gn 18.2.
3. São seres plenos e assexuais: Apoc 5.11; Hb12.22; Mt 26.53.

#### IV. A Transgressão Angelical

1. O pecado da exaltação: Ez 28.17; 21.26; II Co 12.7.
2. O pecado da rebelião: Ez 28.16; I Sm 15.23; I Pe 3.20.
3. O pecado da apostasia: Jd 1.6; II Ts 2.3; I Co 6.10.

#### V. O Futuro Angelical Rebelde

1. Não serão perdoados - serão julgados: II Pe 2.4; Rm 16.20.
2. Não serão absolvidos - serão condenados: I Co 6.3; II Pe 2.4.
3. Não ficarão impunes - serão lançados no inferno: Mt 25.41; Ap 20.10.

**A Causa da queda dos Anjos:** De acordo com as Escrituras o universo e a criatura eram originalmente perfeitos. A criatura tinha originalmente a capacidade de pecar ou não. Ela foi colocada na posição de poder fazer qualquer uma das duas coisas sem ser obrigada a optar por uma delas. Em outras palavras, sua vontade era autônoma. Portanto, conclui-se que a queda dos anjos se deu devido a sua revolta deliberada e autodeterminada contra Deus.

**O resultado de sua queda:** Todos eles perderam a sua santidade original e se tornaram corruptos em natureza e conduta. Mt 10.1; Ef 6.11-12; Ap 12.9. Alguns deles foram lançados no inferno e estão acorrentados até o dia do julgamento. II Pe 2.4. Alguns deles permanecem em liberdade e trabalham em definida oposição à obra dos anjos bons. Ap 12.7-9; Dn 10.12,13,20,21; Jd 9. Pode também ter havido um efeito sobre a criação original. Não é improvável, portanto, que o pecado dos anjos tenha tido algo a ver com a ruína da criação original. Gn 1.2. Eles serão, no futuro, atirados para a terra (Apoc 12.8-9), e após seu julgamento (I Co 6.3), no lago de fogo e enxofre. Mt 25.41; II Pe 2.4; Jd 6.

**A Origem e a rebelião de Lúcifer:** A origem de Lúcifer é descrita em dois textos bíblicos: Is 14.12-15 e Ez 28.12-19. A figura tétrica de satanás, que se conhece hoje, com sua aparência, onde o vemos vermelho, com chifres, uma cauda e um tridente nas mãos, é de origem pagã.

De acordo com a Bíblia ele era originalmente um anjo de luz, seu nome era Lúcifer, que no latim significa, portador de luz. Ele gozava de uma condição impar diante de Deus, porém exaltou-se em seu coração e tentou em ser igual a Deus, por este motivo foi lançado do céu, I Tm 3.6.

Os reis da Babilônia e Tiro são apresentados como paradigmas de satanás. Ambos reivindicaram para si a adoração. São apresentados de forma didática para descreverem como foi a queda de Lúcifer, Dn 3.1-12; Ap 13.15; Ez 28.2; At 12.20-23. Deus criou milhares de anjos, mas somente a criação de Lúcifer é mencionada de maneira particular. Num determinado momento, lá na eternidade passada, o mal se instalou no coração de uma dessas criaturas. Brotou lá no coração, e se manifestou. Ez 28.11,19.

Muitas passagens na Bíblia se referem a dois fatos, e isso se chama profecia de dupla referência. Quando uma mesma passagem bíblica se refere a dois eventos ou a duas personagens. Neste texto está muito claro. O rei de Tiro era um homem na cidade de Tiro.

Podemos notar que no começo do capítulo o Senhor está falando com o rei, o príncipe de Tiro, mas está falando também com o poder que está atrás dele, o poder oculto, que move aquele homem, e que era Satanás. Lúcifer era o "querubim da guarda ungido" - um título muito especial que mostra a sua posição.

Ele era o querubim separado para dirigir a adoração a Deus. Nós vamos ver aparecer Gabriel, vamos ver Miguel aparecer, mas ninguém explica a criação deles. Mas aqui, descreve como ele era como foi criado, a formosura, a perfeição, a maravilha, ele era um ser extremamente exaltado entre os anjos. Nele havia instrumentos musicais, porque ele era especialista em música, ele era da área de adoração. "Tu eras o selo da perfeição, cheio de sabedoria e perfeito em formosura, estiveste no Éden, jardim de Deus, e cobria-te de toda pedra preciosa". Assim ele é descrito, e para ninguém achar que é apenas uma figura, cita até as pedras: cornalina, topázio, ônix, crisólito, berílio, jaspe, granada, esmeralda e ouro.

**A Queda:** Lúcifer, considerado querubim protetor na escala angelical, aferidor, possuidor na criação de Deus de importantes atribuições, anjo de luz, estrela da manhã. Presente no jardim do Éden na criação original. Rodeado de toda a glória, pedras preciosas, ouro, ornamentos e perfeito em seus caminhos. Porém, nasceu em seu coração um sentimento de insatisfação e descontentamento. Pensamentos estranhos formaram-se no seu íntimo e transformaram-se em ambição, orgulho e rebeldia tão crescente que ele disse: "Subirei ao céu, exaltarei o meu trono, me assentarei..., subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao altíssimo". Esse plano ia se formando ajudado pelo livre arbítrio de Lúcifer e, pouco a pouco o seu pensamento transformou-se em vontade e esta em ação, ocasionando a maior catástrofe de todos os tempos. *Seu grande pecado está descrito em Isaías 14.5,12-15, (EU)*

- a) Eu subirei ao céu (tirei o lugar a Deus)
- b) Eu exaltarei meu trono acima das estrelas de Deus (acima dos anjos)
- c) Eu me assentarei no monte da congregação na banda dos lados do norte
- d) Eu subirei acima. . . das nuvens (a glória de Deus)
- e) Eu serei semelhante ao Altíssimo.

Portanto, Lúcifer se rebelou contra o próprio Deus, sendo lançado fora e precipitado para o mais profundo dos abismos, atuando hoje nos lugares celestiais, isto é, abaixo da morada de Deus. Is 14.13-15; Ez 28.15,16; Mt 25.41. Satanás também conseguiu arrastar consigo 1/3 dos anjos (ou seja, 1 em cada 3 anjos ficou do lado dele, Apoc 12.3,4,7). Esta rebelião trouxe a manifestação da ira de Deus que o Sl 18.7,11. Após a rebelião, a terra sofreu uma transformação de grande profundidade que ficou sem forma e vazia (Gn 1.2) e Lúcifer criado por Deus, se transformou em diabo.

- a) Ele aparece na Bíblia como o chefe dos anjos caídos. Mt 25.41; 9.34; Ef 2.2
- b) Ele aspirou a ser como o Altíssimo e caiu na condenação, Ez 28.2,19; Is 14.2-15
- c) Ele é o originador do pecado, Gn 3.1,4; Jo 8.4; Il Co 11; I Jo 3; Apoc 12.9; 20.10
- d) Ele está destinado a ser lançado no abismo, Apoc 20.10
- e) Ele é mais que humano, mas não é divino (tem limitações). Mt 12.29; Apo 20.2
- f) Trocou o Jardim do Éden pelo inferno, Ez 28.12-19 e Mt 25.41.

O Éden de Lúcifer não é o Éden do tempo de Adão, em que o diabo entrou como rebelde usurpador. Acredita-se ser um Éden anterior ao qual Lúcifer presidia e ocupava alta posição. É interessante compararmos as pedras mencionadas aqui com aquelas de Apocalipse 21.11-21. Esse esplendor talvez indique algo da glória do palácio em que Lúcifer residia.

## Capítulo V

### Pecado Herdado e Imputado

Pecado herdado e imputado é o pecado herdado da desobediência de Adão e Eva. O primeiro homem, como representante da raça humana, corrompeu toda a humanidade ao transgredir a lei de Deus. Como o pecado de Adão nos afeta?

#### As Escrituras ensinam que herdamos o pecado de Adão de dois modos:

**1. Culpa herdada:** Somos considerados culpados por causa do pecado de Adão. Paulo explica os efeitos do pecado de Adão da seguinte maneira: “Portanto [...] por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim [...] a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. Rm 5.12. O contexto mostra que Paulo não está falando dos pecados que as pessoas efetivamente cometem no dia-a-dia, pois todo o parágrafo (Rm 5.12-21) trata da comparação entre Adão e Cristo.

**2. Corrupção Herdada:** Temos uma natureza pecaminosa por causa do pecado de Adão. Além da culpa legal que Deus nos imputa por causa do pecado de Adão, também herdamos uma natureza pecaminosa como consequência do pecado dele. Essa natureza pecaminosa herdada é, às vezes, denominada simplesmente “pecado original”, e às vezes, mais precisamente, “poluição original”.

#### 3. Na nossa natureza carecemos totalmente de bem espiritual perante Deus

Não é certo dizer que algumas partes de nós são pecaminosas, e outras puras. Antes, cada parte do nosso ser está maculada pelo pecado — o intelecto, as emoções e desejos, o coração (o centro dos desejos e dos processos decisórios), as metas e motivos e até o corpo físico. Diz Paulo: “Sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum” (Rm 7.18) e “para os impuros e descrentes, nada é puro. Porque tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas”. Tt 1.15.

#### 4. Nos nossos atos, somos totalmente incapazes de fazer o bem espiritual perante Deus

Essa idéia está ligada à anterior. Não só em nós, pecadores, falta o bem espiritual, mas também a capacidade de fazer qualquer coisa que agrade a Deus, e ainda a capacidade de nos aproximar de Deus por nossas próprias forças. Paulo diz que “os que estão na carne não podem agradar a Deus”. Rm 8.8. Além disso, a respeito de dar fruto para o reino de Deus e fazer o que lhe agrada, diz Jesus: “Sem mim nada podeis fazer”. Jo 15.5. De fato, os descrentes não são agradáveis a Deus, senão por outra razão qualquer, simplesmente porque seus atos não advêm da fé em Deus e do amor por ele, e “sem fé é impossível agradar a Deus”. Hb 11.6. Paulo, falando da época em que seus leitores eram descrentes, diz-lhes que estavam “mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais andastes outrora”. Ef 2.1-2.

Portanto, reafirmamos, mesmo herdando através de Adão a natureza pecaminosa, a justiça será feita sobre o que cada um comete. Herdamos o pecado, mas somos cobrados os pecados que nós cometemos. Ninguém seja julgado por um pecado de outro. Nós vivemos em um mundo corrupto e a corrupção irá nos trazer conseqüências, mas o julgamento virá pelo que fazemos, não pelas conseqüências que sofremos. Rm 2.6; Cl 3.25. Ou seja, Deus pune pecadores e não o pecado; o ato, a disposição e o estado não estão separados de quem os pratica. Rm 7.15-20.

## Capítulo VI

### A Natureza do Pecado

A verdadeira natureza do pecado é oposição a Deus, o que inclui todas as fases do mal. Não é possível dar uma definição mais sucinta de pecado do que a de - oposição a Deus. O pecado é, a corrupção das faculdades e, especialmente, do caráter moral da alma. Se o pecado de Adão não fosse nada mais nada menos que um mal exemplo, como afirma os pelagianos, naturalmente haveria muitos que escapariam desse exemplo. Uma consciência de pecado e de culpa tem sempre existido na raça humana. Há uma consciência de pecado inata no homem; e essa consciência e prática do pecado são ambas universais. A única explicação desse fato se encontra na depravação inata. ***Teorias Sobre a Natureza do Pecado:***

| Teoria            | Fonte                         | Ensino                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------|-------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Dualismo          | Filosofia grega e Gnosticismo | O ser humano tem um espírito derivado do reino da luz e um corpo com sua vida animal derivado do reino das trevas. Assim, o pecado é um mal físico, a contaminação do espírito por meio da sua união com um corpo material. O pecado é vencido ao se destruir a influência do corpo sobre a alma.                                                                                                                                    |
| Egoísmo           | Strong                        | Pecado é egoísmo. É preferir as próprias idéias ao invés da verdade de Deus. É preferir a satisfação da própria vontade ao invés de fazer a vontade de Deus. É amar-se a si mesmo mais do que a Deus. Pode manifestar-se na forma de sensualidade, incredulidade ou inimizade contra Deus.                                                                                                                                           |
| Pelagiana         | Pelágio                       | O pecado de Adão prejudicou somente a ele próprio. Todas as pessoas nascem no mundo no mesmo estado em que Adão foi criado. Elas têm o conhecimento do que é mau e a capacidade de fazer tudo o que Deus requer. O pecado, portanto, consiste apenas na escolha deliberada do mal.                                                                                                                                                   |
| Agostiniana       | Agostinho                     | Todas as pessoas possuem uma depravação inerente e hereditária que inclui tanto culpa quanto corrupção. Nós ofendemos a santidade de Deus por causa de atos deliberados de transgressão e da ausência de sentimentos corretos. Porém, o pecado é negação; ele não é necessário.                                                                                                                                                      |
| Católica Romana   | Ensino da igreja e tradição   | O pecado original é transmitido a todas as pessoas. Nós nascemos em pecado e somos oprimidos pela corrupção da nossa natureza. Essa privação da justiça permite que as capacidades inferiores da natureza humana ganhe ascendência sobre as superiores, e a pessoa cresce em pecado. A natureza do pecado é definida com a morte da alma. Portanto, o pecado consiste na perda da justiça original e na desordem de toda a natureza. |
| Definição Bíblica | Escrituras                    | A Bíblia usa muitos termos para descrever a natureza do pecado: ignorância (Ef 4.18), erro (Mc 12.24-27), impureza, idolatria (Gl 5.19-20, transgressão, Rm 5.15), etc. A essência do pecado está em colocar algo mais no lugar de Deus. É qualquer coisa que fica aquém da sua glória e perfeição.                                                                                                                                  |

## I. A Natureza do Pecado

- a) O pecado é dominante, Rm 3.10-12,19,20
- b) O pecado é universal, Rm 3.9,12
- c) O pecado é destrutivo, Rm 3.16,17
- d) O pecado é desastroso, Rm 3.19
- e) O pecado é mortífero, Rm 6.23

**1. O Pecado como um Ato:** Em I João 3.4 temos a definição do pecado como um ato. É um transgredir, ou um ir contrário à Lei de Deus.

**2. O Pecado como um Estado:** Muita gente há que não pode ou não quer ver que o pecado vai mais fundo que um ato manifesto. Um pouco de reflexão mostrará que os nossos atos não são senão expressões dos nossos seres interiores. A pecaminosidade íntima, então, deve preceder os atos manifestos do pecado. As seguintes provas escriturísticas mostram não só que o homem é pecaminoso na conduta como que ele existe num estado pecaminoso – uma falta de conformidade com Deus na mente e no coração: As palavras hebraica e grega traduzidas por "pecado" aplicam-se tanto a disposições e estados como a atos. Tg 4.17; Gn 6.5; Jr 17.9; Mt 5.22,26; Hb 3.12; Rm 6.21; 7.8,11,13,14,17,20.

**3. O Pecado como um Princípio:** O pecado como princípio, é rebelião contra Deus. É recusar fazer a vontade dEle que tem todo o direito de exigir obediência de nós.

**4. O Pecado em Essência:** Enquanto o pecado como um estado é dessemelhança de Deus, como um princípio é oposição a Deus e como um ato é transgressão da Lei de Deus, sua essência é sempre e em toda a parte egoísmo.

O pecado pode ser descrito como uma árvore de vontade própria, tendo duas raízes mestras: uma é um "não" para Deus e Seus mandamentos, a outra é um "sim" para o Eu e interesses do Eu. Esta árvore é capaz de dar qualquer espécie de fruto no catálogo dos pecados. O egoísmo está sempre manifesto no pecador na elevação de "algum afeto ou desejo inferiores acima da consideração por Deus e Sua Lei" (Strong). Não importa a forma que o pecado tome; acha-se sempre ter o egoísmo por sua raiz. O pecado pode tomar as formas de avareza, orgulho, vaidade, ambição, sensualidade, ciúme, ou mesmo o amor de outrem, em cujo caso outros são amados porque são tidos como estando de algum modo ligado ao Eu ou contribuindo para o Eu. O pecador pode buscar a verdade, mas sempre por fins interesseiros, egoísticos. Ele pode dar seus bens para alimentar o pobre, ou mesmo o seu corpo para ser queimado, mas só por meio de um desejo egoísta de gratificação carnal ou honra ou recompensa. O pecado, como egoísmo, tem quatro partes: "(a) Vontade própria, em vez de submissão; (b) ambição, em vez de benevolência; (c) justiça própria, em vez de humildade e reverência; (d) auto-suficiência, em vez de fé" (Harris).

Vemos, então, que o pecado não é meramente um resultado do desenvolvimento imperfeito do homem: é uma perversidade da vontade e da disposição. O homem nunca a sobrepujará enquanto ele estiver na carne. A regeneração põe um entrave sobre ela, mas não a destrói.

## Capítulo VII

### Tipos de Pecado e Consequências

- a) Pecado “não” para a morte. I Jo 5.17
- b) Pecado para a morte. I Jo 5.16b
- c) Pecado imperdoável. Mt 12.22-32

### I. O Pecado sob a Perspectiva de algumas religiões

#### 1. Seicho-No-Ie

O pecado é uma criação da mente humana, ou seja, o pecado e culpa são irreais. Seicho-No-lê: Seita neobudista, fundada pelo japonês Taniguchi Masaharu, no século XX. Seicho-No-lê significa "casa da longa vida", da plenitude, onde se encontram a vida, amor, sabedoria e riqueza. É uma religião eclética que reúne elementos do budismo, do cristianismo, de filosofia, e de psicologia. Sua doutrina é que mal, pecado e culpa são irreais, mera ilusão da mente. A doença também é irreal. Quem cultiva pensamentos positivos elimina as doenças. Devemos eliminar o mal, a culpa, mediante a confiança em si mesmo. É uma religião açucarada que nega o mistério da Cruz de Cristo e da Salvação.

#### 2. Judaísmo

O Judaísmo considera a violação de um mandamento divino como um pecado. O judaísmo ensina que o pecado é um ato e não um estado do ser. A Humanidade encontra-se num estado de inclinação para fazer o mal (Gn 8.21) e de escolher o Bem em vez do Mal. Sl 37.27. O Judaísmo usa o termo "pecado" para incluir violações da Lei Judaica que não são necessariamente uma falta moral. De acordo com a Enciclopédia Judaica, "O Homem é responsável pelo pecado porque é dotado de uma vontade livre ("behirah"); contudo, Ele tem uma natureza fraca e uma tendência para o Mal: "Pois o coração do Homem é mau desde a sua juventude". Gn 8.21. Por isso, Deus na sua misericórdia permitiu ao Homem arrepender-se e ser perdoado. O Judaísmo defende que todo o Homem nasce sem pecado, pois a culpa de Adão não recai sobre os outros homens.

#### 3. Islamismo

Não existe nenhum pecado original. Todas as pessoas são sem pecado até que eles se rebelem contra Deus. Elas não têm natureza pecaminosa. Declara o Islamismo: "Como muitas outras crenças cristãs, a doutrina do Pecado herdado também não encontra nenhum respaldo nas palavras de Jesus nem dos profetas que houve antes dele... O Islam condena o dogma do pecado original... O pecado não é herdado, mas algo que cada um adquire por si ao cometer aquilo que não deveria e não fazer aquilo que deveria... (O Islam) considera também racionalmente, seria o cúmulo da injustiça condenar toda raça humana por um pecado cometido a milhares de anos pelos primeiros progenitores" (1, p. 47,49).

No Islamismo os pecados são erros que você faz e, se você diz "lamento" a Deus, Ele lhe perdoa. Na soma, nossas boas obras suplantam nossas más obras (Alcorão - Sura 11,114). Por isso, eles não acreditam que Jesus Cristo veio redimir o homem caído. Entretanto o próprio Alcorão fala da queda de Adão: "Ó Adão, habita o Paraíso com a tua esposa e desfrutai dele com a prodigalidade que vos aprouver; porém, não vos aproximeis desta árvore, porque vos contareis entre os iníquos. Todavia, Satã os seduziu, fazendo com que saíssem do estado (de felicidade) em que se encontravam". (Sura 2.35,36).

Esclarecimento: Há muito tempo atrás, o erudito Agostinho, propôs uma teoria onde afirmava que todos os homens são culpados diante de Deus por causa do pecado cometido por Adão. O efeito prático desta doutrina tem servido, principalmente entre os islâmicos, para expor a justiça de Deus a críticas desnecessárias. A Bíblia claramente afirma que o homem dará conta à Deus unicamente das suas próprias culpas e pecados. Ez 18.4,17.

O verdadeiro ensinamento das Escrituras sobre o pecado original ou pecado adâmico é que Adão introduziu no mundo o pecado e transmitiu a natureza pecaminosa ao gênero humano, de sorte que todos que chegam à idade de fazer a sua escolha, inevitavelmente escolhe o pecado que conduz à morte. A confusão tem lugar, não pelo que a Bíblia diz sobre o assunto, mas pelo que ela não diz. Algumas passagens falam dos pecados de Adão trazendo morte ao mundo, mas não acrescentam a explicação de que tal morte atinge o homem quando este escolhe, por si mesmo, seguir o exemplo de Adão.

Note o texto de I Co 15.22: "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo". Este versículo diz noutras palavras, o seguinte: "Assim como Adão trouxe a possibilidade de morte para todos, assim Cristo trouxe também a possibilidade da vida para todos". É evidente que cada indivíduo tem que tomar a decisão de aceitar ou rejeitar a Cristo e a vida eterna; igualmente tem que tomar a decisão de seguir o pecado e a conseqüente morte espiritual. Este fato é também apoiado por Romanos 5.12 que afirma que o pecado "entrou" no mundo através de Adão e que a morte veio "porque todos (cada um) pecaram (pessoalmente)". A grande dificuldade que a teologia islâmica encontra em aceitar essa explicação é pelo fato de que a salvação no islamismo é adquirida pelas obras e regras religiosas, enquanto que no cristianismo depende de fé e confiança na Graça de Deus.

#### 4. Catolicismo

A doutrina católica distingue entre o pecado venial, que justifica somente uma punição temporária no Purgatório, e pecado mortal, que justifica uma punição eterna no Inferno, se não confessado e não demonstrar genuíno arrependimento. Segundo a Igreja Católica, o pecado original só é purgado no indivíduo pelo batismo.

Pequenas, muito pequenas são, às vezes, as causas de grandes danos. Um descuido qualquer pode ter em conseqüência, grandes desastres. Na vida espiritual não é diferente. Quem se acostuma a cometer faltas leves, sem delas se arrepender, e nada faz para delas se livrar, está em grande perigo de cometer faltas graves. As faltas leves são definidas como pecados veniais.

O pecado mortal é de todos o maior e deve ser evitado a todo custo, porque é ele que nos exclui da felicidade eterna. Pecados veniais não tem este efeito, mas predisõem a alma a consentir infidelidades maiores e preparam o caminho para o pecado mortal. O Pecado mortal define-se como a transgressão dos Mandamentos da Lei de Deus. *Já os pecados capitais são sete, e assim são chamados porque eles dão origem a inúmeros outros pecados e são as raízes onde brotam vários outros vícios. São eles:*

1. **Soberba** - Basto-me, não dependo de ninguém!
2. **Avareza** - Quanto mais tenho, mais quero
3. **Luxúria** - Sensualidade, incontinência sexual.
4. **Ira** - Descontrole cerebral, por perda do autodomínio
5. **Gula** - Amor excessivo às iguarias.
6. **Inveja** - Ele tem. Porque não tenho?
7. **Preguiça** - Não a patológica (por doença), mas a que leva ao desconhecimento de Deus e à prática de boas obras.

## 5. Cristianismo

Creemos na pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus, e que somente através do arrependimento dos seus pecados e a fé na obra expiatória de Jesus o pode restaurar a Deus, At 3.19; Rm 10.9.

O segmento protestante, ou evangélico, não crê em purgatório, nem classifica os pecados como venial, mortal ou capital. Seguindo os preceitos bíblicos, não existe pecado pequeno ou grande, pois "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". Rm 3.23. O pecado nada mais é do que a transgressão aos mandamentos de Deus, segundo I João 3.4. Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei. Pecado é um ato, pois "cada um é tentado, quando atraído e engodado pelo seu próprio desejo. Depois, havendo concebido o desejo, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte." Tg 1.14,15. Para que tenhamos salvação e desfrutemos da vida eterna, devemos tão somente crer ("Pela graça sois salvos, por meio da fé..." Efésios 2.8) que Jesus é nosso único e suficiente salvador, e confessar nossos pecados para sermos perdoados ("Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" I João 1.9). Lembre-se também que é necessário arrependimento, e não somente remorso, que nos leva a cometer novamente os mesmos erros por não termos mais lembrança da "culpa" que nos abateu.

## II. Os Três Tipos de Pecados Segundo a Bíblia

No Antigo Testamento, encontramos dois tipos de pecados: (a) Pecado cujo praticante não sofria a condenação à morte. Lv 6.4-7. (b) E pecado cujo praticante era condenado à morte por apedrejamento. Lv 20. No Novo Testamento além do pecado "não para a morte" e o pecado "para a morte", encontramos o pecado imperdoável. Cristo ensinou que há um só pecado sem perdão, que é resistir ao Espírito Santo. Mateus informa-nos que manter uma atitude permanente de rebeldia contra a ação do Espírito Santo é pecado sem perdão:

“Portanto vos digo: Todo o pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém disser alguma palavra contra o Filho do homem, isso lhe será perdoado; mas se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no vindouro.” Mt 12.31,32.

### **Primeiro: Pecados “não” para a Morte**

I João 5.16: Se alguém vir a seu irmão cometer “pecado não para morte”, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. Há pecado para morte, e por esse não digo que rogue. I Jo 5.17: Toda injustiça é pecado, e “há pecado não para morte”. *Qual pecado não é para morte?*

1. O pecado “não” consumado, Tg 1.15
2. O pecado em que há arrependimento. Se houver arrependimento, haverá perdão e o pecador não morrerá. Rm 6.23. Se não houver arrependimento, não há como haver perdão e consequentemente.

### **Segundo: Pecados para a Morte**

I João 5.16: Se alguém vir a seu irmão cometer pecado não para morte, pedirá, e Deus lhe dará vida, aos que não pecam para morte. “Há pecado para morte”, e por esse não digo que rogue. *Qual pecado não é para morte?*

1. O pecado consumado, Tg 1.15
2. No contexto dos escritos de João e no contexto da Bíblia o pecado para a morte é o pecado cometido deliberada, conscientemente e sem a menor intenção de em algum momento porventura se arrepender dele. É o pecado cometido por algum que percebe a verdade e deliberada e conscientemente rejeita a verdade ou até mesmo combate ou tenta distorcer a verdade. Portanto, no contexto imediato das epístolas de João, o pecado para a morte era negar que Cristo veio em carne, ou seja, ensinar uma heresia muito grave. A este não se devia nem sequer saudar na rua e também por ele não se devia orar ou interceder a seu favor. II Jo 1.7-11; I Jo 5.14-17.
3. O pecado para a morte pode tomar formas diferentes também entre nós: desobediência deliberada a Deus, mentira e hipocrisia, desrespeito ao corpo de Cristo (a igreja), ou mesmo outras variedades cuja seriedade compromete o seu testemunho e o da igreja à qual pertence.

É óbvio que a maioria dos pecados não são para a morte: se o fossem, as igrejas e o testemunho cristão estariam seriamente comprometidos pois todos infelizmente estamos sujeitos a cair em pecado, transgredir os mandamentos de Deus e a praticar a injustiça. Devemos demonstrar nosso amor uns pelos outros intercedendo por aqueles que caíram em pecado, pois, se alguém assim for convertido do erro do seu caminho, sua vida será salva e fará que muitíssimos pecados sejam perdoados. Tg 5.20.

Temos uma natureza nova, divina, que nos foi dada quando nascemos de novo, que nunca vai pecar e tem amor por Deus e pelas Suas coisas. Temos, porém ainda uma velha natureza que tende a pecar e precisamos fazê-la morrer diariamente (Rm 8.13, Cl 3.5): é ela que nos faz pecar. O pecado está por toda a parte neste mundo, mas somos salvos dia a dia da sua atração se formos vigilantes e nos precavermos contra ele.

### **Terceiro: Pecado Imperdoável**

Os pecados mais horrendos podem ser perdoados. Manassés era feiticeiro e assassino e arrependeu-se. Nabucodonosor era um déspota sanguinário e arrependeu-se. Davi adulterou e matou, mas foi perdoado. Saulo perseguiu a igreja de Deus e foi convertido. Maria Madalena era prostituta e possessa, mas Jesus a transformou. Mas a blasfêmia contra o Espírito Santo não tem perdão. Quem pratica esse pecado atravessa a linha divisória da oportunidade e torna-se réu de pecado eterno.

#### **1. O que “não é” blasfêmia contra o Espírito Santo?**

a) Incredulidade final: Segundo o Evangelista Billy Graham, não obstante o fato de que a incredulidade até a hora da morte ser um pecado imperdoável, visto que não há oportunidade de salvação depois da morte, o contexto prova que Jesus está falando que o pecado imperdoável é um pecado que se comete não no leito da enfermidade, mas antes da morte.

b) Rechaçar por um tempo a graça de Deus: Muitas pessoas vivem na ignorância, na desobediência por longos anos e depois são convertidas ao Senhor. Por um tempo Paulo rejeitou a graça de Deus. At 26.9; I Tm 1.13. Os próprios irmãos de Jesus não criam nele. Jo 7.5.

c) Negação de Cristo: Paulo perseguiu a Cristo. At 9.4. Pedro negou a Cristo. Mt 26.69-75. Os irmãos de Cristo no início não creram em Jesus. Jo 7.5. Cristo disse que quem blasfemasse contra o Filho seria perdoado. Lc 12.10. Um ateu não necessariamente cometeu o pecado imperdoável.

d) Negação da divindade do Espírito Santo: Se assim fosse nenhum ateu poderia ser convertido. Se fosse essa a interpretação, nenhum membro da “Testemunha de Jeová” poderia ser salvo.

e) Não é a queda dos salvos: Hebreus 6.4,5 não se refere a pessoas salvas, mas aos réprobos, aqueles que deliberadamente rejeitam a graça e por isso, estão incluídos no pecado da blasfêmia contra o Espírito Santo.

## 2. Pecados contra o Espírito Santo que não caracterizam “blasfêmia”

a) Não é entristecer o Espírito Santo. Ef 4.30: Um crente pode até entristecer o Espírito Santo, mas isto não caracteriza necessariamente que ele tenha cometido o pecado imperdoável. Davi entristeceu ao Espírito Santo, mas arrependeu-se. *O Espírito Santo é entristecido através do pecado na vida dos crentes.*

1. Quando os crentes sujam o seu corpo, pois é o templo do Espírito Santo.
2. Quando os crentes proferem palavras pecaminosas, Ef 4.29, 31; 5.4.
3. Quando os crentes tomam atitudes pecaminosas, Ef 4.31.
4. Quando os crentes se envolvem com atos pecaminosos, Ef 5.3.

b) Não é apagar o Espírito Santo. I Ts 5.19: Um crente pode até apagar o Espírito Santo, deixando de obedecê-lo, deixando de honrá-lo, mas isto não significa blasfêmia contra o Espírito Santo. Em I Tessalonicenses 5.19, nós somos advertidos contra extinguirmos o Espírito. Isso um crente pode fazer durante certo tempo endurecendo o seu coração contra a liderança do Espírito. Este pecado seguramente traz castigos e deixa-nos suscetíveis a cometermos muitos enganos. Modos pelos quais o Espírito é extinguido são os seguintes:

1. Rebelar-se contra a Palavra inspirada de Deus (profecias), I Ts 5.20.
2. Abafando as repreensões do Espírito Santo.
3. Resistindo à liderança interna do Espírito em sua vida.

c) Não é resistir ao Espírito Santo. At 7.51: Muitas pessoas que durante um tempo resiste ao Espírito Santo, ao cabo de um tempo, humilha-se diante dele, como alguns dos sacerdotes que rejeitaram a mensagem de Estevão, mais tarde, foram convertidos a Cristo.

d) Não é mentir ao Espírito Santo. At 5.3: Ananias mentiu ao Espírito Santo através da dissimulação. O pecado que ele cometeu não foi devido a segurar parte do dinheiro, mas a pretensão de dizer que havia dado tudo, de forma que recebesse honra por um sacrifício que não fez. Ele é o pai de todos os que buscam elogio por uma consagração que não possuem. Levar tal decepção à igreja é um pecado contra o Espírito Santo. Tentar enganar a igreja é o mesmo que tentar enganar o Espírito, que é o administrador onisciente da assembléia. Ananias tentou a Deus (At 5.9), e o seu destino é uma advertência para os que seguiriam os seus passos.

## 3. Pecado Imperdoável: Blasfêmia contra o Espírito Santo

No grego, esta palavra (blasfêmia) significa dizer "coisas abusivas". Em Mateus 12.22-32, temos a história de algumas pessoas que cometeram o pecado imperdoável. Alguns fariseus acusaram a Cristo de estar operando pelo poder de Satanás. Fazendo isso eles blasfemaram contra o Espírito Santo sendo que Cristo trabalhava pelo Seu poder. At 10.38.

Nosso Senhor proclama este pecado como imperdoável. Há muita confusão sobre o que é na verdade a blasfêmia contra o Espírito Santo. Isto se deve ao fato das diversas correntes de interpretação do assunto. Na história da igreja primitiva, muitos estudiosos emitiram seus pareceres neste assunto:

- a) Irineu: Afirmava que a blasfêmia era a rejeição do Evangelho.
- b) Atanásio: Segundo ele a blasfêmia era a negação da divindade de Cristo.
- c) Orígenes: Entendia que era toda a quebra da lei após o batismo.
- e) Burge: Acreditava que era atribuir as coisas boas de Deus a um ato de Satanás
- f) Davis: Atribuir os milagres de Cristo a influência de Satanás.
- d) Agostinho: Para ele a blasfêmia contra o Espírito Santo consistia na dureza do coração humano rejeitando a obra de Cristo.

Nos textos bases, o Senhor Jesus está dizendo a seus antagonistas que atribuir a Belzebu (príncipe dos demônios) tudo que estava sendo realizado pelo poder do Espírito Santo, é demonstrar uma visão moral tão distorcida que já não existe mais nenhuma esperança de recuperação.

Os milagres eram clara demonstração de que o Reino de Deus (o poder e a soberania) estavam atuantes no mundo. A negação deste fato não tinha origem na ignorância, mas na recusa voluntária em crer. Quando acontece a blasfêmia contra o Espírito Santo? O que torna diferente dos outros o "pecado imperdoável" é a sua relação com o Espírito Santo. A obra do Espírito Santo é:

- a) Iluminar a mente dos pecadores, Ef 1.17-18.
- b) Revelar e ensinar o evangelho, Jo 14.26.
- c) Persuadir as almas a arrepender-se e a crer na verdade, cf. At 7.51.
- d) Abre a mente de modo que a Palavra de Deus possa ser entendida.

Quando a influência do Espírito Santo é deliberada e conscientemente recusada, em oposição à luz, então o pecado irreversível pode ser cometido como um ato voluntário e deliberado de malícia. Em resposta a essa atitude, há endurecimento do coração, vindo da parte de Deus, que impede o arrependimento e a fé. Rm 9.17; Hb 3.12-13. Neste caso, Deus permite que a decisão da vontade humana seja permanente.

Deus não faz isso levemente e sem causa, mas em resposta a um ultraje cometido contra o seu amor "o homem de forma voluntária, maliciosa e intencionalmente atribui o que com clareza se reconhece como obra de Deus a influencia e operação de Satanás". Não tem perdão para sempre. Mc 12.29. Fica clara esta expressão indicando a impossibilidade do perdão tanto nesta vida, como a vida depois da morte. O pecado que Deus não pode perdoar é a recusa do perdão. Então, cremos que o "pecado imperdoável é o estado de insensibilidade moral causada pela contínua recusa em crer no poder de Deus".

Quem o comete é réu de pecado eterno. Mc 3.29; Mt 12.22-32. Este pecado leva o homem a estado incorrigível de embotamento moral e espiritual, porque pecou voluntariamente contra a sua própria consciência. Na linguagem de João, este pecado é para a morte, ou seja, separação final da alma e Deus (I Jo 5.16), que é segunda morte, reservada para aqueles cujos nomes não estão inscritos "no livro da vida". Apoc 20.15; 21.8.

Frequentemente pessoas sinceras expressam o temor de haverem cometido o pecado imperdoável. Lembramos que: Enquanto alguém crê de todo o coração que Jesus é filho de Deus e o salvador do mundo, enquanto anela a salvação, pode estar certo de que não cometeu o pecado imperdoável. Qualquer que esteja preocupado com sua rejeição de Cristo, obviamente não cometeu este "pecado imperdoável". Porque este pecado elimina uma consciência preocupada com qualquer tipo de pecado (*Bíblia de Estudo Scofield*, pg. 964). Uma pessoa que quer se arrepender, isto é, quer se desfazer dos seus pecados que tenha cometido, não sofreu o endurecimento e não cometeu o profundo ato que Deus determinou que não será perdoado.

### III. Lista de Pecados em Gálatas 5.19-21

Os pecados cometidos são considerados obras da carne (gr. sarx) que é a natureza pecaminosa com seus desejos corruptos, a qual continua no cristão após a sua conversão, sendo seu inimigo mortal. Rm 8.6-8,13; Gl 5.17,21. Aqueles que praticam as obras da carne não poderão herdar o reino de Deus. Gl 5.21. Por isso, essa natureza carnal pecaminosa precisa ser resistida e mortificada numa guerra espiritual contínua, que o crente trava através do poder do Espírito Santo. Rm 8.4-14; Gl 5.17. Muitos dos pecados listados aqui são semelhantes, portanto, pode ajudar em seu entendimento se os considerarmos em grupos:

#### Primeiro Grupo: Pecados de Impureza Sexual

1. Prostituição (gr. pornéia), i.e., imoralidade sexual de todas as formas.
2. Impureza (gr. akatharsia), i.e., pecados sexuais, atos pecaminosos e vícios...
3. Lascívia (gr. aselgeia), i.e., sensualidade. A perda da vergonha e a decência.

#### Segundo Grupo: Pecados de Impureza Espiritual e Religiosa

4. Idolatria (gr. eidololatria), i.e., adoração de espíritos, pessoas, ídolos, coisas, etc.
5. Feitiçarias (gr. pharmakeia), i.e., espiritismo, Êx 7.11,22; 8.18; Ap 9.21; 18.23.

#### Terceiro Grupo: Pecados contra outras Pessoas

6. Inimizades (gr. echthra), i.e., intenções e ações fortemente hostis; antipatia.
7. Porfias (gr. eris), i.e., brigas, oposição, luta por superioridade, Rm 1.29.
8. Emulações (gr. zelos), i.e., ressentimento, inveja, Rm 13.13; I Co 3.3.
9. Iras (gr. thumos), i.e., que irrompe através de palavras e ações violentas. Cl 3.8
10. Pelejas (gr. eritheia), i.e., ambição egoísta e a cobiça do poder, II Co 12.20.

11. Dissensões (gr. dichostasia), i.e., introduzir ensinos cismáticos, Rm 16.17.

12. Heresias (gr. hairesis), i.e., ensinamentos contrario a sã doutrina, I Co 11.19.

13. Invejas (gr. fthonos), i.e., Aristóteles definia ciúmes como o desejo de ter o que outra pessoa possui. Era originariamente uma palavra boa e referia-se ao desejo de imitar uma coisa nobre da outra pessoa. Mais tarde a palavra passou a ser associada com um desejo lascivo daquilo que pertencia à outra pessoa. Salomão reconheceu a vaidade (inutilidade) desse pecado quando disse: "Então vi que todo trabalho e toda destreza em obras provêm da inveja do homem contra o seu próximo" Ecl 4.4. Tentar "seguir o padrão de vida do vizinho" é um pecado que não somente nos impedirá de ir para o céu, mas também mesmo nesta vida nos tirará a satisfação. Fl 4.12-13. E Homicídio (gr. phonos), i.e., matar o próximo por perversidade.

#### **Quarto Grupo: Pecados que demonstram falta de Autodomínio**

15. Bebedices (gr. methe), i.e., pratica contraria aos princípios bíblicos. E glotonarias (gr. komos), i.e., comer de modo extravagante e desenfreado. E coisas semelhantes: Esta não é uma lista completa de todos os pecados possíveis que uma pessoa pode cometer. Paulo está simplesmente dando exemplos para ilustrar a diferença entre a pessoa que é governada pelo Espírito e aquela que é uma escrava das paixões carnis. Ele nos está desafiando a retirar estas coisas de nossas vidas para que possamos viver e andar no Espírito.

As Obras da Carne (o inimigo interior): O tempo parece ser propício para o bom sentimento religioso. Há um espírito de alegria, a mensagem é animadora. E contra isso em si não temos queixa. O evangelho é uma mensagem bem positiva. É uma mensagem de salvação e de redenção uma palavra de graça e de alegria. Mas não é uma graça barata, nem uma alegria fácil. E é exatamente aqui que me encontro ansioso com o espírito religioso de nossos dias um espírito que embrulha e vende o "evangelho" como se faz com óleo de cobra, um remédio de charlatão de rápida ação, que cura tudo e nada exige.

Como certa vez observou C. S. Lewis, o evangelho no final das contas é bastante confortador, mas não se inicia assim. A palavra de Cristo no começo nos desfaz em pedaços num desmascarar doloroso de nossos pecados (Rm 13), depois com amor e cuidado nos torna inteiros de novo. Sl 51.8. O evangelho é livre, mas não é fácil. Não há nascimento sem dores de parto, não há liberdade sem disciplina, não há vida sem morte, não há "sim" sem "não".

O que Paulo quer dizer com a "carne"? Será que os homens receberam duas naturezas na criação uma má e outra boa? Ou será que pelo pecado de Adão entrou no homem alguma perversidade profundamente arraigada? A resposta a essas duas perguntas é um inequívoco "não". Quando Deus criou o homem, este foi declarado completamente "bom". Gn 1.31. Todo homem que pecou desde Adão até os nossos dias não o fez por necessidade, mas por livre escolha. Os homens pecam porque querem. Ecl 7.29. Não somos espirituais, nem carnis por natureza, mas somos capazes das duas coisas, e, como seres humanos, temos de escolher entre esses dois caminhos e nos responsabilizar por nossa escolha.

Embora Paulo às vezes use "carne" (sarx) em referência ao corpo físico (Rm 2.28) ou ao aspecto humano (Rm 3.20), a palavra significa muito mais do que isso em Gálatas 5.16-24. O corpo pode tornar-se um instrumento da glória de Deus (Rm 12.1), mas a "carne" não. Rm 8.5-8. O corpo pode ser redimido e transformado, (Rm 8.23; Fl 3.21), mas a "carne" deve morrer. Gl 5.24.

A "carne" que milita contra o Espírito não é a mente ou o intelecto, pois a mente, como o corpo, pode ser transformada e renovada, treinada para servir aos santos propósitos divinos. Rm 12.2. Essa "carne" não é nem a mente nem o corpo em si mesmo, mas uma atitude pela qual o homem opta e que o põe contra Deus. Na "mente carnal", a vontade do homem torna-se suprema. Seus desejos têm que ser atendidos acima de todas as coisas. Estes podem ser as concupiscências da carne ou os desejos da mente (Ef 2.3), mas serão satisfeitos a qualquer custo. É por isso que "as obras da carne", contra as quais Paulo adverte, abrangem mais que os apetites do corpo. Na realidade, se possível, estes são as menores das enfermidades espirituais. É na mente que escolhemos servir a nós mesmos. É na mente que nos tornamos arrogantes e egoístas e tomamos decisões que desonram o corpo (Rm 1.24) e escurecem o raciocínio (1.21). Viver em toda obra da carne significa fazer o que eu quero não simplesmente satisfazer os meus desejos carnis mais baixos, mas atender os desejos do meu ego. O orgulho e a paixão vivem na "carne" em perfeita harmonia.

#### IV. Lista de Pecados em I Coríntios 6.9: "Estes não herdarão o reino de Deus".

- ⇒ Injustos
- ⇒ Devassos
- ⇒ Idolatras
- ⇒ Adúlteros
- ⇒ Efeminados
- ⇒ Sodomitas
- ⇒ Ladrões
- ⇒ Avarentos
- ⇒ Bêbados
- ⇒ Maldizentes
- ⇒ Roubadores

**Efeminados:** é quando o homossexual faz o papel de passivo (ou seja, o de "mulher" na relação sexual com outro homem) e, também, quando tem trejeitos femininos ou gosta de vestir-se com roupas de mulher (no caso de travestis).

**Sodomitas:** vem do pecado de Sodoma e tornou-se sinônimo universal de homossexualismo ativo (quando o homossexual faz o papel de "marido" na relação com outro homem).

**Lésbica:** vem da ilha de Lesbos, na Grécia, onde vivia uma poetisa e sacerdotisa chamada Safo. Ela iniciava mulheres no homossexualismo (daí os adjetivos lésbicas ou mulheres sáficas). O apóstolo Paulo, porém, mesmo conhecendo muito bem a cultura da Grécia, faz uma leitura diferente do pensamento corrente na época.

Tanto em Roma como na Grécia antiga, o homossexualismo era uma prática comum. Era, ainda, considerado imagem ideal do erotismo e modelo de educação para os jovens. Contudo, apesar da prática homossexual ser considerada normal em Roma, o homossexualismo passivo desonrava os romanos, que eram educados para serem ativos, serem senhores. A posição passiva era reservada para os escravos e para as mulheres, para os quais, aliás, era um dever.

A História registra que dos quinze primeiros imperadores de Roma, só Cláudio era exclusivamente heterossexual. Mas foi o imperador Júlio César que ganhou a fama, só sendo tolerado pela posição que ocupava e por suas conquistas bélicas. Dele diz-se que “era homem de todas as mulheres e mulher de todos os homens”.

#### **IV. Lista de Pecados em:**

##### **Apocalipse 21.8**

1. Tímidos,
2. Incrédulos,
3. Abomináveis,
4. Homicidas,
5. Fornicadores,
6. Feiticeiros,
7. Idólatras,
8. Mentirosos,

##### **Apocalipse 22.14-15**

1. Cães,
2. Feiticeiros,
3. Os que se prostituem,
4. Homicidas,
5. Idólatras,
6. Mentirosos.

#### **Os que praticarem tais pecados estão irremediavelmente perdidos:**

1. O perdido desfrutará da derrota de Satanás. Mt 25.41
2. O perdido estará em perpétua escuridão. II Pe 2.4 e 17
3. O perdido estará constantemente em pranto e ranger de dentes. Mt 13.42
4. O perdido perecerá no inferno com seu corpo e sua alma. Mt 10.28
5. O perdido estará em prisão. Jd 1.6
6. O perdido estará no lago que arde com o fogo e enxofre. Ap 21.8
7. O perdido estará plenamente em horror. Dn 12.2
8. O perdido não terá paz. Is 57.21
9. O perdido não terá como dessedentar. Lc 16.24
10. O perdido não terá nenhuma alimentação. Is 55.13
11. O perdido viverá com grande tristeza e angústia. Is 55.14
12. O perdido não terá outra oportunidade de salvação. Lc 16.26
13. O perdido não terá nenhuma comunicação com os vivos. Lc 16.31
14. O perdido terá consciência dos seus pecados. Lc 16.25,28
15. O perdido estará em tormento na chama. Lc 16.24
16. O perdido não terá nenhum galardão. Mc 9.41
17. O perdido estará preso com o laço do diabo. II Tm 2.26
18. O perdido estará com o diabo e seus anjos. Mt 25.41
19. O inferno é em baixo. Mt 11.23; Pv 15.24
20. O perdido herdará a segunda morte. Apoc 21.8
21. O inferno e o abismo nunca se fartam. Pv 27.20

22. O perdido estará em plena maldição. Gl 3.10
23. O perdido estará constituído inimigo de Deus. Tg 4.4
24. O Perdido sentirá o juízo e a plenitude da justiça de Deus. Jó 37.23; Jr 32.19
25. Os perdidos sofrerão como castigo a perdição eterna. II Ts 1.9 .

### **Revelação do Inferno**

Esta revelação tem caráter estritamente ilustrativo e não doutrinário

Este é um pequeno resumo do testemunho de Victoria Nehale

#### **O tempo passa muito rápido**

Eu nasci e vivi na Namíbia por toda minha vida e entreguei minha vida a Jesus em 6 de fevereiro de 2005. O Senhor Jesus Cristo me revelou muitas coisas concernentes ao reino espiritual, inclusive me levando algumas vezes ao inferno. O Senhor me instruiu a compartilhar estas experiências com as pessoas.

Ele também me alertou a não adicionar nem omitir nada que o Senhor Jesus Cristo tivesse mostrado ou dito à mim. Quando terminei de escrever meu livro no final de 2006, eu havia sido visitada 33 vezes pelo Senhor Jesus Cristo. Em todas às vezes o Senhor antes de partir me avisava: o tempo passa muito rápido.

#### **Primeira Viagem ao Inferno**

Em um final de semana, no dia 23 de julho de 2005, peguei um táxi em Ondangwa, cidade na qual eu trabalhava e residia, e em 35 minutos cheguei em minha cidade-natal a fim de passar o fim-de-semana com meus pais. No caminho tive a sensação de que algo extraordinário iria acontecer naquela noite. Cheguei por volta às 18:00h, quando todos estavam se preparando para o jantar. Eu estava na cozinha junto com minha família, deitada em um velho lençol estendido no chão enquanto escutava minhas sobrinhas e sobrinhos cantando louvores da escola dominical. Subitamente senti uma grande unção descendo sobre mim, senti muita fraqueza em meu corpo e então dei-me conta de que estava debaixo do poder de Deus. Então vi um homem vestido com longas vestes brancas e um cinto da mesma cor, caminhando em minha direção. Havia uma luz muito brilhante à sua volta, como se Ele mesmo a irradiasse. Ele usava sandálias marrons; e o feitio de Seu rosto assemelhava-se ao das pessoas do Oriente Médio, com uma bela pele bronzeada. Sua face era amável e tão gloriosa que eu não conseguia olhar direto em Seus olhos. Quando Ele falava, Sua voz era doce, suave e amorosa, apesar de falar com autoridade; ondas de amor emanavam de Seu ser.

Ele estendeu-me Sua mão e puxou-me de onde eu me encontrava deitada. De repente percebi que eu mesma estava em um belo corpo glorificado; eu estava com a aparência de quando tinha 18 anos de idade. Eu usava um vestido branco com cinto branco. Apesar de ser um vestido branco, o material era diferente de qualquer um que o homem conheça. Esse vestido

era sedoso, mas brilhava de uma forma que não sei descrever.

Ele falou em tom gentil e amável: “Victoria, Eu quero que você venha comigo; irei mostrar-lhe coisas terríveis e também irei levar-lhe a um lugar no qual você jamais esteve em toda sua vida”. Então Ele tomou minha mão direita e partimos. Tive a sensação de que caminhávamos no ar e íamos subindo o tempo todo. Depois de certo tempo, fiquei muito cansada e pedi-Lhe que voltássemos para casa.

Entretanto, Ele fitou-me gentilmente e disse: “Você não está cansada – você está bem. Caso você fique cansada, Eu mesmo irei carregá-la, mas no momento você está muito bem. Paz seja convosco. Agora vamos.”

O lugar na qual chegamos era muito árido, pior do que qualquer deserto que o homem conheça, sem nenhum sinal de vida sequer. Não havia uma única árvore ou sinal de grama ou de qualquer coisa viva à nossa vista. Verdadeiramente tratava-se de um lugar depressivo.

Paramos em frente à um portão e Ele disse: “Victoria, agora iremos passar pelo portão e as coisas que você irá ver irão assustá-la e também entristecê-la – mas você deve ficar tranqüila e certa de que você estará protegida em todos os lugares que irei levar-lhe. Apenas abra bem os olhos e observe todas as coisas que irei mostrar-lhe.”

Eu estava aterrorizada e comecei a chorar. Então pedi a Ele que me levasse de volta para casa. Disse-Lhe que eu não queria ir àquele lugar, pois pude ver através do portão o que acontecia lá. Ele fitou-me e disse: “Paz seja convosco; Eu estou com você. Nós temos de ir lá, pois o tempo passa muito rápido.”

Nós adentramos o portão. Eu sequer conseguiria descrever o horror daquele lugar. Estou plenamente convencida de que não há lugar pior do que aquele em todo o universo. Aquele lugar era enorme e tive a sensação de que ele expandia-se continuamente. Era um lugar de profunda escuridão e de calor inimaginável: era mais quente que o próprio fogo em si. Eu não pude ver chamas de fogo ou a origem do calor, mas era QUENTE demais. O lugar era infestado de moscas de todos os tamanhos – verdes, pretas, cinzentas. Todo o tipo imaginável de mosca havia lá.

Também havia vermes pequenos, finos, pretos em todos os lugares, rastejando por todo aquele local. Os vermes começaram a subir em cima de nós e as moscas também cobriam nossos corpos. O lugar padecia de um mau cheiro tão intenso que não há palavras que possam descrevê-lo. Era um cheiro cem vezes pior que a carne mais podre que já vi em toda minha vida. Aquele lugar era absorto em sons de gemidos e ranger de dentes, além de risadas demoníacas.

Mas o pior é que aquele lugar estava cheio de pessoas. Eram tantas pessoas que chegava a ser incontável. Essas pessoas estavam em formas cadavéricas, como se fossem esqueletos vivos. Posso assegurar que esses esqueletos tratavam-se de pessoas, pois pude reconhecer alguns parentes próximos e pessoas de minha vila entre eles. Seus ossos eram cinza-escuros,

extremamente ressecados. Seus dentes eram longos e afiados como de animais selvagens. Suas bocas eram enormes e largas com línguas compridas e vermelhas. Suas mãos e pés eram longos, com dedos ressequidos e unhas compridas. Alguns deles tinham rabos e chifres.

Havia demônios entre as pessoas: sua aparência era como de crocodilos andando sobre quatro patas. Eles pareciam confortáveis naquele ambiente, maltratando e atormentando os seres humanos. Os demônios faziam barulho como se celebrassem algo, eles pareciam felizes e despreocupados; além disso, eles dançavam e pulavam o tempo todo.

Por outro lado, os humanos tinham aparência miserável e depressiva; um estado de completo abandono e desesperança. O barulho que os humanos produziam era causado pela dor: eles choravam, gritavam, rangiam os dentes em uma desesperada situação de dor e agonia inimagináveis.

A quantidade de pessoas naquele lugar era inumerável, mas pude ver claramente que a grande maioria era de mulheres. Eles estavam divididos em vários grupos diferentes. Apesar de divididos em grupos, não era possível estimar o número de pessoas em cada grupo separado, pois os grupos eram enormes.

Então Ele me levou a um desses grupos na parte leste. Ele me fitou e disse: "Victoria, este é o grupo das pessoas que se recusaram a perdoar outras pessoas. Eu lhes disse várias vezes e de maneiras diferentes que elas deveriam perdoar, mas rejeitaram-Me; Eu lhes perdoei por todos os seus pecados, mas elas se recusaram a perdoar outras pessoas. Seu tempo já passou e agora elas se encontram aqui. E ficarão aqui por toda a eternidade; agora elas colhem os frutos que plantaram e será assim por todo sempre. Porém, é doloroso vê-las neste lugar terrível e nesta situação eterna, pois Eu as amo."

Fui então levada a outro grupo no qual, explicou-me o Senhor, estavam reunidas as pessoas que possuíam dívidas de todo tipo. Havia três categorias diferentes dentro deste grupo. Na primeira estavam as pessoas que pertenciam à outras: na verdade, eram devedoras que tinham condições de pagar suas dívidas, mas prefeririam ficar adiando o pagamento toda a vida. São pessoas que diziam que iriam pagar as dívidas amanhã, na semana que vem, no ano que vem, até que o tempo passou e agora elas estão neste lugar de tormento. É aqui que elas irão passar a eternidade; agora elas colhem os frutos que plantaram em vida.

A segunda categoria abrigava pessoas que possuíam dívidas, tinham condições e disposição de pagar por elas, porém tinham medo das consequências, visto que, caso elas falassem a verdade poderiam sofrer rejeição ou ir à cadeia, ou talvez seus atos seriam conhecidos por todos e assim poderiam sofrer algum tipo de humilhação. O Senhor me disse: "Nenhum deles veio a Mim pedindo uma direção. Caso elas tivessem pedido, Eu teria lhes mostrado uma saída. Mas elas preferiram usar suas próprias sabedoria e razão, o que foi totalmente inútil. O seu tempo passou e agora elas estão neste lugar onde passarão a eternidade. Elas estão colhendo os frutos que plantaram."

Então Ele me disse que: "A terceira categoria é a de devedores que não tinham condições de pagar suas dívidas, porém nenhum deles veio a Mim confessar que possuíam dívidas a qual não poderiam quitar. Se eles tivessem vindo à Mim, Eu mesmo teria pago suas dívidas. Mas

eles também preferiram usar a razão e a sabedoria, e isso não serviu-lhes para nada. Agora eles estão neste lugar e aqui ficarão para sempre. Eles estão colhendo os frutos que plantaram. Meu coração dói por estas pessoas pois Eu as amo profundamente.”

No primeiro grupo, vi duas parentes próximas minhas e também uma parente mais distante de 12 anos. Eu sei que ela tinha 12 anos pois era sua idade quando faleceu. No segundo grupo também vi alguns parentes, além de um Pastor a qual eu conhecia muito bem. Jakes, meu namorado que cometeu suicídio quando entreguei minha vida à Cristo também estava no segundo grupo. Também pude ver alguns antigos vizinhos em ambos os grupos.

Eu pude reconhecer as pessoas que conhecia antes de morrer; elas também me reconheceram. Meus parentes ficaram muito irados quando me viram e começaram a gritar obscenidades para mim; eles usavam a linguagem mais vulgar possível para proferir maldições contra mim. Um deles disse que eu não era merecedora de estar caminhando com Aquele que estava ao meu lado; eles falavam o mesmo tipo de coisa que eu dizia antes de entregar minha vida a Cristo. Eles não estavam mentindo; as coisas da qual eles me acusavam eram verdade. Jakes disse que eu havia pertencido a ele, por isso eu também deveria estar ali já que cometi o mesmo pecado que ele. O pastor a princípio pareceu contente ao me ver e disse que eu havia feito a escolha certa indo lá, porém sua atitude mudou completamente quando ele viu a pessoa que me acompanhava e começou a gritar obscenidades e a blasfemar. O Senhor me disse para ignorá-los, pois eles não sabiam o que estavam fazendo.

Eu estava petrificada e extremamente triste; meu corpo tremia e não tinha forças para permanecer em pé. Eu chorava descontroladamente. O Senhor se voltou para mim, abraçou-me e falou: “Paz seja contigo, Victoria.” Então recobrei minhas forças e senti muita segurança em Seu abraço. Ele olhou para mim e disse: “Victoria, eu já te mostrei. Agora você tem de escolher a qual dos grupos você quer ir; a escolha está em suas mãos. Você deve contar às pessoas tudo aquilo o que você viu e presenciou sem adicionar e nem omitir nada.”

Lembro que partimos juntos daquele lugar de horrores, mas não sei dizer em que ponto nos separamos: ao abrir meus olhos, percebi que tinha voltado ao meu corpo físico e estava deitada numa cama do Hospital Oshakati. Eu estava tomando soro na veia e então pude ver minha mãe e outros vizinhos no outro canto do quarto, fitando-me assustados. Percebi pela fisionomia de minha mãe que ela havia chorado bastante. Perguntei à uma das enfermeiras se ela sabia o que havia de errado comigo, mas ela apenas gracejou dizendo: “Você foi mandada de volta; talvez você tenha feito algo errado da qual tem de se arrepender.” A enfermeira estava tentando me explicar acerca de minhas condições de maneira amável, porém percebi que ela tinha receio de se chegar muito perto de mim. Pedi-lhe então que chamasse o médico que havia me atendido.

Ao chegar no quarto, o médico disse que não sabia o que havia de errado comigo. A princípio ele pensou que eu tivesse contraído malária, mas os resultados deram negativo. Ele explicou que minha temperatura, pulsação e pressão sanguíneas estavam perigosamente baixas demais, porém ele não saberia dizer qual era a causa. Ele disse que não havia nada que pudesse fazer por mim; ele não poderia me manter internada, pois eu não estava doente. O soro sequer estava funcionando, e só começou a funcionar quando abri meus olhos. Ele recomendou à enfermeira que aplicasse outra dose de soro para que eu tivesse forças para voltar para casa, já que a primeira dose havia acabado.

Fiquei aterrorizada com as coisas que vi naquele lugar, de forma que não conseguia parar de chorar. O odor fétido daquele lugar continuava tão real como quando estive lá. As cenas

daquele lugar apareciam em minha mente o tempo todo. Eu não conseguia dormir e sentia dores pelo corpo todo. Sentia como se meus membros tivessem sido arrancados e recolocados no lugar. Eu estava péssima. Também padeci de diarreia e de uma dor-de-cabeça lancinante durante a semana inteira.

Eu estava convencida de que não deveria contar à ninguém acerca dessa experiência, pois afinal, quem iria acreditar? O que as pessoas iriam pensar? Continuei falando à mim mesma que jamais poderia relatar minha experiência à alguém. Então uma de minhas líderes na igreja telefonou 3 dias depois perguntando se estava bem, já que eu havia lhe enviado uma mensagem de texto pedindo que orasse por mim. Quando dei por mim, percebi que já tinha lhe contado praticamente a história toda. Nessa hora eu queria poder chutar a mim mesma. Comecei a chorar, pois estava convencida de que este havia sido o maior erro de minha vida. Agora que a história já havia sido contada, não havia como escondê-la de mais ninguém. Percebo agora que quando Deus quer que algo seja dito, será dito. Ele é Deus acima de todas as coisas.

Em 19 de agosto acordei sentindo uma grande unção sobre meu corpo físico. Sentia-me fraca e trêmula enquanto ondas de eletricidade percorriam todo meu corpo. À noite vi uma luz brilhante entrando pelo quarto e no meio da luz estava aquele mesmo homem de antes. Desta vez Ele se sentou numa cadeira próxima à minha cama. Eu não tinha idéia de onde veio aquela cadeira, mas ela apareceu assim que Ele se mostrou disposto a se sentar. Era uma bela cadeira feita de ouro maciço; o aspecto era de uma cadeira convencional, com apoio nas costas. Em cada perna havia uma estrela prateada incrustada no ouro; também havia uma estrela no meio do apoio para as costas. Havia também rodas em cada perna.

Após saudar-me, Ele me fitou e disse que sabia que eu tinha muitas dúvidas acerca de Sua identidade, por isso Ele veio se revelar à mim e me explicar algumas das coisas que experienciei. Ele disse: "Eu sou Jesus Cristo, seu Salvador. Caso você tenha alguma dúvida, olhe para minhas mãos. Aquele lugar onde fomos é o Inferno." Quando olhei para Suas mãos, vi cicatrizes no lugar perfurado pelos pregos.

Querido amigo quero lhe dizer que o inferno não é produto da imaginação de alguém, e sim um lugar real e nem um pouco agradável. Ele não foi feito para as pessoas e sim para Satanás e seus demônios. Nosso lugar é no Céu ao lado de Jesus, mas para isso precisamos escolher a Jesus antes que seja muito tarde. Hoje, ao ouvir Sua voz, não endureça seu coração; aceite Jesus como seu Salvador pessoal hoje mesmo e viva para Ele. O inferno é um lugar terrível: é um lugar de medo e tristeza; é um lugar de tormento, de choro eterno e de ranger de dentes. Satanás quer levar o maior número possível de pessoas para lá. Não coopere com ele; mas coopere com Jesus e assim você viverá não morrerá.

Eu não entendia como o Senhor podia me dizer para escolher um dos dois grupos que Ele me mostrou no inferno sendo que eu já era uma cristã nascida de novo. Aceitei-O em minha vida e mesmo assim Ele ainda me dizia para decidir se eu queria ou não ir para o inferno. Eu não conseguia compreender.

Então comecei a orar e pedi a Deus que me desse a revelação daquilo que Ele queria dizer e daquilo que Ele queria que eu fizesse. O Senhor me revelou então que eu ainda possuía

ressentimento e não liberava perdão à uma de minhas irmãs e à uma de minhas primas. Pedi ao Senhor que me perdoasse por minha falta de perdão; depois pedi perdão à minha irmã por ter guardado rancor e amargura em relação a ela. Além disso, Ele me instruiu a pedir perdão à minha prima também.

O Senhor também atentou ao fato de que eu havia conseguido meu emprego de professora usando um diploma falso, e Ele considera isso uma forma de roubo e dívida. Eu estava determinada a fazer o que é certo e pedi ao Senhor que me ajudasse a solucionar esse problema e que me mostrasse o que eu deveria fazer, pois se trata de um crime grave que poderia me colocar atrás das grades. Ele me instruiu a ir ao Departamento de Educação a fim de confessar o que havia feito. Eu estava pronta a ir para a cadeia, o que era inevitável. No entanto, tive a oportunidade de provar da misericórdia do Senhor de forma tremenda. Os oficiais do Departamento de Educação me disseram que eu deveria escolher uma das opções: pagar todos os salários que recebi do governo ou não pagar. Eles prometeram não levar o caso à imprensa, pois ficaram admirados com minha confissão. O nosso Deus é um Deus fiel que honra Sua palavra.

Caso você esteja numa situação similar, eu quero encorajá-lo a fazer o que é certo, não importa quais sejam as consequências. Você até pode ser mandado pra cadeia terrena, mas lembre-se que ela é temporal. Não há dor ou vergonha comparáveis à uma eternidade afastada de Deus. O inferno não é um bom lugar para se estar: é melhor permitir que Deus julgue você agora mesmo antes que seja tarde demais. Não precisamos temer o julgamento de Deus enquanto estivermos no tempo da Graça: temos de permitir que Ele exponha tudo que há de errado em nossas vidas enquanto ainda temos tempo de nos consertar com Ele, pois não há possibilidade de perdão no outro lado da sepultura.

## **Segunda Viagem ao Inferno**

No dia 18 de outubro de 2005 acordei às 5:30 da manhã mas não pude ir trabalhar. Sentia-me muito fraca e tonta; sequer conseguia me mover ou me virar na cama, pois a presença do Senhor dentro de meu quarto era muito poderosa. Eu tremia, sentia eletricidade por todo meu corpo. O Senhor apareceu para me buscar um pouco antes das 8:00, já que lembro que o relógio marcava 7:48 quando vi pela última vez, e logo depois disso Ele chegou. Ele me saudou e disse que deveríamos partir, pois o tempo passa muito rápido. Levantei-me e começamos a caminhar. O caminho que percorríamos nesse dia era muito diferente do caminho que fizemos na outra vez; apesar de nossas pernas se moverem como se estivéssemos caminhando, na verdade nós flutuávamos. Enquanto caminhávamos, Jesus me disse que todos os pecados são malignos e não há diferença entre pecado pequeno e pecado grande. Todos os tipos de pecado levam à morte, não importa que pareçam pequeno ou grande. O Senhor me avisou que estávamos indo visitar o inferno novamente e me perguntou se estava atemorizada. Então respondi que sim, eu estava com medo.

Ele disse que “O espírito de medo não vem de Meu Pai ou de Mim, mas sim de Satanás. O medo faz com que você faça coisas que irão levá-la ao inferno.” Sem fé é impossível agradar a Deus e o medo é o oposto da fé. É óbvio que o medo não agrada a Deus, pois destrói a fé da pessoa. Durante todo o tempo em que caminhávamos íamos lado-a-lado e assim que chegamos no portão do inferno, Ele tomou minha mão e a segurou todos os segundos em que estivemos lá.

Eu fiquei muito feliz quando o Senhor tomou minha mão, pois a firmeza de Sua mão removia todo o medo dentro de mim. O lugar continuava do mesmo jeito: nada havia mudado desde a primeira vez que estive lá. Havia moscas, vermes, muito calor, o cheiro fétido, esqueletos, barulho: tudo exatamente como na primeira vez. Passamos pelo mesmo portão horrível de antes e então o Senhor me levou a um certo grupo de pessoas. Nesse grupo vi várias pessoas que conheci quando eram vivas na Terra. As pobres pessoas estavam num estado terrível; elas pareciam miseráveis e em grande agonia, mas o pior de tudo era a falta de esperança em suas faces.

O Senhor apontou para uma mulher de meia-idade a qual conheci em vida. Ela havia falecido em um acidente de carro no começo de 2005. Fiquei chocada ao ver aquela mulher no inferno pois todos nós a conhecíamos como uma pessoa temente a Deus e que O amava muito.

O Senhor disse que aquela mulher O amava e Ele também a amava; ela havia servido o Senhor em vida; ela levou muitas pessoas à Cristo e ela conhecia a Palavra muito bem. Ela sempre foi atenciosa para com os pobres e necessitados; ela sempre os ajudava de todas as formas possíveis. Ela foi uma boa serva do Senhor em praticamente todos os sentidos.

Essas palavras vindas do Senhor me deixaram ainda mais chocada e então perguntei o porquê Dele ter permitido um servo Seu ir parar no inferno. O Senhor olhou para mim e disse que essa senhora havia acreditado no engano de Satanás. Apesar dela conhecer muito bem as Escrituras, ela acreditava na mentira de Satanás de que havia diferença entre pecado pequeno e pecado grande. Ela acreditava que um 'pecadinho' não haveria de levá-la ao inferno, já que era cristã.

O Senhor continuou dizendo: "Eu a avisei várias vezes e a exortei a parar de fazer aquilo, mas ela sempre achava que aquilo que praticava era insignificante e concluía que Meus avisos não eram nada mais do que seu próprio sentimento de culpa. Teve uma época que ela parou por um tempo, mas logo depois se convenceu de que o aviso não vinha de Mim e sim de sua própria voz interior, pois aquele pecado era muito insignificante para ofender o Espírito Santo."

Pedi novamente ao Senhor para me contar qual era o pecado que essa mulher havia cometido e Ele respondeu que: Essa mulher tinha uma amiga que era enfermeira no Hospital Oshakati. Todas as vezes que essa mulher ficava doente, ela não ia ao hospital a fim de não pagar as taxas como todo paciente faz; ao invés disso, ela pegava o telefone e pedia à sua amiga que pegasse os remédios necessários na dispensa do hospital. Sua amiga sempre concordava e depois ela ia pegar os remédios na hora combinada. Em primeiro lugar, ela decidiu aceitar a mentira do Diabo sobre pecado pequeno e pecado grande e fazendo isso ela rejeitou Minha verdade; ela também fez com que outra pessoa pecasse e furtasse em favor dela própria, mas o pior de tudo é que ELA OFENDEU O ESPÍRITO SANTO.

Esse é o motivo dela estar no inferno. Não importa que você traga milhares de almas para o Senhor; ainda é possível que você vá para o inferno caso ofenda o Espírito Santo.

Você não deve apenas se importar com a salvação dos outros, mas também deve estar atento a não esquecer de sua própria alma. Esteja sensível ao Espírito Santo todo o tempo.” Depois de proferir essas palavras, o Senhor disse que deveríamos voltar. Muitos cristãos que ouvem essa história consideram esse assunto complexo. Sempre ouço perguntas do tipo: “Mas o que você me diz sobre justificação, misericórdia e graça?” e também se “é possível perder sua salvação depois de recebê-la?”. “Isso não é severo demais?”. “Pode Deus ser tão cruel assim?”

Bem, como eu disse no começo do livro, não estou apresentando nenhuma teologia aqui. Apenas estou contando aquilo que o Senhor havia mostrado e ensinado à mim – e também aquilo que Ele permitiu que eu testemunhasse. Por favor, consulte sua Bíblia para obter respostas. Veja os seguintes versos e faça seu próprio julgamento.

“Antes subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha dalguma maneira a ficar reprovado.” I Coríntios 9.27.

“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado para que a graça abunde? De modo nenhum! Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?”. Rm 6.1-2.

“Não reine, portanto o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências.”. Rm 6.12.

“Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados. Mas uma certa expectativa horrível de juízo, e ardor de fogo, que há de devorar os adversários.” Hb 10.26–27.

É possível que eu vá para o inferno depois de servir o Senhor e levar muitos à Cristo? Você é o juiz!

### **Desobediência**

Na segunda-feira, dia 6 de março de 2006, fui acordada pelo meu despertador que tocou às 5:30 da manhã. Comecei a orar e percebi que havia uma grande unção sobre mim. Senti meu corpo fraco e trêmulo; ondas de eletricidade percorriam meu corpo.

À tarde quando estava deitada na cama vi uma luz brilhante enchendo o quarto. Vi minúsculas bolinhas brancas do tamanho da cabeça de uma agulha. Essas pequenas contas redondas caíam como chuva e penetravam em minha pele. Também vi uma nuvem, algo como uma névoa branca vinda de cima; essa névoa também preenchia o quarto e penetrava em minha pele quando a tocava. Logo pude ver Jesus vindo caminhando do meio da névoa. Ele Se sentou em Sua cadeira próximo a minha cama.

Eu não fazia idéia de onde apareceu aquela cadeira; ela simplesmente aparece assim que Ele faz menção de Se sentar. É uma bela cadeira de ouro maciço; seu formato é similar ao da maioria das cadeiras normais com suporte para as costas. Cada perna é uma estrela prateada; uma estrela similar, porém maior serve de apoio para as costas. E em cada perna há uma roda.

Jesus me saudou e esticou Sua mão em minha direção, dizendo que levantasse pois o tempo passa muito rápido. Ele me puxou pela mão fazendo com que sentasse na cama. Então Ele disse: “Victoria, vamos orar.” Ele orou em uma língua que eu não conheço. A única palavra que compreendi foi ‘Amém’. Ele me perguntou o que eu estava vendo, então Lhe contei que via grupos de pessoas indo aos seus lugares de trabalho, e outras chegando no serviço. Eu também via pequenas contas brancas caindo sobre aqueles que chegavam primeiro em seu local de trabalho. Depois do primeiro grupo, chegou outro grupo mais tarde. Mas nessa hora a chuva de pequenas contas havia terminado.

Também vi diferentes grupos de pessoas chegando em diferentes igrejas em uma manhã de domingo. A chuva de contas brancas começou a cair assim que os primeiros fiéis entraram na igreja. E continuava a cair até que em um certo momento a chuva parou. Aqueles que chegaram depois não receberam nada.

Jesus perguntou o que eu havia compreendido dessas visões e eu disse que não havia entendido o significado. Então Ele explicou que: “Essas visões significam que todas as vezes que você tem de estar em determinado lugar e determinada hora é porque há anjos distribuindo bênçãos nesse horário específico. Se você chega no tempo certo, você recebe suas bênçãos, mas caso você se atrase, você perde suas bênçãos para aquele dia, já que os anjos distribuem essas bênçãos para um horário específico. Victoria, Eu quero Lhe avisar disso pois você sempre chega atrasada no trabalho e principalmente no culto da igreja. Você tem de saber que todas as vezes que você se atrasa sem nenhum motivo válido, você perde para sempre as bênçãos desse dia e elas nunca mais retornarão para você. Victoria você tem de parar com isso e nunca mais haja dessa maneira, a menos que você tenha um motivo válido para chegar atrasada.”

Quando o Senhor disse essas palavras, eu realmente tive vontade de sumir ou de Lhe dar alguma desculpa aceitável para minha indisciplina. Contei-Lhe que muitas vezes eu acabava dormindo demais, mas Ele fitou direto em meus olhos e disse que eu estava mentindo, pois eu tinha uma tendência péssima a voltar para a cama depois de ter acordado, de sucumbir ao desejo de dormir por “mais alguns minutinhos”.

Depois de Jesus ter me repreendido, Ele disse: “Levante-se. Vamos logo. O tempo passa muito rápido e temos coisas a fazer.” Nessa hora o Senhor me levou a um lugar onde jamais havia estado antes; era também a primeira vez que caminhávamos pela estrada que pegamos nesse dia. Chegamos a um jardim cheio de belas flores e belas árvores verdes: nada na Terra é comparável à sua beleza. As flores eram de todos os tipos de belas cores vivas. Sentamo-nos em um belo banco de praça feito de ouro maciço com pequenas estrelas prateadas e brilhantes.

Ao sentarmos, Ele apontou para algo a nossa frente e disse: “Victoria, veja. Você consegue ver aquela cidade?” Quando olhei, vi uma cidade muito brilhante e enorme. Era de uma beleza além de qualquer descrição. A cidade possuía um portão brilhante e dourado, e em sua frente estava sentado um senhor de idade avançada. Ele tinha uma longa barba branca e cabelos brancos. Eu já havia visto esse senhor anteriormente, e quando perguntei a Jesus quem era esse homem, Ele respondeu que era Abraão, o pai da fé. Eu vi muitas estradas pavimentadas com ouro nessa cidade. Havia prédios altos que brilhavam como ouro. O brilho e luminosidade dessa cidade são indescritíveis. Caro leitor: Tire você mesmo as suas conclusões.

## Capítulo VIII

### Pecados de Estimação



recaída?

As pessoas querem andar com Jesus, mas não querem largar seus pecados "de estimação". Sabe aquele seu "pecado de estimação"? Você apenas o tranca no seu quarto, mais quando sentir saudades, abre a porta e pronto.

Quem de nós nunca se viu prometendo abandonar certos "pecados de estimação", e pouco depois teve uma Juramos, fazemos votos, promessas,

orações e poucos passos adiantem, nos vemos novamente caídos ao chão. Nestes momentos, a única coisa a fazer é "levantar, sacudir a poeira e dar a volta por cima".

Os pecados camuflados abrem espaço para muitos outros... são os pecados de estimação... Cuidadosamente "regados e cultivados", e são justamente essas ervas daninhas que atrapalham o recebimento de muitas bênçãos e traz sérios prejuízos a vida cristã. Estão frias na fé por causa dos pecados que nunca abandonaram e estão dizendo: "tudo bem"! Tudo bem, nada!. "Irmãos, fiquem em guarda contra a possibilidade de um sono em que um "pecadinho" se torne um pecado de estimação e vai vagarosa e sutilmente rastejando em vossas almas até tomar conta do coração e da mente. Tomem cuidado com este pecado que vai encontrando razões sociológicas, psicológicas, antropológicas e lógicas para um habitat em suas vidas, e quando vocês menos esperam estão na mais profunda letargia espiritual, distante da abundância da graça".

Hebreus 10.26,27: Porque, se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectativa horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. João 8.34: Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: todo o que comete pecado é escravo do pecado.

Muitos lares possuem animais de estimação: gato, cachorro, coelho, papagaio, pássaros, lagarto, cobra, jabuti, etc. Quando se trata da vida espiritual, existe uma preocupação muito séria quanto ao perigo que nos cerca, pois cada um de nós temos que ter cuidado com os pecados de estimação, pois os alimentamos, cuidamos bem deles e até brigamos por causa deles se alguém tentar nos ajudar a abandoná-los.

Como identificar quais são estes pecados de estimação, o que eles causam na pessoa e como fazer para abandoná-los e vencê-los?. Apesar de ser difícil viver sem pecar, precisamos lutar constantemente e sem trégua contra o pecado, principalmente contra os pecados de estimação.

## **I. É muito fácil identificar os Pecados de Estimação:**

**1. Quando ele já não nos entristece:** Salmo 38.8: Porque eu confessarei a minha iniquidade; afligir-me-ei por causa do meu pecado. Quando o pecado já não nos causa tristeza ele se torna muito perigoso. Pode ser um pecado de estimação.

**2. Quando ele já não nos incomoda:** Provérbios 14.9: Os loucos zombam do pecado... Quando já não somos incomodados pelo pecado, não ficamos angustiados e tristes, pode ser um pecado de estimação.

**3. Quando não o abandonamos:** Salmo 32.3-5: Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia. Porque a tua mão pesava dia e noite sobre mim, e o meu vigor se tornou em sequidão de estio. Confessei-te o meu pecado e a minha iniquidade não mais oculte. Disse: confessarei ao Senhor as minhas transgressões; e tu perdoaste a iniquidade do meu pecado. O que acontece é que nós os acariciamos e com isto eles são nutridos por nós e crescem juntamente conosco, comendo como se fossem da nossa própria carne, bebendo do nosso próprio copo. Esses pecados nos dominam ao invés de serem por nós dominados. Procuramos agradar nossa carne e não a Deus, ou seja, Deus precisa esperar enquanto o pecado é servido em primeiro lugar.

**II. As consequências que estes pecados causam:** Evidentemente As marcas que os pecados de estimação deixam nas vidas são inúmeras, marcas que deixam seqüelas quase incuráveis, quando não levam à morte. Observemos algumas dessas consequências:

**1. Negligência na oração:** A primeira consequência dos pecados de estimação é a perda do prazer de orar, de buscar a presença do Senhor, a perda do prazer de derramar a alma perante o trono de Deus. Negligência na leitura e no ouvir a Palavra. Já não há também prazer pela Palavra de Deus, a sua leitura já não nos desperta a atenção, já não nos comove o coração.

**2. Esfriamento espiritual:** A consequência dos dois primeiros pontos acima é o completo esfriamento espiritual. É a perda de gozo pela prática das coisas espirituais que nos levam à presença de Deus.

**3. Descontentamento para com a Igreja:** Todo crente que guarda pecados em sua vida e não os confessa a Deus é descontente para com a Igreja. Reclama do pastor, reclama do culto, do horário do culto, dos presbíteros, dos diáconos, reclama do povo da Igreja etc., reclama de tudo.

**4. Torna-nos escravos de satanás:** Quem guarda pecados de estimação em sua vida é presa fácil de Satanás. Ele faz o que quer dessa pobre e infeliz vida.

**5. Abandono da fé:** Como última consequência dos pecados de estimação vem, finalmente, o abandono por completo da fé que uma vez foi o bem mais precioso. A pessoa abandona a Igreja, os irmãos, os cultos, a comunhão, e cai completamente nas mãos do diabo. O final é só tristeza, decepções e morte eterna. A mente torna-se cauterizada e o homem vive numa estagnação espiritual. Esses pecados precisam ser abandonados urgentemente.

**III. Como vencer os Pecados de Estimação?** É necessário buscar a Deus com maior intensidade. O verdadeiro convertido está sinceramente engajado na luta contra o pecado, combate contra ele, muitas vezes é vencido, mas enquanto houver vida em seu corpo, jamais abandonará a causa. Observemos alguns conselhos práticos para vencê-los:

**1. Volta à Palavra:** Para vencer os pecados de estimação é necessário uma volta à Palavra de Deus. Uma volta à Bíblia. D. L. Moody, um dos maiores pregadores do século passado, afirmou: "Ou a Bíblia me afasta do pecado ou o pecado me afasta da Bíblia". A Bíblia e o pecado não podem conviver juntos.

**2. Vida abundante de oração:** É necessário orar, buscar a Deus intensamente, mergulhar a alma na presença de Deus. A oração nos revigora a alma, desperta em nós o que antes estava adormecido: o prazer pelas coisas do Senhor, o prazer pela vida. Ore a Deus, busque a Sua presença, Deus não rejeitará a sua oração. Bendito seja Deus, que não me rejeita a oração, nem aparta de mim a sua graça. Sl 66.20.

**3. Resistir ao diabo:** Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós. Tg 4.7. Precisamos ser implacáveis contra o pecado, temos que está empenhados em exterminá-lo. Temos que nos lançar contra o pecado onde quer que o encontremos, não podemos nos dar sossego.

## Conclusão

Durante 8 anos, Sally foi o animal de estimação da família Romero. Ela tinha apenas 30 centímetros de comprimento quando a trouxeram para casa. Mas a Sally cresceu e cresceu até que atingiu o comprimento de 3 metros e meio e pesava 36 kg. Então um dia a Sally, uma jibóia burmesa, voltou-se contra Derek de 15 anos, asfixiando o adolescente até que ele morreu sufocado. A polícia disse que a cobra estava "ativa, a cuspir e agressiva" quando eles chegaram para investigar a morte do jovem.

O pecado é como aquela cobra. Quando o pecado entra pela primeira vez (ou pecados de estimação), muitos acham inofensivos e até engraçado. Contudo não permanece pequeno. O pecado consegue crescer. Pensamos que o podemos controlar, mas ele é que nos controla. E conduz sempre para a morte - por vezes a morte física, e com frequência morte emocional. Noutras alturas conduz à morte de um relacionamento e até mesmo espiritual e se o pecado não for confessado abandonado, trará morte espiritual. É por essa razão que Tiago nos advertiu que "o pecado, sendo consumado, gera a morte" (1.15). O seu propósito em dizer isto não era acabar com o nosso divertimento, mas para preservar as nossas alegrias mais elevadas.

## Capítulo IX

### O Pecado de Omissão

Pecado não passa apenas por fazer coisas erradas, mas, também por não fazer a coisa certa. Isto leva-nos a uma dimensão diferente de Pecado - o pecado por omissão. A Bíblia é muito clara: "Quem sabe fazer o BEM e não o faz, comete PECADO". Tg 4.7.

Por que precisamos fazer o BEM?

- ⇒ Sabemos a vontade de Deus se fazemos o BEM. Lc 12.47-48
- ⇒ O pecado permanece se não sabemos fazer o BEM. Jo 9.41
- ⇒ Não endurecemos o coração se fazemos o BEM. Rm 1.20-21
- ⇒ Seremos insensatos se não desejamos fazer o BEM. Rm 1.20-21
- ⇒ Podemos ser justificados se sabemos fazer o BEM. Rm 2.13
- ⇒ Podemos saber o caminho da justiça se fazemos o BEM. II Pe 2.21-22

Quando Jesus se assentar no seu trono, ele julgar as nações, separando uns para a sua direita e outros para a sua esquerda. Os que estiverem à sua esquerda, ele dirá: "Apartai-vos de mim malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos". Mas o que essas pessoas fizeram de tão terrível para irem para um lugar tão terrível? Sabe o que elas fizeram? Nada! Elas simplesmente deixaram de fazer. Jesus disse: "Eu estive com fome e não me deste de comer, estive com sede e não me deste de beber, estive nu e não me vestiste, estive preso e não foste ver-me, estive forasteiro e não abrigaste". É possível você estar na sua casa, não fazendo mal para ninguém, não falando mal de ninguém e cometendo um terrível pecado de omissão.

**O pecado de omissão, ou a desobediência passiva:** O pecado não acontece apenas quando agimos de forma que desagrade a Deus. Quando deixamos de agir de acordo com as ordens e ensinamentos do Senhor, também estamos pecando. Muitos se escondem atrás da omissão para cometer atos que desagradam a Deus, acreditando que não desobedecem a Ele em nada se simplesmente deixam de agir da forma correta. "Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado". Tg 4.17. *A Bíblia dá exemplos de situações em que a omissão acontece:*

1. Na ausência de solidariedade, diante de alguém necessitado. Tg 2.15,16
2. Na atitude mesquinha e egoísta de alguém que diz que conhece a Deus. I Tm 5.8
3. Na acomodação preguiçosa de alguém que se recusa a trabalhar. Pv 6.6-9
4. No comportamento omissivo do rico em relação a Lazaro. Lc 16.19-31
5. Na atitude anticristã do sacerdote, diante de uma pessoa ferida. Lc 10.31
6. Na indiferença do levita religioso. Lc 10.32
7. No ficar em cima do muro (por conveniência ou medo)
  - 7.1. Vendo erro no irmão, mas, não falando nada.
  - 7.2. Vendo erro no seu líder espiritual, mas, não falando nada.
  - 7.3. Vendo a mentira reinar, mas, não falando nada
  - 7.4. Vendo a injustiça se proliferar, mas, não falando nada
  - 7.5. Vendo o pequeno ser massacrado, mas, não falando nada
  - 7.6. O apóstolo Paulo, não foi omissivo diante de Pedro e o censurou. Gl 2.11-14
  - 7.7. O apóstolo Pedro não foi omissivo diante das autoridades e o censurou. At 2

## Ilustração

Não brinque jamais com o pecado

Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte. Tg 1.14-15.

Vários anos atrás, Burt Hunter, um repórter do jornal Long Beach Press Telegram, recebeu a incumbência de escrever uma reportagem acerca de uma mulher da cidade que lidava com serpentes. Quando o repórter foi a casa dela, uma autêntica mansão, descobriu que a mulher era jovem e de uma beleza estonteante. Quando Burt expressou surpresa pelo fato de ela envolver-se numa atividade tão arriscada, a moça riu.

- Acho que gosto desse ingrediente de perigo. Mas qualquer dia desses vou ficar cansada de mexer com serpentes e daí partirei para outra coisa.

Enquanto Burt aprontava o seu equipamento fotográfico, a jovem trouxe algumas cestas de vime contendo vários répteis venenosos e colocou-as no chão. Depois de segurar vários deles, ela disse:

- Agora fique bem quieto. Esta é a minha serpente mais nova. É muito venenosa e ainda não está bem acostumada comigo.

Enquanto Burt observava, a moça ergueu a cobra de dentro do cesto.

Repentinamente parou.

- Algo está errado - disse ela. - Não sei o que é, mas vou precisar colocá-la... - E não terminou a frase. Em poucos instantes ficou rígida. A serpente a havia picado!

- Rápido! - disse a moça, ofegante. - Corra ao banheiro, no piso superior. Na caixinha de remédios vai encontrar um frasco de contraveneno. Depressa, por favor!

Quando Burt retornou com o precioso soro, a moça lhe pediu que pusesse o contraveneno em uma seringa. Em seu nervosismo, Burt apertou muito o frasco. Este se quebrou! O precioso líquido lhe escorreu entre os dedos.

- Você tem outro frasco? - perguntou ele, ansioso.

- Era o único que eu tinha - respondeu com voz fraca a jovem desesperada. Em poucos minutos lhe sobreveio a agonia da morte, e aquela vida se foi.

Muitos que brincam com as mortíferas serpentes do pecado manifestam a mesma ousada desconsideração para com o seu bem-estar eterno revelada por aquela encantadora de serpentes de Long Beach. Quando se trata desse tipo de serpentes, a única atitude segura é: "Não manuseies isto, ... não toques aquilo outro." Cl 2.21.

## Capítulo X

## O Antídoto contra o Pecado

Satanás inoculou no homem o veneno do pecado. Por isso ele precisa de antídotos que quebre a eficácia deste veneno letal que tem em suas veias.

### I. A projeção do pecado

1. Nasceu no íntimo de Satanás: Ez 28.13-17; Is 14.12-15.
2. Atingiu a toda humanidade: Gn 3.16,17; Rm 5.12.
3. Propagou-se sobre toda a terra: Jr 4.23-25; Is 33.9; Mt 27.45,46.

### II. As consequências do pecado

1. Milhares de anjos foram destronados: Jd 1.6; Ap 12.7-9.
2. A raça humana tornou-se depravada: Gn 3.8; Rm 5.12; I Sm 18.10,11.
3. O universo começou a se deteriorar: II Pe 3.7; Rm 8.20-22.

### III. O julgamento do pecado

1. O julgamento sobre a criação irracional: Gn 3.14-15; II Co 11.3.
2. O julgamento sobre a criação racional: Gn 3.16,17; I Co 14.34.
3. O julgamento sobre a criação inorgânica: Gn 3.17; Hb 6.6-8.

O maior problema do homem é a incapacidade de escolher o bem. Suas boas intenções não são suficientes. "O bem que eu quero fazer..." Nossas motivações estão contaminadas. Podemos fazer as coisas mais espirituais com a motivação mais carnal. "O bem que eu quero fazer não faço, mas o mal que não quero este eu pratico".

Jesus explica isto numa frase enigmática que usa para Nicodemos: E do modo por que Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado, para que todo o que nele crê tenha a vida eterna. João 3.14-15. Vamos lembrar o que aconteceu neste evento citado por Jesus. O povo de Israel pecara contra Deus. Serpentes abrasadoras e com um veneno fortíssimo vieram do deserto e picavam as pessoas. O veneno era letal. Milhares de pessoas estavam sendo infectadas e não havia remédio para um problema de tal magnitude. Moisés então ouve o Senhor dizer que era para ele fazer uma serpente de bronze, coloca-la num madeiro, para que todos que fitassem aquela serpente, pudessem ser curados. Só os picados pelas víboras poderiam ser curados, quando olhassem. O olhar dos sadios não tinha qualquer efeito. A cura é somente para os enfermos, assim como a graça é a resposta plena de Deus para aqueles que fracassaram em suas desgraças. O veneno das serpentes era neutralizado com o olhar. Se alguém, com dúvida, recusasse olhar para a serpente de bronze, fatalmente morreria.

Asclépio, deus grego da medicina, também chamado pelos romanos de Esculápio, tinha a serpente como um dos seus atributos. Aquele que curava trazia à lembrança aquela que

matava. A vida e a morte caminham juntas. Esta figura mitológica aponta para uma época em que a morte veio reinar no seio da humanidade. Ela fala de perto da entrada do pecado no coração da raça humana.

No Jardim do Éden vemos claramente a cena em que a serpente assume o papel virulento para intoxicar o ser humano com o gérmen do pecado e da morte. A partir deste momento a humanidade ficou encerrada no pecado e prisioneira da morte. A medicina tenta minimizar os efeitos do veneno da serpente, e deste modo, adiar um pouco mais a sombra pavorosa da morte sobre o enfermo.

Mas é só uma questão de tempo. Mais cedo ou mais tarde a morte finca suas presas invisíveis na pobre vítima que tomba fria sob o seu domínio. Somos uma geração regida pelos efeitos invencíveis da morte. Do ponto de vista dos homens, a morte tornou-se um inimigo inexpugnável. Como dizia Thomas Adams, “a morte exclui a diferença entre o rei e o mendigo e derruba tanto o cavaleiro quanto o peão”. Com frequência a morte se encontra tão próxima da juventude como da velhice. E ela sempre nos surpreende com suas armadilhas, levando quem menos esperávamos.

A morte elabora a estatística mais precisa de toda história. De cada um que nasce, todos morrem. E se alguém foi gerado, é mais fácil morrer do que nascer. A morte fez do mundo um grande hospital em que cada pessoa é apenas um paciente desenganado. O veneno da serpente corre ferino e mortal em nossas entranhas. O pecado e a morte imperam em cada célula de nosso organismo. O pecado é a força da morte e a morte da força. Nascemos contaminados por este vírus maligno e vivemos num planeta marcado pelos poderes subjetivos do pecado e pelos efeitos objetivos da morte.

Morte significa separação. A serpente cuspideira lançou a peçonha da independência de Deus em sua proposta de autonomia. A nossa espécie ficou separada de Deus pelo pecado e se torna separada dos outros vivos pela morte física. Estávamos todos sentenciados a um desterro eterno se Deus não intervisse de modo radical. A primeira mensagem do Evangelho foi proclamada pelo próprio Deus à serpente. Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar. Gênesis 3.15.

A mulher se deixou levar pela lábia da serpente, mas o homem foi o agente volitivo do pecado. Adão não foi iludido, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. I Timóteo 2.14. Isto significa que a desobediência de Adão foi uma questão resolvida. Ele decidiu violar o mandamento de Deus deliberadamente. Não há evidência de sedução ou trapaça. Adão é o agente e cabeça do pecado na raça humana e a Bíblia é clara: Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Romanos 5.12.

O tronco ficou corrompido pelo pecado inoculado pela serpente e a prole de Adão tornou-se raça de víbora. A serpente gerou uma raça perversa, contaminada pelo pecado e demarcada pela morte. Nascemos neste mundo como filhos do pecado, descendência da serpente e, conseqüentemente, há uma inimizade natural com o descendente da mulher.

Segundo a Bíblia, há apenas um descendente da mulher. Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei. Gálatas 4:4. Ele veio ao mundo

com as duas naturezas numa só pessoa, a fim de esmagar a cabeça da serpente. Ele derramou seu sangue, um antídoto suficientemente capaz de anular os efeitos do veneno letal do pecado.

**O Poder do Sangue:** Por que o Sangue está intimamente relacionado com a nossa Salvação? Vamos raciocinar em cima de algumas propriedades fisiológicas do sangue. Quando você vai ao médico para uma consulta, o primeiro exame que ele nos pede é um exame de sangue. Este exame auxilia bem o médico na conduta que o mesmo deve ter no tratamento. Um exame de sangue pode nos salvar de uma doença, nos prevenir de várias enfermidades e também orientar a melhor terapia para o restabelecimento da saúde.

O sangue é essencialmente composto de um plasma e células (Hemácias, Glóbulos brancos e Plaquetas) e cada um desses elementos desempenham funções vitais para a sobrevivência do ser humano. Vejamos algumas dessas propriedades. Por exemplo, o plasma é constituído de água e esta por sua vez serve como um veículo de transporte de vitaminas, hormônios, e etc, por todo o organismo; esse líquido transporta também as diferentes células sanguíneas e essas desempenham funções importantes.

Por exemplo, as Hemácias em uma das funções desempenhadas por essas células é o transplante carbônico. O oxigênio nos permite ter o fôlego da vida; se temos vida é porque Jesus nos dá. Você entende porque sem o sangue de Jesus seria impossível a vida? As Hemácias também trazem das células Gás Carbônico para ser eliminado através da expiração e isso é importante para a manutenção do equilíbrio e PH A nível 7.

Outro grupo de células sanguíneas são os diversos glóbulos brancos que trabalham em nossa defesa combatendo os agentes nocivos do nosso organismo. Você entende que é através do sangue na Cruz, que Ele combate toda agressividade do pecado? É através de Seu Sangue que somos protegidos das bactérias e vírus lançados pelo inimigo que nos quer destruir.

Outro grupo de células são as Plaquetas que estão intimamente relacionadas com a coagulação do sangue. Quando você sofre um corte, milhares de plaquetas se agregam formando uma malha que inicia a regeneração daquilo que foi destruído. O sangue tem um valor precioso porque pode salvar vidas em perigo. Em todos os hospitais existem depósitos de sangue para poder socorrer alguém que dele necessite. E quantas vidas já terão sido salvas desta maneira?! É deste modo que a vida está no sangue e este tem um valor impagável. Vejamos:

### **I. O Sangue de animais tinha um Valor Temporal**

1. Após o pecado de Adão Deus derramou sangue e cobriu-os. Gn 3.21
2. Abel ofereceu sangue no seu culto a Deus e foi aceite. Gn 4.4
3. Noé ofereceu sangue após ter sido salvo do dilúvio. Gn 8.20
4. O Senhor pediu a Abraão um sacrifício de sangue. Gn 22
5. Deus instituiu o sacrifício de sangue para libertação do povo. Êx 12.5-7
6. Deus instituiu o sacrifício de sangue por expiação do pecado. Lv 17.11
7. Assim, a repetição dos sacrifícios conferia-lhe um valor temporal.

## II. O Sangue de Cristo tem um Valor Eterno

1. O sangue de Cristo é o pagamento total pelo pecado. I Pe 1.18; I Co 6.20
2. O sangue de Cristo é a cobertura total do pecado. Rm 4.6,7; Sl 32.1,2
3. O sangue de Cristo é a nossa justificação. Rm 5.9
4. O sangue de Cristo é a purificação de todo o pecado. I Jo 1.7
5. O sangue de Cristo é a libertação do pecador. Rm 6.22
6. O sangue de Cristo é a comemoração do novo pacto. I Co 11.25
7. O sangue de Cristo traz vida. Jo 6.53
8. O sangue de Cristo traz ressurreição. Jo 6.54
9. O sangue de Cristo traz santificação. Hb 13.12
10. O sangue de Cristo traz comunhão com Deus. Jo 6.56; Hb 10.19-22
11. O sangue de Cristo traz redenção e remissão dos pecados. Ef 1.7
12. O sangue de Cristo traz eterna redenção. Hb 9.12
13. O sangue de Cristo permite a entrada no lugar santíssimo. Hb 10.19
14. O sangue de Cristo torna possível o servir ao Deus vivo. Hb 9.13-14
15. O sangue de Cristo aproxima a criatura do Criador. Ef 2.13
16. O sangue de Cristo põe em vigor atual o testamento. Hb 9.17
17. O sangue de Cristo é a base da nossa vitória diária. Apoc 12.11
18. O sangue de Cristo é o tema central da Bíblia
19. O sangue de Cristo tem um valor incomparável. I Pe 1.18,19
20. O sangue de Cristo garante a posse das promessas no tempo presente. Hb 9.15
21. O sangue de Cristo será motivo do nosso cântico de vitória no céu. Apoc 7.9-14

### Ilustração: Vírus da Índia se espalha pelo Mundo

Quando estava voltando para a casa, na última sexta-feira com o rádio sintonizado. O noticiário de hora em hora, dei pouca importância no que estava falando, porque não achei interessante.

A notícia dizia que numa cidadezinha distante nas colinas remotas da Índia morreram três pessoas de uma gripe até então, totalmente desconhecida. Não dei muita atenção ao tal acontecimento.

Na segunda-feira quando acordo, escutei que já não são apenas 3, mas 30.000, (trinta mil) as pessoas mortas pelo tal vírus, que se parece com uma gripe comum. Na terça-feira, já é a notícia mais importante, ocupando a primeira página de todos os jornais, porque já não é só na Índia, mas, também no Paquistão, Irã e Afeganistão. Enfim, a notícia se espalha pelo mundo.

Estão chamando a doença de "A peste negra da Ásia" e os governos de todo mundo estão se perguntando: Que faremos para controlar essa epidemia? No século 14 culpavam os Judeus pela peste negra da Europa, onde morreram milhões de pessoas, e agora será que vão culpar o Bin Laden por esse vírus misterioso? Será que é um ataque terrorista bacteriológico? Será que o Al-Qaeda tem o Antídoto?

Será que eles irão chantagear o mundo? Um grupo do Controle de Doenças dos EUA, foram investigar o caso. Então, uma notícia surpreende a todos. Europa fecha suas fronteiras. França não recebe mais vôos da Índia nem de outros países dos quais se tenham comentado de casos da tal doença.

No jornal Le Monde da França sai uma edição extra com a seguinte notícia: "Num dos hospitais da França, um homem morreu pela tal "Vírus Misterioso". Outra notícia: 10 pessoas morreram em New York. Agora a doença se espalhou pelo mundo. Ouve-se notícias que já tem mais de 20.000 casos no Brasil, Paraguai, Argentina e nos países andinos. Na Europa; na Ásia; Na África; na Austrália, em toda América do Sul, Central e América do Norte.

O pânico está espalhado, as pessoas não sabem o que fazer para se proteger. Ninguém sabe explicar como o vírus se espalhou tão rápido. Estão falando que usaram algum satélite e enviaram através do ar, mesmo coisas que não são possíveis, estão falando, está saindo muitas suposições. A verdade é uma só: ninguém está livre, nem pobres e nem ricos, nem reis e nem presidentes, bandido e gente boa, todos estão no mesmo barco. Parece uma praga do Apocalipse. Uns dizem que é o fim do mundo, outros dizem que é um vírus do espaço que veio junto com um pequeno meteoro que deve ter caído na Índia, outros dizem que é um ataque terrorista, ninguém está conseguindo trabalhar, o estresse e o pavor está tomando conta das pessoas. Tem gente morrendo de ataque cardíaco por causa dessas notícias, só de pensar que não existe solução para este problema. É pior que a AIDS, que o vírus Ébola. As informações dizem que quando contraís o vírus, é questão de uma semana e nem percebes. Em seguida tens 4 dias de sintomas horríveis e morres, não tem cura.

O presidente dos EUA convoca os maiores cientistas, Phds, médicos e pesquisadores genéticos para que encontrem a cura. As pessoas começam a se reunirem nas igrejas em oração pela descoberta da cura, quando de repente, entra alguém numa igreja aos gritos: Liguem o radio! Liguem o radio! Duas mulheres morreram da nossa igreja morreu agora. Os cientistas continuam trabalhando na descoberta de um antídoto, mas nada funciona.

De repente, o mundo inteiro está ligado via satélite para ouvir o presidente dos EUA trazer a tão sonhada notícia: Nosso grupo de pesquisadores da Universidade de Howard, Massachuseters conseguiram decifrar o código de DNA do vírus. É possível fabricar o antídoto! É preciso para isso, conseguir sangue de alguém que não tenha sido infectado pelo vírus.

Corre por todo o mundo a noticia de que as pessoas devem ir aos hospitais fazer análise de seu sangue e doar para a fabricação do antídoto. Mas quem quer se arriscar em ir num hospital numa hora desta. Todo mundo tem medo de ser contaminado. As pessoas que apareceram, já meias paranóicas com tanta notícia ruim, achavam que estavam contaminados.

De repente, no hospital que está o maior flagelo, o médico sai GRITANDO um nome na sala de espera para descobrir quem era aquela pessoa. Uma família estava aguardando o resultado e seu filho mais novo se agarra na jaqueta do pai e diz: Pai, pai, esse é meu nome!

E antes que possas esboçar uma reação, estão levando o filho para uma sala e o pai desesperado grita: ESPEREM, ESPEREM! e eles respondem: está tudo está bem! O sangue dele está limpo, é sangue puro. Achamos que ele tem o sangue que precisamos para o antídoto.

Depois de cinco longos minutos, saem os médicos chorando e rindo ao mesmo tempo. E é a primeira vez em uma semana que alguém está rindo neste hospital. O médico mais velho se aproxima do pai e diz: Obrigado senhor! O sangue de seu filho é perfeito, está limpo e puro, o antídoto finalmente poderá ser fabricado.

A notícia se espalha por todos os lados, todo mundo olha com admiração e com esperança para aquele pai. As pessoas estão chorando e rindo de felicidade. Nisso, o médico se aproxima da mãe do menino e diz: Podemos falar por um momento em minha sala? Não sabíamos que o doador seria uma criança e precisamos que o senhor assine uma autorização para usarmos o sangue de seu filho.

Quando estás lendo a autorização, percebes que não colocaram a quantidade de sangue que vão usar e perguntas: Qual a quantidade de sangue que vão usar? O sorriso do médico desaparece e ele responde: Não pensávamos que fosse uma criança. Não estávamos preparados, precisamos de todo o sangue de seu filho. O pai e a mãe não podem acreditar no que ouves e tratas de contestar: "Mas... mas..." O médico insiste, o senhor não compreende? Estamos falando da cura para o mundo inteiro!!! Por favor assine! Nós precisamos de todo o sangue.

O pai tentando salvar a vida do filho e então pergunta: Mas não podem fazer-lhe uma transfusão? E vem a resposta: Se tivéssemos sangue puro, poderíamos. Assine! Por favor, assine! Em silêncio, e sem ao menos poder sentir a caneta na mão, com lágrimas nos olhos, com o coração partido, o pai assina a sentença de morte para o filho, mas por uma causa justa: Salvar o mundo. O médico lhe perguntou; querem ver vosso filho com vida pela última vez?

Então o casal, com a cabeça baixa, enxugando os olhos e tentando ser fortes para que o filho não pudesse perceber o que estava acontecendo, caminham em direção à sala de emergência onde encontram o filho sentado na cama dizendo: Papai!? Mamãe!? O que está acontecendo?

O pai segura na mão dele e diz: Filho, tua mãe e eu te amamos muito e jamais permitiríamos que te acontecesse algo que não fosse necessário, tu entendes? O médico regressa e diz: Sinto muito senhor, precisamos começar, gente do mundo inteiro está morrendo, por favor, podem sair? Podem dar as costas ao teu filho e deixar-lhe aqui? Enquanto isso o filho diz: Papai? Mamãe?

Por que vocês estão me abandonando? por favor, não me deixe sozinho, estou com medo... papai, mamãe... Ele chama em vão, e começa a chorar. O casal ainda dão uma última olhada para o filho e saem apressadamente daquela sala para, já não agüentando mais aquela última cena de seu filho e desabam a chorar. A porta é fechada atrás deles e rapidamente os médicos realizam todo o procedimento para fabricarem o antídoto.

No corredor do hospital, o pai e a mãe são consolados pelas pessoas que se encontravam no local. A mãe dizia: como fomos autorizar uma coisa dessa; nosso filho vai morrer para salvar gente má também, gente que não presta, que não vale um tostão furado. Para salvar drogados, bandidos e chorava inconsoladamente. Seu marido tentava consolar sua amada esposa, mas ele também precisava de consolo naquele momento.

No mesmo dia foi distribuído a vacina na América do Norte e posteriormente em todo o mundo e o sacrifício daquele menino salvou milhões de pessoas em todo o mundo. Depois de seis meses já havia passado toda aquela tribulação e o mundo já continuava como antes. As pessoas ainda choravam com saudade de seus entes-querido mortos naquela epidemia, que foi a maior da humanidade já registrada.

Os presidentes do mundo inteiro concordaram em prestar uma homenagem para aquele herói que deu sua vida pela humanidade e esse dia seria lembrado todos os anos, no mundo inteiro em memória daquele menino e de seus pais que tiveram um amor maior de deixar que seu filho morresse para dar vida para a humanidade. Na primeira homenagem apareceram muita gente; televisão, jornais, revistas, site de internet, vários presidente vieram aos EUA para prestar essa homenagem, ao grande herói do século 21.

Com o passar dos anos, caiu no esquecimento aquele fato tão extraordinário, ato de bravura e heroísmo. Apenas em alguns lugares ainda lembram e comemoram esta cerimônia, mas quase não aparece ninguém. Algumas pessoas ficam em casa dormindo, outras não vêm, porque preferem fazer um passeio ou assistir um jogo de futebol na tv, preferem acompanhar sua novela predileta, outros dizem que estás cansado pelo trabalho pesado, outro não vai porque está estressado, outro porque foi convidado para uma festa de aniversário, de casamento, enfim; cada um tem inventa uma desculpa e outras vêm com um sorriso falso, como se realmente não estão se importando.

O pai tem vontade de parar e gritar: MEU FILHO MORREU POR VOCÊS!!! NÃO SE IMPORTAM COM ISSO? Talvez isso é o que DEUS quer dizer: MEU FILHO MORREU POR VOCÊS!!! NÃO SABE O QUANTO VOS AMO!!!!

#### Nota

Texto de Ficção, mas que retrata o grande amor de Deus, de dar seu filho para morrer pela humanidade e são poucos os que aceitam seu sacrifício para salvar a humanidade. Até muitos crentes deixam de ir à igreja normalmente para honrá-Lo e adorá-Lo, porque Ele é Deus e digno de toda honra, glória e Louvor.

## Capítulo XI

### 100 Razões para Não Pecar

Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, PARA QUE NÃO PEQUEIS... I Jo 2.1.

Os gnósticos diziam que a alma é pura e o corpo é pecaminoso, assim como pode mergulhar ouro na lama, sem que o ouro corrompa, assim acontecia com a alma. Eles afirmavam que o pecado praticado com o corpo não contamina o homem real.

Cerinto foi um contemporâneo do apóstolo João a que se opôs, era um gnóstico. Por isto o propósito de João ao escrever esta epístola foi duplo: 1. expor e rebater os erros doutrinários e éticos dos falsos mestres e; 2. exortar os filhos na fé a manter uma vida de santa comunhão com Deus, na verdade e na justiça, cheios de alegria e de certeza da vida eterna, mediante a fé obediente em Jesus, o filho de Deus, e pela habitação interior do Espírito Santo.

Os crentes devem conscientizar-se de que a carne, ou a natureza humana pecaminosa, é uma ameaça constante na sua vida, e que devem sempre estar mortificando as suas más obras por meio do Espírito Santo que neles habita.

Cada pessoa possui resquícios do velho homem, o medo, a inveja, o ódio, a amargura, a ira, maus pensamentos, desejos carnavais, desejos malignos e coisas semelhantes, que em todo momento procura uma oportunidade para desenvolver na plataforma de nossa alma uma doença espiritual. Somente a natureza de Deus (pelas quais nos têm sido doadas as suas preciosas e mui grandes promessas, para que por elas vos torneis co-participantes da natureza divina, livrando-vos da corrupção das paixões que há no mundo II Pe 1.4) permeando a nossa alma e o nosso espírito a cada dia nos tornará capazes de vencermos o velho homem.

### 100 Razões Para Não Pecar

1. Porque o pecado causa separação entre Deus e o Homem. Is 59.2
2. Porque o pecado causa morte. Rm 6.23
3. Porque o pecado escraviza o homem. Rm 7.14-25
4. Porque o pecado conduz o homem ao caminho largo. Mt 7.13
5. Porque o pecado tirou Adão e Eva do Paraíso. Gn 3
6. Porque o pecado fez Caim matar seu irmão Abel. Gn 4
7. Porque o pecado trouxe o dilúvio sobre os homens. Gn 6
8. Porque o pecado causou a destruição de Sodoma e Gomorra. Gn 19
9. Porque o pecado fez os filhos de Arão morrer diante do Altar. Lv 10.1-3,10
10. Porque o pecado fez Coré, Datã, e Abirão, serem enterrados vivos. Nm 16
11. Porque o pecado fez Miriam (irmã de Moisés) ficar leprosa. Nm 12
12. Porque o pecado fez Sansão virar motivo de escárnio. Jz 16.23-25
13. Porque o pecado fez Saul perder o trono. I Sm 13.13-14
14. Porque o pecado impediu Israel de entrar na terra prometida. Nm 14.26-37

15. Porque o pecado torna o homem imundo. Is 64.6
16. Porque o pecado trouxe a espada à casa de Davi. II Sm 12.10<sup>a</sup>
17. Porque o pecado enfraquecerá o homem emocionalmente. Sl 51.8
18. Porque o pecado afeta a mente. Sl 51.3
19. Porque o pecado rouba a alegria. Sl 51.12
20. Porque o pecado afeta o testemunho. Sl 51.14,15
21. Porque o pecado torna o homem culpável diante do Deus. Rm 3.19; Tg 2.10
22. Porque o pecado afetou o homem: mental, moral e espiritual. Rm 3.10-18
23. Porque o pecado é considerado como uma dívida. Mt 6.12
24. Porque o pecado trouxe o ódio de Deus sobre Israel. Os 9.15 e Jr 12.8
25. Porque o pecado trouxe o ódio de Deus sobre o iníquo. Sl 5.5 e 11.5
26. Porque o pecado, Deus odeia. Pv 6.16,17; Zc 8.17
27. Porque o pecado traz morte física. Gn 2.17; Rm 5.12
28. Porque o pecado traz morte espiritual. Ef 2.1
29. Porque o pecado traz morte eterna. Mt 25. 41-46; Ap 20.6,14
30. Porque o pecado trouxe conseqüências até sobre a natureza. Rm 8.22,23
31. Porque o pecado trouxe maldição obre a terra. Gn 3.17
32. Porque o pecado trouxe medo, vergonha e fuga da responsabilidade. Gn 3.10-13
33. Porque o pecado trouxe endurecimento gradual. Hb 3.8-10
34. Porque o pecado trouxe o orgulho e a altivez. Pv 21.4
35. Porque o pecado é abominável a Deus. Dt 12.31; Hc 11.3
36. Porque o pecado é contrario a natureza divina. Is 6.3; I Jo 1.5
37. Porque o pecado (seja qual for) traz uma pena severa. Tg 2.10.
38. Porque o pecado é vulgar, repulsivo e revoltante aos olhos de Deus. Ez 24.13
39. Porque o pecado é comparado ao vômito. Pv 26.11; II Pe 2.22
40. Porque o pecado é chamado de lamaçal. Sl 69.2; II Pe 2.22
41. Porque o pecado é semelhante ao cadáver em estado de putrefação. Mt 23.27
42. Porque o pecado levará o homem ao inferno. Mt 5.30
43. Porque o pecado causa nojo. Ez 20.43
44. Porque um pequeno pecado leva a mais pecados.
45. Porque o meu pecado evoca a disciplina de Deus.
46. Porque o tempo gasto no pecado é desperdiçado para sempre.
47. Porque o meu pecado nunca agrada a Deus; pelo contrário, sempre O entristece.
48. Porque o meu pecado coloca um fardo imenso sobre os meus líderes espirituais.
49. Porque, no devido tempo, o meu pecado produz tristeza em meu coração.
50. Porque estou fazendo o que não devo fazer.
51. Porque o meu pecado sempre me torna menor do que eu poderia ser.
52. Porque os outros (e minha família) sofrem conseqüências do meu pecado.
53. Porque o meu pecado entristece os santos.
54. Porque o meu pecado causa regozijo nos inimigos de Deus.
55. Porque o pecado, fazendo acreditar que ganhou, quando, na realidade, perdeu.
56. Porque o pecado pode impedir que eu me qualifique para a liderança espiritual.
57. Porque os supostos benefícios do pecado nunca superam suas conseqüências.
58. Porque o arrependimento do pecado é um processo doloroso e demorado.
59. Porque o pecado é um prazer momentâneo em troca de uma perda eterna.
60. Porque o meu pecado pode influenciar outros a pecar.
61. Porque o meu pecado pode impedir que outros conheçam a Cristo.
62. Porque o pecado menospreza a cruz, sobre a qual Cristo morreu.
63. Porque é impossível pecar e seguir o Espírito Santo, ao mesmo tempo.
64. Porque outros, mais sinceros do que eu, são prejudicados devido o meu pecado.
65. Porque todos no céu e do inferno testemunharão sobre a tolice deste pecado.

66. Porque o pecado pode afligir minha mente e causar danos ao meu corpo.
67. Porque o pecado misturado com a adoração torna insípidas as coisas de Deus.
68. Porque o sofrer por causa do pecado não tem alegria nem recompensa.
69. Porque o meu pecado constitui adultério com o mundo.
70. Porque o pecado (mesmo perdoado) não elimina determinadas consequências.
71. Porque eu nunca sei por antecipação o tipo de disciplina para o meu pecado.
72. Porque o meu pecado pode indicar que ainda estou na condição de perdido.
73. Porque pecar significa não amar a Cristo.
74. Porque o meu pecado lhe da autoridade, mais do que estou disposto a acreditar.
75. Porque o pecado não glorifica a Deus.
76. Porque eu prometi a Deus que Ele seria o Senhor de minha vida e não o pecado.
77. Porque o pecado é a causa do mal no mundo.
78. Porque o pecado, Deus não tolera e nem ignorar.
79. Porque pecado é sempre pecado. Não importam em que circunstâncias.
80. Porque não há conquistas no pecado, apenas raiva, doenças, mágoas, tristezas.
81. Porque não posso andar com Deus e praticar o pecado ao mesmo tempo.
82. Porque todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado.
83. Porque devemos considerar o pecado como Deus o faz (custou a Deus seu Filho)
84. Porque devo fazer o que José fez (quando teve oportunidade para pecar) Gn 39.9
85. Porque nosso senso de pecado é proporcional à nossa proximidade de Deus
86. Porque nosso dever é reconhecer o pecado, e fugir dele tanto quanto possível.
87. Porque o pecado pode rebelar-se em um santo, mas nunca reinará nele.
88. Porque sempre que um homem de Deus peca, satanás se alegra.
89. Porque é mais amargo pecar contra Cristo do que sofrer os tormentos do inferno
90. Porque o pecado é o maior fardo, a maior tristeza, o maior problema.
91. Porque jamais algo foi tão inútil do que viver uma vida na prática do pecado.
92. Porque para o verdadeiro cristão, o pecado não é algo socialmente aceito.
93. Porque se não fosse pelo pecado, a morte jamais teria tido princípio.
94. Porque se não fosse pela morte, o pecado nunca teria tido fim.
95. Porque se o pecado pudesse fazer o que deseja, destronaria e aniquilaria a Deus
96. Porque o Cristianismo começa com a doutrina do pecado.
97. Porque não existe pecado tão pequeno que não possa acender um fogo eterno.
98. Porque o pecado estampa a imagem do diabo no homem.
99. Porque o coração do pecador é a mansão do diabo.
100. Porque é tempo de chamar o pecado de pecado e fugir de seus caminhos:
  - 100.1. Se o namoro te faz pecar, termine.
  - 100.2. Se a Internet te faz pecar, não acesse sozinho.
  - 100.3. Se tem um outdoor no caminho que te faz pecar, vá pelo outro.
  - 100.4. Se o seu amigo te faz pecar, corte a amizade.
  - 100.5. Se o carro faz pecar, vende e ande de ônibus
  - 100.6. Se o emprego te faz pecar, seu patrão é o Senhor, peça demissão.
  - 100.7. Se o dinheiro te faz pecar, deixe-o bloqueado em algum investimento.
  - 100.8. Se algum relacionamento te faz pecar. Termine imediatamente.
  - 100.9. Se a televisão te faz pecar. Se converta.

*Bibliografia*

*Joel Mattos*

*Louis Berkhof*

*Pr. Domingos Dias Ferreira*

*Pr Adriano Moreira*

*Pr. Iranildo dos Santos Tomé*

*Prof. João Flávio Martinez*

*A.A. Autores Anônimos*

**Avaliação: Hamartiologia**

1. O que significa Hamartiologia?

---

---

---

---

2. O que significa pecado no vocábulo grego e hebraico?

---

---

---

---

3. Defina pecado no Antigo Testamento (com suas próprias palavras)

Na Esfera Moral\_\_\_\_\_

---

---

Na Esfera da Conduta Fraternal\_\_\_\_\_

---

---

Na Esfera da Santidade\_\_\_\_\_

---

---

Na Esfera da Verdade\_\_\_\_\_

---

---

Na Esfera da Sabedoria\_\_\_\_\_

---

---

4. O que significa pecado herdado e imputado?

---

---

---

---

# ANOTAÇÕES

A blank sheet of lined paper with a decorative header. The header is a gray banner at the top with the word "ANOTAÇÕES" in large, bold, white, 3D-style capital letters. Below the banner is a white, wavy-edged area. The rest of the page is white with horizontal black lines for writing.

---

# *Soteriologia*

*Um Tratado sobre a Salvação*

---

**JESUS** incomparável  
omnipotente  
Fé cordeiro  
liberdade  
glória messias rei dos reis  
salvador vida  
único caminho  
ressureição

**DEUS** digno  
resposta  
amor  
MORTE CRISTO  
filho  
reino verdade  
Majestade  
exaltado

**AMOR** SANTO  
SENHOR  
DOS  
SENHORES  
ADORAÇÃO  
perdão  
consumado  
remido  
incondicional  
promessa  
UN Amigo  
força  
ESPERANÇA

# SOTERIOLOGIA

UM TRATADO SOBRE A SALVAÇÃO



**ITI**brasil

[www.itibrasil.com](http://www.itibrasil.com)

**Temática**

- Capítulo I: A Condição do Homem Antes do Pecado (Pg 166)
- Capítulo II: A Condição do Homem Depois do Pecado (Pg 167)
- Capítulo III: Antes e Depois da Salvação (Pg 168)
- Capítulo IV: O Plano de Salvação Através dos Séculos (Pg 172)
- Capítulo V: A Teologia Calvinista e a Salvação (Pg 177)
- Capítulo VI: A Teologia Arminiana e a Salvação (Pg 180)
- Capítulo VII: Conflito entre a Teologia Calvinista e a Arminiana (Pg 182)
- Capítulo VIII: A Doutrina da Eleição (Pg 187)
- Capítulo IX: Os Elementos Básicos da Salvação (Pg 195)
- Capítulo X: A Natureza da Salvação (Pg 198)
- Capítulo XI: A Obra da Trindade na Salvação (Pg 203)
- Capítulo XII: 100 Coisas que Acompanham a Salvação (Pg 204)
- Capítulo XIII: O Mundo Está Agonizando Sem Salvação (Pg 206)
- Capítulo XIV: A Salvação do Crente Fiel Está Garantida: 45 Razões Bíblicas (Pg 210)
- Capítulo XV: Biografias: Jacó Arminius & João Calvino (Pg 211)

## Introdução

Historicamente, esse estudo tem sido dividido em dois grandes segmentos: 1. A soteriologia objetiva, que trata de uma obra redimidora de Cristo; 2. A soteriologia subjetiva, que aborda a obra do Espírito Santo, o qual torna uma realidade, no indivíduo, aquilo que a missão de Cristo proveu para os homens. A soteriologia inclui as grandes subdivisões da obra redimidora de Deus na revelação e na predestinação; a expiação do corpo de Cristo; as operações da graça divina; a obra do Espírito; e o destino final do homem, que é a sua transformação segundo a imagem de Cristo.

A palavra salvação vem do grego *Soter*, que significa libertar, salvar ou redimir. A salvação abrange três aspectos dispensacionais: salvação física - do corpo, espiritual - da alma e preservativa - o ser total. Esta salvação espiritual originou-se no coração de Deus, ao ver a queda do homem no Éden. A ele, indefeso e sem mínimos recursos, Deus fez uma promessa que da semente da mulher nasceria um que seria o seu redentor. Gn 3.15. Esta promessa foi cumprida quando Jesus foi enviado como cordeiro que tiraria o pecado do mundo. Jo 3.16. A salvação nos foi concedida mediante a graça de Deus manifestada em Cristo Jesus (Rm 3.24), seu sacrifício vicário (Rm 3.25; 5.8), sua ressurreição (Rm 5.10) e sua contínua intercessão por todos os salvos. Hb 7.25. A salvação é individual e recebida gratuitamente, mediante a fé em Cristo; ela é o resultado da graça, da misericórdia de Deus (Jo 1.16) e da resposta humana à fé. At 16.31; Rm 1.17. A salvação assume dois importantes estágios na vida do crente: o primeiro — hágios, quando o Pai o tira do mundo, colocando-o no Reino do seu Filho (Jo 17.17; Cl 1.13); o segundo — hágiasmos, quando ele mesmo, com ajuda do Espírito Santo, se mantém neste Reino. I Ts 5.23; Jo 14.23.

Finalmente, a salvação abrange o passado, o presente e o futuro do crente. Quanto ao passado, o homem pode ser salvo das penalidades de seu pecado (Rm 5.9); quanto ao presente, ele pode ser salvo do poder do pecado (Rm 5.10; I Co 1.18), e no futuro, libertos permanentemente do poder da morte. Rm 13.11; Hb 9.28. Nisto tudo vemos a majestade, o mistério, o poder e a misericórdia de Deus em ação. Portanto esta é à base da Doutrina da Salvação:

### I. A origem da Salvação

1. Planejada pelo Pai: Gn 3.15; Is 7.14.
2. Consumada pelo Filho: Lc 23.46; Fl 2.5-8; Jo 19.28-30.
3. Mantida pelo Espírito Santo: Jo 14.16; 16.8-11; Rm 8.14.

### II. A obtenção da Salvação

1. Através da fé salvífica: At 4.12; Rm 5.1; Hb 10.38; Ef 2.8.
2. Através do arrependimento: Mc 1.15; At 2.37,38; 17.30.
3. Através da conversão: At 3.19; Zc 1.4; At 14.15.

### III. O objetivo da Salvação

1. Justificar o arrependido: Rm 5.1; Rm 3.23,24; At 13.38,39.
2. Regenerar o convertido: Tt 3.5; 2 Co 5.17; Rm 12.2.
3. Santificar o crente: Lv 20.26; Jo 17.17; 2 Co 7.1; 1 Ts 5.23.

Obviamente, a doutrina da salvação, na maioria das igrejas e centros de crença existentes hoje, é nebulosa ou, nos casos piores, contraditória. A confusão que existe sobre esta doutrina é tremenda. Tal confusão pode vir por ela tratar muitos tópicos em uma ordem que às vezes é difícil de seguir. Mesmo que o assunto contém aspetos que são impossíveis de entender por completo, convém um estudo sobre este vasto assunto que quase todos os livros da Bíblia tratam.

O termo teológico deste assunto é soteriologia (A etimologia da palavra "soteriologia" nos revela que esta, origina-se na junção de duas palavras gregas; a saber: Soteria = salvação + Logos = palavra; tratado ou doutrina, significando assim "doutrina da salvação"). Essa doutrina abrange as doutrinas da reprovação, a eleição, a providência, a regeneração, a conversão, a justificação e a santificação entre outras. Também envolve a necessidade de pregação, de arrependimento e de fé. Inclui até as boas obras e a perseverança dos santos.

A salvação não é uma doutrina fácil de entender pelo homem. É uma atividade divina em que participam as três pessoas da trindade agindo no homem. Por ela tratar da obra de Deus que resulta no eterno bem do homem para a glória de Deus somos incentivados a avançar neste assunto com temor e oração para entendê-la na forma que é do agrado de Deus.

Que Deus nos guie com entendimento espiritual pelas maravilhas da Sua Palavra no decorrer deste estudo e que Deus nos traz à convicção verdadeira, e, pela Palavra de Deus, nos dá um conhecimento individual de Jesus Cristo. Ef 1.17-23. Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação, tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos. E qual a sobre excelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que se manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas, também no vindouro. E sujeitou todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja, que é o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.

Portanto, no estudo da soteriologia objetiva, daremos ênfase sobre a natureza na análise de textos sobre a expiação e seus correlatos: sacrifício, reconciliação, redenção, propiciação, satisfação; ênfase na expiação vicária e pessoal, e sobre os efeitos pessoais redenção de Cristo.

## Capítulo I

### A Condição do Homem Antes do Pecado

O homem foi criado santo, tendo uma origem elevada e uma criação diferenciada. Gn 1.26,27; 2.7. O homem, portanto, é um ser distinto dos animais, tendo o duplo poder de reconhecer-se a si mesmo como relacionado com o mundo e com Deus, e de determinar-se a si mesmo, em face dos fins morais.

É o que se chama semelhança natural de Deus ou Personalidade. Além da semelhança natural há também a semelhança moral ou santidade. Sendo o homem reflexo finito dos atributos morais de Deus e sendo a santidade o principal atributo de Deus, necessariamente a santidade deve ser o principal atributo nos seres morais a quem ele criou. Ec 7.29; Ef 4.24; Cl 3.10.

Portanto o Jardim do Édem foi o paraíso da Criação de Deus. Foi lá que o Senhor “fez brotar da terra toda árvore agradável à vista e boa para comida...” Gn 2.9. Nessa reserva verdejante natural, Deus colocou, propositalmente, duas árvores que são fundamentais para tudo que segue em toda história humana. A árvore da vida é associada à concessão da vida divina, incluindo a imortalidade. A árvore da ciência do bem e do mal representa a autonomia humana, isto é, um governo próprio e uma independência deliberada à parte de Deus em todas as áreas da vida.

O Senhor Deus, também, deixou uma ordem expressa ao homem para “não comer” do fruto da árvore da ciência do bem e do mal, porque, a consequência desse ato, era a “morte”. Gn 2.16. Nessa advertência, o auto-governo do ser humano inclui tudo, de modo que a morte está incluída na existência espiritual, moral, social e relacional do ser humano e, principalmente, na sua existência física. Nesse contexto desta passagem abordada, há alguns pontos importantes a serem observados.

**Deus deixou o homem “escolher” seu destino.** Por que Deus plantaria uma árvore no jardim e então proibiria Adão de comer o seu fruto? Deus queria a obediência de Adão, mas deu-lhe a liberdade de escolher. Ao invés de impedi-lo fisicamente, o Senhor concedeu-lhe esta chance de escolha e, com isso, a possibilidade de escolher errado. Sem a escolha, o homem seria um prisioneiro, e, sua obediência não teria sido sincera. As duas árvores proporcionam um exercício de escolha, com recompensas ao optar pela obediência e tristes consequências pela desobediência.

“Viver com as consequências de nossas escolhas ensina-nos a pensar e escolher com muito cuidado”.

## Capítulo II

### A Condição do Homem Depois do Pecado

Colocados por Deus no Éden, nossos primeiros pais poderiam permanecer no estado de santidade em que foram criados. Mas submetidos à prova não resistiram à tentação e pecaram contra o Senhor. Isso os levou de um estado de santidade para um estado de pecado e miséria.

A CRIAÇÃO se volta contra o CRIADOR: Ao comer do fruto “proibido”, o homem, sob a influência do diabo, estava declarando sua independência de Deus. A partir dali, o homem exerceria seu próprio governo à parte de Deus. Agora o homem usaria seu potencial conhecimento ilimitado para governar o mundo à sua moda, sob influência maligna. Adão foi separado de Deus pelo desejo de agir por si próprio.

A Expulsão do CORRUMPIDO do lugar sem corrupção: Após a escolha errada, o homem foi expulso do Jardim por Deus que, pôs anjos armados ao oriente do paraíso para guardar o caminho de acesso a árvore da vida. Gn 3.24.

### As consequências do pecado

A queda de nossos primeiros pais, trouxe consequências desastrosas não apenas para eles, mas também para toda a humanidade. Entender o que aconteceu com Adão e Eva após o primeiro pecado é chave para compreendermos a situação em que o homem se encontra hoje. Isto porque, Adão não agiu como uma pessoa particular, mas como representante de toda a humanidade.

### Consequências para Adão, Eva e a Humanidade

1. Decaíram da sua retidão original e da comunhão com Deus (imagem corrompida)
2. Tornaram-se mortos em pecado (escravos do pecado)
3. Inteiramente corrompidos em todas as suas faculdades e partes do corpo e alma
4. Após o pecado sentiram o peso de uma consciência culpada. Gn 3.7
5. Após o pecado, tiveram medo e fugiram. Gn 3.8
6. Após o pecado procuraram uma solução inútil para seu pecado. Gn 3.7
7. Após o pecado, há uma fuga da responsabilidade. Gn 3.10
8. Após o pecado eles tentaram arranjar uma justificativa. Gn 3.12
9. Após o pecado, a mulher daria a luz em meio a dores. Gn 3.16-19
10. Após o pecado, a Terra foi amaldiçoada. Gn 3.17
11. Após o pecado, a morte alcança o homem. Gn 3.19 (Morte Física: Eccl 12.7. Morte Espiritual: Rm 6.23; 5.12 e Morte Eterna: Mt 25.46)
12. Após o pecado, foram expulsos da presença de Deus. Gn 3.22-24
13. Todos perderam com a queda de Adão e Eva: As consequências não ficaram restritas apenas ao Éden. Toda a raça humana sofre as consequências do pecado dos nossos primeiros pais. "Sendo eles (Adão e Eva) o tronco de toda a humanidade, o delito dos seus pecados foi imputado aos seus filhos; e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foi transmitida a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária". Sl 51.5; 58.3-5; Rm 5.12, 15.19. Em vista da queda, o pecado tornou-se universal; com exceção do Senhor Jesus, nenhuma pessoa que tenha vivido sobre a terra esteve isenta de pecado.

## Capítulo III

### Antes e Depois da Salvação

Cronologicamente a vida do crente está dividida em duas partes: antes e depois daquele momento em que foi salvo pela graça de Deus. Ele deve lembrar constantemente o que era em Adão e o que é agora em Cristo Jesus. Não se deve negar nenhum lado da questão. João disse:

“Quem comete o pecado é do diabo; porque o diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo. Qualquer que é nascido de Deus não comete pecado; porque a sua semente permanece nele; e não pode pecar, porque é nascido de Deus. Nisto são manifestos os filhos de Deus, e os filhos do diabo. Qualquer que não pratica a justiça, e não ama a seu irmão, não é de Deus,” I Jo 3.8-10.

Antes da nossa regeneração, não amávamos a nosso irmão e não praticávamos a justiça. Estávamos praticando o pecado. Quem “comete o pecado é do diabo.” Agora que somos nascidos de novo e temos a vida eterna de Deus, fomos feitos filhos de Deus e não praticamos o pecado. João disse:

“Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome; Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus.” Pois se não éramos filhos de Deus até o momento que cremos no nome de Jesus, éramos filhos de quem? João 1.12-13. Se praticávamos o pecado então éramos do diabo. I Jo 3.8. Não há meio termo.

**Condenados ou Justificados?** A Bíblia é clara em seu ensino que todos os descendentes de Adão estão debaixo da mesma condenação. Esta doutrina é chamada “depravação hereditária total.” Não há nenhuma pessoa isenta desta depravação. Todos nós somos filhos de Adão, portanto filhos da desobediência. “Isto é, a justiça de Deus pela fé em Jesus Cristo para todos e sobre todos os que crêem; porque não há diferença. Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus,” Rm.22-23. “Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram,” Rm 5.12. Não há diferença, nem distinção. “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação da vida,” Romanos 5.18. “Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos crentes.” Gl 3.22.

**Todos pecam, mas nem todos estão justificados.** O mundo está dividido entre os culpados e os justificados. A justificação é restrita aos verdadeiros crentes em Jesus Cristo. Paulo usou o exemplo da justificação de Abraão pela fé, sem obras e antes da circuncisão para mostrar que ninguém é justificado pela lei ou cerimônia... A circuncisão representa a lei. Abraão foi justificado quando creu na palavra de Deus muitos anos antes da sua própria circuncisão e mais de quatro séculos antes da Lei de Moisés!

Antes de crer em Cristo, estávamos condenados? Claro que sim. Agora que cremos, somos justificados perante o tribunal do céu? Claro que sim, pois não há condenação contra os justificados. “E é o que alguns tem sido; mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus.” I Co 6.11.

**Mortos ou Vivos?** Existe na experiência de cada crente verdadeiro um momento em que sua posição diante de Deus se mudou. Chama-se conversão ou regeneração. Deus disse a Adão que no dia que comesse do fruto proibido que morreria. Fisicamente continuou vivendo por muitos anos. Como então morreu? A morte é uma separação, e no dia que Adão pecou, ficou separado da comunhão de Deus. Morreu espiritualmente. “Todos morrem em Adão,” I Co 15.22. Quando Adão morreu espiritualmente, todos dos seus descendentes morreram nele. A condenação trouxe a morte como resultado. “Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação da vida,” Rm 5.18.

Adão nos representou na morte espiritual, mas Cristo é a nossa vida! Houve um momento em nossa vida em que o Espírito Santo abriu o nosso entendimento e pudemos sentir nossa condenação perante Deus. Fomos salvos, isto é, vivificados pela graça “mediante a fé,” Ef 2.8, “Sem fé é impossível agradar-lhe a Deus.” “Aquele que crê no Filho tem a vida eterna,” Jo 3.36. Aquele que ouve e crê “tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida” João 5.24. A Bíblia fala da nossa vida nova e espiritual em Cristo, pois Ele mesmo é “o caminho, a verdade e a vida,” Jo 14.6. “Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida,” I Jo 5.12. Há uma passagem ou uma mudança de morte para a vida. Deus não somente nos justifica, mas também nos regenera. Ele faz os mortos viverem espiritualmente.

Antes de crer em Jesus como nosso Salvador, não éramos filhos de Deus porque não tínhamos vida eterna. Nós fomos “de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva, e que permanece para sempre,” I Pe 1.23. Deus “nos gerou pela palavra da verdade,” Tiago 1.18. Paulo disse aos Coríntios, “eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo.” O instrumento que Deus usou para nos mudar da morte para a vida espiritual foi o da pregação do evangelho. Mudou-se nossa filiação porque até o momento da salvação, Deus não era nosso Pai espiritual. Esta mudança é mais que adoção no sentido desta palavra hoje em dia. É uma regeneração. Podemos dizer com clareza que “agora somos filhos de Deus.” Antes não éramos Seus filhos, mesmo se nossos nomes estivessem escritos no livro da vida antes da fundação do mundo. Agora Ele nos dá força para praticar a justiça, e sabemos que “todo aquele que pratica a justiça é nascido dele.” I Jo 2.29.

Antes da fé salvadora, o pecador está morto espiritualmente. “E vos vivificou (feito a viver), estando vós mortos em ofensas e pecados, Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência...” Efe 2.1-6 e Cl 2.13.

**Perdidos ou Achados?** O homem sem Cristo está perdido. Paulo disse que os crentes “noutro tempo” (antes de serem crentes) estavam “sem Cristo, separados da comunidade de Israel... não tendo esperança, e sem Deus no mundo,” Ef 2.11-13. Estavam “longe” de Deus, mas agora por Cristo chegaram “perto.” Jesus veio para buscar e salvar o que estava perdido. “Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido, Lc 19.10. “Porque o Filho do homem veio salvar o que se tinha perdido” Mt 18.11. Jesus morreu para todos que estavam perdidos. “Se um morreu por todos, logo todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” II Co 5.14-15. Nós que cremos em Cristo somos salvos. Deus nos conhece. Ele nos achou e não estamos perdidos mais. Somos como a ovelha perdida, a moeda perdida e o filho pródigo em Lucas 15.4,9,24. Jesus contou esta parábola para ensinar como devemos alegrar-nos quando um pecador perdido é achado! Será que somente os eleitos estavam perdidos? Nós devemos anunciar o evangelho a todos, e “se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos...” II Co 4.3-4. O diabo cega os entendimentos dos perdidos pois pertencem a ele e ao seu reino.

**Sujos ou Lavados?** O descrente está com muitas culpas perante e assim está sujo em Sua presença. Paulo disse: “Porque também nós éramos noutro tempo (antes da conversão) insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites, vivendo em malícia e inveja, odiosos, odiando-nos uns aos outros. Tt 3.3. A nossa condição antes da salvação se resume nesta palavra: sujo. Mas Deus, pela graça, nos lavou pela própria regeneração e renovação do Espírito Santo, Tito 3.5. Nós “andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos,” Ef 2.3. Recebemos a “remissão dos pecados”, Colossenses 1.14. Jesus “nos lavou dos nossos pecados,” Apocalipse 1.5. Por isso nós renunciamos a “impiedade e as concupiscências mundanas” porque Deus nos “remiu de toda a iniquidade” ou sujeira imoral, Tito 2.12-14.

**Escravos do pecado ou escravos de Cristo?** Jesus disse: “Todo aquele que comete pecado é servo (escravo) do pecado.” João 8.34. Os falsos profetas e ensinadores prometem liberdade aos adeptos, mas eles próprios são escravos do pecado, “porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo.” II Pe 2.19. “Não sabeis vós que a quem vos apresentardes por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?” Romanos 6.16. “Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça, vs. 20. “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará,” Jo 8.36. Rm 6.14: “Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça.”

**O reino das trevas e o reino de Deus.** Como descrentes fazíamos parte deste mundo e do reino de satanás chamado “a potestade das trevas.” Quando cremos, Deus nos tirou do reino do diabo e nos transportou para o seu reino. Pertencemos a Cristo e o reino dele agora. “O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor...” Colossenses 1.13. O nosso “príncipe” era o diabo. “Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência.” Efesios 2.2.

No encontro de Jesus com Nicodemos que Jesus viu a necessidade de empregar várias simbologias para explicar uma única verdade a Nicodemos. Como este não compreendeu o primeiro, Jesus utilizou outro retrato para comunicar a necessidade de regeneração, e logo outro. É necessário ressaltar que a salvação contém dois aspectos essenciais que logo se mostram em várias polaridades.

Somos salvos “de” certas coisas e “para” outras.

É comum tratarmos mais o aspecto negativo (salvos de...), porém esse não é o quadro completo. O resto do quadro ressalta tanto o compromisso do cristão como a promessa que lhe é feita. Como nova criatura, o crente agora tem outra possibilidade de atividade, revestido de um novo propósito e referencial. O quadro que se segue não pretende ser completo, mas ilustrativo das conseqüências de vida da salvação.

### Salvos De...

Arrogância  
Condenação  
Derrota  
Desconfiança  
Desesperança  
Desobediência  
Despreparo  
Dominância  
Escravidão  
Falsidade (erro)  
Falta de propósito (rumo)  
Ignorância  
Imagem deturpada (depravada)  
Impureza  
Individualismo  
Inferno  
Infidelidade  
Ira  
Legalismo  
Luta (conflito)  
Medo  
Mortandade  
Morte  
Ódio  
Pecado  
Reinar do ego  
Separação de Deus  
Sermos surpreendidos  
Trevas  
Vida infrutífera

### Salvos Para...

Humildade  
Justificação  
Vitória  
Confiança (Fé)  
Esperança  
Obediência  
Estarmos preparados  
Serviço  
Liberdade real  
Verdade  
Missão  
Conhecer a Deus  
Semelhança de Deus  
Purificação  
Comunhão com outros (Deus)  
Céu  
Fidelidade  
Recompensa  
Graça  
Paz  
Confiança  
Regeneração  
Vida das eternidades  
Amor  
Boas obras  
Reinar de Deus  
Relacionamento com Deus  
Sermos vigilantes  
Luz  
Fruto (produtividade)

## Capítulo IV

### O Plano de Salvação Através dos Séculos

Jesus o cordeiro de Deus que foi morto ANTES da fundação do mundo. Apoc 13.8: Quando a Bíblia diz que Jesus foi morto antes da fundação do mundo, não está querendo dizer, na essência da palavra, que ele morreu antes da fundação do mundo. Por quê? Jesus morreu aproximadamente há 2.000 atrás. O que a Bíblia está querendo dizer nessa passagem é que havia um plano preparado antes da fundação do mundo para salvar o homem do inferno.

**I. Antes da Criação:** "No princípio. . . ." Volte comigo a este tempo. Não havia mundo, não havia universo, não havia vida física, não havia substância física, e não havia tempo. A eternidade não tem princípio nem fim. O que existia? Como foi que tudo o que conhecemos chegou a existir? O que tudo isto significa?

Havia três seres em existência, que eram perenes como a própria eternidade: Jeová, o Verbo, e o Espírito Santo. Estes Seres separados, não obstante, são um só em propósito, em virtude e em divindade. Eles compõem tudo o que é Divino.

Em algum tempo não temos idéia de quando, ou por quê seres celestiais menores foram criados. Lemos sobre as inumeráveis hostes de anjos (Apocalipse 5.11), de serafins (Isaías 6.2) e querubins (Gênesis 3.24) e outras criaturas celestiais, ao redor do trono de Deus. Apocalipse 4. Em algum tempo, alguns destes seres celestiais cometeram pecado. II Pedro 2.4. Uma vez mais, não sabemos a razão. Estes assuntos constituem as coisas encobertas, que pertencem a Deus. Um local de punição, terrível além de nossa compreensão, foi preparado para estes seres corrompidos. Mt 25.41. Foram entregues "a abismos de trevas, reservando-os para juízo". II Pe 2.4. Estes seres celestiais são mais poderosos que o homem, mas, como seres criados, são muito inferiores a Deus, o Criador.

### II. No Antigo Testamento

Você imaginou o que as pessoas faziam quando pecavam, antes de Jesus morrer? Hoje temos a promessa: "Se confessarmos nossos pecados, ele é fiel e justo, para perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça." I Jo 1.9. Agora podemos ser perdoados porque Jesus morreu em nosso lugar e pagou o preço dos nossos pecados. Mas como homens e mulheres podiam ser perdoados antes da cruz, quando Jesus ainda não tinha morrido?

Desde a queda do homem no Jardim do Édem, a base da salvação sempre foi à morte de Cristo. Ninguém, mesmo antes da cruz ou desde a cruz, poderia ser salvo sem este acontecimento indispensável na história do mundo. A morte de Cristo pagou a pena por pecados do passado, cometidos pelos "santos" do Velho Testamento e também de pecados futuros, dos "santos" do Novo Testamento.

Na verdade, assim que o homem pecou, Deus demonstrou pela primeira vez o Calvário. Foi construído um altar sobre o qual um cordeiro foi sacrificado. Esse cordeiro representava a Cristo.

Através dos séculos, cada vez que um animal inocente era sacrificado, apontava para o dia em que o Filho inocente de Deus morreria no lugar do homem. Esse foi o preço do perdão. Como o sacrifício de animais era incapaz de perdoar pecados e apenas apontavam para o verdadeiro sacrifício, a condição para a salvação sempre foi à fé. O alvo da fé de alguém para a salvação sempre foi Deus. Escreveu o salmista: "... bem-aventurados todos aqueles que nele confiam". Sl 2.12. Gênesis 15.6 nos diz que Abraão creu em Deus e que isto foi suficiente para Deus imputar-lhe isto por justiça. Rm 4.3-8.

**Uma Cruz Levantada no Deserto:** O povo de Israel, recém saído da escravidão, precisava de uma comunicação simples e fácil para compreender o plano de Deus para a Salvação. Eles precisavam de algo prático, que demonstrasse a terrível natureza do pecado de modo vivo. Eles necessitavam de uma noção clara do elevado custo de nossa salvação. E foi o que Deus fez. Ele ordenou: *"E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles. Conforme a tudo que Eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus vasos, assim mesmo o fareis."* Êxodo 25.8,9.

Deus desejava estar com o Seu povo, para isso era necessário um santuário. O santuário deveria ser um templo portátil que pudesse ser montado no deserto e transportado enquanto viajassem. Deus mostraria a Moisés um padrão, e daria a ele instruções detalhadas sobre a construção e a mobília. "... Moisés divinamente foi avisado... olha, faz tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou." Hb 8.5. Essa réplica (do verdadeiro santuário no Céu) seria uma escola adequada para nos ensinar muitas coisas sobre o plano elaborado por Deus para a salvação da humanidade.

"E quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão." Hebreus 9.22. Isso significa que sem derramamento de sangue não há perdão, nem para o povo de Israel no passado, nem para nós hoje. O perdão é a coisa mais preciosa do Universo, pois custou a vida do Filho de Deus. Era isso o que a morte do cordeiro queria dizer. O substituto inocente, sacrificado no altar, demonstrava a fé do pecador no inocente Cordeiro de Deus, Jesus, que um dia morreria em seu lugar.

Quando alguém pecava e se arrependia, deveria providenciar um cordeiro e se apresentar ao sacerdote no santuário. O pecador, colocando sua mão sobre a cabeça do cordeirinho, confessava os pecados e em seguida matava o animal. O sacerdote, então, espalhava um pouco desse sangue nos cantos do altar. O livro de Levítico, no Velho Testamento, descreve os vários sacrifícios que ocorriam no santuário. Tudo apontava para um grande e único tema central: prover um meio de trazer o pecador de volta a Deus, tornar possível para ele compreender o pecado e o que isso custou para Deus.

Portanto, o sistema sacrificial do Velho Testamento não tirava o pecado, como claramente ensina Hebreus 9.1-10; 10.4, mas apontava para o dia em que o Filho de Deus verteria Seu sangue pela pecaminosa raça humana. O que mudou através das gerações foi o conteúdo da fé do crente. A exigência de Deus sobre o alvo da fé se baseia na quantidade de revelação que Ele deu, até determinado momento, à humanidade. A isto se chama revelação progressiva.

Adão cria na promessa dada por Deus em Gênesis 3.15, que a Semente da mulher conquistaria Satanás. Adão Nele creu, demonstrado pelo nome que deu a Eva (Gn 3.20) e o Senhor indicou Sua aceitação imediatamente, cobrindo-os com túnicas de peles. Gn 3.21. Naquele momento, era tudo que Adão sabia, mas nisto ele creu. Abraão creu em Deus de acordo com as promessas e novas revelações a ele dadas por Deus em Gênesis 12 e 15. Antes de Moisés, nenhuma Escritura existia, mas a humanidade foi responsável pelo que Deus tinha revelado. Através do Velho Testamento, os crentes eram salvos porque criam que Deus iria, um dia, tomar conta deste problema, o pecado.

Um outro aspecto importante que encontramos neste período são os Pactos de Deus: A despeito da rebelião da humanidade contra Deus, Seu grande amor foi revelado em Seu propósito de abençoar a humanidade, que foi feito conhecido em Sua promessa redentora, após a queda, de que esmagaria a cabeça da serpente com a semente da mulher. Gênesis 3.15. Deus, então, começou a implementar este plano de redenção, por meio de pactos, para misericordiosamente fazer com que a humanidade volte-se à comunhão da vida divina e à glória que Ele originalmente intentou para nós.

A essência do pacto entre Deus e o homem é "Eu serei o vosso Deus, e vós sereis o Meu povo". A natureza revelatória progressiva dos pactos com Noé, Abraão, Moisés e Davi lançou o fundamento do pacto para a culminação da obra redentora de Deus em Seu novo concerto em Cristo. Estes pactos sucessivos da Escritura formam uma unidade.

O pacto probatório da vida pelo qual o homem devia guardar os mandamentos de Deus perfeitamente foi cumprido e consumado de uma vez por todas por Cristo, Deus em carne. No pacto da graça os eleitos de Deus recebem a satisfação de Cristo pela fé. Dessa forma, a nação de Israel compartilha de uma função primária na auto-revelação de Deus na história redentora. É a revelação progressiva através de todo o Antigo Testamento que provê a estrutura crucial para o entendimento da completa auto-revelação de Deus através de Jesus Cristo.

### **Tipos Ilustrativos da Salvação, no Velho Testamento**

1. Adão e Eva: Ilustrando que a salvação nos veste. Gn 3.21; Zc 3.1-5; Apoc 3.5,18
2. Caim e Abel: Ilustrando que a salvação [o sangue] garante aceitação. Gn 4.4; Ef 1.6
3. Abraão e Isaque: A salvação provê um substituto aceitável. Gn 22.12-14; Is 53.4-6
4. A Arca e a Páscoa: Ilustrando que a salvação protege da ira divina. Gn 7.1; Êx 12.23
5. O Tabernáculo: Ilustrando que a salvação restaura a comunhão. Êx 25.22; Sl 23.3
6. O Maná e a Rocha ferida: Ilustrando que a salvação Satisfaz. Êx 16.14; 17.6; Sl 103.5
7. A Serpente de bronze: Ilustrando que a salvação nos cura. Nm 21.9; Jo 3.14
8. Naamã: ilustrando que a salvação nos limpa. II Rs 5.1-14; Sl 51.7

### III. No Novo Testamento

O Plano de Salvação consolidado na Plenitude dos Tempos: Mas vindo a PLENITUDE DOS TEMPOS, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para REMIR os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a ADOÇÃO DE FILHOS, Gl 4.4,5.

Jesus veio na plenitude dos tempos (momento certo), ou seja, no momento em que o mundo estava no auge do seu progresso; havia um só governo (romano), um só governante (imperador), uma moeda comum, uma língua comum (grego koyné), uma cultura predominante (grega), estradas que ligavam o mundo a Roma e etc. Gálatas 4.4-6 mostra que nada ocorreu "por acidente". Quando Deus operou a "plenitude dos tempos", isto é, quando cada detalhe e cada condição estavam preparados para a missão do Messias - Jesus Cristo, Ele veio ao mundo, exatamente como estava profetizado desde Gênesis 3.15.

Deus escolheu um povo, depois a casa de Davi e depois uma família abençoada (José e Maria) para que, por obra do Espírito Santo, Jesus viesse a nascer. O nascimento virginal de Jesus Cristo, um milagre muito contestado por teólogos modernistas, mas claramente registrado nas Escrituras (Is 7.14 e Mt 1.23), explica a ausência do pecado original em Cristo, ao mesmo tempo em que estabelece Sua humanidade desde a formação no ventre de Maria.

#### O Cordeiro de Deus



de pecados.

A razão mais importante porque Jesus Cristo foi ungido e enviado ao mundo, foi redimir dos seus pecados a humanidade caída. Para poder fazer isso, Ele tinha de aparecer na semelhança do homem, para que pudesse oferecer-Se como sacrifício pelos nossos pecados, vertendo o Seu sangue e morrendo fisicamente na cruz. Ele tinha de se transformar no Cordeiro de Deus, do sacrifício: "Porque não é possível que o sangue de novilhos e de bodes livre

Portanto, quando Ele vem ao mundo afirma: Sacrifícios e ofertas não quisestes, mas um corpo Tu Me preparaste... Então disse Eu, Olha, Eu venho (no conteúdo do livro está escrito sobre Mim) para fazer a Tua vontade Ó Deus... Por cuja vontade somos santificados de uma vez para sempre, pela oferta do corpo de Jesus Cristo". Hb 10.4-5,7,10. A lei espiritual que diz que "sem o derramamento de sangue não há remissão" (Hebreus 9.22 e Levítico 17.11), foi ditada a Israel 1 500 anos antes da vinda do Messias. Há um verdadeiro rio de sangue de sacrifícios, que corre por todo o Antigo Testamento. Examine I Reis 8 para ver os sacrifícios oferecidos em apenas um dia. Mas isto não era suficiente. O sangue de touros e bodes jamais poderia ter valor suficiente para pagar a fraqueza da humanidade. Hb 10.4.

Todos estes sacrifícios eram apenas indícios, que apontavam para a morte do Cordeiro de Deus, quando o tempo próprio chegasse. Foi João Batista que anunciou a vinda do Cordeiro: “Olhai, o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. João 1.29. Jesus fez o sacrifício final, pelo qual pôs termo a todos os repetidos e incompletos sacrifícios do Velho Testamento: “(Cristo) não precisava fazer, como os sumos sacerdotes faziam diariamente, sacrifícios primeiro pelos seus próprios pecados e depois pelos pecados do povo; pois Ele o fez uma única vez, quando Se ofereceu a Si próprio”. Hebreus 7.27.

### **Ele derramou o seu Sangue: A nossa salvação, baseiam-se no sangue:**

1. Somos justificados pelo precioso sangue de Cristo. Rm 5.9
2. Somos redimidos pelo precioso sangue de Cristo. I Pe 1.18-19
3. Somos lavados pelo precioso sangue de Cristo. Apoc 1.5
4. Somos incluídos no Novo Testamento, pelo sangue de Cristo. I Co 11.25
5. N'Ele temos redenção através do Seu sangue, o perdão dos pecados. Ef 1.7.
  - 5.1. Seu SANGUE nos aproximou de Deus outra vez. Ef 2.13
  - 5.2. Seu SANGUE nos paz e reconciliação. Cl 1.20
  - 5.3. Seu SANGUE nos fez triunfar sobre que tinha o poder da morte. Hb 2.14
  - 5.4. Seu SANGUE nos trouxe purificação. Hb 9.7
  - 5.5. Seu SANGUE nos trouxe eterna redenção. Hb 9.12
  - 5.6. Seu SANGUE viabiliza o servir ao Deus vivo. Hb 9.14
  - 5.7. Seu SANGUE foi aspergido sobre nós. Hb 9.19
  - 5.8. Seu SANGUE foi a base do pacto entre Deus e o homem. Hb 9.20
  - 5.9. Seu SANGUE o motivo da remissão. Hb 9.22
  - 5.10. Seu SANGUE permite a entrada com ousadia no santíssimo lugar. Hb 10.19
  - 5.11. Seu SANGUE trará juízo sobre os profanadores. Hb 10.29
  - 5.12. Seu SANGUE nos traz proteção contra as investidas do destruidor. Hb 11.28
  - 5.13. Seu SANGUE é incomparável em sua essência. Hb 12.24
  - 5.14. Seu SANGUE tem poder santificador. Hb 13.12
  - 5.15. Seu SANGUE derramado estabeleceu uma aliança eterna. Hb 13.20
  - 5.16. Seu SANGUE incontaminado e sem mancha. I Pe 1.19
  - 5.17. Seu SANGUE nos purifica de qualquer pecado. I Jo 1.7
  - 5.18. Seu SANGUE traz libertação aos cativos. Apoc 1.5
  - 5.19. Seu SANGUE o preço pago para a salvação do homem perdido. Apoc 5.9
  - 5.20. Seu SANGUE limpa as vestes manchadas pelo pecado. Apoc 7.14
  - 5.21. Seu SANGUE torna possível à entrada na cidade de Deus. Apoc 22.14
  - 5.22. Três aspectos essenciais sobre o sangue de Jesus (o valor, a virtude e a voz)
    - 5.22.1. Seu VALOR é incomparável. I Pe 1.18,19
    - 5.22.2. Sua VIRTUDE é incomparável. I Jo 1.7
    - 5.22.3. Sua VOZ é incomparável. Hb 12.24,25
  - 5.23. O sangue é o bilhete - Quando você vai viajar de Avião, ninguém pergunta se você é rico ou pobre. Eles querem ver o bilhete. O bilhete é o sinal. O sangue é o bilhete para entrar no céu.
  - 5.24. Joe Kerkofsky – Perdeu o braço aos 6 anos. Rejeitado para o serviço militar na segunda guerra. Campeão em doação de sangue. Doou 250 vezes. Doou 120 litros de sangue. Disse ele: “Dinheiro não pode pagar a alegria de doar sangue a alguém necessitado. Isso é dar vida a alguém que está morrendo”. Porém, nenhum sangue derramado ou doado pode se comparar com o SANGUE DE JESUS.

## Capítulo V

### A Teologia Calvinista e a Salvação

#### I. Autoria

Ao contrário do que muitos pensam, não foi João Calvino quem escreveu “Os Cinco Pontos do Calvinismo”. Talvez algumas pessoas ficarão impressionadas com esta afirmação. No entanto, a magna pergunta que se faz é: Se não foi Calvino, quem foi então? “Estes cinco pontos foram formulados pelo Sínodo de Dort, Sínodo este convocado pelos estados Gerais (da Holanda) e composto por um grupo de 84 Teólogos e 18 representantes seculares, entre esses estavam 27 delegados da Alemanha, Suíça, Inglaterra e outros países da Europa reunidos em 154 Sessões, desde 13 de novembro de 1618 até maio de 1619”. Portanto, peca por ignorância quem afirma ser João Calvino o autor destes cinco pontos, porque na verdade, a afirmação correta é que estes “pontos” foram fundamentados tão somente nas doutrinas ensinadas por ele. Aliás, este sistema doutrinário, se assim podemos chamá-lo, foi elaborado somente 54 anos após a morte do grande reformador (1509-1564). Porém, têm sido, desde então, conhecidos como “os cinco pontos do Calvinismo”.

#### II. Razão de sua Escrita

Os Cinco Pontos do Calvinismo foram formulados em resposta a um “documento que ficou conhecido na história como ‘Remonstrance’ ou o mesmo que ‘Protesto’”, apresentado ao Estado da Holanda pelos “discípulos do professor de um seminário holandês chamado Jacob Hermann, cujo sobrenome latino era Arminius (1560-1600). Mesmo estando inserido na tradição reformada, Arminius tinha sérias dúvidas quanto à graça soberana de Deus, visto que era simpático aos ensinamentos de Pelágio e Erasmo, no que se refere à livre vontade do homem”. Este documento formulado pelos discípulos de Arminius tinha como objetivo mudar os símbolos oficiais de doutrinas das Igrejas da Holanda (Confissão Belga e Catecismo de Heidelberg), substituindo pelos ensinamentos do seu mestre. Desta forma, o Sínodo de Dort condenou os arminianos e elaborou o que conhecemos como “Os Cinco Pontos do Calvinismo” (combatendo os cinco pontos dos arminianos). Estes pontos do calvinismo são conhecidos mundialmente pela palavra TULIP, um acróstico popular que na língua inglesa significa:

|                                |                         |
|--------------------------------|-------------------------|
| <b>T</b> otal Depravity        | Total Depravação        |
| <b>U</b> nconditional Election | Eleição Incondicional   |
| <b>L</b> imited Atonement      | Expição Limitada        |
| <b>I</b> rresistible Grace     | Graça Irresistível      |
| <b>P</b> erseverance of Saints | Perseverança dos Santos |

### III. A Teologia Calvinista e a Salvação

Na eternidade passada, Deus escolheu um certo número de criaturas caídas para serem reconciliadas com ele mesmo. No tempo oportuno, Cristo veio para salvar os escolhidos. O Espírito Santo ilumina os eleitos para que possam crer no Evangelho e receber a salvação. A salvação pode ser resumida nos Cinco pontos do Calvinismo. No entanto sua visão não se restringe a estes cinco pontos, é tão somente o fundamento dos ensinamentos de João Calvino.

#### 1. Total Depravity (Total Depravação)

O Calvinismo entende que depois da queda, o homem não tem mais livre arbítrio. Ele continua responsável, pois o estado de pecado em que se encontra foi decorrente da sua livre decisão no Éden. Mas agora, em estado de pecado, a vontade do homem foi escravizada pelo pecado que o cegou, impedindo-o de discernir e consequentemente decidir positivamente, por si mesmo, em questões espirituais vitais para a salvação. Entende que a corrupção espiritual produzida pela queda foi tal que, espiritualmente falando, o homem está morto nos seus delitos e pecados. Assim, para o calvinista, o homem não precisa apenas de justificação, mas de vivificação; ele precisa ser primeiro regenerado pelo Espírito Santo de Deus, para que, então, possa ser convencido do pecado e se arrependa, e seja iluminado para crer no evangelho da salvação. Para os calvinistas, a queda foi realmente uma queda e não um tropeço, ou um escorregão sem maiores consequências.

#### 2. Unconditional Election (Eleição Incondicional)

O calvinismo crê na escolha divina de certos indivíduos para a salvação, antes da fundação do mundo, repousou tão somente na Sua soberana vontade. A escolha de determinados pecadores feita por Deus não foi baseada em qualquer resposta ou obediência prevista da parte destes, tal como fé ou arrependimento. Pelo contrário, é Deus quem dá a fé e o arrependimento a cada pessoa a quem Ele escolheu. Esses atos são o resultado e não a causa da escolha divina. A eleição, portanto, não foi determinada nem condicionada por qualquer qualidade ou ato previsto no homem. Aqueles a quem Deus soberanamente elegeu, Ele os traz, através do poder do Espírito, a uma voluntária aceitação de Cristo. Desta forma, a causa última da salvação não é a escolha que o pecador faz de Cristo, mas a escolha que Deus faz do pecador.

#### 3. Limited Atonement (Expição Limitada)

O calvinismo crê na expiação limitada de Cristo. Isto não quer dizer que a expiação de Cristo não seja suficiente para a salvação do mundo inteiro; mas que foi eficiente apenas para a salvação dos eleitos, pois este foi o seu propósito. Ou seja, Cristo morreu na cruz, não apenas potencialmente, mas em substituição verdadeira e individual aos eleitos. O calvinismo não entende que Cristo veio ao mundo apenas para possibilitar a redenção (de todos), mas para efetivamente redimir (os eleitos) através da sua morte vicária e expiatória na cruz. A expiação não é potencial e geral, mas objetiva e pessoal.

#### 4. Irresistible Grace (Graça Irresistível)

Os calvinistas crêem na graça irresistível; na soberania de Deus em aplicar a redenção no coração dos eleitos; no chamado eficaz de Deus para a salvação. Os calvinistas crêem que o que faz alguns submeterem-se e outros rejeitarem a vontade de Deus, em última instância, é a graça irresistível de Deus em chamar eficazmente os eleitos para a salvação. Crêem que a ação de Deus no coração dos seus eleitos não poderá ser eficazmente resistida; isso não quer dizer que os pecadores serão convertidos à força, mas que suas vontades serão eficazmente convencidas; serão levados ao arrependimento e crerão no evangelho, de modo que acabarão respondendo positivamente ao chamado do Espírito Santo. Os calvinistas crêem que a ação do Espírito Santo no coração dos eleitos é invencível. Que a graça de Deus para com eles é irresistível; e que os propósitos de Deus na eleição e a obra de Cristo na expiação serão efetivamente aplicados pelo Espírito Santo. Em outras palavras, os calvinistas crêem que a quem Deus elegeu, a estes também chamou, e a estes também justificou. Crêem que não há eleito que não seja chamado; e que não há chamado que não seja justificado. A graça de Deus, portanto, é invencível. Nunca deixa de resultar na salvação daqueles a quem ela é estendida.

#### 5. Perseverance of Saints (Perseverança dos Santos)

Os calvinistas crêem que a mesma graça de Deus que os salvou, agirá eficazmente nas suas vidas, de modo que não poderão cair total e finalmente da graça de Deus. O calvinista crê que a justificação, a regeneração e a adoção são obras irreversíveis; que já não pode mais haver condenação para os que estão em Cristo Jesus. Crê que, visto que Deus começou a obra, haverá de completá-la; e que não há justificado que não será glorificado. Isso não quer dizer, entretanto, que o salvo não mais cometa pecado; mas que Deus, sendo fiel, não permitirá que seus eleitos sejam tentados além das suas forças e que lhes concederá o auxílio necessário a fim de que possam resistir às tentações, e não venham jamais a se apartar definitivamente da graça de Deus.

Segundo Kuyper, “a vida que o Calvinismo tem pleiteado e tem selado, não com lápis e pincel no estúdio, mas com seu melhor sangue na estaca e no campo de batalha”. A força prática da teologia reformada não está simplesmente em seu vigor e capacidade de influenciar intelectualmente os homens, mas no que tem produzido na vida de milhões de pessoas, conduzindo-as, em submissão ao Espírito, à fidelidade bíblica e a uma ética que se pautela pelas Escrituras. A grande contribuição do Calvinismo não se restringe aos manuais das mais variadas áreas do saber, mas, estende-se à integralidade da vida dos discípulos de Cristo que seguem esta perspectiva.

Calvino, com sua vida e ensinamentos, contribuiu para forjar um tipo novo de homem: “O reformado”, que vive no tempo, a plenitude do seu tempo para a glória de Deus! Portanto, “O verdadeiro discípulo de Calvino só tem um caminho a seguir: não obedecer ao próprio Calvino, mas Àquele que era o mestre de Calvino”.

## Capítulo VI

### A Teologia Arminiana e a Salvação

A Teologia Arminiana divergiu do calvinismo, argumentando que os benefícios da graça são oferecidos a todos, em oposição ao princípio calvinista da condenação predestinada. A ênfase desta Teologia gira em torno da presciência divina, da responsabilidade e livre arbítrio do indivíduo e do poder da Graça capacitadora de Deus.

Jacobus Arminius (1560 a 1609), um teólogo holandês, pastor da Igreja Reformada em Amsterdã, foi nomeado professor de teologia na Universidade de Leiden. Em 1604 Armínio apresentou uma tese sobre a predestinação e a eleição divina: afirmava que o decreto de Deus significa que ele aceita em sua graça aqueles que se arrependem e crêem. Franciscus Gomaro, também professor da Universidade, não concordou com a tese de Armínio. A discussão saiu da Universidade e ganhou adeptos para os dois lados (havia grupo arminianos e grupos gomaristas – igrejas arminianas e gomaristas. Uma era contra a outra). A controvérsia era confessional, porque Gomaro e outros acusavam Armínio de contradizer a Confissão Belga e o Catecismo e Heidelberg (oficial da Igreja Reformada da Holanda). Armínio queria uma mudança na Confissão da Igreja e uma convocação do Sínodo. Ele morreu algum tempo depois (1609), mas, seus adeptos (em 1610) publicaram “A Remonstrância” (pleiteio, pedido), um manifesto, expondo o ponto de vista teológico em 5 pontos que é a base da TEOLOGIA ARMINIANA DA SALVAÇÃO:

1. Deus elegeu os que creriam
2. O sacrifício de Cristo é para todos
3. A fé é um dom da graça de Deus
4. Esta graça pode ser rejeitada
5. Também crentes podem causar a própria perdição

#### I. Deus elegeu os que creriam

O Arminiano crê que Deus, por um eterno e imutável plano em Jesus Cristo, seu Filho, antes que fossem postos os fundamentos do mundo, determinou salvar, de entre a raça humana que tinha caído no pecado – em Cristo, por causa de Cristo e através de Cristo – aqueles que, pela graça do Santo Espírito, crerem neste seu Filho e que, pela mesma graça, perseverarem na mesma fé e obediência de fé até o fim; e, por outro lado, deixar sob o pecado e a ira os costumazes e descrentes, condenando-os como alheios a Cristo, segundo a palavra do Evangelho de Jo 3.36 e outras passagens da Escritura.

#### II. O sacrifício de Cristo é para todos

O Arminiano crê que Jesus Cristo, o Salvador do mundo, morreu por todos e cada um dos homens, de modo que obteve para todos, por sua morte na cruz, reconciliação e remissão dos pecados; contudo, de tal modo que ninguém é participante desta remissão senão os crentes.

### **III. A fé é um dom da graça de Deus**

O Arminiano crê que o homem não possui por si mesmo graça salvadora, nem as obras de sua própria vontade, de modo que, em seu estado de apostasia e pecado para si mesmo e por si mesmo, não pode pensar nada que seja bom – nada, a saber, que seja verdadeiramente bom tal como a fé que salva antes de qualquer outra coisa. Mas que é necessário que, por Deus em Cristo e através de seu Santo Espírito, seja gerado de novo e renovado em entendimento, afeições e vontade e em todas as suas faculdades, para que seja capacitado a entender, pensar, querer e praticar o que é verdadeiramente bom, segundo a Palavra de Deus. Jo 15.5.

### **IV. Esta graça pode ser rejeitada**

O Arminiano crê que esta graça de Deus é o começo, a continuação e o fim de todo o bem; de modo que nem mesmo o homem regenerado pode pensar, querer ou praticar qualquer bem, nem resistir a qualquer tentação para o mal sem a graça precedente (ou preveniente) que desperta, assiste e coopera. De modo que todas as obras boas e todos os movimentos para o bem, que podem ser concebidos em pensamento, devem ser atribuídos à graça de Deus em Cristo. Mas, quanto ao modo de operação, a graça não é irresistível, porque está escrito de muitos que eles resistiram ao Espírito Santo. At 7.

### **V. Também crentes podem causar a própria perdição**

O Arminiano crê que aqueles que são enxertados em Cristo por uma verdadeira fé, e que assim foram feitos participantes de seu vivificante Espírito, são abundantemente dotados de poder para lutar contra Satã, o pecado, o mundo e sua própria carne, e de ganhar a vitória; sempre – bem entendido – com o auxílio da graça do Espírito Santo, com a assistência de Jesus Cristo em todas as suas tentações, através de seu Espírito; o qual estende para eles suas mãos e (tão somente sob a condição de que eles estejam preparados para a luta, que peçam seu auxílio e não deixar de ajudar-se a si mesmos) os impele e sustenta, de modo que, por nenhum engano ou violência de Satã, sejam transviados ou tirados das mãos de Cristo. Jo 10.28. Mas quanto à questão se eles não são capazes de, por preguiça e negligência, esquecer o início de sua vida em Cristo e de novamente abraçar o presente mundo, de modo a se afastarem da santa doutrina que uma vez lhes foi entregue, de perder a sua boa consciência e de negligenciar a graça – isto deve ser assunto de uma pesquisa mais acurada nas Santas Escrituras antes que possamos ensiná-lo com inteira segurança.

O Homem pode Cair da Graça – O arminianismo conclui, muito logicamente, que o homem, sendo salvo por um ato de sua própria vontade livremente exercida, aceitando a Cristo por sua própria decisão, pode também perder-se depois de ter sido salvo, se resolver mudar de atitude para com Cristo, rejeitando-o! (alguns arminianos acrescentariam que o homem pode perder, subseqüentemente, sua salvação, cometendo algum pecado). Esta possibilidade de perder-se, depois de ter sido salvo, é chamada de “queda (ou perda) da graça”, pelos seguidores de Arminius. Ainda, se depois de ter sido salva, a pessoa pode perder-se, ela pode tornar-se livremente a Cristo outra vez e, arrependendo-se de seus pecados, “pode ser salva de novo”. Tudo depende de sua continua volição positiva até à morte!.

## Capítulo VII

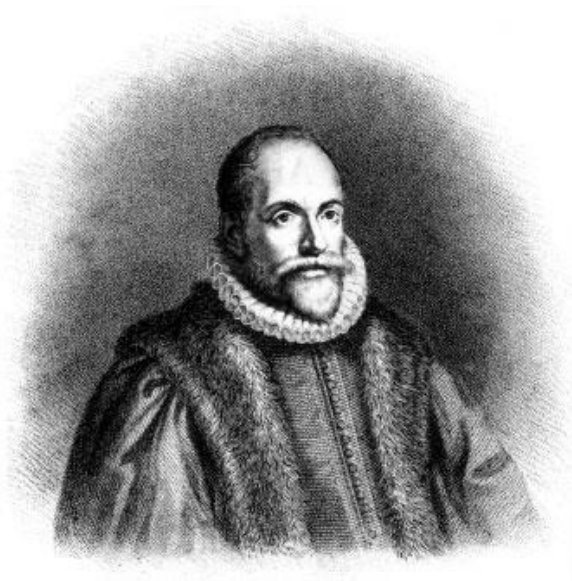
### Conflito entre a Teologia Calvinista e a Arminiana

O Calvinismo recebeu este nome por causa de John Calvin (João Calvino), teólogo francês que viveu de 1509 a 1564. O Arminianismo recebeu este nome por causa de Jacobus Arminius, teólogo holandês que viveu de 1560 a 1609.

#### Os Cinco Pontos do Arminianismo

*Versus*

#### Os Cinco Pontos do Calvinismo



1. Deus escolheu os que criariam
2. O sacrifício de Cristo é para todos
3. A fé é um dom da graça de Deus
4. Esta graça pode ser rejeitada
5. Os crentes podem causar a própria perdição



1. Total Depravação
2. Eleição Incondicional
3. Expição Limitada
4. Graça Irresistível
5. Perseverança dos Santos

#### Calvinismo versus Arminianismo: qual das visões está correta?

O Calvinismo e o Arminianismo são dois sistemas teológicos que tentam explicar a relação entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana em relação à salvação. Os dois sistemas podem ser resumidos em cinco pontos. O Calvinismo defende a “depravação total”, enquanto o Arminianismo defende a “depravação parcial”. Segundo a “depravação total”, cada aspecto da humanidade está contaminado pelo pecado, e por isso, os seres humanos são incapazes de vir a Deus por iniciativa própria. A “depravação parcial” defende que cada aspecto da humanidade está contaminado pelo pecado, mas não ao ponto de fazer que os homens sejam incapazes de colocar sua fé em Deus por iniciativa própria.

O Calvinismo defende a “eleição incondicional”, enquanto o Arminianismo defende a “eleição condicional”. A “eleição incondicional” afirma que Deus elege pessoas para a salvação baseado inteiramente em Sua vontade, e não em nada que seja inerente à pessoa. A “eleição condicional” afirma que Deus elege pessoas para a salvação baseado em sua pré-ciência de quem crerá em Cristo para a salvação.

O Calvinismo defende a “expição limitada”, e o Arminianismo defende a “expição ilimitada”. Este, dos cinco pontos, é o mais polêmico. A “expição limitada” é a crença de que Jesus morreu apenas pelos eleitos. A “expição ilimitada” é a crença de que Jesus morreu por todos, mas que Sua morte não tem efeito enquanto a pessoa não crê.

O Calvinismo defende a “graça irresistível” e o Arminianismo, a “graça resistível”. A “graça irresistível” defende que quando Deus chama alguém para a salvação, esta pessoa inevitavelmente virá para a salvação. A “graça resistível” afirma que Deus chama a todos para a salvação, mas muitas pessoas resistem e rejeitam este chamado.

O Calvinismo defende a “perseverança dos santos”, enquanto o Arminianismo defende a “salvação condicional”. A “perseverança dos santos” se refere ao conceito de que a pessoa que é eleita por Deus irá perseverar em fé e nunca negará a Cristo ou se desviar Dele. A “salvação condicional” é a visão de que um crente em Cristo pode, por seu livre arbítrio, se desviar de Cristo e, assim, perder a salvação.

Portanto, neste debate entre Calvinismo e Arminianismo, quem está correto? É interessante notar que na diversidade do Corpo de Cristo, há toda a sorte de mistura de Calvinismo e Arminianismo. Há quem apóie cinco pontos do Calvinismo e cinco pontos do Arminianismo, e ao mesmo tempo, há quem apóie apenas três pontos do Calvinismo e dois pontos do Arminianismo. Muitos crentes chegam a um tipo de mistura das duas visões. No final, é nossa visão que os dois sistemas falham por tentar explicar o inexplicável. Os seres humanos são incapazes de compreender totalmente um conceito como este. Sim, Deus é absolutamente soberano e de tudo sabe. Sim, os seres humanos são chamados a fazer uma decisão genuína a colocar sua fé em Cristo para a salvação. Estes dois fatos parecem contraditórios para nós, mas na mente de Deus, fazem completo sentido.

### **Visão e Posicionamento Pessoal**

Deus não manda Seu povo escolher entre Calvinismo ou Arminianismo! A Bíblia diz “Examinai tudo. Retende o bem”. I Ts 5.21. A Bíblia mesma é o teste da verdade, não a teologia sistemática de alguém. Tenho o direito e a responsabilidade de testar cada teologia pela Bíblia e tenho a liberdade diante do Senhor de rejeitar qualquer parte ou até tudo dessa teologia. Não preciso escolher entre teologias humanas. Eu posso ficar firme exclusivamente com a Bíblia mesma. Ela é a única autoridade para a fé e a prática. O cristão não precisa seguir o Calvinismo ou Arminianismo. A idéia de que se não for Calvinista, com certeza é um Arminiano, não procede. Na verdade, particularmente sempre estou examinando as várias teologias com as Escrituras, e nunca concordei inteiramente com alguma teologia humana e também louvo a Deus de não estar debaixo de alguma obrigação divina de seguir o Calvinismo ou o Arminianismo.

## **Pontos positivos do Calvinismo**

Apesar de eu não concordar com a teologia calvinista, preciso admitir que há muitas coisas boas a respeito do Calvinismo, especialmente quando contrastado com a teologia e o evangelismo raso, focalizada no homem, que está tão popular hoje em dia. Quatro coisas logo vêm à mente:

### **1. O Calvinismo exalta Deus como o único Autor de salvação e dá glória somente para Ele.**

Neste assunto, o Calvinismo está correto e perfeitamente bíblico e acerta bem no alvo. Não tem salvação à não ser em Deus. Não há nada de bom no homem e não há nada que ele possa fazer para obter a sua salvação. Precisa ser inteiramente de Deus. Se não fosse pela misericórdia e a graça de Deus que providenciou salvação em Cristo e atraiu homens para essa salvação, convencendo-os e iluminando-os e concedendo-lhes fé e arrependimento (que são ambas dádivas de Deus), ninguém seria salvo. Toda glória a Deus.

### **2. O Calvinismo faz o homem humilde e não lhe dá parte nenhuma na salvação e nada para se glorificar.**

Isso é a outra parte do ponto prévio, e nisso o Calvinismo está seguindo perfeitamente as Escrituras. A Bíblia não dá razão nenhuma para o homem se gloriar. Salvação é uma coisa inteira de Deus e nada do homem. Romanos 4.2 diz que se a salvação de Abraão não fosse inteira de Deus, ele teria alguma coisa para se gloriar, mas isso claramente não é possível já que nenhum homem pode em momento algum se gloriar de coisa alguma diante de um Deus três vezes santo. Até a justiça do homem, as melhores ações dele, não passam de imundícia diante de Deus. Is 64.6.

### **3. O Calvinismo dá uma segurança eterna àquele que crê.**

O Calvinismo promete uma segurança eterna ao crente, porque sabe que (1) salvação é inteira de Deus e assim não depende de algum modo das obras do homem, sejam elas boas ou más, (2) Deus elegeu e ordenou a pessoa salva para uma herança gloriosa e eterna, e (3) os salvos perseveraram na fé através da obra efetiva e a moradia do Espírito Santo. Nisso [o Calvinismo] acerta bem no alvo.

### **4. O Calvinismo ensina que os eleitos darão provas da sua chamada.**

O Calvinista sabe que a salvação produz uma mudança total na vida de uma pessoa, e nisso [o Calvinismo] acerta bem no alvo. Uma “salvação” que não dá início a uma mudança de vida e direção e pensamento e propósito não é uma salvação bíblica. É bom esclarecer que nem todos os Calvinistas são iguais: É importante entender que existe uma grande variedade de doutrinas e práticas no meio dos Calvinistas, e não considero, de forma alguma, um homem como inimigo da verdade somente porque aceita parte da teologia calvinista.

O livro de Iain Murray "Spurgeon vs. Hyper Calvinists: The Battle for Gospel Preaching" (Spurgeon Contra Hiper Calvinistas: a Batalha da Pregação da Palavra) (Edinburgh, Banner of Truth Trust, 1995) descreve de modo excelente as diferenças entre os Calvinistas. Existem Calvinistas ganhadores de almas, Calvinistas com muito zelo evangelístico e missionário; e existem Calvinistas que condenam estas coisas. Alguns interpretam o Calvinismo de tal maneira que não acreditam em oferecer salvação a todos os pecadores; até mesmo não acreditam que Deus ama a todos os homens.



Charles Spurgeon encarou isto um dia. Ele acreditou no Calvinismo em parte, apesar de recusar permitir que qualquer teologia possa revirar o ensino da Bíblia. Nos seus comentários sobre I Timóteo 2.3-6, por exemplo, Spurgeon escreveu:

“E então? Tentaremos colocar um outro sentido no texto do que já tem? Penso que não. Precisa-se, para a maioria de vocês, conhecer o método comum com qual os nossos amigos Calvinistas mais velhos lidaram com esse texto. ‘Todos os homens,’ dizem eles, ‘quer dizer, alguns homens’: como se o Espírito Santo não poderia ter falado ‘alguns homens’ se quisesse falar alguns homens. ‘Todos os homens,’ dizem eles; ‘quer dizer, alguns de todos os tipos de homens’: como se o Senhor não poderia ter falado ‘Todo tipo de homem’ se quisesse falar isto. O Espírito Santo através do apóstolo escreveu ‘todos os homens,’ e sem dúvida quer dizer todos os homens. Estava lendo agora mesmo uma exposição de um doutor muito apto o qual explica o texto de tal forma que muda o sentido; ele aplica dinamite gramatical no texto, e explode o texto expondo-o ... O meu amor pela consistência com as minhas próprias doutrinas não é de tal tamanho para me autorizar a alterar conscientemente um só texto da Escritura. Respeito grandemente a ortodoxia, mas a minha reverência para a inspiração é bem maior. Prefiro aparecer cem vezes ser inconsistente comigo mesmo do que ser inconsistente com a palavra de Deus” (*C.H. Spurgeon, Metropolitan Tabernacle Pulpit, 1 Timothy 2.3,4, vol. 26, pp. 49-52*).

Em alguns assuntos, Charles Spurgeon era um Calvinista, mas ele era muito mais do que um Calvinista; ele era um Biblicista. Fala-se a respeito de Spurgeon, que se você desse uma furada nele, até o sangue dele era “bibliano.” Ele amava teologia e estudou teologia com diligência, mas a coisa mais importante é que ele tinha uma fé de criança em tudo o que a Bíblia fala e não admitiu que alguma teologia humana revirasse um ensinamento claro das Escrituras.

E mesmo se Spurgeon pode ser considerado como Calvinista, ao mesmo tempo ele era um grande evangelista e acreditou que se podia oferecer a salvação a todos os homens. Spurgeon pensava que mais pecadores poderiam ser salvos se o evangelho fosse pregado para [mais de] eles, e ele não tentou reconciliar tal ponto de vista com a eleição de Deus. Ele pensava que a sua responsabilidade era de pregar o evangelho para o maior número de pecadores possível.

Ele acreditava que instrumentos como a oração poderiam resultar em uma maior ceifa de almas. Ele tinha reuniões de oração antes dos cultos, e toda segunda-feira à noite, e também em outras ocasiões. Às vezes, quando o auditório do Metropolitan Tabernacle estava cheio, um grupo ficaria na sala de oração de baixo para orar durante a pregação (*informação recebida por e-mail da Sra. Hannah Wyncoll, Assistente Administrativa, Metropolitan Tabernacle, June 2, 2000*).

Spurgeon gostava de ganhar almas e ensinou as suas ovelhas a serem ganhadoras de almas. O seu famoso livro *The Soul Winner* ("O Ganhador de Almas") continua sendo impresso. Havia alguns na igreja de Spurgeon que "fizeram sua tarefa especial de 'olhar para almas' na nossa grande congregação, e de tentar levar a uma decisão imediata aqueles que aparentemente foram impressionados pela pregação da Palavra. [Nota do Irmão Cloud: Observa-se a palavra "decisão" na descrição que Spurgeon dá destes ganhadores de almas!].

Um irmão ganhou para si o título de meu [de Spurgeon] cão de caça, porque sempre está pronto a pegar as aves feridas. Uma segunda-feira à noite, numa reunião de oração, ele estava sentado ao meu lado no palco; de repente senti a sua falta, e agora o vi do outro lado do prédio. Depois da reunião, perguntei-lhe porque ele saiu tão rápido, e ele falou que o gás iluminava o rosto de uma mulher na congregação, e ela tinha um olhar tão triste que ele deu volta, foi sentar do lado dela, pronto para falar sobre o Salvador depois do culto" (C.H. Spurgeon, *The Full Harvest*, p. 76). Assim, vemos que Charles Spurgeon era um homem muito zeloso para ganhar almas, e o seu Calvinismo e suas convicções sobre a soberania de Deus não impediram isso de modo nenhum.

De outro lado, muitos Calvinistas da época se opuseram de modo veemente a Spurgeon, tanto nos seus púlpitos como nas suas revistas, e denunciaram sua prática de estender convites a pecadores para virem a Cristo. (Na verdade ele não convidava as pessoas para virem à frente durante o culto, como se faz hoje em dia, mas os convidava a vir para Cristo assim mesmo; e ele acreditava que no final um pecador era salvo em cada assento no enorme auditório do Metropolitan Tabernacle daquele dia.) Por exemplo, um jornal calvinista muito popular na época de Spurgeon era o *Earthen Vessel*. Numa das suas edições em 1857, simplesmente declarou que "é um absurdo pregar que é dever do homem crer em Cristo para salvação." Era exatamente o que Spurgeon pregava.

Portanto, para muitos Calvinistas da sua época, Spurgeon era um cara absurdo! Isso nos lembra que há vários tipos de Calvinistas e não seria sábio considerá-los todos da mesma forma.

## Capítulo VIII

### A Doutrina da Eleição

Ao estudarmos o assunto da eleição não podemos perder de vista que estamos perante um dos temas mais profundos das escrituras e um dos que mais se aproximam dos fundamentos dos propósitos Divinos. Pensamos que poucas coisas terão sido idealizadas por Deus antes da eleição e que esta é mesmo um dos fundamentos dos Seus desígnios eternos. Como tudo o que se relaciona com os desígnios de Deus, entendemos que é essencial à compreensão deste assunto dominar e saber aplicar o plano dispensacional. Cremos mesmo que muita da confusão que hoje existe à volta deste assunto, e de muitos outros, deriva diretamente da incompreensão, e muitas vezes desprezo, pelos desígnios de Deus com as sua épocas, “os tempos e estações” (I Ts 5.1), tal como encontramos nas Escrituras Sagradas. Só a distinção clara do plano de Deus para Israel e para a Igreja Corpo de Cristo nos abrirá o horizonte relativamente a este assunto. Não ignoramos, no entanto a sua profundidade, conscientes de que ao analisá-lo estamos a nos abeirar dos desígnios eternos de Deus pensados na eternidade passada.

**Quem são os Eleitos?** Ao contrário do que é freqüente ouvirmos não reconhecemos nas Escrituras a eleição de pessoas salvas em detrimento dos perdidos. Convém lembrar que a eleição remonta à eternidade passada e que nada tem a ver com a salvação das almas pois quanto a isso a vontade de Deus é muito clara.

O que acreditamos ser claro nas Escrituras é a eleição de dois povos, ao que chamamos de eleição corporativa. De fato o que o Senhor elegeu foi Israel como povo com uma vocação terrena para dar resposta ao problema do pecado na terra, e um povo com uma vocação celestial para dar resposta ao problema do pecado no céu.

**Israel:** Todos reconhecem a chamada enquanto povo da nação terrena do Senhor. Salomão e Paulo confirmam a eleição de Israel. I Rs 3.8; Rm 11.28. Não sabemos quando foi decretada a eleição de Israel, mas não custará a crer que aconteceu junto com os demais desígnios Divinos, tanto mais que em Efésios 3.11 estes são chamados no singular como “eterno propósito”.

No entanto é de referir que tudo quanto diz respeito a Israel tem como referencia a “fundação do mundo”. Certamente que isto está relacionado com a vocação terrena do povo, cuja existência é temporária e limitada a este mundo. Quando Abraão foi chamado, Deus disse-lhe que faria dele uma grande nação, e que daria a terra de Canaã à sua semente. Depois quando olhamos um pouco mais para aquilo que Deus deu a Israel, vemos que todas as bênçãos que eles receberam eram exclusivamente em relação a terra. Eles seriam felizes na terra, livres dos seus inimigos, abençoados com uma boa colheita, abençoados no seu amassar do pão, o seu gado, as suas vinhas, os seus ventres. Tudo de bom que Deus podia dar ao homem na terra Ele prometeu a Israel, desde que atentassem para as Suas palavras.

Tudo está relacionado com esta vida e com este mundo e não com o céu.

**A Igreja:** Ao contrário de Israel a eleição da Igreja está claramente referenciada à eternidade passada “... elegeu nele antes da fundação do mundo” e diz respeito a uma vocação exclusivamente celestial. Esta tal com o próprio céu de Deus permanecerá eternamente. No entanto se quanto a Israel ninguém tem dúvidas a respeito da sua eleição enquanto povo, a respeito da Igreja da presente dispensação muitos se levantam esquecendo as palavras do apóstolo a Tito 2.14 “...povo especial, zeloso de boas obras” ou ainda II Coríntios 6.16 “E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo.”, ou até Romanos 9.25 “Como também diz em Oséias: Chamarei meu povo ao que não era meu povo; E amada à que não era amada”, para falar de uma eleição individual em detrimento de outros. De fato Deus nunca elegeu ninguém em detrimento de outros, mas mais uma vez elegeu um povo, mas este ao contrário de Israel com vocação para o céu, para a presença de Deus.

Tal como em Israel, a vocação da Igreja nada tem a ver com a salvação das almas. Estes povos foram eleitos ou escolhidos “para” cumprirem com “a vocação para que foram chamados”. Assim a vocação celestial da Igreja implica que sejamos dotados de características celestiais e não terrenas. Desde a vida do crente à sua relação com Deus, passando pela sua esperança e herança, tudo aponta para as regiões celestiais. A eleição da Igreja, também chamada de “eleição da graça”, tem também uma componente prática e o apóstolo dos gentios, corroborado por Pedro, associa a nossa vida prática ao caráter da nossa eleição (celestial). Cl 3.12; II Pe 1.10.

No entanto podemos questionar: não são os crentes chamados de eleitos? Sim, e muito naturalmente, no entanto isso não é um adjetivo do crente, mas um título. Apoc 17.14. É o mesmo que um membro do povo do Brasil ter o título de brasileiro. Um membro de um povo eleito é um eleito não porque Deus o tenha escolhido de uma forma individual mas porque pertence ao povo eleito.

**Vocação da Igreja:** Convém começar destacar que este assunto da vocação da igreja é vastíssimo sendo em si mesmo o tema que o apóstolo Paulo desenvolve ao longo das suas epístolas. Entendemos no entanto que é importante abordá-lo neste momento, ainda que abreviadamente.

A vocação da Igreja da presente dispensação, ao contrario do que possa parecer à primeira vista, é um assunto com uma vertente prática muito clara. Nós não fomos chamados apenas para conhecer a nossa vocação, mas para andar de acordo com ela: “que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados”. Ef 4.1. Deus está interessado em fazer uma obra gloriosa de santificação no Seu povo, no entanto não uma santificação qualquer, mas de acordo com a presente vocação: “Por isso também rogamos sempre por vós, para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação, e cumpra todo o desejo da sua bondade, e a obra da fé com poder”. II Tm 1.11.

A vocação da Igreja Corpo de Cristo, tal como tudo o que lhe diz respeito, é celestial e espiritual: “Por isso, irmãos santos, participantes da vocação celestial...” Hb 3.1.

Tudo o que diz respeito à igreja diz respeito ao céu e ao plano de Deus para ele. Hoje os crentes devem viver com o seu olhar fixo nele, andando e buscando as coisas próprias do céu e não as da vocação terrena: “Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima” – celestiais – “onde Cristo está assentado à destra de Deus”. Cl 3.1. É por causa disto que as bênçãos, por exemplo, ao dispor dos crentes hoje são por naturezas celestiais e espirituais: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo” (Ef 1.3) – as coisas terrenas como os bens materiais, saúde, e outras, são conseqüências da primazia do reino de Deus e sua justiça. Mt 6.33.

Todos os aspectos da vida prática dos crentes devem ser caracterizados pela natureza da nossa vocação, sendo que muitos dos desvios verificados na vida de crentes sinceros advêm da incompreensão da sua vocação, vivendo de acordo com práticas e comportamentos pertencentes à vocação terrena de Israel. Isto é tanto mais importante quanto afeta não só o nosso dia a dia como também a forma como nos relacionamos com Deus pela oração e adoração. É freqüente vermos crentes a orarem segundo os modelos que encontramos nos evangelhos com petições que só a ação do Espírito para as aperfeiçoar é que poderá fazer com que façam algum sentido aos ouvidos de Deus. Até mesmo a forma como nos reunimos para cultuar o Senhor depende da compreensão e prática da nossa vocação, caso contrário adorá-LO-emos não com “salmos, hinos e cânticos espirituais” mas com manifestações físicas como acontecia no tempo do povo terreno do Senhor.

Notemos ainda que, tal como verificamos com a eleição, também a Vocação dos povos eleitos é, nas suas particularidades, um ato soberano de Deus não dependente o êxito ou fracasso humano: Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Fl. 3.14. Que nos salvou, e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos. Tt 1.9. *Analise as particularidades da nossa vocação:*

### **A Essência da Vocação**

Cristo é a “plenitude daquele que cumpre tudo em todos” e o fundamento, “a principal pedra de esquina”, do “propósito eterno de Deus”. Ele é essência de tudo e também da Vocação celestial da Igreja. Principalmente sobre a perspectiva da Cruz, elemento fundamental dos ensinamentos da Graça, Cristo manifesta Deus sob aspectos nunca antes conhecidos. Seja a intimidade de Deus nas Suas pessoas Divinas, seja a Sua Graça, riquíssima misericórdia ou multiforme sabedoria. Ef 2.4-9; 3.10. A igreja corpo de Cristo é o instrumento por meio do qual Cristo se revela aos homens

Por isso compreendemos a pretensão de Deus na chamada de Igreja: “Para louvor e glória da Sua graça”. Ef 1.6. A igreja é um povo essencialmente de adoradores que exercerão essa função de modo particular no céu; mas já neste mundo o Senhor espera vidas de adoração em cada crente. Fomos salvos para ser o “louvor e glória da Sua graça” e não devemos esperar pela eternidade antes devemos procurar viver desde este mundo uma vida que soe ao Senhor como um louvor verdadeiro e sincero.

## O Caráter: Santos e Irrepreensíveis

Este é o caráter da igreja aos olhos de Deus, um caráter digno do céu. Para a Sua presença o Senhor não espera menos do que isto: “santos e irrepreensíveis”. O povo celestial de Deus, a igreja corpo de Cristo, destina-se a viver no céu pelo que o seu caráter tem que estar de acordo com a presença do Senhor. Notemos que esta particularidade, exclusiva da Igreja, não está dependente da vida terrena dos crentes, mas da deliberação soberana de Deus: “Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”. Fl 3.14. Foi Deus quem decidiu e que materializará esta obra, no céu. Hoje todo o crente está posicionalmente, sentado à “destra de Deus” e nesse lugar somos “santos e irrepreensíveis”, embora na prática vivamos quase sempre longe deste elevado estatuto. Mas “ausente do corpo, presente com o Senhor” o crente entra no gozo pleno da sua vocação sendo tudo aquilo que o Senhor determinou para ele, no céu.

## A Filiação

Uma das novidades introduzidas pela nova vocação da Igreja foi à alteração dos laços que relacionam os crentes com Deus. Nunca como agora os crentes tiveram uma relação tão estreita com o Senhor. Na antiga Vocação os crentes nunca foram chamados de filhos de Deus, antes esse título era geralmente atribuído aos anjos. Gn 6.4; Jó 1.6; 2.1. No entanto na presente vocação os crentes têm um novo estatuto: “E nos predestinou para filhos por adoção por Cristo Jesus, para Si mesmo, segundo o beneplácito da Sua vontade,”. Ef 1.5. Numa manifestação clara da graça de Deus O Senhor fez de nós filhos de Deus, “não se envergonhando de nos chamar irmãos”. Hb 2.11. Deus assume agora uma nova relação com os crentes, de “Deus e Pai”, abrindo-nos portas para uma vida prática de íntima comunhão com Ele.

Mas mais que isso. Os crentes da vocação celestial aos serem feitos, por decreto soberano de Deus, “filhos por adoção” são ainda integrados na “Família de Deus”. Ef 2.19. Deus abriu definitivamente as portas da Sua casa celestial permitindo que homens pecadores, mas salvos pela Sua graça sejam aceites como membros da Sua família, não numa relação de parentes afastados, mas na relação mais estreita da família: filhos. E ainda que sejamos “filhos por adoção” não perdemos por isso qualquer privilégio, devido ao fato de nossa filiação ser baseada no sangue derramado pelo Senhor Jesus Cristo na cruz. Podemos mesmo dizer, com toda a reverência, que temos verdadeira uma relação de sangue com Deus. Como podemos ver isto é a graça superabundante de Deus que se compadeceu de homens miseráveis como nós para nos transformar no que de mais sublime pudéssemos imaginar.

## O Corpo

Não menos surpreendente é o papel que o corpo físico dos crentes tem na presente vocação da Igreja. Obviamente a vocação celestial da Igreja, e dos seus membros, pouco tem a ver com o caráter físico do homem. Tornou-se por isso necessário que Deus trabalhasse no corpo.

Este trabalho, também exclusivo da dispensação da graça, tem dois aspectos distintos:

a) No tempo presente o corpo do crente é a “morada de Deus em Espírito”. Ef 2.20. “O templo de Deus”. I Co 6.19. Nessa condição o Espírito de Deus sela o crente e garante a sua herança. Ef 1.13-14. A nossa vida prática deve ter em conta a presença do Espírito permanentemente em nós.

b) No futuro o corpo do crente será transformado por forma a se adequar às realidades próprias do céu: “Que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o eficaz poder de sujeitar a si também todas as coisas”. Fl 3.21. “A carne e o sangue”, leia-se: esta carne e este sangue, “não podem herdar o reino de Deus”, pelo que o Senhor determinou o surgimento de uma nova natureza inicializada com “Aquele que veio do céu”, o Senhor Jesus Cristo. Os crentes receberão corpos gloriosos “semelhantes” ao Seu, para viver no céu. Estamos convictos que o futuro será uma surpresa maravilhosa para todos.

### **A Cidadania**

A vocação da Igreja é caracterizada por um conjunto de aspectos que a tornam completamente distinta da vocação terrena de Israel. Um dos mais contrastantes é o que diz respeito à cidadania do povo “eleito antes da fundação do mundo”. Enquanto Israel tinha uma cidadania terrena a qual fazia depender todos os demais aspectos da sua vocação, a Igreja Corpo de Cristo tem uma cidadania totalmente celestial: “... a nossa cidade está no céu de onde esperamos o Salvador, O nosso Senhor Jesus Cristo”. Fl 3.20. Daí que toda a nossa vida deva estar voltada para o céu, para as coisas que são de cima e não das que são da terra – ou da vocação terrena.

A política que nos deve interessar deve ser a política celestial, as bênçãos que devemos almejar devem ser as do céu, no qual está todo o nosso futuro. Isto deve ter uma influência decisiva sobre a nossa vida, conforme demonstra o contexto de Filipenses 3.20: o contraste da vida “cujo Deus é o ventre” (Fl 3.19) – o materialismo – é o céu “de onde esperamos o Salvador, O nosso Senhor Jesus Cristo”. A vida de acordo com os valores celestiais é o modelo correto para os dias em que vivemos, não somente por ser a melhor forma de contrariarmos o desenfreamento deste mundo, mas porque essa é a nossa vocação, independentemente do estado de degradação da humanidade. Somos exortados a buscar os valores celestiais, os assuntos celestiais, a esperança celestial, a política celestial, em detrimento dos antigos modelos da vocação terrena de Israel. Vivendo desta forma certamente seremos “estrangeiros e peregrinos na terra” (Hb 11.13) e “peregrinos e forasteiros”. I Pe 2.11.

Notemos ainda o significado e a clareza de Hebreus 11.14-16: Porque, os que isto dizem, claramente mostram que buscam uma pátria. E se, na verdade, se lembrassem daquela de onde haviam saído, teriam oportunidade de tornar. Mas agora desejam uma melhor, isto é, a celestial. Por isso também Deus não se envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade. Esta “cidade está no céu” – é a nossa pátria relativa à qual somos “concidadãos dos santos e da família de Deus”.

## A Herança

Poucas coisas nos deverão espantar mais do que a graça de Deus para conosco relativa à herança que nos está reservada no céu: “Para uma herança incorruptível, incontaminável, e que não se pode murchar, guardada nos céus para vós”. I Pe 1.4. Temos uma herança incontaminável e incorruptível enquanto povo, não dependente do resultado do que individualmente obtivermos no “tribunal de Cristo”. Nesta condição somos “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo,”. Rm 8.17. Sublime verdade. Quanto ultrapassa o nosso entendimento o amor de Deus revelado em Cristo relativamente à vocação da Sua Igreja. Como podemos nós, seres pecadores, depois de uma vida caracterizada por mais ou menos pecados neste mundo, sermos abençoados com uma herança, nos céus, riquíssima, sendo-nos atribuído tudo o que por direito próprio pertencia somente ao Senhor Jesus Cristo. “Herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo”. Nunca se tinha visto nada que se compare a isto.

O crente da “presente verdade” tem todos os motivos para ter esperança, para viver esperançoso tanto no que se refere à sua vida com Deus ainda neste mundo como, e particularmente, quanto à eternidade. Precisamos abrir os olhos do nosso entendimento para ver e crer nestas verdades: “Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saiba qual seja a esperança de sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos”. Ef 1.18. Ninguém é mais rico que o crente da presente dispensação, nem mesmo aqueles a quem foi prometido por herança a Terra. O céu com o Senhor Jesus Cristo é muito mais sublime, muito mais nobre e deleitável. Por isso a esperança dos crentes devia ser uma só (Ef 4.4), e não como frequentemente acontece, crendo cada qual no que entender, esperando cada coisas diferentes.

## Futuro da Vocação

Depois do que temos visto até este momento entendemos que dificilmente alguém deixará de notar uma clara diferença dos propósitos de Deus para a Igreja relativamente ao que anteriormente era conhecido. As diferenças são imensas ao ponto de podermos mesmo dizer que a Igreja está tão distante de Israel quanto o céu está da terra. Quase tudo o que diz respeito à Igreja é único, desde a sua eleição “antes da fundação do mundo” até ao próprio futuro. Se nunca se tinha visto nada semelhante à Igreja Corpo de Cristo no que se refere ao passado e presente, ainda maiores vão ser as diferenças no que respeita ao futuro da vocação.

Primeiramente, “os principados e as potestades” assistirão perplexos ao momento inigualável da partida da Igreja para “encontrar o Senhor nos ares”. I Co 15; I Ts 4. O arrebatamento de um povo inteiro para o levar para o céu será um momento não somente único como também transcendente, tanto para o homem como para os seres celestiais. Humanamente ainda existem muitos crentes que não compreendem a verdade do nosso arrebatamento confundindo a vinda do Senhor para a Igreja aos ares com a Sua vinda à terra para o reino milenar, não compreendendo que este evento acontecerá como último momento da “dispensação da graça de Deus”, e como verdadeiro clímax da “vocação celestial” da Igreja, antes por isso do início da grande tribulação; ignoram a ordem da partida: “os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro, depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor”. I Ts 4.16-17.

Só o estudo atento da Palavra de Deus com um espírito aberto, reconhecendo a sabedoria que o Senhor tem dado aos seus servos para compreenderem e ensinarem estes assuntos é que nos poderá abrir e renovar o entendimento das particularidades da vocação terrena para o deleite e vida prática da vocação celestial para que fomos chamados.

No entanto o arrebatamento da Igreja é apenas o começo do futuro que nos está reservado. De fato depois de retirados deste mundo partiremos para o céu, para a nossa verdadeira pátria. Uma vez em casa seremos tudo quanto o nosso Deus projetou para nós, entraremos na posse da nossa posição e seremos na prática tudo o que hoje somos na posição em Cristo, à mão direita de Deus. Como temos dito o céu é o nosso destino e está lá o nosso futuro. O verdadeiro crente encontrará tudo o que busca no céu onde cumprirá uma função importantíssima como adorador de Deus: “Para louvor e glória da Sua graça”. Ef 1.6. Seremos plenamente o “louvor e glória da Sua graça” e a expressão física da “multiforme sabedoria de Deus”.

### **A Eleição e a Salvação**

Um dos motivos mais controversos da doutrina da eleição diz respeito particularmente à possibilidade colocada por muitos de Deus ter escolhido uns para serem salvos deixando outros, por exclusão de partes irremediavelmente condenados. Isto contraria tudo o que nós encontramos nas Escrituras acerca da graça de Deus.

Podemos inventar as desculpas que quisermos para fazermos passar esta versão errônea da eleição, mas isso nunca a tornará coerente nem biblicamente lógica. Se há muitos que estão irremediavelmente perdidos então porque morreu o Senhor “por todos os Homens”? Porque é oferecida a salvação a “todos os homens”? O nosso bendito Deus, para além de todas as Suas elevadíssimas virtudes, é um Deus extremamente coerente nunca se pondo em causa ou contradizendo-se.

Como dissemos anteriormente a eleição é uma das maiores demonstrações da Graça ilimitada de Deus que idealizou todo o seu plano soberano pensando na salvação de “todos os homens”. Por isso também a morte sacrificial do Senhor Jesus Cristo foi conhecida desde antes da “fundação do mundo”. I Pe 1.20. Diga-se mesmo que o Senhor conta com todos os homens para executar os Seus planos.

Tanto com Israel como na Igreja da presente época todos os homens tiveram a possibilidade de se tornar membros do povo eleito, sem que ninguém estivesse eliminado à partida. A salvação sempre foi oferecida a todos, mesmo aos não Judeus que tinham a possibilidade de se tornarem prosélitos:

**Israel:** Ezequiel 18.32 “Porque não tenho prazer na morte do que morre, diz o Senhor Deus; convertei-vos, pois, e vivei.”. No entanto esta vontade de Deus em salvar o pecador incluía o próprio judeu porque se corporativamente eram eleitos individualmente estavam perdidos pelo que tinham necessidade de se converterem “porque nem todos os que são de Israel são Israelitas”. Rm 9.6.

Leia Ezequiel 33.11. Isto se tornou ainda mais claro depois da rejeição do Messias, porquanto lemos: Romanos 11.28 “Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós (Igreja); mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais (Israel).”

**Igreja:** I Tm 2.3-6: Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, Que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade. Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem. O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo.

Atos 17.30: Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam. Tito 2.11: Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens. Custa a entender como é possível que perante a clareza destes textos ainda exista quem pense que o nosso amado Senhor tenha escolhido uns para serem salvos deixando outros para a perdição. Que mais é que o Senhor nos terá de dizer para compreendermos que o Seu desejo mais ardente é salvar “todos os homens”?

A eleição nunca contemplou a salvação porque Deus não salva povos mas almas (a própria conversão de Israel ao Messias passava pelo arrependimento e batismo na água de cada Israelita individualmente). São duas coisas completamente distintas. Um eleito para o ser tem de se converter primeiro, e todos o podem fazer. Isto é a Graça de Deus na verdadeira acepção da palavra. O nosso Deus é um Deus de graça. É muito claro na palavra de Deus o Seu ardente desejo em salvar almas, as quais para Ele valem mais que o mundo inteiro. Mt 16.26.

Conforme podemos ver pelo texto de Efésios 1 existem um conjunto de aspectos que fazem parte, por decreto Divino, da vocação da Igreja e conseqüentemente da nossa eleição (por ex.: a essência, o caráter, filiação, herança, pátria celestial, ...) mas não encontramos qualquer referência à salvação. É, contudo usual citar-se II Ts 2.13 para afirmar que Deus também nos elegeu para a salvação: Mas devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação, em santificação do Espírito, e fé da verdade.

De fato embora apareça aqui a palavra “salvação” o fato é que ela não diz respeito à nossa alma, mas ao assunto tratado em todo o capítulo 2 desta epístola: a Grande Tribulação. O que ali diz é que na Sua bendita graça o Senhor nos elegeu para nos salvar, à Igreja Corpo de Cristo, desse período terrível que vai ser a Grande Tribulação. De fato este é também um dos fatos soberanos da eleição do povo celestial – que este não passaria pela Grande Tribulação. Não é por mérito nosso ou como recompensa pelos serviços da Igreja enquanto povo, mas porque Deus assim decretou e definiu como um dos aspectos para que fomos eleitos. Refira-se, aliás, que já em I Tessalonicenses 5 quando o apóstolo trata o mesmo assunto ele tem o cuidado de ressaltar esta verdade embora dito de outra forma. I Ts 5.9.

## Capítulo IX

### Os Elementos Básicos da Salvação

- ⇒ A Graça
- ⇒ O Sangue
- ⇒ A Fé

#### I. A Graça

A salvação do pecador é justificado unicamente pela graça de Deus, mediante a fé em Jesus Cristo. Neste caso, a graça é o favor divino que o homem não merece, mas que, em sua soberania e bondade, Deus quer dar-lhe. A salvação é obra de Deus, não do homem. Paulo diz: “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto [a salvação] não vem de vós, é dom de Deus; não [vem] de obras, para que ninguém se glorie”. Ef 2.8-9. Em outra Epístola, o apóstolo explica: “Se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça”. Rm 11.6.

O homem estende a mão vazia para receber, não à mão cheia para oferecer. Não tem nada a oferecer em troca de sua salvação. Tampouco pode cooperar com a graça divina para salvar-se. Está morto em seus delitos e pecados. Somente se dispõe a receber o favor de Deus. O conceito de só pela graça é um golpe mui severo ao orgulho humano. Aqui não há lugar para a auto-suficiência, nem para a arrogância do que pretende salvar-se a si mesmo e a outros, mesmo por meio de esforços que aos olhos da sociedade parecem mui nobres e heróicos.

Deus é sempre “o Deus de toda a graça”. I Pe 5.10. A salvação sempre foi, é e sempre será pela graça. Mas esta graça vem em plenitude na pessoa de Jesus Cristo. Jo 1.17. O homem somente pode salvar-se em Cristo, não à parte de Cristo.

**II. A Fé:** O apóstolo Paulo afirmou: “o justo viverá por fé” Rm 1.17. A fé é a mão que recebe a dádiva de Deus em Jesus Cristo. Certamente para o evangelista João, receber a Cristo parece ser um equivalente de crer nele. Jo 1.12. Por meio da fé fazemos nossos os benefícios de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. É nesses benefícios que descansa nossa segurança eterna de salvação.

A fé mediante a qual somos justificados não é cega, não é mera credulidade. Tampouco é a fé um mero assentimento à verdade revelada. É muito mais que um mero exercício intelectual. Ter fé é confiar, é abandonar-se nas mãos de Jesus Cristo, reconhecendo a enormidade de nossa culpa e a totalidade de nossa incapacidade para libertar-nos por nós mesmos do pecado. É admitir que os méritos humanos são inúteis para fins de justificação. É lançar mão do valor infinito da pessoa e obra do Filho de Deus. Ter fé em Jesus Cristo é deixar-se salvar por Ele.

A fé implica também obediência. Quando o homem crê que o Evangelho é a verdade, sente-se na obrigação de obedecê-lo. O pecador é justificado só pela fé, mas a fé que justifica não permanece só. Não é uma fé estéril, muito menos morta. O ensino de Tiago (2.14-26) se harmoniza plenamente com o ensino de Paulo, o qual afirma que não somos salvos por obras, mas sim, para obras que Deus "de antemão preparou para que andássemos nelas". Ef 2.10. Estas boas obras são frutos da salvação, não a causa dela.

Crer em Jesus Cristo significa, além do mais, entrar em sério compromisso com Ele, com sua Igreja e com a sociedade. Não aceitamos Jesus Cristo para evadir nossas responsabilidades morais e viver como nos agrada, depois de haver adquirido uma apólice de seguro para a eternidade. No Evangelho há reclamos de caráter ético. Jesus teve o cuidado de advertir as multidões sobre as dificuldades do caminho que Ele lhes propunha. Não guardou silêncio sobre as exigências do discipulado. Ninguém poderia queixar-se de que Ele lhes enganara com a oferta de uma "graça barata". Seu interesse estava na qualidade, não na quantidade de seus seguidores.

### III. O Sangue

Muitos críticos rejeitam a "teologia sangrenta" da Bíblia porque a vêem como um resquício de um tipo muito primitivo de religião conhecido como "religião de matadouro". Muitos abandonam o Cristianismo bíblico porque se consideram refinados demais para incluir pensamentos de um sacrifício em sua adoração.

A Bíblia declara claramente "A alma que pecar, essa morrerá", e "o salário do pecado é a morte". Ez 18.20; Rm 6.23. No governo moral de Deus, ele determinou que a penalidade para o pecado fosse à morte, física e eterna. As pessoas podem reclamar deste decreto de Deus considerando-o injusto ou extremo, mas seus protestos apenas mostram como o pecado os cegou para a verdadeira natureza do mesmo. O fato de que Deus requer um castigo tão drástico para o pecado deveria ensiná-los não que Deus é brutal, mas que o pecado é abominável.

Ainda assim, Deus, em seu amor incomparável pelo homem, também determinou que a penalidade pelo pecado pudesse ser colocada sobre um substituto e, sobre este princípio, o sistema sacrificial do Velho Testamento é construído. "Porque a vida da carne está no sangue; e eu a tenho dado a vocês sobre o altar para fazer expiação por suas almas; porque pelo sangue se faz expiação pela alma.". Lv 17.11.

Mesmo que o homem quisesse, ele não poderia oferecer a si próprio como pagamento por seus pecados, pois esse mesmo pecado o desqualifica como um sacrifício aceitável. Consequentemente, o Velho Testamento providenciou o oferecimento de certos animais selecionados, cujo sangue era derramado vicariamente pelos pecados dos que se arrependiam e acreditavam na revelação de Deus.

Todos os animais inocentes, sem mácula, que foram oferecidos como sacrifício no Velho Testamento apontavam para o grande sacrifício, feito por Jesus Cristo na cruz do Calvário. João Batista introduziu a Cristo, dizendo "eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo". Jo 1.29.

O castigo que Deus impôs pelo pecado é ao mesmo tempo justo e de amor, por que o próprio Deus, na pessoa de seu Filho, pagou o preço por todos aqueles que o aceitam como seu Substituto. Deus o Filho, revestido de forma humana, derramou o seu sangue pelo pecado do homem, satisfazendo assim a justiça santa de Deus. E, através de seu sangue precioso, Deus se mostrou ao mesmo tempo "o justo e justificador de todos aqueles que crêem em Jesus". Rm 3.26.

A Bíblia retrata o homem sem salvação como um escravo do pecado e fala sobre libertá-lo da mesma maneira que um escravo era redimido no mundo antigo. Em Cristo "nos temos a redenção através de seu sangue, o perdão dos pecados, de acordo com as riquezas de sua graça". Ef 1.7. "Porque vocês não foram redimidos através de coisas corruptíveis, como prata e ouro, do modo vão como vocês viviam ... mas pelo precioso sangue de Cristo, como o Cordeiro sem defeito ou mácula". I Pe 1.18-19.

Separados de Jesus Cristo, todas as pessoas estão alienadas de Deus. A rebelião causada pelo pecado abriu um abismo entre Deus e o homem impossível de ser transportado humanamente. O sangue de Cristo construiu a ponte entre Deus e o homem. "Em Cristo Jesus vocês, que antigamente estavam longe, foram trazidos para perto através do sangue de Cristo." Ef 2.13. "Mas Deus mostra o seu amor para conosco quando, ainda pecadores, Jesus Cristo morreu por nós. E muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, somos salvos da ira de Deus através dele [Jesus Cristo]." Rm 5.8-9.

O pecado humano polui o coração de uma maneira que somente pode ser purificada pela graça de Deus. E a graça de Deus se manifesta na eficácia do sacrifício de Jesus Cristo como declara o apóstolo João: "o sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, nos purifica de todo o pecado". I Jo 1.7. Ainda que Deus deteste o pecado, nós ainda podemos gozar de sua amorosa graça por causa do sangue de Jesus Cristo. O livro de Apocalipse nos dá uma mostra da glória futura: "Estes são os que vieram da grande tribulação, que lavaram as suas vestes e as tornaram brancas através do sangue do Cordeiro. Portanto, eles estão diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu templo." Apoc 7.14-15.

A Bíblia enfatiza o sangue de Jesus Cristo porque somente através de seu sacrifício encontramos perdão, purificação, reconciliação, salvação e glória. A base da salvação é o sangue de Cristo. Somos salvos por Cristo, mas o Cristo da cruz. "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado". I Pe 1.18-19. "Logo muito mais agora, tendo sido justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira". Rm 5.9. "Em quem temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo a riqueza da sua graça". Efésios 1.7. Toda a obra como alicerce da salvação foi feita por Jesus Cristo quando "se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo". Hb 9.26. E foi em graça que Ele pagou a dívida do nosso pecado.

- ⇒ O sangue de Cristo derramado é à base da salvação dos que crêem. Romanos 5.9
- ⇒ O sangue de Cristo, derramado, é indispensável para salvação. Hb 9.22; Cl 1.14
- ⇒ Salvação é de graça, mas não barata! Teve um preço incalculável. Sl 49.7; Mt 20.28.

## Capítulo X

### A Natureza da Salvação

A Natureza da Salvação de Cristo está sendo deturpada pelos por alguns "pregadores contemporâneos": Eles anunciam mais um Salvador do inferno do que um Salvador do pecado. E assim é porque muitos estão fatalmente ludibriados, e porque há multidões que desejam escapar do Lago de Fogo, mas sem terem o mínimo desejo de serem libertas da sua própria carnalidade e mundanismo. A primeira coisa dita dEle no Novo Testamento é: "A quem chamarás Jesus; porque ele salvará o seu povo ("não da ira vindoura"), mas dos seus pecados". Mt 1.21. Cristo é um Salvador para aqueles que percebem algo da excessiva malignidade do pecado, que sentem o terrível fardo dele sobre suas consciências, que se detestam a si mesmos por culpa dele, que desejam serem livres do seu terrível domínio; e um Salvador para ninguém mais. Se realmente Ele "salvasse do inferno" aqueles que ainda amam o pecado, Ele seria um Ministro do pecado, perdoando sua maldade e apoiando-os contra Deus. Que coisa indizivelmente horrível e blasfema com a qual acusam o Santo!.

### Os Três Aspectos da Salvação

- ⇒ Justificação
- ⇒ Regeneração
- ⇒ Santificação

#### I. Justificação

A Justificação pode ser definida como a ação de declarar alguém justo. De forma mais ampla, é o ato instantâneo e legal (forense) da parte de Deus, pelo qual ele considera os nossos pecados perdoados e a justiça de Cristo como pertencente a nós e declara-nos justos à vista dele.

No Novo Testamento encontramos evidências de que a obra do Espírito Santo também se faz sentir nesse estágio. A Justificação se dá pela fé, e essa fé é vista como sendo um dom do Espírito Santo. Em I Coríntios 6.11, Paulo afirma: "Tais fostes alguns de vós; mas vós vos lavastes, mas fostes santificados, mas fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus". Todas as obras citadas neste versículo podem ser aplicadas ao Espírito Santo. Nossa Justificação se dá em "união com ou em conexão com o Espírito". A Justificação do crente é indissociável da obra do Espírito Santo.

A Justificação nos promove alguns benefícios também oriundos da ação soberana da terceira pessoa da Trindade. Um destes benefícios é a nossa adoção como filhos de Deus Pai. Paulo em Gálatas 4.4-6 nos informa que fomos adotados por Deus. No versículo 6, ele afirma: "E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de Seu Filho, que clama: Aba, Pai!". Quando o Espírito Santo vive em nós, ele clama por Deus Pai e nos assegura que somos verdadeiramente filhos de Deus. O Espírito Santo é chamado de "Espírito de Adoção" Rm 8.15. O Espírito guia os que verdadeiramente, são filhos de Deus. Rm 8.14.

O Espírito como “Espírito de Adoção” é o recebimento de uma herança prometida por Deus na fórmula do Pacto em Ezequiel 36.27: “Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis”. Segundo o professor Moisés Bezerril, “a habitação do Espírito (de adoção) no povo de Deus sempre está relacionada com o Pacto ou sua renovação”. Ele salienta ainda o fato de que a realidade da adoção do povo de Deus é tema implícito na fórmula “Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo”, tanto na velha quanto na nova dispensação do Pacto da Graça. Assim sendo, podemos concluir que a Justificação do crente, juntamente com o benefício da adoção é também obra do Espírito Santo.

**A Posição Judicial do Crente para com Deus:** Um aspecto básico e significativo de nossa salvação eterna é chamado de justificação. Esta é nossa posição com Deus. Ela significa que no tribunal de Deus, nós fomos declarados inocentes, isto é, sem culpa. Fomos inocentados de todas as acusações. Não há ninguém que nos condene. “Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas? Quem tentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem é que condena? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós.”, Rm 8.31-34. Como pôde Deus nos considerar inocentes quando, na realidade, nós todos somos culpados diante de Deus? “Jesus pagou por tudo”, é a resposta. Jesus foi feito uma oferta de pecado, em nosso benefício e em nosso lugar, para que pudéssemos ser declarados justos. “Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus.”, II Co 5.21.

Portanto, justificação não é o que pensamos sobre salvação. Não é um sentimento que temos, nem é a interna habitação do Espírito de Deus em nós para nos guiar. É o que Deus tem determinado sobre nosso pecado. Não é o mesmo que perdão mas, muito mais, é a remoção da sentença de culpa. Nós somos justificados pela fé salvadora. Rm 3.28; 3.30; Gl 2.16; Gl 3.11; At 13.39; Rm 3.24; Lc 18.14.

## II. Regeneração

Regeneração nada mais é do que o ato de criar uma nova vida no homem. De acordo com a definição do Dr. Berkhof: “é o ato de Deus pelo qual o princípio da nova vida é implantado no homem, e a disposição dominante da alma se faz santa, e o primeiro exercício desta nova disposição é assegurado”.

É interessante notarmos que a Regeneração ou Novo Nascimento, nada mais é do que obra do Espírito Santo do Deus Vivo. Jesus quando falava a Nicodemos disse que “quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”. Jo 3.5. Paulo disse que Deus nos salva “mediante o lavar regenerador e purificador do Espírito Santo”. Tt 3.5. Devemos entender, antes de qualquer coisa, que a ação do Espírito Santo na Regeneração é acima de tudo soberana. Jesus comparou-o ao vento que sopra onde quer e vai para onde quer. Jo 3.8. Ele opera onde e da forma que deseja. A sua obra é igualmente misteriosa assim como o vento o é. Entretanto, essa ação misteriosa é o que leva à criação de uma nova vida no homem. Esta nova vida é uma consequência direta da nossa União com Cristo.

Esta é inaugurada pela obra renovadora do Espírito Santo, na qual Ele começa a transformação à imagem de Cristo, que se completará na eternidade. Para João Calvino, a regeneração deveria ser entendida como a renovação que o Espírito efetua em todo o curso da vida cristã.

A obra do Espírito Santo na Regeneração envolve vários elementos: 1) iluminação espiritual, a fim de se poder ver o reino de Deus. I Jo 2.20,27; 2) a Regeneração envolve libertação da vontade, de sua escravidão numa natureza dominada pelo pecado. Isso se dá através do revestimento do poder do Espírito Santo na vontade humana. Jo 3.5,20; 3) na Regeneração há purificação. Isso é o que quer comunicar a frase “nascer da água”, pois água e Espírito estão intrinsicamente relacionados. Ez 36.25-27. O Espírito Santo concede nova vida e purifica o coração.

Portanto na regeneração o que foi destruído é restaurado. Quando se trata do ser humano, Regeneração é uma mudança radical, operada pelo Espírito Santo na alma do homem. Esta regeneração atinge todas as faculdades do homem, ou seja: Intelecto, Volição e a Sensibilidade. O homem regenerado não faz tanta questão de satisfazer à sua própria vontade como de satisfazer à de Deus. Na regeneração, ele passa a “PENSAR” de modo diferente, “SENTIR” de modo diferente e “QUERER” de modo diferente tudo se transforma. II Co 5.17: Se alguém está em Cristo, Nova Criatura é; as coisas velhas já passaram “tudo” se fez novo.

Biblicamente a “regeneração” é descrita como:

1. Nascimento. Jo 3.3: Uma pessoa, para pertencer a aliança feita a Israel e gozar de todos os seus direitos, precisava somente nascer de pais judaicos. Para pertencer ao reino do Messias, contudo, uma pessoa precisa nascer de novo.
2. Vivificação. Jo 10.10: É o Ato, a Ação ou o efeito de viver. A essência da regeneração é uma nova vida concedida por Deus, mediante Jesus Cristo e pela operação do Espírito Santo.
3. Purificação. Tt 3.5: Ato ou efeito de purificar. A alma foi lavada completamente das imundícias da vida de outrora.

### III. Santificação

No Antigo e Novo Testamento, o termo santificação, do hebraico qadash, e do grego hagios, significa “ser consagrado”, “santo”, “santificado”, “separado”. A palavra é usada para distinguir entre o santo e o profano, o especial do vulgar. Êx 30.29,32, 37; Lv 10.10.

No hebraico, o verbo denominativo “qadash” pode ser traduzido como “ser consagrado, ser santo, ser santificado; consagrar, santificar, preparar ou dedicar”, distinguindo-se do que é comum ou profano, enquanto o substantivo “qodesh”, refere-se à “natureza essencial daquele que pertence ao domínio do sagrado e que por esse motivo, se distingue daquilo que é comum ou profano”.

a) Quando esta qualidade é aplicada a alguma coisa, se quer afirmar que este objeto ou pessoa é separado para o serviço a Deus. Lv 20.26; cf. Êx 40.9; Lv 11.44.

b) Quando atribuído ao crente, designa a obra operada por Deus por meio do Espírito Santo, que separa e purifica o homem para adorar e servir ao Senhor. Tt 3.5-7; II Pe 1.4. Na santificação, o Espírito Santo aplica à vida do crente a justiça e a santidade de Cristo, com vistas ao aperfeiçoamento.

A santificação envolve: a separação, purificação, dedicação e serviço do crente a Deus: "Assim, pois, se alguém se purificar a si mesmo destes erros, será utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda a boa obra". II Tm 2.21; Rm 12.1. A vontade de Deus para a vida do crente é que este seja santo. I Ts 4.3-4. A Bíblia afirma que somos santificados tanto pelas Escrituras (Jo 15.3; Sl 119.9; Tg 1.23-25); quanto pelo sangue de Jesus. Hb 10.10-29; I Jo 1.7. E, que a santificação é uma obra da qual a Trindade participa:

a) Somos santificados pelo Pai. Jo 15.1-2; 17.5-7.

b) Somos santificados pelo Filho. Hb 10.10; 2.11.

c) Somos santificados pelo Espírito Santo. Rm 15.16; I Co 6.11; Gl 5.22-25.

O próprio nome "Espírito Santo" já sugere a associação do Espírito com a obra da Santificação. A Santificação é uma obra progressiva da parte de Deus e do homem (regenerado), que nos torna cada vez mais livres do pecado e semelhantes a Cristo em nossa vida presente. De forma sucinta, Santificação nada mais é do que a conformidade com a imagem de Deus, embora de forma ainda imperfeita. A Santificação está em estreita relação com a regeneração, pois esta como mudança moral é o primeiro estágio da Santificação.

Em outras palavras, assim como a Regeneração é obra do Espírito Santo, logicamente, a santificação também o é. "Os que são eficazmente chamados e regenerados, tendo sido criado neles um novo coração e um novo espírito, são, além disso, santificados, real e pessoalmente, pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, por sua Palavra e por seu Espírito, que neles habita".

#### 1. Quem santifica os crentes?

a. Somos "santificados" por Deus. I Ts 5.23

b. Somos "santificados" por Jesus. Ef 5.25-26

c. Somos "santificados" pelo Espírito Santo. I Pe 1.2

d. Somos "santificados" pela Palavra Divina. Jo 17.17

#### 2. Tempos da santificação

a. No Passado: Ato Inicial da Santificação (separação DO pecado PARA Deus)

b. No Presente: Processo da Santificação (esta separação do pecado para Deus é progressiva; é processo para toda a presente vida e só chegará à completa fruição quando nos reunirmos a Ele; o homem tem parte e deve se esforçar neste processo).

c. No Futuro: Santificação Completa e Final (a completa e final conformação do crente a Cristo espera a reunião do servo ao Senhor quer na morte [Hb 12.22-23] ou no Arrebatamento. I Ts 3.13; I Jo 3.2; I Co 15.51-53; I Ts 4.16-17; Hb 9.28; Jd 1.21.

Depois, não mais haverá possibilidade alguma de pecarmos. Apoc 21.27; I Jo 3.2; Is 65.17; Is 51.16; 66.22; II Pe 3.10-13; Apoc 21.1-2; 22.4,11. No Arrebatamento, nosso corpo será glorificado (Rm 8.23; Fp 3.20-21) e se tornará perfeito instrumento de obediência a Deus. A perspectiva desta completa conformação à imagem de Cristo deve nos impelir a nos desfazermos de todas as coisas profanas das nossas vidas. I Jo 3.2-3.

### **Santificação não é:**

#### **1. Impecabilidade (sinless perfection)**

1.1. A Bíblia chama Noé de "justo e reto". Gn 6.9

1.2. A Bíblia chama Jó de "sincero, reto e temente a Deus". Jó 1.1

1.3. A Bíblia chama Ló de "justo". II Pe 2.7

1.4. A Bíblia chama Davi de "homem segundo o coração de Deus". I Rs 3.6; 9.4; 14.6; 15.3; At 13.22; e outras pessoas de "justo", "íntegro", "temente a Deus", "perfeito", ou "sem culpa", mas isto não significa que chegaram a ser "absolutamente sem pecado e incapazes de pecar", pois Noé se embriagou vergonhosamente (Gn 9.20-27); Jó confessou pecado (Jó 42.6); Ló andou pela vista, quis viver entre homossexuais, embriagou-se e caiu em incesto com as filhas; Davi adulterou, depois providenciou a morte do marido; etc.!

2. Isolamento: A santificação não é uma exigência que isola o crente do convívio social, pelo contrário, ela é demonstrada em nossos relacionamentos cotidianos. I Co 1.2; 10.31; Cl 3.12; I Pe 1.15.

3. Não é um Ato Jurídico: A santificação não é como a justificação, um ato jurídico de Deus, mas uma atividade moral e recriadora, pela qual o pecador é renovado no seu interior e levado a ser cada vez mais conforme a imagem de Deus.

4. Não é um "Remédio Mágico", que só produz "gente boa": A conversão de alguém e a conseqüente busca por Santificação, não é nenhum "pó mágico", como nos contos de fadas, que transforma o caráter das pessoas "de uma hora para outra". A conversão é um ótimo início, mas Deus tem um caminho de transformação, na vida de cada ser humano.

5. Santificação não é só deixar de fazer o que é errado, mas fazer o que é certo, com a motivação de agradecer a Deus.

6. A santificação não é nem ativismo (atividade autoconfiante) nem apatia (passividade confiante em Deus), mas sim esforço dependente de Deus. II Co 7.1; Fp 3.10-14; Hb 12.14. Sabendo que se não nos tornar aptos, nada poderemos fazer, moralmente falando, como deveríamos, e que Ele está pronto a nos fortalecer em tudo o que temos por fazer (Fp 4.13), permanecemos em Cristo, suplicando constantemente sua ajuda, e a receberemos. Cl 1.11; I Tm 1.12; II Tm 1.7; 2.1.

## Capítulo XI

### A Obra da Trindade na Salvação

A associação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, no plano da salvação, é única e notável.

#### I. A Obra do Pai: Determinou o plano, na Eternidade

1. Preconheceu. Rm 8.29; I Pe 1.2; Rm 11.2; I Pe 1.20
2. Predestinou. Rm 8.29-30; I Co 2.7; Ef 1.5,11; At 4.28
3. Escolheu [mas não necessariamente eleição para salvação] At 9.15; Rm 9.11
  - 3.1. Chamados, mas não escolhidos. Mt 20.16
  - 3.2. Eleitos, os escolhidos de Deus. Mc 13.20
  - 3.3. Eleitos serão arrebatados. Mt 24.31
  - 3.4. Eleitos, antes da fundação do mundo. Ef 1.4
  - 3.5. Eleitos segundo a vontade de Deus. I Ts 1.4
  - 3.6. Eleitos segundo a presciência de Deus Pai. I Pe 1.2
  - 3.7. Eleitos para a salvação. II Ts 2.13
  - 3.8. Rufo, eleito no Senhor. Rm 16.13

#### II. A Obra do Filho: Desempenhou o plano, na Plenitude dos Tempos

1. Não veio para julgar o mundo, mas para salvar o mundo. Jo 12.47
2. Veio fazer a vontade do Pai. Fp 2.6-8; Hb 10.5-9
3. Veio ser o fiador de uma nova aliança. Hb 7.22
4. Veio como Cordeiro para ser Sacrificado. Is 53; Jo 1.29
5. Veio para salvar o que se tinha perdido. Mt 18.11
6. Veio para morrer pelos ímpios. Rm 5.6
7. Morte substitutiva. Mt 26.54; Mc 14.21
8. Morte prevista. At 2.23

#### III. A Obra do Espírito Santo: Declara o plano, diariamente

1. Testificando a respeito de Jesus. Jo 16.26
2. Convencendo o pecador. Jo 16.8-11
  - 2.1. Do Pecado
  - 2.2. Da Justiça
  - 2.3. E do Juízo
3. Selando aqueles que aceitaram a Jesus como salvador. Ef 1.13
4. Consola aqueles que aceitaram a Jesus como salvador. Jo 14.7
5. Intercede por aqueles que aceitaram a Jesus como salvador. Rm 8.26
6. Regenera aqueles que aceitaram a Jesus como salvador. Jo 3.6
7. Santifica aqueles que aceitaram a Jesus como salvador. II Ts 2.13
8. Guiará na verdade os que aceitaram a Jesus como salvador. Jo 16.13
9. O papel principal do Espírito Santo no processo de nossa salvação é fazer-nos um em Cristo. Em I Coríntios 12.13, encontramos a fonte dessa certeza: “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito”. Podemos concluir então, que a nova vida espiritual do homem regenerado, na sua totalidade, é operação do Espírito Santo de Deus.

## Capítulo XII

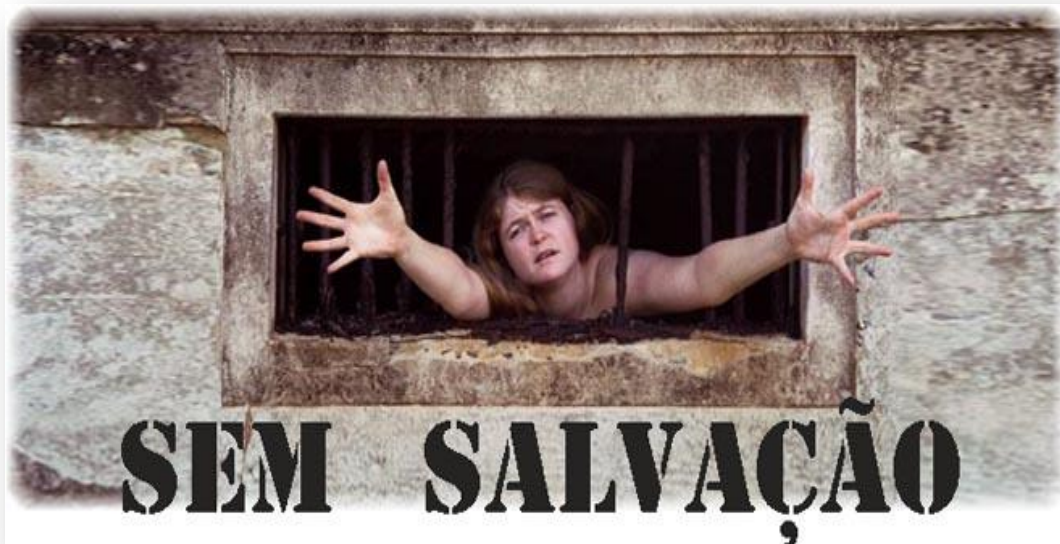
### 100 Coisas que Acompanham a Salvação

1. Comunhão com o Filho de Deus, Jesus Cristo nosso Senhor. I Co 1.9
2. Acesso ao Pai em Cristo e através do Espírito. Ef 2.18
3. Acesso com confiança. Ef 3.12
4. Acesso a graça, na qual estamos firmes. Rm 5.2
5. Justiça, paz e alegria no Espírito Santo. Rm 14.17
6. Gozo e paz em crer. Rm 15.13
7. Abundância na esperança. Rm 15.13
8. Deus operando em nós tanto o querer como o efetuar. Fl 2.13
9. A contínua intercessão de Jesus. Hb 7.15
10. A intercessão do Espírito Santo. Rm 8.26
11. O privilégio de andar na luz. I Jo 1.7
12. Perdão quando o pecado é confessado. I Jo 1.9
13. Cristo em nós, a esperança da glória. Cl 1.27
14. O Espírito de adoção. Rm 8.15
15. Ser ensinado por Deus a amar uns aos outros. I Ts 4.9
16. Ser ensinado do Pai por Jesus. Mt 11.27-28
17. Cristo manifestado a Si mesmo para nós. Jo 14.21
18. O Pai e o Filho fazendo morada em nós. Jo 14.23
19. Fortaleza no homem interior. Ef 3.16; Rm 8.11
20. O Espírito de sabedoria e revelação. Ef 1.17
21. A abertura dos olhos do nosso entendimento. Ef 1.18-19
22. Completa certeza da esperança. Hb 6.11
23. Plenitude do entendimento. Cl 2.2
24. Inteira certeza de fé. Hb 10.22
25. Estar casado com Cristo. Rm 7.4
26. Dar fruto para Deus. Rm 7.4
27. Ser herdeiros de Deus. Rm 8.17
28. Ser herdeiros juntamente com Cristo. Rm 8.17
29. Participantes da natureza Divina. II Pe 1.4
30. Estar unido ao Senhor. I Co 6.17
31. Nossos nomes escritos no Céu. Lc 10.20; Hb 12.23
32. Uma herança incorruptível, reservada para nós no céu. I Pe 1.4
33. Ser guardado pelo poder de Deus. I Pe 1.5
34. Ser guardado de tropeçar. Jd 24
35. A paz de Deus guardando nossos corações e mentes. Fl 4.7; Cl 3.15
36. Saber em "Quem" temos crido. II Tm 1.12
37. Ser apropriado para o uso do Senhor. II Tm 2.21
38. Recebimento de graça sobre graça. Jo 1.16
39. Discernir extensão da salvação. Ef 3.18
40. Conhecer o amor de Cristo que transcende o conhecimento. Ef 3.19
41. Ser cheios de toda plenitude de Deus. Ef 3.19
42. Ter a mente de Cristo. I Co 2.16
43. Uma unção que nos ensina a permanecer. I Jo 2.20-27
44. Justiça pela imputação por causa da fé. Rm 4.6-8
45. Uma consciência purificada. Hb 9.14
46. Poderosas armas espirituais. II Co 10.4-5
47. Toda armadura de Deus. Ef 6.11-18

48. Todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais. Ef 1.3
49. Todas as coisas que pertencem à vida e à piedade. II Pe 1.3
50. O espírito de poder, amor e de moderação. II Tm 1.7
51. Eterna consolação e boa esperança. II Ts 2.16
52. O Espírito Santo. I Jo 3.24; 4.13
53. Um entendimento ministrado pelo próprio Jesus. I Jo 5.20
54. O amor da verdade. II Ts 2.10
55. Um reino que não pode ser abalado. Hb 12.28
56. Alimentado espiritualmente pelo próprio Deus. II Co 6.2
57. Conhecendo o que nos é dado gratuitamente por Deus. I Co 2.12
58. Ter um tesouro celestial num vaso de barro. II Co 4.7
59. Ter de Deus um edifício, nos céus. II Co 5.1
60. Um Sumo Sacerdote. Hb 8.1
61. Iluminação. Hb 8.1
62. Esclarecimento. Hb 10.32
63. Provar o dom celestial. Hb 6.4
64. Participar do Espírito Santo. Hb 6.4
65. Provar a Palavra de Deus. Hb 6.5
66. Provar os poderes do mundo vindouro. Hb 6.5
67. Libertação do poder das trevas. Cl 1.13
68. Transladação para o Reino de Cristo. Cl 1.13
69. Todas as coisas se tornando possíveis. Mc 9.23; Ef 1.20, 3.20
70. A ministração dos santos anjos. Hb 1.13-14
71. Todas as coisas cooperando para o nosso bem. Rm 8.28
72. O Senhor sendo nosso Ajudador. Hb 13.6
73. Mentes puras. II Pe 3.16,17
74. Deus sendo "por nós". Rm 8.1
75. Uma melhor esperança. Hb 7.9
76. Sangue que fala melhor do que o de Abel. Hb 12.4
77. Nenhuma condenação. Rm 8.1
78. Paz com Deus. Rm 5.1
79. Vida eterna. I Jo 5.11
80. Vida abundante. Jo 10.10
81. Grandíssimas e preciosas promessas. II Pe 1.4
82. Ser ressuscitado e assentado com Ele nos lugares celestiais. Ef 2.6
83. A Palavra de Deus nos edificando e nos dando uma herança. At 20.32
84. Sendo confirmados por Deus. II Co 1.21
85. O selo do Espírito Santo. II Co 1.22
86. Tendo suficiência da parte de Deus. II Co 3.5
87. Um poder que Deus opera transcendentemente em nós. Ef 3.20
88. Tendo abundância em todas as coisas. II Co 9.8
89. A obra de Deus aperfeiçoada em nós até o dia de Cristo. Fl 4.19
90. Todas as nossas necessidades supridas em glória. Fl 4.19
91. Feitos idôneos para participar da herança dos santos. Cl 1.11-12
92. Sendo santificados completamente, espírito, alma e corpo. I Ts 5.23-24
93. Participando da santidade de Deus através da correção. Hb 12.10
94. A vitória que vence o mundo. I Jo 5.4-5
95. Satanás sendo esmagado debaixo de nossos pés. Rm 16.20
96. Sendo chamados à liberdade. Gl 5.1,13
97. Aprendendo de Cristo. Ef 4.20
98. Pureza de alma. I Pe 2.3
99. Provar que o Senhor é bom. I Pe 2.3
100. Recebidos por Cristo. Rm 15.7.

## Capítulo XIII

### O Mundo Está Agonizando Sem Salvação



No livro, *Além da Porta da Morte*, escrito por Dr. Maurice Rawlings. Dr. Rawlings, especialista em Cirurgia e Doença Cardiovascular, ressuscitou muitas pessoas que tinham estado clinicamente mortas. Dr. Rawlings, um ateu devoto, considerava "que a morte é nada além de uma extinção indolor". Mas algo aconteceu em 1977 e isso trouxe uma mudança dramática em sua vida.

Ele estava ressuscitando um homem, terrorizado, que gritava — estou caindo nas chamas do inferno:

"A cada momento que recuperava a batida do coração e a respiração, o paciente gritava: "Eu estou no inferno!". Ele estava aterrorizado e suplicava para que eu o ajudasse. Eu estava morto de medo. . . Então eu notei o olhar genuinamente alarmado na face dele. Ele estava com um olhar terrorizado, pior que a expressão de morte! Este paciente tinha a atitude de quem expressa um horror extraordinário! Suas pupilas estavam dilatadas, e estava suando e tremendo.

Então ainda outra coisa estranha aconteceu. Ele disse, "Você não entende ? Eu estou no inferno. . . Não me deixe voltar para o inferno!" . . .O homem estava sério, e finalmente eu concluí que ele realmente estava em dificuldade. Ele estava em pânico, como eu nunca tinha visto antes". (Maurice Rawlings, *Beyond Death's Door*, [Thomas Nelson Inc., 1979] p. 3).

Dr. Rawlings disse, ninguém, que tivesse ouvido os gritos dele e visto o olhar de terror em sua face, poderia duvidar durante um único minuto que ele estava, de fato, em um lugar chamado inferno!

### **O Trem da Vida**

Alguém comparou a nossa vida com uma viagem de trem, cheia de embarques e desembarques, de belas paisagens e caminhos acidentados.

Quando nascemos, nós embarcamos nesse trem. Então encontramos duas pessoas, as quais, acreditamos, ficarão conosco até o fim da viagem. São os nossos pais. Infelizmente isso não é verdade. Em alguma estação eles desembarcam, deixando-nos órfãos de seu carinho, proteção, amor e afeto.

Mas isso não impede que, durante a viagem, embarquem outras pessoas que virão a ser importantes para nós, que são os nossos irmãos, amigos e amores. E no trem há também pessoas que passam de vagão a vagão, prontas a ajudar a quem precisa. Muitos descem e deixam saudades eternas. Outros tantos viajam no trem de tal forma que quando desocupam os seus assentos ninguém percebe a sua falta.

Alguns passageiros se acomodam em vagões diferentes do nosso. Isso nos obriga a fazer essa viagem separados deles. São os excluídos, aqueles que a sociedade marginou. Mas isso não nos impede que, com esforço, atravessarmos o nosso vagão e encontramos com eles para lhes prestar a nossa solidariedade. E esse trem nunca volta. Diz a Palavra de Deus: Aos homens está ordenado morrer uma só vez, vindo depois disso o juízo. Hb 9.27. Quem morre, está morto, não volta mais a viver aqui na terra. É, pois, uma viagem sem volta.

Além disso, com a morte também se decide o destino da pessoa. Quem vai para o céu, fica lá para sempre. Quem vai para o inferno, de lá nunca sai.

Na história do rico e Lázaro que Jesus contou, nos é dito que o rico queria que Abraão lhe mandasse um pouco de água, para aliviar um pouco a sua sede. A resposta de Abraão foi clara em dizer que isso não era possível, pois há um grande abismo que separa o céu do inferno, de sorte que os querem passar para o inferno não o podem, e nem os que estão no inferno poderão passar para o céu.

Quando alguém for fazer uma viagem, ele precisa de três coisas:

Primeiro: ele precisa saber para onde quer ir. Há muita gente que viaja sem rumo e sem destino nesta vida. É como Voltaire, que disse momentos antes da sua morte: “Eu nasci e não sei como, vivi e não sei por que e estou de partida e não sei para onde; dou um salto no escuro”. De modo geral os homens agem como se a vida terminasse com a morte. A Bíblia, porém, nos ensina que esta vida é apenas uma preparação para a eternidade. Nossa vida continua por toda a eternidade. E a escolha que fizermos agora decide o tipo de vida que vamos ter no futuro. Diz Jesus: “A vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui”. E, “O que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma”.

Em segundo lugar: para se fazer uma viagem é preciso, além do destino, saber o caminho que nos leva ao destino escolhido. Na viagem à eternidade existem apenas dois destinos: o céu e o inferno.

E para chegar a qualquer um desses dois lugares existem apenas dois caminhos: o caminho largo e o caminho estreito. Há um caminho largo e neste caminho estão as pessoas do mundo, como o traficante de drogas, o alcoólatra, o assassino, o ladrão, o adúltero, o feiticeiro e também muita gente da igreja. São pessoas que achavam que iam para o céu, porém, quando chegaram lá não conseguiram entrar. Elas então, surpresas, dizem: "Mas, Senhor, porventura não temos nós profetizado em teu nome e em teu nome não expelimos muitos demônios e eu teu nome não fizemos muitos milagres?" E Jesus lhes responde, dizendo: "Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade".

Muitos precisam gastar mais tempo pensando no futuro e o que ele reserva e não apenas nesta vida. Senão serão surpreendidos com o inferno. A Bíblia, em vários lugares, adverte sobre o inferno. Jesus falou muito sobre o inferno. Na verdade, ele falou mais sobre o inferno do que qualquer outra pessoa. Ele disse, por exemplo, que o inferno não foi preparado para o homem. Não era da vontade de Deus que o homem fosse para lá. O inferno foi preparado para o diabo e os seus anjos. Mas o homem se rebelou contra Deus e resolveu seguir o diabo. A existência do inferno indica que o homem tem a liberdade de escolha. Ele pode escolher: o caminho largo ou o caminho estreito. No fim do caminho largo há um lugar, que se chama inferno. No fim do caminho estreito há um lugar, que se chama céu. E cada um de nós está num destes caminhos: ou estamos no caminho do céu ou no caminho do inferno. Não há outra alternativa.

Em terceiro lugar: para se fazer uma viagem, é preciso estar preparado. Para ir para o inferno, não é necessário nenhum preparo. Mas para chegar ao céu é preciso conhecer o caminho e ter um passaporte.



Estou certo de que você já ouviu estas palavras ditas com irritação: "Vá para o inferno!", ou: "Que inferno!". Eu as ouço frequentemente. Mas, será que percebemos o significado real desse lugar chamado inferno? Você parou alguma vez para pensar a respeito do inferno e do que significa estar lá?

Depois que quinze dos seus companheiros foram mortos no Vietnã, um soldado exclamou: "Ao menos eles irão para o céu, porque aqui já estiveram no inferno!" Muitas pessoas têm diferentes opiniões sobre o inferno. Entretanto, opiniões não valem muito quando se trata do inferno. O que realmente importa é aquilo que Deus diz a respeito.

### Como é o inferno?

O inferno é um lugar onde Deus não está – onde não há nenhum consolo ou bênçãos. A Bíblia o descreve como "trevas... [onde] haverá choro e ranger de dentes". Mt 22.13; 25.30. Ela também nos diz: "O Diabo... foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre... e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos". Apoc 20.10. O inferno não foi preparado para nós, mas "para o Diabo e seus anjos (demônios)" Mt 25.41. Entretanto, a Bíblia diz que todos os que rejeitam a oferta de salvação e o perdão de Deus irão para lá. Jo 3.36.

Podemos estar certos de que Deus não está tentando simplesmente assustar-nos. Ele está nos advertindo seriamente para evitarmos o inferno a qualquer custo! Vale lembrar que NÃO EXISTE o lugar denominado Purgatório, segundo o catolicismo, não é um nível intermediário entre o Céu e o Inferno, mas um local de purificação onde ficam as almas das pessoas que morreram em estado de graça, isto é, salvas, mas ainda precisariam se preparar para ter condições de ver Deus nos Céus. A sua existência foi teorizada no pontificado do Papa Gregório I, em 593, com base no livro de 2º Macabeus 12.42-46 (livro Apócrifo). Em 1439, no Concílio de Florença, a doutrina foi aprovada e confirmada depois, em 1563 no Concílio de Trento. Portanto, Deus não nos deixa desinformados a respeito do que virá após a morte: "... aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo". Hb 9.27.

### **E quanto ao Céu? (João 14.1-3)**

Os céus do Senhor é a morada do Altíssimo, mas também é a morada dos salvos por Cristo Jesus. Esta é a mais maravilhosa notícia que o gênero humano pode receber; podemos desfrutar desta morada celestial e eterna. Podemos viver eternamente neste lugar indescritível em permanente estado de paz, contentamento e glória. Esta é a vontade do Pai. Ele deseja que estejamos junto a Ele eternamente sendo que por meio de Seu Filho Jesus tornou isto possível a todo o que crê. Jo 3.16,15,35-36; 6.38-40. Uma das palavras mais expressivas do Senhor Jesus sobre este assunto foram as que estão registradas no evangelho de João 14.1-3. Neste belíssimo texto Cristo afirma: "Na casa de meu Pai há muitas moradas." Ha muitas moradas na casa do Pai preparadas para os salvos, para os remidos do Senhor. A mensagem central da Bíblia é esta: Deus preparou moradas e quer enchê-las com seus filhos (Jo 1.12) tendo-os junto a Si para sempre, Jo 14.3.

**A vida no Céu:** Poucos cristãos param para refletir sobre a vida no céu. De fato, há considerável desconhecimento, entre os salvos, de como será a existência em sua nova e gloriosa morada. Muitas perguntas surgem, entretanto recorrendo as Escrituras Sagradas podemos aumentar nossa compreensão a respeito, e viver com antecipada alegria. Vamos observar alguns aspectos:

1. Será uma vida na presença de Deus, Cristo e o Espírito Santo
2. Será uma vida com valores morais. Apoc 21.18
3. Será uma vida com pureza. Apoc 6.11
4. Será uma vida com um novo corpo. I Co 15.40,47,50-54
5. Será uma vida com galardões. Apoc 4.10; 19.12; Mt 25.14-30
6. Será uma vida de pleno conhecimento. I Co 1.8-10
7. Será uma vida de felicidade completa. Apoc 21.3,4
8. Será uma vida de adoração e serviço. Apoc 22.3,4; 21.4,22
9. Será uma vida de perfeita comunhão com Deus. Hb 12.22-23; Apoc 7.4-11
10. Será uma vida de santidade de caráter. Apoc 3.5; 21.27
11. Será uma vida eterna. Mt 25.46
12. Será uma vida de constante adoração. Apoc 15.3; 5.9-12

## Capítulo XIV

### A Salvação do Crente Fiel está Garantida: 45 Razões Bíblicas

1. Porque o crente está seguro como Noé na Arca. Gn 7.16; I Pe 3.20,21
2. Porque o crente está selado no Espírito Santo. Ef 1.13; 4.30; II Tm 2.19
3. Porque o crente tem o penhor do Espírito Santo. II Co 1.22; 5.5
4. Porque Deus fez através do pai Abraão uma aliança irrevogável. Gl 3.15;29
5. Porque Deus fez uma aliança incondicional. Jr 34.18; I Co 11.25
6. Porque Deus fez uma aliança unilateral. Gn 15.12
7. Porque o temor do Senhor é estabelecido no coração. Hb 3.12; 8.8-13; Ez 36.26,27
8. Porque o crente é guardado por Deus, do mal que há no mundo. Sl 12.7
9. Porque o crente é guardado por Deus como a menina dos Seus olhos. Sl 17.8
10. Porque a alma do crente é guardada por Deus. Sl 25.20; 97.10
11. Porque o crente é preservado para sempre. Sl 37.28
12. Porque o próprio Deus é o protetor. Sl 121.5-8
13. Porque o Senhor o ama. Sl 145.20
14. Porque o amor de Deus para com o crente é eterno. Jr 31.3
15. Porque será guardado do mal. Jó 5.19; Sl 91; Jo 17.9-26
16. Porque o crente é guardado do maligno. I Jo 5.18; II Ts 3.3; Jr 31.11
17. Porque o crente é guardado para não tropeçar. Jd 24; I Sm 2.9; Is 63.13
18. Porque a fé do crente não lhe permite tropeçar. Jo 11.9; Rm 9.31-33
19. Porque o crente tem perpétuo fundamento. Pv 10.25; II Tm 2.19; I Co 3.11
20. Porque o crente é guardado pela fé no poder de Deus. I Pe 1.5
21. Porque Jesus é o Autor da fé salvadora. Hb 2.2; Fp 1.29; I Co 3.5; II Ts 3.2
22. Porque o crente é guardado pelo poder de Deus. Rm 16.25; II Tm 1.12; Jd.24
23. Porque a salvação do crente se fundamenta em coisas imutáveis. Hb 6.17; 9.14,15
24. Porque o crente jamais será condenado. Rm 8.1; I Co 11.32
25. Porque o crente, ainda que venha a cair, não ficará prostrado. Sl 37.23,24; 145.14
26. Porque o crente é conduzido por Deus até o fim. Sl 121.8
27. Porque a tentação não pode condenar o crente. Rm 6.14,18; II Pe 2.9
28. Porque o crente já passou da morte para a vida. Jo 5.24
29. Porque o crente foi regenerado para uma viva esperança. I Pe 1.3,4
30. Porque o crente foi regenerado pela Palavra de Deus. I Pe 1.23
31. Porque o crente foi regenerado pelo Espírito Santo. Jo 3.5; Tt 3.5; I Jo 3.9
32. Porque o crente jamais será lançado fora. Jo 6.37-40
33. Porque o crente já possui a vida eterna. Jo 6.47; I Jo 5.11-13; I Tm 6.12
34. Porque o crente não pode ser arrancado da mão do filho de Deus. Jo 10.28
35. Porque o crente não pode ser arrancado da mão do Pai. Jo 10.29
36. Porque o crente é conhecido do Senhor. Mt 7.21-23; Jo 10.14,27; II Tm 2.19
37. Porque o crente tem a companhia de Jesus todos os dias até o fim. Mt 28.20
38. Porque o crente está livre da condenação. Rm 8.1,33,34
39. Porque o crente está justificado. Rm 8.30
40. Porque todas as coisas cooperam para o bem do crente. Rm 8.28; Gn 50.20
41. Porque nada poderá separar o crente do amor de Deus. Rm 8.35-39; Jo 13.1
42. Porque o crente será confirmado até o fim. I Co 1.8; Rm 16.25; II Ts 3.3
43. Porque Deus mesmo terminará a obra no crente. Fl 1.6; 2.13
44. Porque a vida do crente está escondida com Cristo em Deus. Cl 3.3
45. Porque o crente é propriedade de Cristo. Rm 8.9-11; I Co 6.19,20.

## Capítulo XV

### Biografias: Jacó Arminius & João Calvino



**Arminius, Jacó (Jakob Hermanss):** Um teólogo holandês. Arminius nasceu em Oudewater (18 m. em direção ao leste e nordeste de Roterdã) em 10 de outubro de 1560 e morreu em Leiden em 19 de outubro de 1609. Após a morte prematura de seu pai ele foi morar com Rudolphus Snellius, professor em Marburg. Em 1576 retornou para casa e estudou teologia em Leiden sob Lambertus Danæus. Aqui ele passou seis anos, até que recebeu autorização dos burgomestres de Amsterdã para continuar seus estudos em Genebra e Basel sob Beza e Grynæus. Ele fez preleções sobre a filosofia de Petrus Ramus e a Epístola aos Romanos. Sendo chamado de volta pelo governo de Amsterdã, em 1588 ele foi nomeado pregador da congregação reformada. Durante os quinze anos que passou aqui, ele obteve o respeito de todos, mas suas concepções sofreram uma mudança. Sua exposição de Rm 7 e 9 e seu pronunciamento sobre a eleição e reprobção foram considerados ofensas. Seu colega, erudito, mas irascível, Petrus Plancius se opôs a ele em particular. Disputas surgiram no consistório, que temporariamente foram impedidas pelos burgomestres.

Arminius foi suspeito de heresia porque considerava o consentimento com os livros simbólicos como não unificadores e estava pronto a conceder ao Estado mais poder nas questões eclesiásticas do que os rígidos calvinistas gostariam de admitir. Quando dois dos professores da Universidade de Leiden, Junius e Trelcatius, morreram (1602), os administradores chamaram Arminius; e Franciscus Gomarus, o único professor de teologia vivo, protestou, mas ficou satisfeito após uma entrevista com Arminius. O último assumiu suas obrigações em 1603 com um discurso sobre o ofício sumo sacerdotal de Cristo, e se tornou doutor em teologia. Mas as disputas dogmáticas foram renovadas quando Arminius realizou palestras públicas sobre a predestinação. Gomarus se opôs a ele e publicou outras teses.

Sucedeu uma grande agitação na universidade e os estudantes foram divididos em dois partidos. Os ministros de Leiden e de outros locais participaram da controvérsia, que se tornou geral. Os calvinistas queriam que a questão fosse decidida por um sínodo geral, mas os Estados Gerais não queriam fazê-lo. Oldenbarneveltdt, o estadista liberal holandês, deu em 1608 a ambos os oponentes oportunidade para defender suas opiniões diante da suprema corte, e o veredicto pronunciado foi que, visto que a controvérsia não tinha qualquer relação com os pontos principais relativos à salvação, cada um deveria ser indulgente com o outro.

Mas Gomarus não se renderia. Até os Estados da Holanda tentaram realizar uma reconciliação entre os dois, e em agosto de 1609, ambos os professores e quatro ministros foram convidados para fazer novas negociações. As deliberações foram primeiro mantidas oralmente, sendo depois continuada por escrito, mas foram encerradas em outubro com a morte de Arminius.

Em suas *Disputationes*, que foram parcialmente publicadas durante sua vida, parcialmente após sua morte, e que incluíam toda a seção de teologia, assim como em alguns discursos e outros escritos, Arminius clara e diretamente definiu sua posição e expressou sua convicção. No geral estes escritos são um belo testemunho de sua erudição e sagacidade. A doutrina da predestinação pertencia aos ensinamentos fundamentais da Igreja Reformada; mas a concepção dela afirmada por Calvino e seus partidários, Arminius não poderia adotar como sua. Ele não queria seguir um desenvolvimento doutrinário que tornava Deus o autor do pecado e da condenação dos homens. Ele ensinava a predestinação condicional e atribuiu mais importância à fé. Ele não negava nem a onipotência de Deus nem sua livre graça, mas ele considerava que era seu dever preservar a honra de Deus, e enfatizar, baseado nas claras expressões da Bíblia, o livre-arbítrio do homem bem como a verdade da doutrina do pecado. Nestas coisas ele estava mais do lado de Lutero do que de Calvino e Beza, mas não pode ser negado que ele expressou outras opiniões que foram vigorosamente contestadas como sendo afastamentos da confissão e do catecismo. Seus seguidores expressaram suas convicções nos famosos cinco artigos que eles apresentaram diante dos Estados como sua justificação. Chamados de remonstrantes, por causa destas *Remonstrantiæ*, eles sempre se recusaram a ser chamados de arminianos.

### Biografia de João Calvino



João Calvino nasceu em Noyon, nordeste da França, no dia 10 de julho de 1509. Seu pai, Gerard Calvin, era advogado dos religiosos e secretário do bispo local. Aos 12 anos, Calvino recebeu um benefício eclesiástico cuja renda serviu-lhe de bolsa de estudos. Em 1523, foi residir em Paris, onde estudou latim e humanidades (*Collège de la Marche*) e teologia (*Collège de Montaigu*). Em 1528, iniciou seus estudos jurídicos, primeiro em Orleans e depois em Bourges, onde também estudou grego com o erudito luterano Melchior Wolmar. Com a morte do pai em 1531, retornou a Paris e dedicou-se ao seu interesse predileto – a literatura clássica. No ano seguinte publicou um comentário sobre o tratado de Sêneca *De Clementia*. Calvino converteu-se à fé evangélica por volta de 1533, provavelmente sob a influência do seu primo Robert Olivétan. No final daquele ano, teve de fugir de Paris sob acusação de ser o co-autor de um discurso simpático aos protestantes, proferido por Nicholas Cop, o reitor da universidade. No ano seguinte, voltou a Noyon e renunciou ao benefício eclesiástico. Escreveu o prefácio do Novo Testamento traduzido para o francês por Olivétan (1535). Em 1536 veio a lume primeira edição da sua grande obra, *As Institutas* ou *Tratado da Religião Cristã*, introduzidas por uma carta ao rei Francisco I da França contendo um apelo em favor dos evangélicos perseguidos. Alguns meses mais tarde, o reformador suíço Guilherme Farel o convenceu a ajudá-lo na cidade de Genebra, que acabara de abraçar a Reforma. Logo, os dois líderes entraram em conflito com as autoridades civis sobre questões eclesiásticas, sendo expulsos em 1538. Produziu uma nova edição das *Institutas* (1539), o *Comentário da Epístola aos Romanos*, a *Resposta a Sadoleto* (uma apologia da fé reformada) e outras obras.

**Avaliação: Soteriologia**

1. Quais as consequências do pecado para Adão, para Eva e para a Humanidade?

---

---

---

2. Qual é a base da Teologia Calvinista em relação à Salvação?

---

---

---

3. Qual é a base da Teologia Arminiana em relação à Salvação?

---

---

---

4. Quais os principais pontos de divergência entre a Teologia Calvinista e Arminiana?

---

---

---

---

5. O que significa a Doutrina da Eleição?

---

---

---

6. Quais os elementos básicos da Salvação?

---

---

---

7. O que significa: Justificação; Regeneração e Santificação?

---

---

---

---

---

---

[illegible]

*Bibliografia*

*Given O. Blakely*

*Lindolfo Pieper*

*Dawson Campos de Lima*

*Philippe van Mechelen, 2004.*

*Pr. Ricardo Gondim*

*Pr. Matheus Esteves*

*A.A. Autores Anônimos*

*Tradução: Paulo Cesar Antunes*



Um Instituto a Serviço do Reino

São Paulo – SP

**Contato**

(011) 87256939 e 70990112

**E-mail:** [contato@itibrasil.com](mailto:contato@itibrasil.com)

**Site:** [www.iti.com](http://www.iti.com)